

**Alnwick, Northumberland**  
**Análise do plano de cidade**  
M. R. G. Conzen

Tradução de  
Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro

**URBAN FORMS**

Alnwick, Northumberland  
Análise do plano de cidade

Capa: Turners (Photography), Ltd., Newcastle  
Desenhos: M. R. G. Conzen  
Textos: M. R. G. Conzen, Michael P. Conzen  
(‘Prefácio à edição portuguesa’), Vítor Oliveira e  
Cláudia Monteiro (‘A tradução portuguesa de  
Alnwick, Northumberland’ )

Edição em língua portuguesa traduzida do original:

M. R. G. Conzen (1969)  
*Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis*  
Institute of British Geographers Publication 27 (second edition)  
Londres: Institute of British Geographers.

Inclui ‘Prefácio à edição portuguesa’ de Michael P. Conzen (2022),  
traduzido do manuscrito original.

Tradução de:  
Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro

ALNWICK,  
NORTHUMBERLAND  
ANÁLISE DO  
PLANO DE CIDADE

M. R. G. CONZEN

*Professor de Geografia Humana,*

*University of Newcastle upon Tyne*

Tradução de  
VÍTOR OLIVEIRA  
e  
CLÁUDIA MONTEIRO

PORTO  
URBAN FORMS  
2022

EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA TRADUZIDA DO ORIGINAL:

ALNWICK, NORTHUMBERLAND  
A STUDY IN TOWN-PLAN ANALYSIS

THE INSTITUTE OF BRITISH GEOGRAPHERS  
PUBLICATION NO. 27

LONDRES  
1969

PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ EM 1960  
REVISTO E PUBLICADO PELA SEGUNDA VEZ EM 1969

ESTE LIVRO ESTÁ DISPONÍVEL EM:  
*vitoroliveira.fe.up.pt*

2022

URBAN FORMS

*Todos os Direitos Reservados*

ISBN 978-989-33-2888-0

## PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

O convite para contribuir com este Prefácio para a tradução de um estudo publicado pela primeira vez em 1960, e agora amplamente considerado como um ‘clássico’ no seu campo, não foi necessariamente fácil de aceitar. Poderia ser considerado impróprio para um filho ser percebido como promotor do trabalho do seu pai, reivindicando-o puramente por orgulho familiar. Neste caso, no entanto, o fascínio que M. R. G. Conzen teve ao longo da vida pelo carácter construído de cidades históricas em todo o mundo passou para o filho, e também este se tornou um morfólogo, pelo menos a tempo parcial. Na adolescência, ao longo dos anos em que a investigação sobre *Alnwick, Northumberland* estava a ser desenvolvida, a cidade tornou-se para mim uma espécie de indicador ou significante para os tipos de interesse visual e carácter culturalmente expressivo que pequenas cidades, em qualquer lugar, deveriam ter. No entanto, a possibilidade de um centro urbano tão modesto, no norte da Inglaterra, poder fornecer o cenário para o desenvolvimento de uma abordagem fundamental e sistemática de análise em morfologia urbana, que pudesse ser ampliada para regiões metropolitanas que acolhem milhões de residentes, parecia, na melhor das hipóteses, improvável. Mas ‘o diabo está nos detalhes’, e quando paisagens urbanas, ancoradas em configurações sobre o solo, impregnadas de significado, são examinadas de modo abrangente e sistemático, a lógica fundamental da sua organização espacial e construção tridimensional pode ser revelada. Esta é a base para argumentar que a análise de Alnwick, desenvolvida por M. R. G. Conzen, revela certas leis de composição espacial, interpretadas dentro do contexto histórico-geográfico de uma sociedade em evolução, que podem ser vistas a operar em lugares de dimensão, complexidade e diversidade sociocultural claramente distintas.

A publicação do estudo de Alnwick, em Inglaterra no final de 1960, assemelhou-se a um relâmpago inesperado. Publicado como uma monografia, com dimensão de livro, pelo Institute of British Geographers numa série dedicada principalmente a Transactions and Papers (ou seja, com um formato de revista anual), foi enviado a todos os membros do Instituto, independentemente dos seus interesses pessoais. Sendo apenas a nona monografia ocasional publicada nesta série, que remonta a 1935, a divulgação no interior da profissão foi louvável, mas atraiu apenas uma pequena fração dos seus membros. A maioria dos geógrafos urbanos britânicos da época dedicava-se a problemas funcionais socioeconómicos das cidades, pelo que o estudo morfológico de Conzen, apesar da sua originalidade, levou anos a adquirir a sua reputação. Um elemento instrumental para acelerar o reconhecimento do estudo de Alnwick pela sua perspectiva teórica inovadora foi a chegada, em 1963, ao departamento académico de Conzen, na Universidade de Newcastle, de um novo colega, Jeremy W. R. Whitehand, trinta anos mais novo que Conzen. Muito tem sido escrito sobre o entusiasmo imediato e sustentado de Whitehand pela investigação de Conzen e pela sua perspectiva filosófica geral sobre cidades, e Whitehand merece grande crédito por chamar a atenção para os estudos de Conzen e para o livro de Alnwick em particular.<sup>1</sup> E, relacionado com isto, é justo afirmar que a visão histórico-geográfica de Conzen de uma morfologia urbana abrangente, desempenhou um papel profundo na formação da longa carreira académica de Whitehand. O estudo de Alnwick e a personalidade aberta de Conzen foram fundamentais para transformar Jeremy Whitehand num morfólogo.<sup>2</sup>

Se a publicação do estudo de Alnwick, com a sua escala abrangente, surgiu sem aviso prévio, teve, no entanto, uma elaboração demorada. Insinuações dos seus componentes vitais eram já perceptíveis na investigação urbana desenvolvida previamente por Conzen. Desde a sua primeira tese de pós-graduação em 1936 (diploma de planeamento), sobre um plano para Nantwich, Cheshire, até à sua tese de mestrado em 1942 sobre a geografia histórica de Chester, no seu extenso mapeamento de campo entre 1944 e 1952 de pequenas cidades na região de Manchester, na fronteira Galesa e no sudoeste da Escócia,<sup>3</sup> e depois na sua investigação sustentada sobre Alnwick, de 1953 em diante, existe uma constante absoluta: a exploração cartográfica dos mapas uniformes – e topograficamente muito detalhados – de cidades britânicas, da Ordnance Survey à escala 1:2,500. Conzen considerava esses mapas não só produtos acabados e inspiradores em si mesmo, dada a precisão com que representam os padrões de parcelamento para além do contorno do edificado, mas também os encarava como uma fonte ideal para a identificação desses dois contornos essenciais, que posteriormente materializava separadamente como mapas de base, em branco, para serem utilizados em trabalho de campo. Armado com esses mapas de campo, ele mapeava os detalhes de interesse morfológico de uma área, casa após casa. Existe uma linha que percorre todas estas pesquisas de campo, crescendo em sofisticação e complexidade categórica em direção, mas ultrapassando, o mapeamento incluído no estudo de Alnwick. Um projeto de investigação, concluído e publicado dois anos antes de Alnwick, em circunstâncias especiais, na verdade desenvolveu a metodologia de mapeamento de Conzen para além da que está presente na monografia.<sup>4</sup>

Assim, no contexto do seu pensamento em evolução, o interesse inicial de M. R. G. Conzen pela base cultural da geografia dos assentamentos, rapidamente adquiriu um enfoque urbano. Depois de obter a estabilidade de uma posição como professor universitário em 1946, que lhe concedeu tempo para realizar a sua investigação, ele acrescentou esta dimensão à sua experiência de planeamento urbano, através de uma exploração do caráter e da organização geográfica do edificado de pequenas cidades britânicas. Isto, por sua vez, levantou a questão de como explicar a distribuição da dimensão habitacional em cada lugar, particularmente naqueles com uma longa história de desenvolvimento urbano. Conzen percebeu que a resposta a esta questão passava pela explicação da história da divisão espacial de cada cidade; daí o enfoque fundamental no plano de cidade. A escolha de estudar Alnwick resultou no acesso a tesouros cartográficos senhoriais e cívicos nos arquivos do Castelo de Alnwick, cortesia do Duque de Northumberland.

Embora o subtítulo do livro de Alnwick seja *Análise do plano de cidade*, o estudo está repleto de material sobre o edificado da cidade em todos os períodos históricos, que por sua vez não poderia ser dissociado do padrão de utilização do solo e edificado da cidade. Estes aspetos tridimensionais do ambiente construído eram necessários para uma explicação abrangente da evolução e do atual caráter do complexo plano de cidade, em toda a sua plenitude. Assim, o esquema de Conzen, em desenvolvimento, para a compreensão do caráter morfológico de uma cidade tornou-se tripartido: plano de cidade, edificado e usos do solo. O estudo de Alnwick representa a primeira concretização completa da primeira dimensão. As pesquisas subsequentes progressivamente materializaram as outras duas. Dada a perspetiva geográfica de Conzen, era

absolutamente natural para ele pensar livremente, atravessando linhas disciplinares, indo onde as respostas pareciam estar.

A publicação desta tradução do estudo de Alnwick dá-me também a oportunidade para reconhecer com apreço uma longa associação profissional com um conjunto de colegas lusófonos no campo da morfologia urbana. Isto adquiriu uma forma tangível em 2007, quando o International Seminar on Urban Form (ISUF) realizou a sua conferência anual em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. No âmbito de um Workshop sobre escolas de pensamento em morfologia urbana, dedicado nesta ocasião à Escola Conzeniana, Staël de Alvarenga Pereira Costa convidou-me a ilustrar os conceitos-chave da escola durante uma excursão interpretativa pela cidade de Ouro Preto. Quaisquer que tenham sido as impressões que surgiram na mente dos outros participantes, impressionou-me o quão bem esses preceitos pareciam adequar-se ao layout histórico e ao caráter desta cidade de montanha.<sup>5</sup> Era tentador pensar que M. R. G. Conzen teria ficado bastante satisfeito por o seu esquema analítico encontrar uma sólida demonstração neste canto específico do Novo Mundo. Desde então os meus contactos com colegas no Brasil e em Portugal aumentaram, e tem sido uma fonte de prazer sustentado ter desenvolvido colaboração, sob os auspícios do ISUF, com Teresa Marat-Mendes e Carlos Dias Coelho, e, mais recentemente, através de projetos conjuntos com Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro.

O âmbito e a extensão da morfologia urbana como um cluster de ciências interdisciplinares dedicadas à explicação do ambiente construído expandiu-se muito nos últimos anos, particularmente com o desenvolvimento de análises baseadas na matemática. Isto, incontestavelmente, enriqueceu o campo como um todo, mas este panorama de interesses mais vasto em nada afeta a centralidade de um enquadramento de síntese, cultural e historicamente sensível.<sup>6</sup> Espera-se que esta edição portuguesa de *Alnwick, Northumberland* venha a encorajar uma geração crescente de morfólogos no mundo lusófono a aumentarem a sua familiaridade com uma das mais significativas explanações fundacionais de teoria e método na tradição histórico-geográfica de morfologia urbana.

Michael P. Conzen

<sup>1</sup> O mais influente foi o volume editado de WHITEHAND, *The urban landscape: historical development and management. Papers by M. R. G. Conzen*, Academic Press, Londres (1981). Para além da republicação de quatro dos artigos seminiais de Conzen (1962-1978), Whitehand contribuiu com dois capítulos fundamentais, de abertura e encerramento, revendo a tradição morfogenética dentro da qual o trabalho de Conzen melhor se enquadra, resumindo e estendendo as 'ideias Conzenianas'.

<sup>2</sup> M. P. CONZEN e V. OLIVEIRA, 'Becoming an urban morphologist: Jeremy W. R. Whitehand', *Urban Morphology*, 25.1 (2021), 76-88.

<sup>3</sup> Estas pesquisas de campo permaneceram inéditas e ofuscadas pelo volume de Alnwick, até surgir um contributo para um livro de homenagem ao diretor do Department of Geography, University of Newcastle. Por sugestão de sua esposa, Freda, Conzen baseou-se num conjunto de materiais morfológicos acumulados para este livro: M. R. G. CONZEN, 'Historical townscapes in Britain: a problem in applied geography', em J. W. HOUSE (ed.), *Northern geographical essays in honour of G. H. J. Daysh*, Department of Geography, University of Newcastle upon

Tyne, Newcastle (1966), 56-79. Assim, o mapeamento morfológico prévio, realizado entre 1944 e 52, que lançou as bases para Alnwick, só surgiu impresso seis anos após o importante estudo.

<sup>4</sup> A sequência de mapeamento também inclui um levantamento especial de Whitby (N. Yorks.) realizado em 1958 para um projeto de planejamento urbano, liderado por uma equipa, que incluiu dois mapas de Conzen, um com os usos do solo e do edificado da cidade (48 categorias), e outro com os tipos de edifícios (64 categorias, agrupadas em períodos históricos). Ver o Capítulo 5: M. R. G. CONZEN, 'The growth and character of Whitby', em G. H. J. DAYSH (ed.), *A survey of Whitby and the surrounding area*, Shakespeare Head Press, Eton, Windsor (1958), 49-89, e dois mapas (cada um com 127 x 97 cm) em bolsa especial. Esta investigação, em 1957 e 58, atrasou a conclusão final do estudo de Alnwick. Como o capítulo de Whitby foi concebido para servir de base a um projeto de planejamento urbano moderno, a apresentação metódica das fases de crescimento urbano em mapas separados (como no estudo de Alnwick) não era apropriada. No entanto, os dois mapas de grande formato incluem uma notável variedade de características funcionais e históricas da paisagem urbana que Conzen considerou relevantes para o planejamento, e podem até representar o mapeamento mais complexo de tipos de edifícios históricos e de usos do solo e do edificado para uma cidade, oferecido em qualquer trabalho de morfologia urbana. Como tal, antecedeu o livro de Alnwick em dois anos, mas a sua conceptualização e trabalho de campo superam o estudo de Alnwick, para o qual o trabalho de campo havia sido concluído antes do projeto de Whitby.

<sup>5</sup> Esta investigação resultou num artigo por convite intitulado 'Mineiro morphogenesis: Ouro Preto's townscape development and Brazilian heritage practice', numa sessão especial sobre 'Cidades brasileiras: forma construída, geografia social e história ambiental', no 104<sup>th</sup> Annual Meeting of the Association of American Geographers, em Boston, Massachusetts, a 18 de abril de 2008. O conceito de 'regiões morfológicas' é discutido no caso de Ouro Preto em M. P. CONZEN, 'Core concepts in town-plan analysis', em V. OLIVEIRA (ed.), *Teaching urban morphology*, Springer, Cham (2018), 140-1. Uma síntese recente da investigação em morfologia urbana sob uma perspetiva brasileira é dada por S. de A. PEREIRA COSTA e M. M. G. NETTO, *Fundamentos de morfologia urbana*, C/ Arte, Belo Horizonte (2015).

<sup>6</sup> M. P. CONZEN, 'To not talk past each other: an immodest proposal for cross-conceptual research in urban morphology', em L. D' ACCI (ed.), *The mathematics of urban morphology*, Springer, Cham (2019), 557-64.

## A TRADUÇÃO PORTUGUESA DE *ALNWICK, NORTHUMBERLAND*

A ideia de traduzir para português *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis* surgiu num almoço com Michael P. Conzen e Staël Pereira Costa, em Brisbane, em 2013, no primeiro dia da 20ª conferência do International Seminar on Urban Form (ISUF). A ideia foi tomando forma, particularmente durante a conferência do ISUF no ano seguinte, que organizamos na cidade do Porto. Por essa altura, Jeremy Whitehand era já um forte entusiasta deste propósito. Foi aliás Jeremy, que no regresso a Barnt Green, após a conferência do Porto, nos enviou uma cópia em papel de *Alnwick* (até então possuíamos apenas um documento digital, em formato pdf, da 1ª edição). O exemplar enviado era a versão de 1969, que incluía algumas alterações face à versão de 1960, em termos de precisão terminológica e reinterpretação de unidades de plano, bem como um novo e valioso glossário com mais de uma centena de termos técnicos. Pareceu-nos então que a tradução de um livro, tão intimamente ligado à história urbana de uma cidade específica, pressupunha uma visita prévia a essa mesma cidade. Planeamos visitar Alnwick em 2014, mas só o conseguimos fazer em 2016. A visita fez parte de uma viagem ao Reino Unido em outubro de 2016, que incluiu também estadias em Newcastle upon Tyne (outra cidade importante no percurso profissional de Conzen) e Barnt Green – Michael e Vivienne Barke acolheram-nos na primeira, Jeremy e Susan Whitehand na segunda. Jeremy e Susan organizaram a viagem a Alnwick e acompanharam-nos, partilhando connosco o seu imenso conhecimento morfológico sobre esta pequena cidade do Norte de Inglaterra, que seis décadas antes tinha fascinado M. R. G. Conzen e servido de objeto para o seu notável trabalho de análise. À chegada a Barnt Green / Birmingham, iniciamos duas linhas de investigação. A primeira constituiu numa reconstrução disciplinar da abordagem histórico-geográfica e do papel central de Jeremy nesta escola de pensamento. Esta linha conduziu à publicação do livro ‘J.W.R. Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology’.<sup>1</sup> A segunda, mais ligada ao propósito da tradução, constituiu uma exploração da M. R. G. Conzen Collection, o excepcional arquivo reunido na University of Birmingham, no sentido de adquirir um maior conhecimento sobre a obra e o pensamento do geógrafo alemão. Desta segunda linha saíram três textos, um sobre o processo de publicação de *Alnwick*, ‘Publishing an urban morphological classic’; outro sobre a utilização do conhecimento morfológico para evitar a demolição do famoso triângulo central e a construção de um projeto modernista durante os anos 1960, ‘Alnwick: conservation or transformation?’; e, por fim, um terceiro, sobre a pesquisa de campo que suporta o mapeamento morfológico, ‘Field survey in Conzenian morphological regionalization’.<sup>2</sup> Finalmente, o processo de tradução, propriamente dito, desenvolveu-se de modo contínuo entre dezembro de 2020 e setembro de 2021. Ao longo deste processo tivemos sempre o apoio de Michael e de Jeremy, até à sua morte em junho desse ano, sempre auxiliando na resolução das nossas dúvidas, com o constante rigor, disponibilidade e entusiasmo que tão bem os caracteriza.

O exercício de tradução, a procura pelas palavras mais adequadas numa determinada língua que possam substituir palavras escritas numa outra língua, enquadradas por um determinado contexto, nunca é um exercício fácil. Tínhamos a experiência disso mesmo quando nos primeiros números da Revista de Morfologia Urbana, traduzimos três importantes artigos

publicados anteriormente na *Urban Morphology* da autoria de Jeremy Whitehand, de Anne Vernez Moudon, e ainda de Giancarlo Cataldi, Gian Luigi Maffei e Paolo Vaccaro. Traduzir *Alnwick* foi uma tarefa difícil. Dois elementos fundamentais contribuíram para esta dificuldade. Por um lado, o elevado número de conceitos propostos por Conzen para descrever e explicar a paisagem urbana. Por outro lado, o elevado detalhe histórico e geográfico que o livro oferece, em particular nos seus capítulos centrais, referentes aos diferentes períodos morfológicos de Alnwick. Não obstante o rigor que colocamos nesta tarefa, estas dificuldades levam-nos a equacionar, desde já, que este poderá ser um trabalho não concluído, aberto a melhorias futuras. Perante a dificuldade do exercício de tradução, importa tornar explícitas algumas das nossas opções fundamentais. Optamos por manter a tradução para língua portuguesa tão próxima quanto possível das palavras de Conzen. Esta opção reflete-se desde logo na manutenção do título do livro *Alnwick, Northumberland*, porventura pouco atrativo para um público lusófono não familiarizado com o campo de conhecimento da morfologia urbana. Traduzimos apenas o subtítulo, *Análise do plano de cidade*, esperando que em conjunto, título e subtítulo, consigam simultaneamente manter a proximidade face ao título original e antecipar os conteúdos da obra a um leitor lusófono. O texto de Conzen apresenta um conjunto de notas de fim de capítulo (algumas introduzidas apenas na versão de 1969). Mantivemos este esquema de referências. Adicionamos um esquema paralelo, constituído por um pequeno conjunto de notas de rodapé, que pretende auxiliar o leitor lusófono a compreender o significado de algumas frases, expressões ou palavras. No glossário de termos técnicos mantivemos, lado a lado, a tradução para português e o original em inglês. Está aqui em causa a importância dos termos técnicos fundamentais para a compreensão deste livro. Traduzimos a legenda das figuras quando nos pareceu necessário. Por fim, optamos por não traduzir o nome de lugares e instituições, nem no corpo de texto nem nas figuras.

*Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis* é um dos livros mais influentes em morfologia urbana. É o livro central para uma das escolas de pensamento morfológico dominantes internacionalmente, a abordagem histórico-geográfica. Mas a sua influência não se limita a esta abordagem, constituindo um elemento fundamental de referência para trabalhos concebidos no âmbito de outras escolas de pensamento. Ao contrário do que acontece com outros autores, o número de citações anuais do trabalho de M. R. G. Conzen e de *Alnwick* em particular, tem vindo a aumentar substancialmente, o que reflete a sua persistência temporal e relevância atual.<sup>3</sup> Também em termos disciplinares, o livro ultrapassa os limites da geografia, influenciando historiadores, planeadores e arquitetos. A nível pessoal, enquanto arquitetos, este livro ofereceu-nos um novo modo de olhar a paisagem urbana. A mensagem do livro não é fácil nem imediata. O livro propõe-nos uma visão e um método, a análise do plano de cidade. Este método consiste num estudo detalhado da geografia e da história da cidade, no sentido de perceber os diferentes elementos do plano – ruas, parcelas e planta de implantação dos edifícios; a sua importância hierárquica, e os processos de criação e transformação desses elementos ao longo do tempo. O método parte da forma complexa da paisagem urbana que é mais permanente – o plano de cidade – e assenta num conjunto de conceitos – da cintura periférica à unidade de plano – que nos permite perceber as formas e a sua transformação. O propósito do método é não apenas descrever e explicar de modo rigoroso a estrutura histórico-geográfica da paisagem

urbana, mas também, a partir do conhecimento morfológico adquirido, desenhar uma estrutura que enquadre a conservação e a transformação da forma urbana. Esperamos que esta tradução facilite o acesso de *Alnwick* a um público alargado de estudantes, investigadores e profissionais do espaço lusófono.

*Dedicamos a tradução deste livro a Michael e Jeremy.*

Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro

<sup>1</sup> V. OLIVEIRA, *JWR Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology*, Springer, Cham (2019).

<sup>2</sup> C. MONTEIRO, ‘Publishing an urban morphological classic’, *Urban Morphology* 21 (2017), 181-2; ‘Alnwick: conservation or transformation?’, *Urban Morphology* 25 (2021), 190-4; ‘Field survey in Conzenian morphological regionalization’, *Urban Morphology* 26, (2022), 94-8.

<sup>3</sup> J. W. R. WHITEHAND, ‘The nature of urban morphology’ (video), 28<sup>th</sup> International Seminar on Urban Form, Glasgow (2021), 29 junho – 3 julho.

## ÍNDICE

	<i>Página</i>
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE TABELAS	xii
LISTA DE FOTOGRAFIAS	xii
PREFÁCIO	1
PARTE I. PROBLEMAS DA ANÁLISE DO PLANO DE CIDADE	3
Capítulo 1. Propósito e Âmbito da Análise do Plano de Cidade	3
Capítulo 2. O Método de Análise do Plano de Cidade	6
PARTE II. O CRESCIMENTO DA ÁREA CONSTRUÍDA DE ALNWICK	11
Capítulo 3. O Padrão de Crescimento Geral	11
Capítulo 4. Alnwick no Período Anglo	14
Localização e Estradas Anglas	14
Sítio e Forma do Assentamento	17
Capítulo 5. Alnwick nos Períodos Medieval e Moderno Inicial	21
Localização e Sítio	21
Castelo de Alnwick	22
Bailiffgate	22
O Desenvolvimento Económico do Sistema Senhorial	24
O Plano de Cidade do Burgo Senhorial Inicial	26
Colonização do Mercado	35
A Extensão do Burgo	40
A Muralha	41
Walkergate	43
Acreções Iniciais	43
Canongate	45
Os Campos de Alnwick	47
Capítulo 6. Alnwick nos Períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial	50
Desenvolvimento Social e Económico	50
A Estrutura e Expansão da Área Construída	53
Desenvolvimento da Cintura Periférica	57
A Repleção da Cidade Velha	66
Eixos Arteriais	71
Layouts	73
Capítulo 7. Alnwick nos Períodos Vitoriano Médio e Tardio	77
Alnwick como Centro de Serviços Rural	77
Repleção e Substituição na Cidade Velha	79
Desenvolvimento da Cintura Periférica	81
As Novas Acreções Residenciais	85

## ÍNDICE

Novos Layouts	88
Eixos Viários e Desenvolvimento Disperso	90
Capítulo 8. Alnwick no Período Moderno	92
Função Económica e Requisitos Sociais	92
O Ritmo e a Forma Geral do Crescimento Recente	93
Alterações Modernas na Cidade Velha	95
Unidades de Plano Residenciais	100
Desenvolvimento da Cintura Periférica Exterior	108
PARTE III. O ATUAL PLANO DE CIDADE DE ALNWICK	112
Capítulo 9. Tipos de Unidades de Plano	112
O Plano do Burgo Antigo	112
Outros Tipos de Planos Tradicionais na Cidade Velha	113
A Cintura Periférica Interior	114
Os Eixos Arteriais Tradicionais	115
Unidades de Plano Modernas dentro da Cidade Velha	115
Acreções Residenciais dos Períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial	116
Acreções Residenciais do Período Vitoriano Médio e Tardio	116
Acreções Residenciais Modernas	117
Eixos Compostos	118
As Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior	118
Capítulo 10. A Estrutura Geográfica do Plano de Cidade de Alnwick	120
CONCLUSÃO	123
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	124
GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS	127

## ÍNDICE

### LISTA DE FIGURAS

<i>Figura</i>		<i>Página</i>
1.	ALNWICK: CRESCIMENTO DA ÁREA CONSTRUÍDA	12
2.	A SITUAÇÃO DE ALNWICK NO PERÍODO ANGLO	15
3.	O SÍTIO DA ALNWICK MODERNA	frente a 18
4.	O SÍTIO DA VELHA ALNWICK	27
5.	ALNWICK MEDIEVAL	28
6.	PROPRIEDADES NO TRIÂNGULO CENTRAL DE ALNWICK, 1567	36
7.	CANONGATE E WALKERGATE	44
8.	BOUNDGATE WITHOUT E UPPER CLAYPORT STREET	46
9.	OS CAMPOS DE ALNWICK	frente a 48
10.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1774	58
11.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1827	62
12.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1851	64
13.	AS CINTURAS PERIFÉRICAS URBANAS DE ALNWICK	frente a 66
14.	TEASDALE'S YARD (FENKLE STREET), 1774-1956	70
15.	UNIDADES DE DESENVOLVIMENTO INICIAIS EM ALNWICK	74
16.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1897	78
17.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1921	82
18.	ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1956	96
19.	UNIDADES DE DESENVOLVIMENTO MODERNAS EM ALNWICK	104
20.	ALNWICK: TIPOS DE UNIDADES DE PLANO	frente a 118
21.	AS DIVISÕES DO PLANO DE ALNWICK	frente a 122

### LISTA DE TABELAS

<i>Tabela</i>		<i>Página</i>
I.	FRENTES DAS PARCELAS BURGUESAS NA PARTE ANTIGA DO BURGO MEDIEVAL	34
II.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, c. 1750-1956	54
III.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, c. 1750-1851	55
IV.	INCIDÊNCIA DA DENSIDADE BRUTA RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, c. 1750-1956	56
V.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, 1851-75	85
VI.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, 1875-97	86
VII.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, 1897-1914	87
VIII.	CRESCIMENTO DA ÁREA CONSTRUÍDA, 1827-1956	93
IX.	ÍNDICE DE IMPLANTAÇÃO EM TEASDALE'S YARD, 1774-1956	95
X.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, 1918-39	101
XI.	DESENVOLVIMENTO RESIDENCIAL FORA DA CIDADE VELHA, 1945-56	102
XII.	HABITAÇÃO SOCIAL, 1897-1956	103

### LISTA DE FOTOGRAFIAS

<i>Fotografia</i>		<i>Página</i>
I.	A CIDADE VELHA VISTA DE SUDOESTE	frente a 22
II.	O CASTELO E PARTE DA CIDADE VELHA VISTA DE NOROESTE	frente a 23
III.	A CIDADE VELHA VISTA DE SUDOESTE EM 1930	frente a 38
IV.	PARTE DO ALNWICK EXTERIOR VISTA DE SUDOESTE EM 1926	frente a 39

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

O estudo apresentado nas páginas seguintes é uma tentativa de preencher uma lacuna em morfologia urbana. É motivado pelos seguintes problemas: como é que o plano de uma cidade de formação antiga adquire a sua complexidade geográfica, que conceitos podem ser deduzidos desta investigação de modo a auxiliar a análise de planos de cidade em geral, e qual o contributo que o desenvolvimento de um plano produz sobre a estrutura regional de uma cidade. De algum modo, estas questões têm sido respondidas de modo imperfeito, e esta deficiência tornou-se evidente durante um estudo local de Alnwick, dando origem a esta investigação sobre alguns aspetos fundamentais.

O autor beneficiou amplamente da gentileza de várias pessoas que lhe permitiram acesso a material relevante, ou que o ajudaram de outras maneiras. O Sr. A. H. Robson, anterior Senior Geography Master na Duke's School, Alnwick, foi muito útil para garantir o acesso a importante informação de base. Sua Graça o Duque de Northumberland gentilmente permitiu o exame dos valiosos mapas e levantamentos do sistema senhorial na Muniment Room do Castelo de Alnwick; e a prontidão do Sr. D. Graham para ajudar, em todos os sentidos, tornou o trabalho de investigação proveitoso e agradável. O falecido Sr. G. Beaty, Agrimensor da cidade de Alnwick, com constante gentileza, disponibilizou o seu conhecimento local e o material topográfico do seu escritório. O Professor H. J. Fleure fez muitas sugestões úteis, e o Professor A. E. Smailes empreendeu a árdua tarefa de ler o texto. O autor é especialmente grato ao Dr. C. I. C. Bosanquet, anterior Reitor do King's College, na University of Durham, Newcastle upon Tyne, cujo interesse pessoal pelo trabalho foi da maior importância. O Professor G. H. J. Daysh deu também um grande incentivo. Agradecimentos especiais são devidos à esposa do autor, cuja dedicação e paciência ajudaram a produzir esta monografia.

Finalmente, o autor deseja expressar os seus sinceros agradecimentos pela ajuda financeira para os custos de publicação concedida pelo Institute of British Geographers, pela Sir James Knott Trust, Sua Graça o Duque de Northumberland, Dr. C. I. C. Bosanquet e Sr. William Robertson.

A investigação foi realizada com a ajuda de uma bolsa do King's College, na University of Durham, agora a University of Newcastle upon Tyne.

## AGRADECIMENTOS

PARTE, ou a totalidade, dos desenhos nas Figuras 3, 4, 7, 8, 12, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 baseiam-se na Ordnance Survey com a permissão do Controlador do H. M. Stationery Office. A Fotografia I é reproduzida com permissão de Turners (Photography), Ltd., Newcastle upon Tyne, e as Fotografias II, III e IV com permissão da Aerofilms e Aero Pictorial, Ltd.

*Outubro 1960*

M. R. G. C.

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A segunda edição constituiu uma oportunidade de revisão no sentido de uma maior precisão de conceitos e terminologia e de uma reinterpretação de algumas unidades de plano mais antigas. Como o método de reimpressão adotado impede qualquer alteração do texto existente ou da sua paginação, tentei resolver o problema das alterações fornecendo um mínimo de notas de rodapé adicionais e, em resposta a uma reiterada sugestão dos leitores, um glossário de termos técnicos no final do livro.

O glossário foi elaborado para apresentar cerca de uma centena de conceitos e termos, na forma de explicações mutuamente complementares, podendo, portanto, ser considerado uma formulação concisa da teoria morfológica conforme esta emerge do estudo do plano de Alnwick. Espero que as discrepâncias verbais inevitáveis entre este novo glossário e um texto original praticamente inalterável tenham sido reduzidas ao mínimo, por referências cruzadas e por referências de página a passagens de texto relevantes.

A evidência de campo na qual a investigação se baseia é de 1956: esta foi a última data a apresentar a organização do plano, fornecendo a mais ampla variedade de indicações sobre os processos formativos de todos os períodos anteriores do crescimento de Alnwick. Desde então, poderosas forças de transformação, sob a forma de liberação de habitações precárias e redesenvolvimento, conduzidas pelos atuais poderes de planeamento urbano e habitação, que já eram observáveis na paisagem urbana de 1956, tendem cada vez mais a interromper e obliterar estas importantes evidências. Devido ao modo como atualmente são usadas na Grã-Bretanha, estas forças representam com demasiada frequência um sério perigo para o caráter histórico e a identidade das nossas cidades, e exigem urgentemente um método mais imaginativo e informado de gestão da paisagem urbana do que aquele que temos vindo a praticar neste país. A historicidade da Cidade Velha de Alnwick está ainda em grande parte intacta, mas é urgente que haja uma colaboração ativa e inteligente entre a comunidade local e a sua autoridade de planeamento regional, se pretendemos preservar esta historicidade, de modo a fazer pelas gerações futuras o que tomamos como garantido no enriquecimento das nossas próprias vidas.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Sobre a historicidade da paisagem urbana de Alnwick, ver M. R. G. CONZEN, 'Historical townscapes in Britain: a problem in applied geography', *Northern Geographic essays* (ed. J. W. HOUSE), Newcastle upon Tyne, 1966.

M. R. G. C.

PARTE I  
PROBLEMAS DA ANÁLISE DO PLANO DE CIDADE

CAPÍTULO 1

PROPÓSITO E ÂMBITO DA ANÁLISE DO PLANO DE CIDADE

FUNCIONALMENTE, o carácter geográfico de uma cidade<sup>i</sup> é determinado pelo significado económico e social dentro de um contexto regional, quer consideremos um ‘lugar central’, com funções de serviços relativas a uma ‘área urbana’ contígua, quer se trate de uma cidade especializada. Morfológicamente, encontra expressão na fisionomia ou *paisagem urbana*, que é uma combinação de plano<sup>ii</sup> de cidade, padrão de formas edificadas e padrão de uso do solo urbano. Todos estes aspetos foram objeto de investigação geográfica.

O plano de cidade tem vindo a atrair a atenção, enquanto tema de convergência de interesses do geógrafo e de outros profissionais, como historiadores, arqueólogos e planeadores. Em particular, há muito tempo que é comum olhar para o plano em termos do seu desenvolvimento, tendo sido identificada uma ampla genealogia de planos de cidade. No entanto, este aspeto familiar à morfologia urbana permaneceu estranhamente frágil, em termos de profundidade de tratamento, em larga medida devido à negligência face a detalhes significativos do plano, particularmente por parte do geógrafo, cujo ponto de vista corológico deverá permitir-lhe dar um contributo substancial. Críticas semelhantes aplicam-se a outros aspetos morfológicos. Consequentemente, a nossa compreensão geográfica das paisagens urbanas é dificultada pela ausência de uma base teórica que permita a formulação de conceitos de aplicação geral.

A situação atual da morfologia urbana foi objeto de discussão recente<sup>1</sup> e é suficiente reiterar aqui que muito trabalho geográfico neste campo tem sido indevidamente influenciado no seu propósito e tratamento pelas abordagens específicas do arquiteto, do historiador económico e de outros profissionais com interesse na cidade.

Partindo desta crítica geral, A. E. Smailes enfatiza a importância dos edifícios na paisagem urbana e a consequente necessidade de realizar trabalho de campo, face ao estudo exclusivo de mapas de cidades por parte de alguns geógrafos. O autor sugere um método de análise da paisagem urbana baseado na observação de campo de amplas e recorrentes características morfológicas suscetíveis de pesquisa rápida, com ênfase nos edifícios. É compreensível o desejo de um exame cuidado da paisagem urbana tendo em vista a preparação de uma ampla base, provisória, para uma comparação morfológica de cidades. Também é verdade que muito mais trabalho precisa de ser realizado em termos de edifícios urbanos e de todo o tecido urbano, embora na Europa esta crítica se aplique mais à investigação desenvolvida neste país do que no Continente.<sup>2</sup> No entanto, o conhecimento geográfico sistemático da estrutura dos planos de

<sup>i</sup> A palavra ‘cidade’ é utilizada nesta tradução em sentido lato, correspondendo às palavras ‘city’ e ‘town’.

<sup>ii</sup> Neste livro, a palavra ‘plano’ corresponde à planta bidimensional distinguindo-se de plano enquanto documento de planeamento.

cidade está longe de ser adequado, e a sua promoção parece tão necessária quanto a de outros aspetos morfológicos das cidades. Na situação atual, isto requer algum esforço de especialização com o propósito de produzir o necessário trabalho de base. Plano, tecido edificado e utilização do solo são, obviamente, interdependentes na realidade geográfica da paisagem urbana, e o seu tratamento em separado é apenas uma questão de ênfase e não de divisão sistemática e rigorosa. É possível, no entanto, reivindicar a prioridade para o plano de cidade com o fundamento de que ele constitui a estrutura inevitável para as outras características construídas, e fornece a ligação física entre elas, por um lado, e com o sítio físico e o passado da cidade, por outro.

Assim, este estudo ocupa-se da análise geográfica do plano de cidade. Ao investigar um caso específico que permite antever resultados de significado geral, e ao adotar um ponto de vista evolutivo, procura estabelecer alguns conceitos básicos aplicáveis a fenómenos recorrentes em morfologia urbana e conduzir a uma explicação da disposição e diversidade de uma área urbana em termos de tipos de planos e divisões geográficas resultantes.

Não é espetável que um pequeno centro como Alnwick contenha todos os fenómenos que caracterizam a morfologia dos planos de cidade, e nenhuma reivindicação de abrangência é aqui apresentada. No entanto, a sua dimensão modesta e estrutura simples tornam-na mais adequada para o estabelecimento de alguns princípios básicos, assegurando a presença de alguns fenómenos morfológicos de significado geral, bem como de outros de natureza particular. É espetável poder estabelecer uma série de conceitos aplicáveis, para além das centenas de pequenas cidades mercantis Inglesas, à generalidade dos assentamentos urbanos Ingleses e de outros países.

Alguns destes conceitos referem-se a fenómenos conhecidos, outros revelam novos fenómenos. Novos conceitos inevitavelmente envolvem nova terminologia e isso será desenvolvido à medida que a análise do plano de Alnwick prossiga. Também poderá ser necessária a redefinição de alguns termos familiares, utilizados até agora de modo livre.

Neste contexto, é fundamental estabelecer o que entendemos por 'plano de cidade'. É necessário ter uma visão mais abrangente deste termo, tendo em conta detalhes geográficos relevantes. No passado, muitos estudos de planos limitaram-se a considerar apenas as ruas ou os espaços das ruas; um método enraizado, em larga medida, no enfoque arquitetónico no contraste entre 'vazios' e 'sólidos' e nas suas implicações estéticas. Geralmente, a estrutura interna dos quarteirões tem sido ignorada, como se não fosse geograficamente relevante. Para além disso, a abordagem evolucionária, com uma certa 'rudeza', teve em consideração apenas as grandes fases de crescimento, deixando escapar toda uma variedade de fenómenos abrangidos, bem como as significativas mudanças modernas ocorridas no interior de quarteirões pertencentes a componentes do plano já estabelecidas, particularmente os tradicionais localizados nos centros das cidades. Nesta investigação é tido como axioma que o *plano de cidade inclui todas as características da área construída apresentadas nos mapas 1/2500 da Ordnance Survey*.<sup>iii</sup>

Isto abrange a disposição geográfica da área urbana construída em toda a sua diversidade e detalhe morfológicos, trazendo o plano para uma estreita relação com os aspetos do tecido edificado e do uso do solo. O *plano de cidade* pode, portanto, ser definido como a disposição

<sup>iii</sup> Ordnance Survey (O.S.) é a agência cartográfica nacional do Reino Unido.

topográfica de uma área urbana em todas as suas características construídas pelo homem. Contém três complexos de *elementos do plano*:

- (i) *ruas* e a sua organização num *sistema de ruas*;
- (ii) *parcelas* e a sua agregação em *quarteirões*; e
- (iii) edifícios ou, mais especificamente, as suas *plantas de implantação*.

O termo *rua* refere-se ao espaço aberto delimitado por *linhas de rua* e reservado para o uso de tráfego de superfície de qualquer tipo. A organização desses espaços contíguos e interdependentes numa área urbana, quando vistos separadamente dos outros elementos do plano de cidade, pode ser chamada de *sistema de ruas*.

As áreas no plano de cidade não ocupadas por ruas, e total ou parcialmente delimitadas por linhas de rua, são os *quarteirões*. Cada quarteirão representa um grupo de elementos contíguos ou um único elemento. Cada elemento é na sua essência uma unidade de uso do solo; é fisicamente definida por limites no solo ou acima do solo, e pode ser designada como *parcela*, independentemente da sua dimensão. A organização de parcelas contíguas é visível pelos limites das parcelas e, quando considerada separadamente dos outros elementos do plano de cidade, pode ser designada como *padrão de parcelas*. As figuras 5, 7, 8, 15 e 19 mostram exemplos contrastantes, ilustrando o modo como os quarteirões podem variar consideravelmente nos seus padrões de parcelas, facto que representa uma das suas características geográficas mais importantes. Uma fileira de parcelas, dispostas contiguamente ao longo da mesma linha de rua, cada uma com a sua frente, forma uma *série de parcelas*.

A *planta de implantação* de um edifício é a área ocupada pelo edifício e definida no chão pelas linhas das suas paredes exteriores. É um elemento essencial do plano de cidade, livremente referido como 'edifício'.

A análise do plano de cidade mostra que os três elementos complexos – ruas, parcelas e edifícios – estabelecem combinações individualizadas em diferentes áreas da cidade. A singularidade de cada combinação resulta das circunstâncias do sítio e estabelece uma medida de homogeneidade ou unidade morfológica, em alguns ou em todos os aspetos da sua área. Cada combinação representa uma *unidade de plano*, distinta das unidades vizinhas.

Finalmente, é importante perceber que os planos de cidade têm origem, desenvolvem-se e funcionam dentro de um contexto físico e humano, sem o qual permanecem incompreensíveis. Assim, a análise do plano inclui a avaliação das condições físicas do sítio e da situação, bem como do desenvolvimento económico e social. Isto constitui o pano de fundo para a interdependência do plano, do tecido edificado e do uso do solo, e a ponte entre as abordagens morfológica e funcional da geografia urbana.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> A. E. SMAILES, 'Some reflections on the geographical description and analysis of townscapes', *Transactions and Papers*, 1955, Institute of British Geographers, 21 (1955), 99-115. Uma lista completa das referências utilizadas neste estudo pode ser encontrada no final do livro.

<sup>2</sup> Cf. W. GEISLER, *Die deutsche Stadt* (1924) and H. LOUIS, *Die geographische Gliederung von Gross-Berlin* em H. LOUIS e W. PANZER (eds.), *Landerkundliche Forschung* (Krebs-Festschrift), Stuttgart (1936), para citar apenas dois dos estudos iniciais. Para outras referências, ver R. E. DICKINSON, *The West European city* (1951), e P. SCHÖLLER, 'Aufgabe und Probleme der Stadteographie' *Erkunde*, 7 (1953), 168-9.

## CAPÍTULO 2

### O MÉTODO DE ANÁLISE DO PLANO DE CIDADE

TENDO definido o propósito da análise do plano e o seu âmbito em termos do plano de cidade, é necessário considerar o método ou abordagem geral a seguir. Inevitavelmente, isto depende do objeto material de investigação e da sua natureza intrínseca.

Um olhar rápido sobre a organização da área construída de Alnwick, como se observada a partir de uma aeronave ou representada no mapa 1/2500 da Ordnance, oferece uma experiência visual que se repete na grande maioria das cidades: um padrão de ruas, os limites das parcelas, e edifícios de complexidade variável. Partes de isto mesmo são apresentadas nas Figuras 7, 8, 15, 18 e 19, e o todo é resumido em termos morfológicos na Figura 20. Por vezes, é evidente um tema dominante, eventualmente expresso pelo sistema de ruas, como no caso do importante triângulo de ruas no centro da cidade, ou pela repetição de edifícios standardizados, como nos primeiros conjuntos habitacionais. Este domínio local estabelece alguma unidade dentro de uma área muito limitada. A sua repetida manifestação dá uma vaga impressão de amplas semelhanças entre as diferentes partes de Alnwick, bem como de contrastes, por exemplo entre a Cidade Velha e os bairros residenciais mais recentes. Por outro lado, a irregularidade na organização dos atributos gerais, bem como dos detalhes, e a diversidade na mistura de elementos, não só tornam a área construída única, como desafiam a explicação do plano tal como ele é, mesmo quando o sítio é tomado em consideração.

A razão fundamental para tudo isto é que uma cidade, como qualquer outro objeto de investigação geográfica, está sujeita a mudanças. As cidades têm uma história de vida. O seu desenvolvimento, juntamente com a história cultural da região em que se inserem, está profundamente inscrito no limite e no tecido das suas áreas construídas. Quando um período atinge a manifestação dos seus requisitos específicos no padrão urbano de uso do solo, ruas, parcelas e edifícios, outro período vem a substituí-lo, e a área construída, na sua organização funcional e na sua paisagem urbana, torna-se o registo acumulado do desenvolvimento da cidade.<sup>1</sup>

Em alguns aspetos, contudo, este é um registo incompleto e confuso, uma vez que os atributos criados num período estão sujeitos a alterações, de grau variável, noutra período. O padrão de uso do solo é o elemento complexo mais variável, respondendo com relativa rapidez a novos impulsos, como a construção de uma nova estrada principal, uma ponte ou uma estação ferroviária, tendendo assim a apagar, pelo menos em parte, o uso do solo de períodos anteriores.

Neste processo, contudo, o plano e o tecido edificado da cidade, ao representarem o investimento estático do capital e trabalho passados, oferecem grande resistência à mudança. Novas funções numa área mais antiga não dão necessariamente origem a novas formas. Em grande parte da área construída estabelecida num período anterior é mais provável ocorrer uma adaptação do que uma substituição do tecido existente. Edifícios antigos podem ser substituídos por novos, em maior número, apenas nos centros de cidades grandes, onde a pressão económica supera a obsolescência das formas herdadas e leva à substituição em maior escala. Provavelmente, apenas nas áreas exteriores da cidade qualquer novo período será representado

exclusivamente pelos seus novos edifícios – as suas acreções contemporâneas. No centro, a introdução de novas formas é frequentemente incompleta e tardia.

Assim, se o uso do solo e o tecido edificado diferem significativamente a este respeito, o plano de cidade difere ainda mais, e é o complexo morfológico mais conservador.<sup>2</sup> Embora possam surgir vários edifícios novos no centro de uma cidade, a maior parte das suas plantas de implantação estão em conformidade com as respetivas parcelas, ainda que estas sejam centenárias. Isto deve-se, em parte, ao desenvolvimento de fileiras contínuas ao longo da linha de rua – a usual organização dos edifícios em áreas centrais; e em parte, à concentração prolongada de atividades económicas nestas áreas. Mesmo nos sítios em que as parcelas tenham sido alteradas (e poucas áreas centrais escapam inteiramente a esta forma de mudança), o padrão de parcelas como um todo está repleto de características remanescentes de períodos anteriores e pode, de facto, parecer inalterado em todas as suas características essenciais. A rua, porém, é o elemento mais refratário do plano de cidade. Novas ruas principais em áreas centrais, como a ‘Corporation Street’ ou a ‘City Road’, são raras e restritas em extensão, e as mudanças que afetam o sistema de ruas estão geralmente limitadas a detalhes nas linhas de rua, e ainda assim demoram muito tempo a ocorrer. Nas áreas exteriores de uma cidade, certamente, cada período é livre de adicionar exemplos do seu próprio tipo de layout. As partes mais antigas, e geralmente mais centrais da paisagem urbana, estão sujeitas a mudanças, variáveis em intensidade e aspetos morfológicos, dentro de unidades de plano já estabelecidas, enquanto as áreas exteriores formam sucessivas acreções de novas unidades de plano.

Na comparação entre uso do solo, tecido edificado e plano de cidade, este último destaca-se como o complexo que contém o registo mais completo do desenvolvimento físico da cidade, produzindo o conjunto mais abrangente de características remanescentes. Uma abordagem evolucionária, rastreando as formas existentes até aos processos formativos subjacentes e interpretando-os desse modo, parece fornecer o método racional de análise.

Os processos a analisar são de desenvolvimento económico e social, variado na sua intensidade como nas suas formas materiais e imateriais, permitindo assim o reconhecimento de diferentes períodos culturais. As regiões variam na sequência e conteúdos dos períodos culturais que as conformam, e isso é também verdade para as cidades. Cada período deixa os seus resíduos materiais característicos na paisagem e, para o propósito da análise geográfica, pode ser entendido como um *período morfológico*. Numa paisagem urbana, qualquer período específico tem expressão tanto no plano de cidade, quanto no tecido dos edifícios. Geralmente, as unidades de plano mais recentes, em localizações mais periféricas, apresentam grande homogeneidade devido à contemporaneidade das ruas, parcelas e edifícios.

Com exceção das eras pré-histórica e Romana, os principais períodos morfológicos no caso de Alnwick são os mesmos aplicáveis ao resto da Inglaterra.<sup>3</sup> No entanto, incertezas nas evidências históricas e topográficas mais antigas, assim como a incidência de fontes cartográficas recentes, tornam conveniente, para o propósito da nossa análise, adotar certas contrações e subdivisões, conforme apresentado na lista a seguir:

*Os Períodos Morfológicos de Alnwick*

- (1) Anglo<sup>iv</sup> (c. século sétimo? - c. 1070)
- (2) Normando a Georgiano Inicial (c. 1070 - c. 1750)
- (3) Georgiano Tardio a Vitoriano Inicial (c. 1750-1851)
- (4) Vitoriano Médio e Vitoriano Tardio (1851-1914)
  - (a) Vitoriano Médio (1851-75)
  - (b) Vitoriano Tardio (1875-97)
  - (c) Eduardiano (1897-1914)
- (5) Moderno (pós-1918)
  - (a) Entre-guerras (1918-39)
  - (b) Pós-guerra (pós-1945)

Alnwick teve origem relativamente tarde, no período Anglo de Northumberland, provavelmente em algum momento do século VII.

O período Normando de Alnwick começou após o chamado Wasting of the North em 1069-70,<sup>4</sup> ainda que até ao início do século XII nenhum castelo Normando tenha sido aqui construído.<sup>5</sup> O longo intervalo que se segue, até meados do século XVIII, abrange mais do que uma época cultural, mas as deficiências no registo cartográfico de Alnwick tornam praticamente impossível subdividir este longo período para propósitos morfológicos, embora a origem de cinco das oito unidades de plano tradicionais da Cidade Velha possa ser organizada numa sequência temporal relativa. A arquitetura residencial da cidade e os chamados levantamentos do sistema senhorial dos séculos XVI e XVII, apesar dos mapas de 1622-24, fornecem evidências muito reduzidas, não permitindo uma datação precisa.<sup>6</sup> De facto, quando surge pela primeira vez apresentada nestes registos detalhados, a Cidade Velha está já completa. Noutros aspetos, no entanto, estes levantamentos do sistema senhorial, preservadas no Castelo de Alnwick, são inestimáveis para relacionar de modo rigoroso o crescimento da Cidade Velha na Idade Média com o aparecimento de características remanescentes desse período no primeiro mapa de grande escala da cidade, no século XVIII.

Só pouco depois de meados do século XVIII o registo cartográfico de Alnwick começou a apresentar mudanças significativas no plano de cidade. Embora inicialmente pequenas, dominam o desenvolvimento urbano durante a primeira metade do século XIX, antes da chegada do caminho de ferro. Isto permite que os anos c. 1750 a 1851 sejam distinguidos como um período morfológico separado. A partir de então, as novas adições ao plano de cidade correspondem diretamente aos tipos habitacionais da arquitetura contemporânea, sendo possível adotar nomes com uma conotação cultural e arquitetónica mais específica. A combinação de ‘Georgiano Tardio’ e ‘Vitoriano Inicial’ parece justificada tanto devido ao carácter homogéneo e ao desenvolvimento contínuo do plano entre 1750 e 1850, como ao carácter quase-Georgiano de grande parte do edificado Vitoriano Inicial, o que reflete um certo desfasamento na chegada de estilos arquitetónicos ao Norte de Inglaterra.

<sup>iv</sup> Os Anglos são um grupo Germânico do período pós-Romano que colonizou o nordeste de Inglaterra (tendo os Saxões colonizado a parte sul).

O advento do caminho de ferro em 1850 marca o início de um novo e importante período. Em Alnwick, os períodos Vitoriano Médio e Tardio trouxeram um intenso congestionamento do centro, e o desenvolvimento de tipos habitacionais específicos na periferia. De acordo com estes indícios, o período vai até ao início da Primeira Guerra Mundial. Contudo, certos fatores formativos do desenvolvimento habitacional, permitem que todo o período de 1850 a 1914 seja subdividido nos períodos Vitoriano Médio, Vitoriano Tardio e Eduardiano. Estes fatores são a Lei da Saúde Pública (Public Health Act) de 1875, as contemporâneas Leis da Habitação de Artesãos e Trabalhadores (Artisans' and Labourers' Dwellings Acts), e as noções de desenvolvimento mais aberto propagadas com a ideia de cidade-jardim no final do século XIX.

O último grande período é caracterizado por fatores semelhantes e começa com o fim da Primeira Guerra Mundial. O período pode ser convenientemente dividido em dois períodos menores pelo hiato da Segunda Guerra Mundial.

Por fim, a implementação da abordagem evolucionária<sup>7</sup> depende do objetivo deste estudo e da natureza do plano de cidade que está a ser investigado. Os processos formativos subjacentes aos fenómenos particulares devem ser demonstrados, para que conceitos de significado geral possam ser formulados. Isto requer liberdade para investigar a sequência temporal e a organização espacial, particularmente nos sítios onde mudanças sucessivas de diferente caráter afetaram a mesma área, mas com resultados variáveis – como é o caso da Cidade Velha. A contemporaneidade de características em áreas separadas na paisagem urbana de Alnwick sugere o método de cortes geográficos sucessivos. O mesmo acontece com o facto de a paisagem urbana atual ser o registo acumulado de diferentes períodos morfológicos. A complexidade da estrutura do plano atual desaconselha o método de partir do presente e retroceder para explicar as características remanescentes. Parece mais racional, portanto, proceder genericamente através de cortes transversais no tempo, tendo em conta o contexto económico e social de cada período,<sup>8</sup> enfatizando processos sempre que tal seja essencial para a compreensão das formas e, por fim, analisar o plano de cidade em termos do seu desenvolvimento. O critério último para definir se este estudo é geográfico ou não, é fornecido, não pelos seus métodos, mas pelo seu propósito: a explicação do plano de cidade como o encontramos hoje.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> O desenvolvimento e crescimento físico das cidades é um dos primeiros temas a atrair a atenção dos investigadores em geografia urbana. Cf. H. J. FLEURE, 'Some types of cities in temperate Europe', *Geographical Review*, 10 (1920), 357-74; 'City morphology in Europe', *Proceedings of the Royal Institution of Great Britain*, 27 (1931); e 'The historic city in western and Central Europe', *Bulletin of John Rylands Library, Manchester*, 20 (1936). H. DÖRRIES, 'Der gegenwärtige Stand der Stadtgeographie', *Petermanns Mitteilungen Erg. H.*, 209 (1930), 315-18, 320-1. R. E. DICKINSON, op. cit., 279-509, 559-64. M. SORRE, *Fondements de la géographie humaine*, iii (1952), 214-17. A. E. SMAILES, *The geography of towns* (1953), 7-40, 68-134, 157-60. P. SCHÖLLER, op. cit., 162-6.

<sup>2</sup> Exceto em cidades maiores afetadas, no presente, por medidas de planeamento revolucionárias.

<sup>3</sup> Cf. S. W. WOOLDRIDGE e W. G. EAST, *The spirit and purpose of geography* (1951), 88.

<sup>4</sup> Cf. W. S. ANGUS, 'Anglo-Saxon and medieval settlement', *Scientific survey of North-England* (1949), 72.

<sup>5</sup> G. TATE, *The History of the Borough, Castle and Barony of Alnwick*, vol. I (1866), 51.

<sup>6</sup> Para uma lista cronológica de fontes topográficas, cf. a lista 'Alnwick (mapas e pesquisas)' na pp. 125-6.

<sup>7</sup> Cf. R. HARTSHORNE, *The nature of geography* (3ª ed. 1949), xxxiv-ix, 175-88. H. C. DARBY, 'On the relations of geography and history', *Transactions and Papers*, 1953, Institute of British Geographers, 19 (1953), 1-11

<sup>8</sup> Cf. para este aspeto G. M. TREVELYAN, *English social history* (1944).

## PARTE II

### O CRESCIMENTO DA ÁREA CONSTRUÍDA DE ALNWICK

#### CAPÍTULO 3

##### O PADRÃO DE CRESCIMENTO GERAL

ANTES de investigar os detalhes de desenvolvimento do plano em diferentes períodos morfológicos, é útil apresentar uma breve introdução ao padrão de crescimento geral (Fig. 1). Os símbolos densos que denotam a existência de unidades de plano com origem em vários períodos anteriores a 1620 formam uma área contígua e relativamente compacta. Isto cobre o centro de Alnwick e estende-se para norte até ao rio Aln. A partir deste, duas pontas curtas projetam-se ao longo das estradas arteriais sudeste e sudoeste. Toda esta área constitui o *núcleo* ou *Cidade Velha*<sup>1</sup> sendo o seu plano dominado por características tradicionais e, em particular, por um sistema de ruas há muito tempo consolidado. Sendo um *núcleo composto*, é formado por nada menos que nove unidades de plano principais. Seis delas são certamente de origem medieval, e uma destas contém o suposto núcleo Anglo. As outras três, i.e., as duas pontas arteriais a sul e o desenvolvimento no Triângulo Central, poderão ter tido origem na Idade Média e certamente estavam consolidadas em 1620.

As adições à Cidade Velha constituem as *Acreções*,<sup>2</sup> sendo as suas unidades de plano dominadas por características não tradicionais. As acreções estão organizadas como uma zona bastante irregular, ampla e em muitos pontos descontínua, em redor do núcleo central, pelos lados poente, sul e nascente; mas não pelos lados noroeste, norte e nordeste. Esta ampla cintura é cruzada em todos os lados por estradas claramente mais antigas que partem da Cidade Velha e das suas artérias.

Nestas acreções, o desenvolvimento ocorrido entre 1620 e 1851 ocupa uma zona interior igualmente fraturada e irregular. As suas múltiplas áreas, mais ou menos distintas, estão todas associadas a antigas estradas arteriais e caminhos rurais, ou ao anel viário que rodeia grande parte da Cidade Velha, separando-a do resto das Acreções Exteriores.

O desenvolvimento verificado entre 1852 e 1918 esteve em grande parte confinado a sul e a nascente, sendo que as suas parcelas individuais tendem a formar unidades maiores do que as das acreções anteriores e a reunir-se em grupos mais isolados. Novamente, estão em contacto com estradas antigas, embora num caso, no lado sudeste entre Wagonway Road e South Road, uma unidade tenha gerado o seu próprio sistema de ruas contemporâneo.<sup>3</sup>

As acreções pertencentes ao período de 1919 a 1956 formam uma zona exterior, ainda mais descontínua do que as do período anterior, mas agora representada no lado poente da cidade. As unidades individuais tendem a ser muito grandes e a formar dois grupos marcadamente concentrados, um a oeste de Howling Lane e outro a sul e sudeste de Swansfield Park Road. Existe uma forte tendência de standardização com ruas internas contemporâneas nas unidades deste período, exceto onde estas incorporaram estradas mais antigas.

Este quadro geral de crescimento mostra já algumas diferenças fundamentais entre as várias partes da área construída de Alnwick. Estas são acompanhadas por importantes

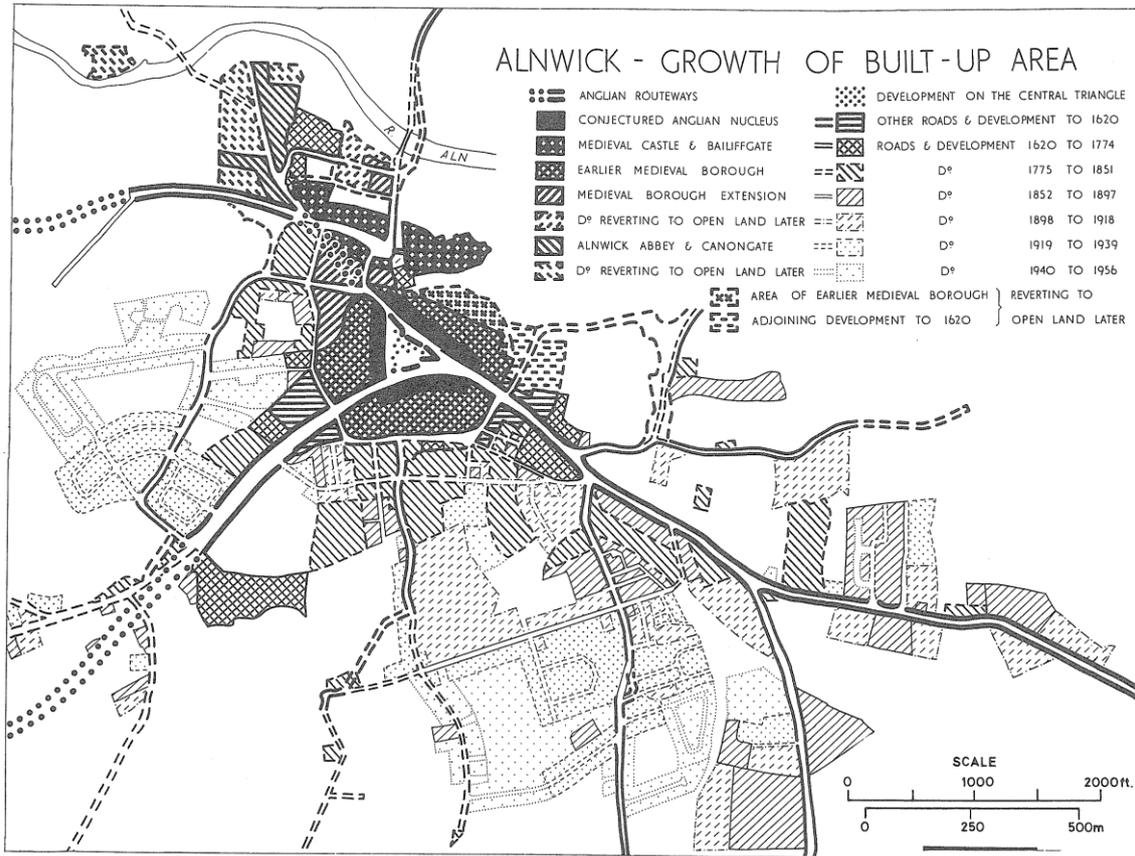


FIGURA 1. ALNWICK: CRESCIMENTO DA ÁREA CONSTRUÍDA

Rotas do período Anglo	Desenvolvimento no Triângulo Central
Núcleo conjeturado do período Anglo	Outras estradas e desenvolvimento até 1620
Castelo medieval e Bailiffgate	Estradas e desenvolvimento 1620 até 1774
Burgo medieval inicial	Estradas e desenvolvimento 1775 até 1851
Extensão medieval do burgo	Estradas e desenvolvimento 1852 até 1897
Extensão medieval do burgo revertendo posteriormente para campo aberto	Estradas e desenvolvimento 1898 até 1918
Abadia de Alnwick e Canongate	Estradas e desenvolvimento 1919 até 1939
Abadia de Alnwick e Canongate revertendo posteriormente para campo aberto	Estradas e desenvolvimento 1940 até 1956
Área do burgo medieval inicial	} Revertendo posteriormente para campo aberto
Desenvolvimento adjacente até 1620	

Tradução do texto da FIGURA 1

diferenças estruturais e, em conjunto, irão formar o objeto de investigação nos próximos capítulos.

REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Cf. SMAILES, op. cit., 108-12.

<sup>2</sup> Cf. SMAILES, op. cit., 92, 113, 125. Para uma discussão mais aprofundada sobre a Cidade Velha e as suas acreções, cf. Capítulo 6, pp. 53-7.

<sup>3</sup> A Figura 3, referente ao sítio da Alnwick moderna, contém um mapa de ruas e alguns nomes topográficos adicionais.

## CAPÍTULO 4

### ALNWICK NO PERÍODO ANGLO

#### *Localização e Estradas Anglas*

O nome Alnwick aponta para a origem de um assentamento neste sítio, numa etapa muito avançada da colonização Angla, provavelmente após 600 d.C. Os outros topónimos de Northumberland central e as evidências da história local fornecem uma pista para a localização e importância relativa de Alnwick nessa época (Fig. 2).<sup>1</sup>

Anteriormente, Lesbury parece ter sido o principal assentamento na bacia inferior do Aln e, no final do século XII, Alnwick e Denwick eram ambas eclesiasticamente dependentes de Lesbury.<sup>2</sup> Trilhos secundários terão conectado Denwick com as chamadas aldeias -ingham na bacia superior do Aln, antes de Alnwick e Denwick serem fundadas no trecho intermédio do território despovoado. É possível que a bifurcação destas estradas e o layout da aldeia Angla original em Alnwick sejam perceptíveis no plano de cidade atual, ainda que o estabelecimento do grande castelo Normando e as transformações no sistema de rotas principais tenham, provavelmente, interferido nestas características anteriores.

A rota única a partir de Lesbury alcançaria Alnwick na linha da atual Alnmouth Road, utilizando troços construídos sobre areia outrora transportada por um glaciar. Ao invés de continuar ao longo de caminhos de areia semelhantes até Denwick, poderia cruzar o Aln a meio do caminho num ponto conveniente, num trecho mais aberto do vale. A antiguidade desta estrada é sugerida pela sua representação como estrada principal no Mapa de Mayson de 1622<sup>3</sup> aproximadamente com o mesmo traçado de hoje. Em termos geológicos, o local mais provável para a sua bifurcação principal seria o centro da cidade atual, pois é sobre este local que os afloramentos rochosos que formam o Alnwick Ridge se aproximam do lençol de sedimentos arenosos de Alnwick (Fig. 3).<sup>4</sup> Isto permitiu que as três ramificações a poente para Eglingham, Whittingham e Edlingham alcançassem separadamente os seus objetivos seguindo sobre solo firme e seco, constituído por rochas sólidas e areias glaciais.

---

Topónimos do período Anglo Inicial terminados em *-ing* e *-ingham*

Topónimos da segunda fase de assentamento do período Anglo compostos por nomes pessoais e sufixos *-bury*, *-bottle*, *-ton*, *-wick*, *-worth*

Topónimos de burgos reais posteriores

Topónimos escandinavos e do período Anglo Tardio descrevendo características topográficas

Topónimos de assentamentos menores nas paróquias de Alnwick e Denwick

Estradas Romanas (Devil's Causeway)

Caminhos de Lesbury para assentamentos do período Anglo Inicial a oeste

Fronteiras atuais das paróquias de Alnwick e Denwick

Terrenos acima de 800 pés (243,8m)

Extensão arenosa de formação glaciar em Alnwick e

Terrenos entre 400 e 800 pés (121,9 e 243,8m)

Denwick

---

Tradução do texto da FIGURA 2

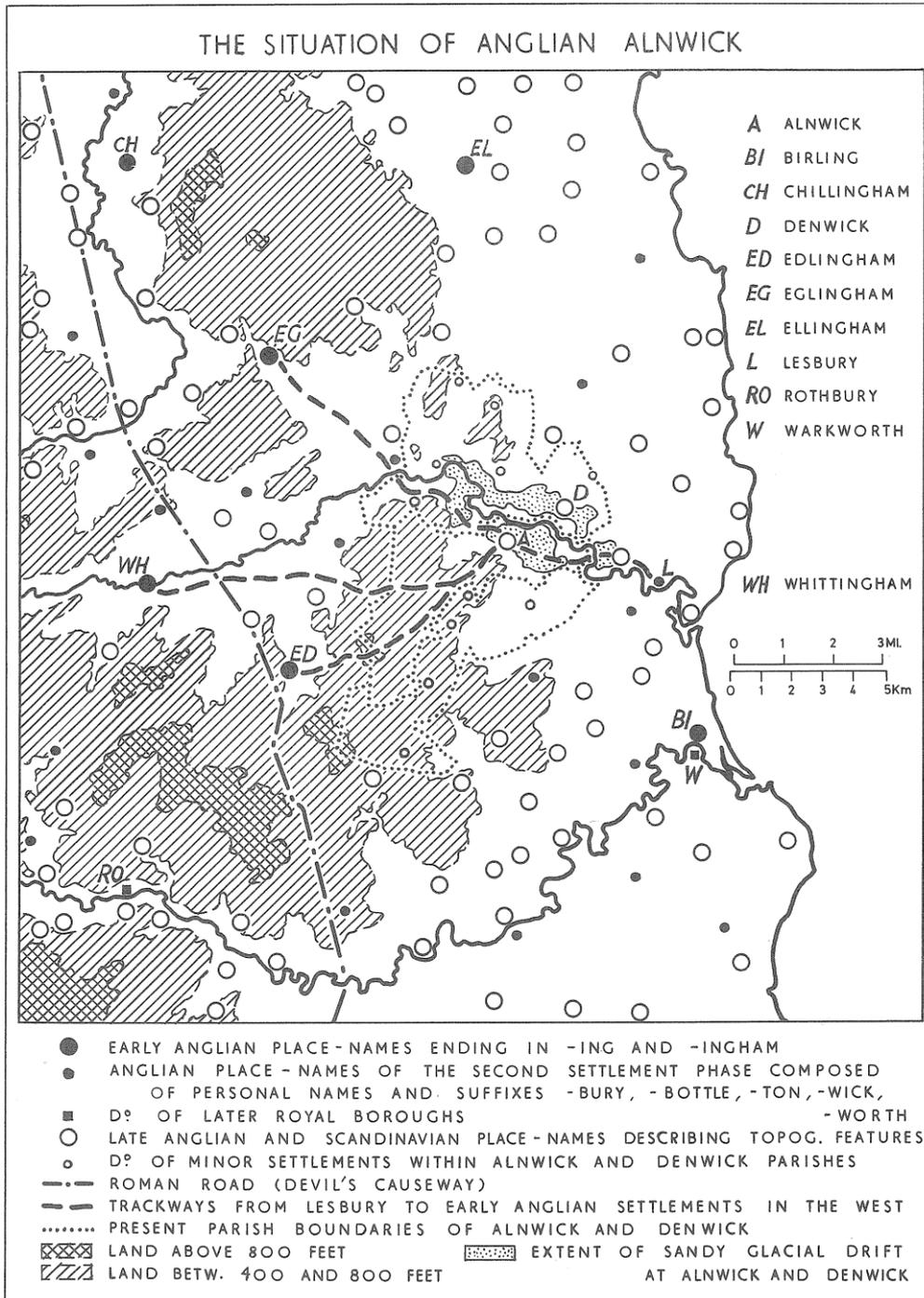


FIGURA 2. A SITUAÇÃO DE ALNWICK NO PERÍODO ANGLO

A rota noroeste para Eglington atravessaria as areias de Alnwick e, mais a noroeste, Fell Sandstone, nas encostas de Brizlee Hill. As rotas para Whittingham e Edlington seguiriam juntas pelo Alnwick Ridge na direção sudoeste, bifurcando apenas onde o afloramento sólido dava lugar à pedra de argila de Alnwick Moor. De facto, as três rotas são representadas no Mapa de Moor, preparado por Mayson em 1622, como estradas principais nas posições correspondentes. A estrada de Eglington aproximava-se de Alnwick passando por Bassington, East Brizlee, Stony Peth e Ratten Row, no lado noroeste da cidade. Esta aparece como a única estrada principal para Eglington no Mapa de Northumberland de 1769, de Armstrong, e até 1824 existia como uma ‘estrada de freio’,<sup>5</sup> antes da extensão e redesenho de Hulne Park terem destruído completamente esta antiga servidão de passagem. A rota combinada de Whittingham e Edlington aproximava-se de Clayport Bank no lado sudoeste da cidade através de Moor, passando pelas velhas pedreiras, numa localização mais próxima do topo de Alnwick Ridge do que a atual Rothbury Road.

A confluência dessas estradas com a antiga rota de Lesbury poderá ser detetada no plano do centro de Alnwick. Ninguém observando o centro de Alnwick pode ficar indiferente ao tema amplo e simples desta bifurcação, com Bondgate a apontar para noroeste e Market Street / Clayport Street para sudoeste. Ao aproximar-se desta bifurcação ao longo da linha da atual South Road e Bondgate, a estrada de Lesbury poderia permanecer na cumeeira de um terreno relativamente plano, logo abaixo da curva de nível dos 60 metros. Isto proporcionou interseções acessíveis das cinco linhas de drenagem na encosta nordeste de Alnwick Ridge, desde Aller Burn, a nascente, a Wash Burn ou Canongate Burn, a poente. Isto permitiu que a rota Angla para Eglington continuasse através de Bondgate e do trecho sudeste de Narrowgate.

Para além de Bow Burn, o sistema de estradas Anglas parece ter sido interrompido por grandes transformações que se seguiram à construção do castelo Normando, à construção da Great North Road, e ao sucessivo encerramento dos campos de Hulne Park nos séculos seguintes. Ainda assim, a bifurcação de ruas no centro de Alnwick sugere que a rota Angla para Eglington continuava para noroeste logo após Bow Burn. Aqui, uma superfície plana e estreita está relacionada com a suposta rota Angla, do mesmo modo que duas superfícies semelhantes em Bondgate (Fig. 4).<sup>6</sup> O objetivo seguinte na Eglington Road seria a linha de Ratten Row. Existem evidências claras de transformações consideráveis ocorridas antes de 1567 no quarteirão entre Bailiffgate e Pottergate. No Levantamento de Clarkson, realizado naquele ano, as tradicionais propriedades ou parcelas burguesas que ocupavam o lado poente de Narrowgate, a norte de Pottergate, são todas reportadas numa nota de rodapé contemporânea como tendo, em tempos antigos, constituído um caminho comum para a igreja permitindo que estranhos entrassem em Alnwick por Walkergate passando pela igreja, evitando assim a entrada por Bailiffgate, que não fazia parte da cidade, estando sob administração direta do castelo.<sup>7</sup> A propriedade a norte, de facto, aparecia ainda registada como o ‘caminho da igreja’, cercada pela construção da muralha medieval tardia entre Narrowgate e a atual Northumberland Street. A mesma propriedade aparece no Levantamento de Northumberland de 1586 como ‘uma quinta, mais tarde um caminho Comum designado caminho da Igreja al.<sup>s</sup> Alyene Lane’.<sup>8</sup> O Levantamento de Mayson de 1622-24 tem um registo idêntico. O seu mapa mostra as remanescências, não encerradas, da velha estrada atravessando o quarteirão entre a esquina da

Bailiffgate e a atual Northumberland Street em direção ao cruzamento de Bow Burn em Narrowgate (Fig. 5 e limites de 1620 na Fig. 9). No Mapa de Wilkin, de 1774, este vestígio é reduzido, mas contínua evidente. Para além disso, o Mapa de Mayson, embora represente o lado sul de Bailiffgate e o lado norte do Pottergate como totalmente construídos, não mostra nenhuma casa no trecho intermédio de Narrowgate. O extremo nascente de Ratten Row tem um alargamento em forma de trompete, como se para indicar uma grande área de beira de estrada ou uma antiga estrada para o gado. A posição e configuração de um campo encerrado (Salisbury Lands) imediatamente a nascente, ocupando o terreno entre o topo de Canongate e o atual vicariato, sugere que esta parcela foi retirada da estrada, ou da beira de estrada. A abrupta mudança de direção da Narrowgate no cruzamento de Bow Burn parece ser uma característica posterior. Por outro lado, Pottergate (anteriormente Barresdale Street) parece ter sido sempre uma estrada local conduzindo a Howling Lane e aos campos adjacentes de Barresdale.<sup>9</sup> A evidência cartográfica no Levantamento de Mayson suporta isto mesmo, e a configuração dos terrenos em Pottergate, e a poente de Pottergate, também sugere que qualquer estrada com um objetivo mais distante contornaria o flanco norte, em vez de avançar diretamente sobre a elevação ('Watts Knowe' = Watch Know, Lookout Hill; Figs. 3 e 9). Todas estas evidências apontam para que a rota Angla fosse em direção a noroeste a partir de Bow Burn, juntando-se à linha atual de Ratten Row e continuando ao longo de Stony Peth em Hulne Park.

A linha combinada das rotas Anglas para Edlingham e Whittingham bifurcava da estrada de Eglingham em Bondgate e seguia ao longo de Market Street, evitando assim a subida íngreme imediatamente a sul. Continuava através de Clayport Street até Clayport Bank, e através de Alnwick Moor (Figs. 3 e 4). O traçado suave e informal e a largura de Market Street, Clayport Street e Clayport Bank certamente sugerem características de grande antiguidade no plano de cidade, fielmente retratadas no Mapa de Mayson. No Mapa de Moor, de Mayson, a antiga estrada é representada seguindo para sudoeste, subindo Alnwick Ridge, passando por St. Thomas's Farm, através de Bank Top.

Desta discussão, a importante bifurcação no centro de Alnwick, com um tronco nascente e dois ramos divergentes para poente, emerge como a característica mais antiga do atual plano de cidade e provavelmente mais antiga do que a aldeia Angla. Como tal, representa um *traçado herdado*.

### *Sítio e Forma do Assentamento*

Na ausência de evidências históricas e arqueológicas, a localização do assentamento Anglo representa um problema estimulante, e as evidências topográficas são suficientemente ambíguas para admitir pelo menos duas hipóteses diferentes.

O sítio do antigo assentamento é amplamente, mas não estritamente, circunscrito pela geologia e relevo na margem sul do Aln (Figs. 2 e 3). Aqui, o lençol espesso de sedimentos arenosos cobre a argila de pedra, e gerou um tipo de sítio comumente escolhido pelos colonos Anglo-Saxões, já que significava um desbravamento mais fácil, um terreno para construção bem drenado, e a certeza de abastecimento de água.

Um possível sítio para o assentamento original poderia ser próximo da igreja, no amplo esporão relativamente plano agora ocupado por Bailiffgate, incluindo talvez a área do castelo

atual, já que a ocupação de partes de um assentamento anterior por um castelo Normando não é invulgar (Fig. 4). Em 1147, data da primeira referência, a atual igreja paroquial no extremo poente de Bailiffgate era a ‘capella de Alnewic’, pertencente à igreja de Lesbury e, como esta, fazia parte do património da recém-fundada Abadia de Alnwick, localizada do outro lado do rio.<sup>10</sup> A igreja pode, ou não, ocupar o sítio da sua antecessora Angla. Em qualquer caso, o seu sítio é contíguo ao território pertencente a Bailiffgate, que até ao início do século XIX estava sob a jurisdição direta do castelo sendo, portanto, distinto da cidade muralhada e dos seus campos. Em todos os levantamentos do sistema senhorial de Alnwick, esta área inclui Salisbury Lands e as partes adjacentes de Ratten Row, separando assim a igreja e o cemitério do burgo. Se a aldeia original ocupava o sítio de Bailiffgate, estaria na extremidade norte da formação arenosa, em total conformidade com o seu nome Anglo mas situada de forma bastante excêntrica e menos conveniente relativamente aos antigos campos comuns. Estes campos, a julgar pelos seus nomes no Mapa de Mayson, ocuparam amplamente os solos mais leves da formação arenosa, sobrepondo-se à pedra de argila e aos arenitos, a leste e sudoeste (Fig. 3).

No entanto, a área em torno do atual mercado constitui outra solução (Fig. 1). Embora esta alternativa separe o sítio da igreja, e não nos ofereça tão claramente uma ‘aldeia à beira do Aln’ (‘wic by the Aln’), é suportada por uma série de considerações. Vimos que a aldeia original pertence, provavelmente, à última fase de expansão do assentamento Anglo. W. Page mostrou há muito tempo que, embora os assentamentos do início do período Anglo-Saxónico não tivessem nenhuma associação estreita com quaisquer estradas, os da fase de expansão, durante os períodos tardios Anglo-saxónico e Dinamarquês, muitas vezes mostraram essa relação na estrutura dos seus layouts. Isto pode ser tão simples como uma rua ladeada por propriedades rurais em ambos os lados, ou influenciada de modo direto pelo traçado de estradas existentes.<sup>11</sup> Isto implica que, com a consolidação gradual da vida política e económica na Inglaterra Anglo-Saxónica, os perigos anteriores de uma localização ao longo da estrada foram sendo progressivamente compensados pelas vantagens económicas. A localização na bifurcação da estrada, no caso de Alnwick, estaria de acordo com esta visão. Para além disso, ofereceria um sítio relativamente plano, num macro relevo bastante acentuado, tão espaçoso quanto Bailiffgate, e mais convenientemente abastecido de água. Também estaria melhor posicionado relativamente a todo o sistema de campos abertos.

Em suma, a bifurcação da estrada antiga parece ser o sítio mais provável. Mas, qualquer que seja a localização inicial, é tentador poder especular sobre o layout concreto da aldeia e compará-lo com as formas dos assentamentos tradicionais do Nordeste de Inglaterra. A ampliada rua de Bailiffgate e o importante triângulo quase equilátero, formado no centro da bifurcação da velha estrada pela adição de Fenkle Street, sugerem duas variantes do que provavelmente era o tipo mais comum: a chamada aldeia verde medieval (green-village<sup>v</sup>).<sup>12</sup> Este tipo de aldeia tem sido objeto de investigação por H. Thorpe, que não chega a nenhuma conclusão firme sobre as suas origens.<sup>13</sup> As evidências são realmente desconcertantes. As aldeias verdes medievais são regularmente associadas a topónimos Anglo-Saxónicos, e alguns

<sup>v</sup> Uma aldeia em que um conjunto de edifícios rodeia uma área verde (normalmente o ponto focal da aldeia) frequentemente usada para pasto dos animais.

FIGURA 3. O SÍTIO DE ALNWICK MODERNA

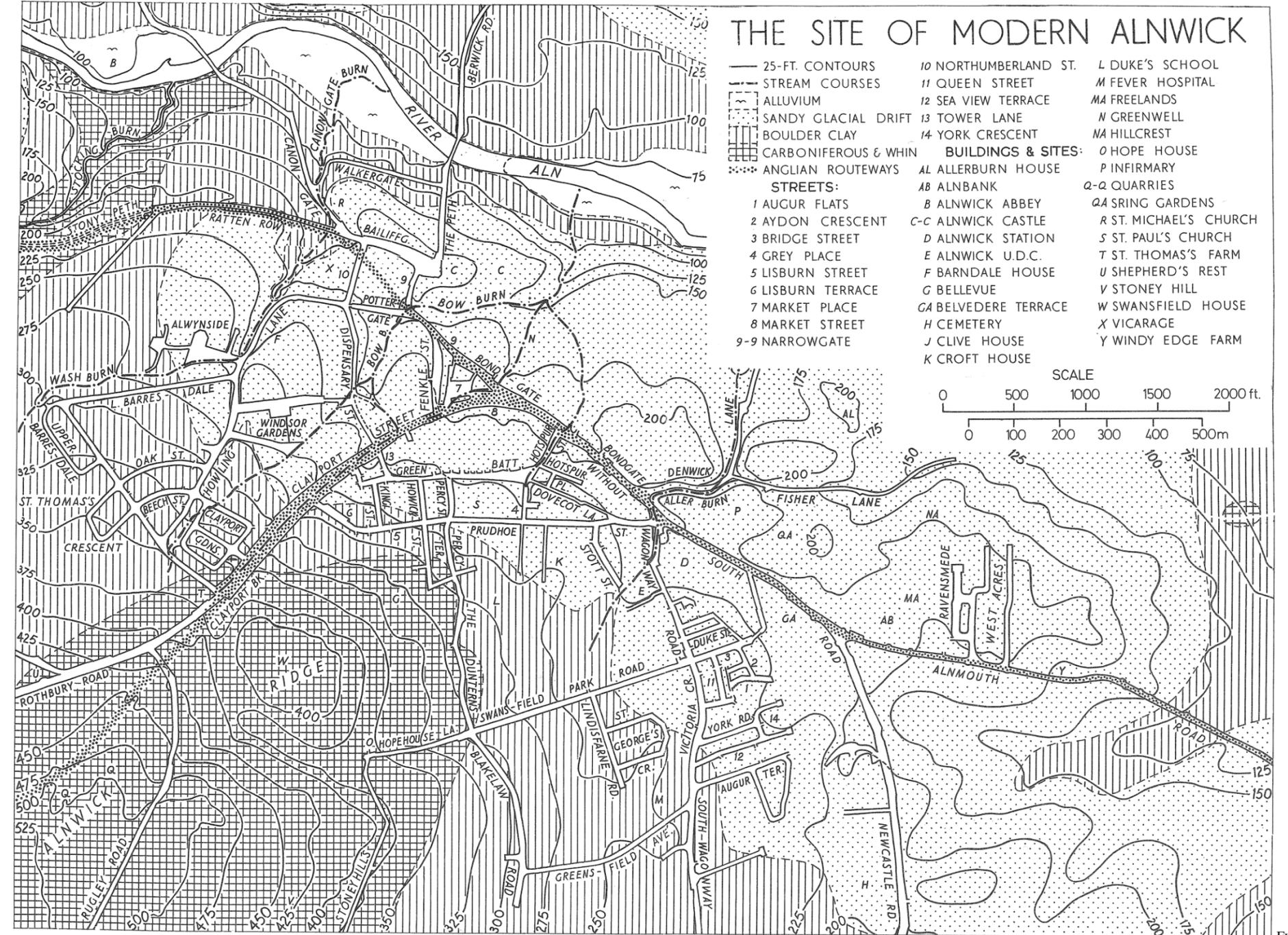


FIGURA 3

dos subtipos morfológicos, como os grandes espaços verdes triangulares, parecem arcaicos na sua forma. Mas as ‘ruas verdes medievais’ (‘street-greens’<sup>vi</sup>), como em Trimdon (Co. Durham), são surpreendentemente semelhantes às organizadíssimas ‘aldeias verdes medievais’ da colonização da Alemanha Oriental nos séculos XII e XIII. Não se pode evitar suspeitar que, tendo em vista a grande variedade de formas observáveis, a expressão abrangente ‘aldeia verde medieval’ combine tipos de origens muito diferentes, mesmo neste país. Se a forma atual de Bailiffgate não fosse considerada como o produto de transformações pós-Anglas, poderia ser interpretada como a preservação da forma de uma estreita rua verde medieval. É mais provável que o triângulo formado por Bondgate, Market Street e Fenkle Street seja uma antiga aldeia verde medieval, i.e., uma inserção no entroncamento da rota pré-existente. No layout e no nome, Fenkle (‘ângulo’)<sup>14</sup> Street aparece como uma adição à bifurcação original, ainda que inicial. Mais tarde, será mostrado que todo este triângulo, chamado *Triângulo Central* neste estudo, deve ter sido originalmente um espaço aberto e que os pequenos quarteirões nele contidos são um desenvolvimento mais recente. Parece provável que neste sítio central tenha havido uma aldeia verde medieval com um grande espaço verde triangular, de traçado um pouco arcaico, atravessado na sua parte sul por um curso de água que aparece em mapas até 1726 e 1850<sup>6</sup>. Como muitas aldeias verdes medievais semelhantes em Northumberland, esta era adequada a uma economia pastoril que necessitava de proteção noturna, originalmente de animais selvagens e posteriormente de invasores. Convenientemente localizada num entroncamento de rotas, esta comunidade pode ter precisado apenas de um ligeiro impulso para se transformar em algo mais do que uma aldeia camponesa.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> A. MAWER, *The place-names of Northumberland and Durham* (1920), 5: Alnwick = herdade ou *wic* (residência, vila) à beira do Aln. S. W. WOOLDRIDGE, ‘The Anglo-Saxon settlement’, Figura 16 e p. 120, em H. C. DARBY, *An historical geography of England before A. D. 1800* (1936). R. G. COLLINGWOOD & J. N. L. MYRES, *Roman Britain and the English settlements* (1936), 420. F. M. STENTON, *Anglo-Saxon England* (1947), 74, 76. NORTHUMBERLAND COUNTY HISTORY COMMITTEE, *History of Northumberland*, vol. vii (1904), 14; vol. xiv (1935), 361-483.

<sup>2</sup> MAWER, op. cit., 133-4: Lesbury = Leech’s *burh* ou lugar fortificado. *History of Northumberland*, vol. ii (1895), 438-9. TATE, op. cit., vol. i, 38.

<sup>3</sup> Isto, juntamente com o Mapa de Moor, de Mayson, em *The exemplification of Mayson’s Survey*, 1622-24. Cf. referências na p. 125.

<sup>4</sup> Na Figura 3, os contornos são os do *1/25,000 O.S.* edição provisória, folhas 46/11 e 46/21. A geologia representada é do Geological Survey of England and Wales, Northumberland N.S. folha N XXXV. N.W (6-polegadas). Para a geologia da área de Alnwick cf. também CARRUTHERS *et al.*, *The geology of the Alnwick district*, Memoir of the Geological Survey of England and Wales, folha 6 (1930) 98-9. T. S. WESTOLL, D. A. ROBSON & R. GREEN, *A guide to the geology of the district around Alnwick* (1955).

<sup>5</sup> *A map of a projected turnpike road from Haggerston blacksmith’s shop to Alnwick, etc.* por N. WEATHERLY, surveyor (1824).

<sup>6</sup> Na Figura 4, os contornos de 25-pés são os do *1/25,000 O.S.* edição provisória, folhas 46/11. Os contornos de 5-pés foram obtidos por interpolação a partir dos níveis locais de 10-pés (1/528) O.S. séries de Alnwick (1866), folhas 1-8, ajustado tanto quanto possível para o atual O.D. e por observação de campo. A reconstrução dos antigos

<sup>vi</sup> Uma rua com áreas verdes para pasto dos animais em um ou nos seus dois lados.

curso de água é baseada na leitura cuidadosa dos seguintes mapas: *Map of part of the Town of Alnwick*, 1726; *A plan of the Town and the Castle of Alnwick, etc.* por I. THOMPSON, 1760; *Plan of the Town and Castle of Alnwick* by TH. WILKIN, 1774; *Plan of the water course which supplies Alnwick Castle with water* por TH. WILKIN, 1785; *Ground plan and profile of levels, etc.* por R. TATE, 1815; e um mapa de Alnwick representando as linhas de drenagem, em R. RAWLINSON, *Report to the General Board of Health*, 1850.

<sup>7</sup> Clarkson's Survey, 1567, fol. 43.

<sup>8</sup> *Survey of Northumberland*, 1586, fol. 26.

<sup>9</sup> TATE, op. cit., vol. ii (1868-9), 366, 370-1.

<sup>10</sup> TATE, op. cit., vol. ii, 105.

<sup>11</sup> W. PAGE, 'The origin and forms of Hertfordshire towns and villages', *Archaeologia*, 69 (1917-18), 49.

<sup>12</sup> M. R. G. CONZEN, 'Modern settlement' em *Scientific survey of North-eastern England* (1949), 77-8, e mapa de distribuição separada.

<sup>13</sup> H. THORPE, 'The green villages of County Durham', *Transactions and Papers*, 1949, Institute of British Geographers, 15 (1949), 179-80; 'Some aspects of rural settlement in County Durham', *Geography*, 35 (1950), 250.

<sup>14</sup> R. O. HESLOP, *Northumberland words* (1892), vol. I, 281; J. WRIGHT, *The English dialect dictionary* (n.d.), vol. ii, 334; TATE, op. cit., vol. ii, 366.

## CAPÍTULO 5

### ALNWICK NOS PERÍODOS MEDIEVAL E MODERNO INICIAL

#### *Localização e Sítio*

NO Nordeste da Inglaterra, a Conquista Normanda trouxe uma reorientação considerável das relações regionais. A Northumberland Angla tinha sido o coração do reino de Bernícia, com a sua primeira capital em Bamburgh, mas as diferentes partes, mesmo com as melhorias nas comunicações terrestres alcançadas no período Anglo Tardio, teriam uma completa autonomia económica e uma considerável autonomia administrativa. A Northumberland Normanda, por outro lado, era uma região de fronteira de um reino muito maior com o seu centro no sul distante, tendo a sua fronteira continuamente contestada. O elaborado mecanismo de defesa militar característico do regime Normando, fortemente organizado, foi imposto à Northumberland Angla fornecendo-lhe novas linhas estratégicas – como a Great North Road, capaz de transportar colunas organizadas de exércitos – e um sistema de grandes castelos de fronteira que protegia essas linhas. A distância de Northumberland em relação ao sul exigiu a delegação do poder militar do rei aos chefes vassallos, conduzindo à atribuição de títulos de barões de fronteira e a algumas peculiaridades da vida social e política que se refletem na geografia dos assentamentos.

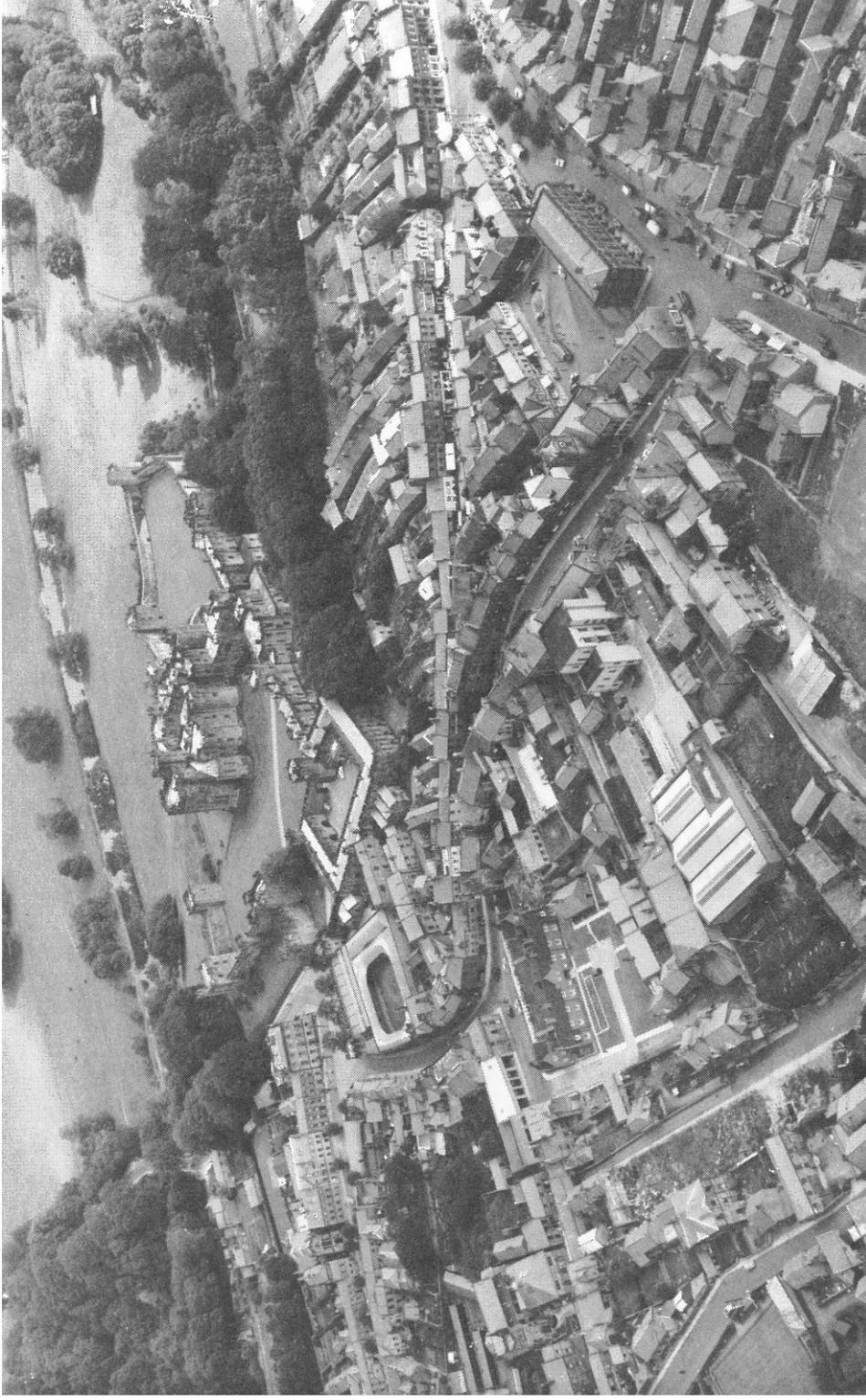
Alnwick, localizada a meio caminho entre Newcastle e Berwick, na grande rota de planície de Northumberland, onde esta cruza uma das linhas transversais do rio, foi significativamente afetada por estas mudanças e rapidamente se tornou num ponto importante no sistema de defesa estratégico da Fronteira. Sendo um importante ponto de paragem na nova linha estratégica da Great North Road, combinava uma excelente localização regional com o sítio adequado para uma fortaleza no extremo nordeste de Alnwick Ridge. Aqui, o longo declive norte da cumeeira é convenientemente interrompido por uma extensão de terreno mais plano acima dos 180 pés (54.9 metros), sendo também cortado por cinco riachos formando uma série de esporões (Fig. 4). Entre estes, o esporão formado pela erosão de Bow Burn oferecia todas as vantagens necessárias para a implantação de um importante castelo. Relativamente nivelado no topo, era delimitado por encostas íngremes em três lados, e ficava suficiente perto do rio para colocar o cruzamento da estrada principal ao alcance dos disparos da nova fortaleza. Durante a Idade Média e até 1770, a única ponte medieval ficava a cerca de 30 jardas (27.4 metros) a jusante da atual Lion Bridge e, portanto, um pouco mais próxima do castelo (Figs. 1 e 5).<sup>1</sup> A nova Great North Road foi construída para subir a encosta norte do esporão como uma estrada de acesso íngreme (Northumbrian ‘peth’<sup>2</sup>), inclinada o suficiente para quebrar a força do avanço do inimigo, mas não muito inclinada para o transporte de carga daqueles tempos. Para além disso, a existência de uma comunidade agrícola nas imediações, se não constituiu uma vantagem decisiva, terá sido pelo menos conveniente para a guarnição do castelo.

### *Castelo de Alnwick*

O castelo Normando é anterior ao burgo medieval de Alnwick, embora não seja anterior, obviamente, à aldeia Angla, e somente neste sentido pode ser considerado *o núcleo pré-urbano* de Alnwick. Evidências estruturais indicam que o Castelo Normando tinha praticamente o mesmo layout do atual, com a sua torre de menagem e dois pátios; exceto que a torre de menagem, então, confinava a norte diretamente com o terreno exterior (Fig. 5).<sup>3</sup> Era um dos maiores castelos Normandos da Fronteira e as vantagens naturais do sítio foram potenciadas por terraplenagens artificiais, especialmente no extremo nascente, para acolher uma estrutura com tão grande dimensão, conferindo-lhe um perímetro inexpugnável. Mas a forma geral do layout do castelo respeita, em larga medida, a forma de cunha do esporão em que foi implantado. A partir da ampla base do pano de muralha oeste, que dominava a estrada principal próxima e que continha a porta principal, protegida por uma fortificação, o layout estreitou em direção ao seu vértice na Ravine Tower (Records Tower) na extremidade leste do esporão. Como elemento principal de um baronato feudal, o castelo era a residência de uma população relativamente grande, com funções administrativas e domésticas. Deveria ter também uma grande guarnição, pelo menos quando foi construído pelos Vescis no final do século XI ou início do século XII, e era conhecido como *munitissimum castellum*, e também quando foi quase completamente reconstruído por Henry de Percy no início do século XIV. Naquela época, o responsável pelo Castelo de Alnwick tinha de manter uma guarnição regular de 40 homens de armas e 40 cavaleiros, embora em 1315 a guarnição do castelo totalizasse mais de 3,000 homens de armas, para além dos cavaleiros.<sup>4</sup> Apesar das mudanças estruturais nos tempos modernos, o Castelo de Alnwick permanece ainda hoje como um dos dois elementos históricos mais impressionantes no plano de cidade existente (Fig. 18).

### *Bailiffgate*

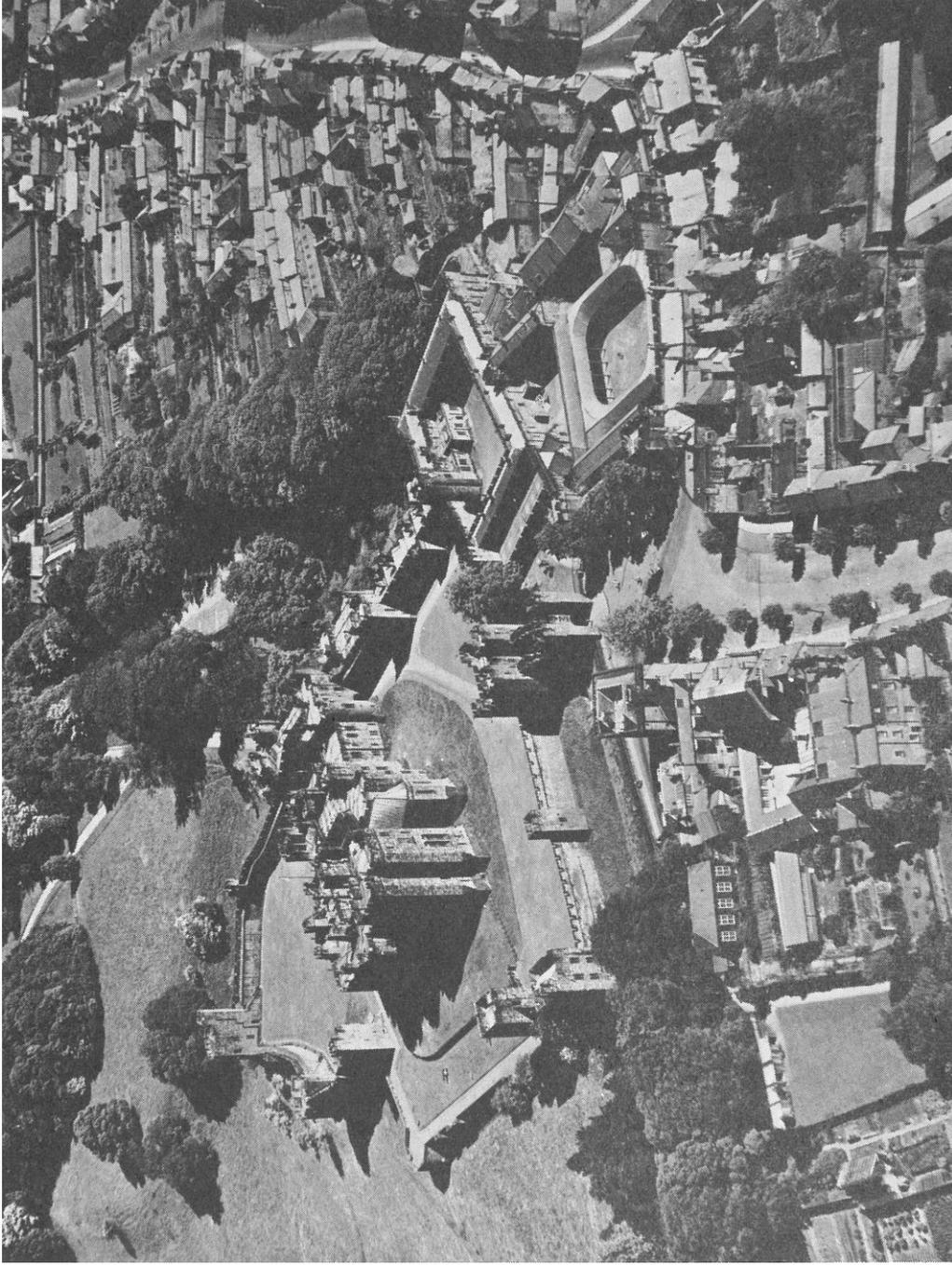
Em tempos de guerra, quando o castelo se tornava o ponto de encontro dos exércitos feudais do território do baronato, o número de soldados aqui reunidos seria consideravelmente maior do que o que poderia ser acomodado no castelo. O mesmo acontecia nas ocasiões em que os vassalos e inquilinos do baronato compareciam ao tribunal baronial. Então, alojamentos extra tiveram de ser encontrados perto da porta do castelo, havendo evidências históricas que mostram a sua localização em Bailiffgate. O Levantamento de Clarkson não só afirma isto mesmo em termos gerais, mas identifica dois grupos de propriedades dentro de Bailiffgate que terão formado os aposentos de alguns dos maiores vassalos quando prestavam serviço no castelo (Fig. 5).<sup>5</sup> Um destes, conhecido como ‘in auncyent tyme mydletons lodginges’, incluía três propriedades no limite este de Bailiffgate (M na Fig. 5). O outro grupo consistia em quatro propriedades (*tenementa*) conhecidas como ‘hiltone lodginges’ que ocupavam a metade poente do lado norte de Bailiffgate (H na Fig. 5). A existência destes ‘alojamentos’ em duas partes diferentes de Bailiffgate sugere que, na Idade Média, esta rua era em grande parte, senão inteiramente, ocupada por milícias ou por pessoas reunidas para fins administrativos. É significativo o facto de, no mesmo levantamento, nenhuma destas propriedades pagar renda ao chefe da cidade (*praepositus burgi*). Para além disso, todas as outras antigas propriedades



FOTOGRAFIA I — A CIDADE VELHA VISTA DE SUDOESTE

*Turners (Photography), Ltd., Newcastle*

Triângulo Central com a concreção do mercado e Assembly Rooms à direita. Séries de parcelas burguesas profundas, com três subtipos, em redor do Triângulo. Adjacente à Fenkle Street, subtipo em primeiro plano: pousio urbano e redensolvimento aumentativo. Cintura Periférica Interior no canto inferior esquerdo e em toda a metade superior da imagem.



FOTOGRAFIA II – O CASTELO E PARTE DA CIDADE VELHA VISTA DE NOROESTE *Aerofilms e Aero Pictoral, Lda.*

Cintura Periférica Interior com Hunter's Croft (canto inferior esquerdo), complexo do Castelo, Castle Grounds e Bondgate Tower (canto superior direito). Bailiffgate Suburbium em primeiro plano. Séries de parcelas burguesas profundas (subtipo Bondgate) à direita.

dentro da área de Bailiffgate tinham a designação *tenementum*, em contraste com a usual propriedade *burguesa* (*burgagium*) da cidade, e pagavam renda ao chefe do castelo (*praepositus castris*), enfatizando assim a separação de Bailiffgate relativamente à cidade, mencionada anteriormente.

Assim, a evidência sugere que Bailiffgate era um assentamento separado da cidade, intimamente relacionado com o castelo e suas funções militares e administrativas, e sob a jurisdição imediata do barão ou do seu ministério. A igreja paroquial próxima, além de constituir um elemento protetor no seu esporão no extremo poente de Bailiffgate, à semelhança do castelo, numa escala maior, no extremo este, pode ter tido conexões mais próximas com este assentamento militar se tomarmos como indicação a sua dedicação a St. Michael. Isto está em concordância com a argumentação de G. Tate, que explica o nome Bailiffgate (pronuncia-se 'Belleygate') com o significado de 'bailey-gate' ('pátio-porta'), designando uma espécie de pátio adicional ao castelo que, junto com Ratten Row, era usado como campo de treino para os cavaleiros. Não está em contradição com as evidências cartográficas e topográficas anteriores.<sup>6</sup> No Mapa de Mayson a área norte de Narrowgate, embora dividida em parcelas com forma alongada, não tem edifícios e, portanto, permite que Bailiffgate apareça como um núcleo separado. Isto pode indicar apenas uma situação casual, resultado de um incêndio ou mesmo de uma invasão da fronteira cinquenta ou sessenta anos antes, uma vez que as parcelas que ocupam o sítio de Hilton's Lodgings em Bailiffgate e algumas outras frentes de rua em Alnwick, que se poderiam esperar construídas, também são representadas sem edifícios. A evidência topográfica atual mostra claramente um amplo alargamento da rua em direção à porta do castelo, com desenvolvimento em fileira de ambos os lados, e com um padrão de parcelas alongadas e curtas por trás de cada frente de rua. Assim como acontece com as diferentes parcelas alongadas do centro de Alnwick, a analisar posteriormente, as parcelas de Bailiffgate são indubitavelmente identificáveis com as propriedades (*tenementa*) registadas no Levantamento de Clarkson, em 1567, e muito provavelmente representam unidades medievais de propriedade de terra. O argumento de Tate de que no século XVIII haveria uma cruz na Castle Square no extremo leste de Bailiffgate, e que aqui se realizava um mercado de produtos do campo, pode indicar uma sobrevivência das atividades do mercado medieval.<sup>7</sup> Praticamente todas as características discutidas aqui, relativas ao assentamento de Bailiffgate, mostram afinidades com o *suburbium* medieval da Europa feudal, um tipo inicial de assentamento não muralhado diretamente abaixo da porta de uma fortaleza (*sub urbe*) ou outro núcleo pré-urbano.<sup>8</sup> Isto suporta a ideia de que, nas suas características gerais, o layout atual de Bailiffgate pode ser Normando, e não um elemento do plano residual da era Angla. Assim sendo, foi habilmente localizado num terreno razoavelmente plano perto do castelo e em comunicação direta com duas rotas. A rota mais antiga partia de Egingham, o novo Baronato de Wooler, e a fronteira de Tweed em Wark e Norham. A nova rota partia de Berwick, passava pela porta do castelo e, após um desalinhamento à sua frente (provavelmente uma característica posterior motivada pela necessidade de recuperar espaço para parcelas adicionais no lado nascente de Narrowgate e Bailiffgate), descia a encosta juntando-se à antiga rota de Edlingham no cruzamento de Bow Burn. Hoje, o layout do Bailiffgate, com o seu amplo espaço da rua e as duas séries de *parcelas*

*arrendadas (tenements)*, sobrevive com relativamente menos mudanças do que qualquer outra unidade de plano medieval na cidade.

### *O Desenvolvimento Económico do Sistema Senhorial*

Como referido acima, parece improvável que a criação do Burgo de Alnwick tenha quebrado a continuidade topográfica do desenvolvimento no sítio. A primeira carta conhecida, concedida por William de Vesci, Lorde do Baronato de Alnwick, a ‘meus burgueses de Alnewic’, algures entre 1157 e 1185, é breve e não dá nenhuma indicação sobre a instituição de um novo sítio ou layout para a cidade, sendo que o mesmo se aplica às cartas subsequentes.<sup>9</sup> Assim, é muito discutível se a anterior aldeia Angla terá sido extensivamente transformada quando foi elevada a uma nova condição que, no entanto, correspondia apenas a um burgo senhorial. Muito provavelmente, cresceu gradualmente até se tornar uma cidade, depois do castelo Normando ser ali construído como representação de um dos importantes baronatos fronteiriços no norte.

Vimos que o Triângulo Central de Alnwick sugere tanto a localização como a forma da anterior aldeia. Se esta visão estiver correta, o plano original poderia ser adaptado à sua nova função, como um traçado herdado sem quaisquer alterações. Os *aldeões* da antiga aldeia poderiam tornar-se *burgueses*, e as suas *casas e campos (tofts and crofts)* ser transformados em *parcelas burguesas*. Na verdade, se fosse possível provar que estas aldeias verdes medievais do Nordeste da Inglaterra, que em algum momento da Idade Média funcionaram como mercados, receberam o seu layout atual na época Angla, teríamos muitos casos em paralelo.

A evidência histórica recolhida por Tate mostra que a posição de Alnwick cedo provou ter vantagens económicas e estratégicas, apesar dos perigos dos conflitos na fronteira, que mais do que uma vez resultaram na destruição da cidade. A presença do castelo tenderia a estimular as atividades económicas, muito para além das de uma simples comunidade camponesa; não que a cidade medieval se tenha em algum momento separado da agricultura. Dois inquéritos de 1289 revelam a presença de vinte ‘servos’ (‘bondmen’) em Alnwick, i.e., camponeses que mantinham as suas terras em domínio de servidão e que, de acordo com Tate, davam o nome a Bondgate.<sup>10</sup> Adicionalmente, havia sete camponeses e os arrendatários livres e burgueses também envolvidos na agricultura. Para além disso, o grande castelo, assim como o contíguo *suburbium* de Bailiffgate, cedo devem ter atraído artesãos que aí encontrariam um mercado para os seus produtos e serviços. Tendo em vista as funções especiais de Bailiffgate, provavelmente, a maior parte deles instalou-se em torno do triângulo verde do antigo entroncamento da estrada, que oferecia mais espaço para o desenvolvimento de um mercado do que o Bailiffgate com as suas atividades militares. O lorde da propriedade senhorial, de quem os habitantes recebiam o direito de posse burguesa no século XII, provavelmente encorajou esta separação geográfica de funções, já que tinha a ganhar com isso, em termos administrativos e financeiros. Infelizmente, não existem registos significativos do processo gradual através do qual o assentamento anterior se transformou em cidade, mas os seus resultados no final do século XIII e na primeira metade do século XIV são bastante claros. A referência a dois comerciantes de vinho em 1181 reflete o processo de especialização no comércio. Cerca de cem anos depois, a referência a um fuller ou

walker<sup>vii</sup> numa escritura de transmissão, e a referência a uma forja ou fundição de ferro, parecem indicar uma variedade crescente de indústrias e, num inquérito judicial da mesma época, o mercado e a feira são mencionados como instituições de ‘uso imemorial’.<sup>11</sup>

Entretanto, a carta de William de Vesci concedeu o direito de propriedade burguesa ao povo de Alnwick de acordo com os costumes de Newcastle, e as cartas subsequentes do século XIII confirmaram as liberdades do burgo senhorial e aumentaram a propriedade corporativa e os privilégios dos burgueses. Por fim, foram feitas concessões que geralmente faziam parte da prerrogativa real: o mercado e a feira foram confirmados por Eduardo I ao lorde da propriedade senhorial em 1297, e o *pedágio* (taxa da ponte) foi concedido por Eduardo III aos burgueses em 1377.<sup>12</sup> Esta última carta sugere um volume considerável de comércio, uma vez que as taxas nela especificadas geram, em três anos, receita suficiente para cobrir os custos da extensa reforma da ponte e pavimentação das ruas. Ao fornecer uma especificação detalhada das taxas, também demonstra a grande variedade de mercadorias que entravam e saíam de Alnwick. Estas incluíam milho, gado, peles, têxteis, uma variedade de matérias-primas, especialmente aquelas usadas no curtimento e tingimento, madeira e outros materiais de construção, e uma grande variedade de provisões e mercadorias diversas. Aparentemente, a divisão do trabalho na produção industrial dentro do sistema medieval de corporações artesanais estava bem representada em Alnwick, embora os registos detalhados das corporações existam apenas para o período Tudor<sup>viii</sup> e posterior. Para além disso, o comércio da cidade com áreas mais distantes era considerável e refletia o caráter económico da região. Em geral, o milho e outras provisões eram importados, e produtos de origem animal, especialmente peles e couros, constituíam o principal comércio de exportação, grande parte do qual já saía através da porta de Alnmouth. A antiga estrada para Lesbury veio assim a ser conhecida como Alnmouth Road.<sup>13</sup>

Nos séculos XVI e XVII, a informação dos registos corporativos do burgo é mais extensa. O comércio da cidade era então considerável e, entre as dez corporações registadas, a dos mercadores era a mais importante. Os curtumes, a principal indústria de Alnwick, baseavam-se num importante produto local e, em meados do século XVII, havia nada menos que vinte e dois curtumes na cidade.

Apesar da variedade de atividades económicas, a cidade era pequena para os padrões modernos e cresceu muito lentamente até a Revolução Agrícola e a melhoria dos transportes introduzirem algumas mudanças na paisagem circundante. Embora a população da cidade por volta do ano 1550 seja estimada em pouco mais de 2,000 habitantes, esta era um importante centro regional, conforme refletido na sua vida social, e muitas pessoas de classe alta da região possuíam casa e residiam em Alnwick.<sup>14</sup>

Deste quadro de desenvolvimento económico e das circunstâncias gerais da sua posição no Território Fronteiriço, pode-se concluir que topograficamente o burgo medieval e moderno inicial experimentou um crescimento lento e moderado a partir de um núcleo que já estava, em larga medida, definido no início.

<sup>vii</sup> A palavra fuller refere-se a um trabalho na Idade Média – alguém que limpava a lã para prepará-la para ser transformada em tecido. O facto de caminharem sobre a lã para limpá-la e branquear as fibras deu-lhes um outro nome – walker.

<sup>viii</sup> O Período Tudor está compreendido entre 1485 e 1603.

### *O Plano de Cidade do Burgo Senhorial Inicial*

A extensão e natureza do plano medieval e do seu desenvolvimento constituem um tema interessante para a análise cartográfica, uma vez que o núcleo, embora ainda reconhecível na paisagem urbana atual como um importante elemento remanescente da Idade Média, foi afetado pelas transformações subseqüentes. Ferramentas essenciais para tal investigação, para além dos Mapas da Ordnance Survey, são o Mapa de Wilkin de 1774 e os levantamentos senhoriais e do burgo desde o Levantamento de Clarkson de 1567 até ao de 1774. Estes levantamentos estabelecem uma ligação com a época medieval, permitindo uma correlação entre os limites de propriedade atuais e as unidades de propriedade de terra do período Tudor. Numa cidade como Alnwick, a maioria destas preserva o padrão medieval de um modo modificado, ainda que não se reportem à Idade Média em todos os detalhes. Em todos os levantamentos, estas unidades são designadas individualmente como *parcela burguesa* (*burgagium*), i.e, a parcela urbana propriedade de um burguês. Esta incluía a sua casa, o jardim e o ‘quintal posterior’, sendo cobrada uma renda fixa como uma contribuição para o imposto comunitário do burgo ou *firma burgi* da cidade, como afirma expressamente a primeira entrada do burgo no Levantamento de Clarkson.<sup>15</sup>

O desenvolvimento topográfico das parcelas existentes pode ser observado a partir de 1851 com a ajuda de vários planos de grande escala da Ordnance Survey. Deste modo, é possível estabelecer uma correlação direta entre os limites das parcelas modernas e os limites das parcelas burguesas de 1774, graças à grande escala e execução cuidadosa do Mapa de Wilkin, e ao Mapa de Wood de 1827 que permite uma verificação intermédia. Isto remete a análise para um período temporal em que os modos predominantes de interferência sobre as formas e dimensão das unidades de parcela burguesa eram a amalgamação de parcelas adjacentes, ou a *mediação*, isto é, a divisão longitudinal de uma parcela burguesa em duas metades, ou ocasionalmente em quatro partes. De 1774 para trás, os diversos levantamentos do burgo permitem uma correlação entre as parcelas burguesas de 1774 e de 1567 através da tripla verificação dos nomes dos proprietários, das rendas e da sequência topográfica utilizada no registo dos diversos levantamentos. Além disso, o mapa de Alnwick do Levantamento de Mayson fornece as áreas de todas as propriedades, embora a verificação nem sempre seja fácil de realizar já que as áreas são fornecidas ‘por estimativa’ e não têm uma relação quantificável constante com as frentes mais importantes. No entanto, à exceção dos exemplos reconhecíveis de amalgamação e mediação, existe uma notável continuidade na identidade da esmagadora maioria das parcelas burguesas como unidades de propriedade, revelada por esta evidência que se estende por mais de 200 anos. Isto fundamenta a hipótese de que, nas suas características gerais, o padrão de parcelas burguesas de 1567 dentro da cidade muralhada é essencialmente o mesmo da Idade Média.

Traçando os limites das parcelas burguesas de 1774 num mapa contemporâneo, as parcelas que ainda fazem parte da paisagem urbana existente podem ser distinguidas daquelas que desapareceram. As amalgamações e divisões prévias que emergem da comparação dos diferentes levantamentos permitem chegar o mais próximo possível do padrão original. A imagem resultante é notável, mostrando o número relativamente elevado de elementos

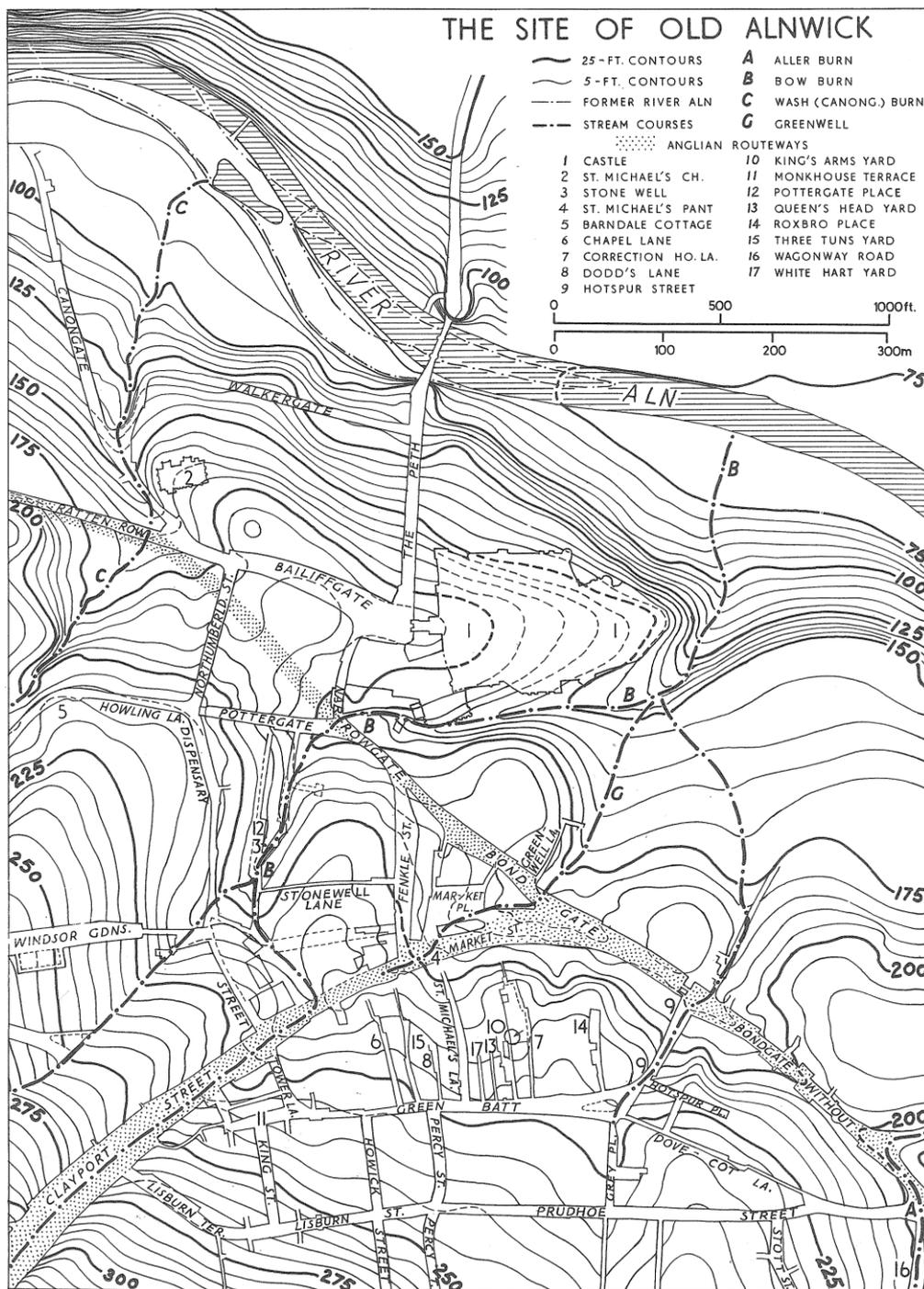


FIGURA 4. O SÍTIO DA VELHA ALNWICK

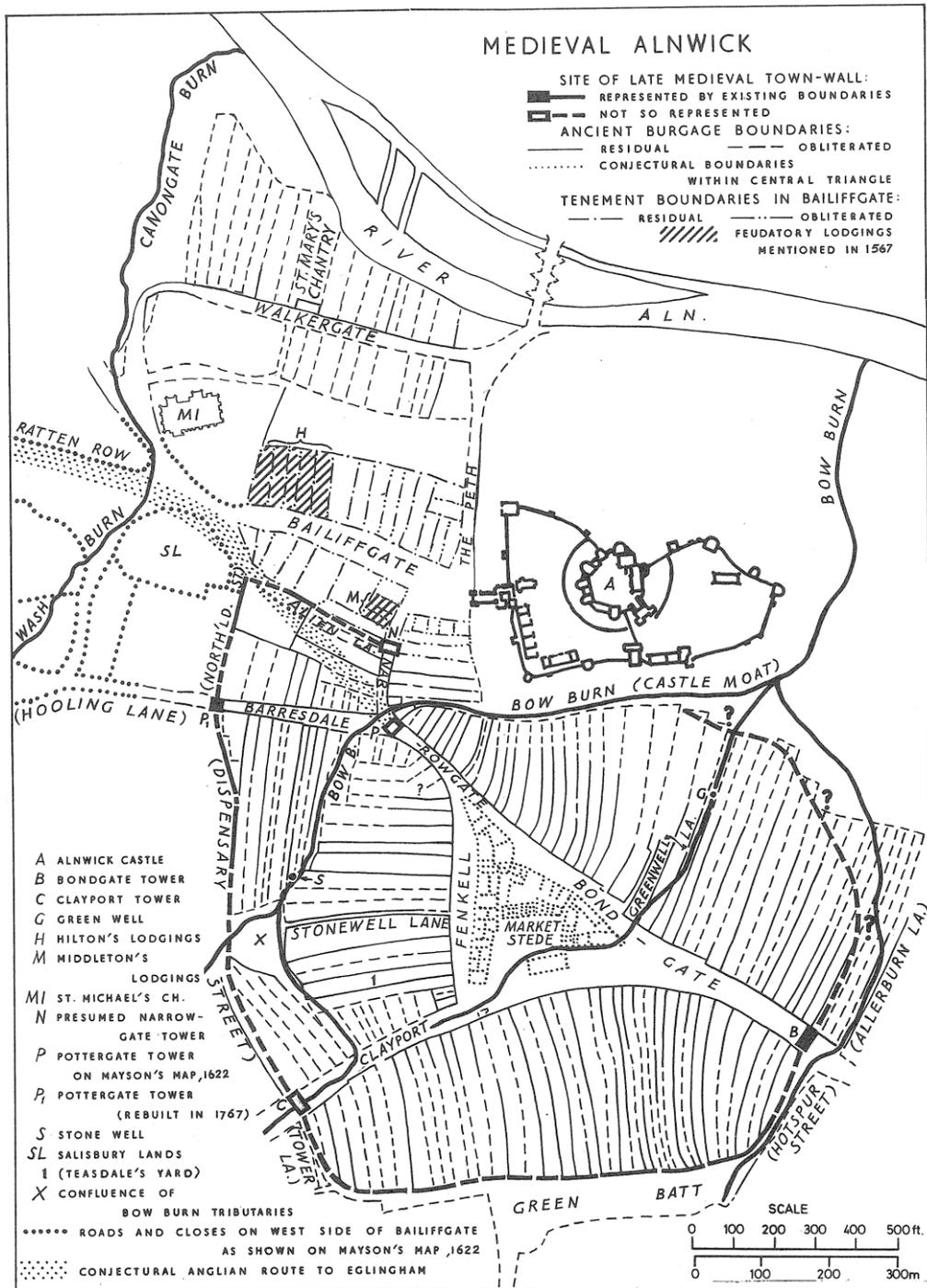


FIGURA 5. ALNWICK MEDIEVAL

---

Sítio da muralha medieval tardia:	
Representada pelos limites existentes	
Imprecisamente representada	
Limites das parcelas burguesas antigas:	
Residuais	Obliterados
Limites conjecturais no Triângulo Central	
Limites das parcelas arrendadas em Bailiffgate:	
Residuais	Obliterados
Alojamentos feudais mencionados em 1567	

---

Tradução do texto (canto superior direito) da FIGURA 5

remanescentes que sobrevivem no plano atual, e esta é, indubitavelmente, uma característica comum das pequenas cidades mercantis (Fig. 5).

Para além disto, o padrão de parcelas burguesas, entretanto reconstruído, pode ser usado para acompanhar o crescimento e as transformações do plano medieval. Na Figura 5, este aparece não como um único padrão unitário, mas como um padrão composto, no qual a linha de Bow Burn e as ruas que definem os limites do Triângulo Central são as ‘costuras’ que separam três partes diferentes (cf. também Figura 1). A maior unidade fica a sudeste de Bow Burn e circunda, mas não ocupa, o interior do Triângulo Central. Forma uma área aproximadamente circular ou oval e mostra a organização distinta das parcelas originais do burgo nos três quarteirões voltados para o Triângulo Central e ruas principais adjacentes. As parcelas burguesas são geralmente *parcelas alongadas*, bastante profundas e estreitas, dispostas aproximadamente em ângulos retos com a linha de rua, e paralelas entre si. Tendem a ser retângulos, mas são frequentemente deformadas localmente em virtude da sua adaptação às condições do sítio. O resultado é um layout lamelado caracteristicamente informal e, quando é duplicado em ambos os lados da mesma rua, como no troço nascente de Bondgate, o conjunto apresenta um padrão de espinha de peixe. Embora o nome ‘Rua Principal’ (‘High Street’) não exista na parte velha de Alnwick, o que acaba de ser descrito é tão típico das principais ruas medievais, ou das variantes de ‘mercado de rua’ encontradas na maioria das nossas cidades mercantis, que esta unidade de plano pode muito bem ser chamada de *layout de rua principal (high-street layout)*. No caso de Alnwick, contudo, um elevado grau de individualidade é conferido pela disposição peculiar das ruas de tráfego principal em torno do Triângulo Central, sendo que o conjunto destas últimas formava o inicial espaço do mercado, como iremos ver. Este corresponde a um tipo especial dentro da classe geral baseado talvez na sua insinuada origem de assentamento pré-urbano, i.e., uma aldeia. Possivelmente, a informalidade das formas da parcela burguesa também indica um tipo particular, presumivelmente inicial, e é marcadamente diferente dos layouts mais disciplinados de cidades posteriores, como as fundadas por Eduardo I.

Algumas características adicionais deste padrão são evidentes. Cada um dos dois maiores quarteirões, a norte e a sul do Triângulo Central respetivamente, consiste numa única série de parcelas burguesas que atingem uma profundidade considerável – até 475 pés (144.8 metros) no quarteirão sul e até mais de 580 pés (176.8 metros) no quarteirão norte. O quarteirão poente é semelhante, mas a curva mais acentuada entre Fenkle Street e Narrowgate, e o ângulo entre

Fenkle Street e Clayport Street, modificam a organização mais simples. Isto resulta numa rutura parcial no primeiro caso, afetando apenas a parte de trás das parcelas, e numa rutura completa no segundo caso, dando origem a uma série de parcelas separada em Clayport Street. As dimensões relativas das parcelas mostram claramente que a frente de Fenkle Street era mais importante do que a da Clayport Street, tendo assim as maiores parcelas burguesas. Por outras palavras, a frente para o Triângulo Central, ou para o mercado original, tinha maior valor económico do que a frente para uma das ruas principais. Possivelmente, a série pouco profunda em Clayport Street também indica uma derivação de duas parcelas burguesas originalmente maiores em Fenkle Street, que permaneceram como duas pequenas parcelas residuais na esquina de Fenkle Street e Clayport Street após a divisão. Um pouco mais a poente, o canal do afluente do Bow Burn marca outra descontinuidade entre aquilo que são, na verdade, duas séries de parcelas em Clayport Street – a série mais a poente assemelha-se à maioria das parcelas burguesas, em termos de profundidade da parcela.

O que foi discutido até aqui deixa poucas dúvidas de que o layout de rua principal de Alnwick representa o plano do burgo original. No seu layout primitivo, mas altamente eficiente na sua concentração económica em torno de um mercado de cerca de 4½ acres (1.82 hectares), e mesmo na organização geral das suas parcelas burguesas, pode preservar o traço de uma antiga aldeia verde medieval. Na sua cuidadosa adaptação às características naturais, o layout constitui uma individualização topográfica de um tipo de plano que é caracteristicamente medieval.

Quando comparado com o plano de fundo geral de diferenciação de ruas presente em cidades medievais da Europa, o sistema de ruas desta unidade de plano central é muito simples.<sup>16</sup> Em cidades maiores, ou em cidades planeadas deliberadamente como as *bastides* do sudoeste de França, em cidades coloniais do este da Alemanha, ou nos burgos de Edward I no País de Gales, geralmente, não é difícil distinguir três tipos funcionais de ruas, embora frequentemente combinados em diferentes graus. As *ruas de tráfego principal* (*Verkehrsstrassen, carrières* em Montpazier), ligando os restritos pontos de saída da cidade muralhada, eram geralmente as mais largas. As *ruas residenciais* (*Wohnstrassen*), que conduzem a circulação de e para parcelas residenciais adjacentes, eram geralmente mais estreitas. As *ruas de serviço* (*Wirtschaftsstrassen*), fornecendo acesso secundário, eram ainda mais estreitas.

Na unidade de plano mais antiga em Alnwick existe praticamente só um tipo de rua. A partir dos vértices do mercado triangular central, três ruas de tráfego principal dirigem-se para as três saídas da cidade. Eram verdadeiras ruas principais no sentido medieval, suportando grande tráfego, além de combinarem funções comerciais, industriais e residenciais nas respetivas parcelas burguesas. A eficácia da concentração no plano é evidenciada pela ausência de ruas residenciais. Não havia necessidade destas, uma vez que literalmente todos os burgueses tinham já obtido localização nas ruas de tráfego e noutras posições do mercado burguês. As ruas de serviço, se existiram no primeiro burgo, devem ter-se limitado aos dois caminhos que forneciam acesso desde o centro até fontes adicionais de abastecimento de água: Stonewell Lane, no lado poente de Fenkle Street, e Greenwell Lane, no lado norte de Bondgate Within. Tendo em consideração as exigências técnicas do transporte medieval de passageiros e carga, é difícil imaginar um layout mais concentrado, económico e intencional, ou ainda mais generoso

no propósito de acomodar mais de 100 burgueses e outros residentes. Hoje, apesar das vicissitudes de muitos séculos e das violentas transformações que nos últimos anos afetaram algumas das antigas parcelas burguesas, o layout do primeiro burgo, incorporando o traçado geral herdado do distante período Anglo, sobrevive como a unidade de plano tradicional mais impressionante, para além do Castelo de Alnwick (Fig. 18).

No geral, os antigos limites desta unidade parecem claramente indicados pela Bow Burn a norte e noroeste, constituindo uma linha defensiva óbvia, e pela Green Batt a sul. Aqui, a localização do perímetro, aparentemente, combinava as vantagens económicas das parcelas burguesas profundas com as vantagens de uma posição defensiva na plataforma relativamente plana formada pela encosta de Alnwick Ridge, antes da sua descida para Market Street (cf. Figs. 4 e 5).

Em relação à linha de Bow Burn como sendo um perímetro inicial do burgo, o Mapa de Mayson mostra uma porta da cidade, ainda que menos elaborada do que aquelas indicadas como as torres Clayport e Bondgate, posicionada sobre Narrowgate, exatamente onde seria expectável encontrar uma porta se Bow Burn formasse o fosso da cidade. O modo como os três nomes, 'Clay-port', 'Bond-Gate' e 'Potte-gate', estão escritos no mapa em relação às três portas torre torna incerto se 'Potte-gate' se refere à porta da cidade atual ou a norte de Narrowgate, i.e., ao espaço da rua em que foi escrito. No segundo caso, certamente estaria em desacordo com a lista de parcelas burguesas contida no mesmo levantamento, que usa 'Potter-gate' na atual rua com esse nome. Para complicar ainda mais esta questão, o mapa não mostra as portas torre nos sítios da atual Pottergate Tower ou da suposta Narrowgate Tower. Tate não regista nenhuma evidência documental da Narrowgate Tower, mas apenas de uma Pottergate Tower no sítio da porta existente desde 1630. De acordo com uma das suas notas, Tate não terá visto a cópia do Levantamento de Mayson, agora no Castelo de Alnwick, e, portanto, não tinha conhecimento dos seus mapas.<sup>17</sup> Tendo em consideração a precisão de detalhe apresentada no Mapa de Mayson, parece improvável que Robert Norton, o seu agrimensor, tenha cometido um erro grave em relação aquilo que lhe deve ter parecido uma estrutura pública proeminente, digna de um registo pictórico semelhante ao das outras duas portas torre. Para além disso, a existência de tal edifício pode ser a razão pela qual o riacho adjacente é chamado de *Bow Burn*. O registo do Mapa de Mayson corrobora a conclusão, já retirada da análise do antigo padrão de parcelas burguesas, que Bow Burn marca um anterior limite do burgo no seu lado noroeste.

A sudoeste, os limites originais parecem mais incertos. A pequena série de quatro parcelas burguesas profundas no lado norte da Clayport Street, e a sua separação das parcelas burguesas do mercado por uma área possivelmente pantanosa marcada pela confluência de Bow Burn com o seu pequeno afluente (X), parece sugerir uma adição posterior. No mínimo, isto colocaria a original saída do burgo por Clayport numa posição um pouco mais defensiva, e poderia ter sido acompanhada por uma extensão semelhante de parcelas burguesas no lado oposto da Clayport Street. Também poderia explicar o curioso desvio do afluente de Clayport para Bow Burn, numa ação para criar uma extensão artificial adicional ao fosso do burgo original. A área de confluência é apresentada no Mapa de Mayson como o que parece ser um pequeno lago, com acesso direto do mercado através de Stonewell Lane. Em 1760, alguns anexos e armazéns tinham já surgido na sua envolvente e, em 1774, o lago já tinha desaparecido, dando lugar a um

curtume. As evidências disponíveis não permitem afirmar com certeza que a parte alta da ‘Clayport infra’,<sup>18</sup> isto é, a Lower Clayport Street dentro da porta da cidade, era na verdade uma extensão do assentamento original.

A outra única incerteza acerca dos limites iniciais do burgo diz respeito ao lado nordeste, ou seja, a área a noroeste de Allerburn Lane. Aqui, as caudas das parcelas burguesas de Bondgate sobressaem face a um padrão retangular, não se adequando à linha de perímetro mais frequente ou à tendência geral de adaptação às possibilidades defensivas do relevo. Esta organização ou representa uma extensão posterior de outras parcelas burguesas antigas ou indica que a muralha medieval nunca foi construída neste lado do burgo. No primeiro caso, o limite do burgo inicial provavelmente ia da Bondgate Tower seguindo o ‘veio’ das parcelas burguesas para norte-nordeste ao longo de cerca de 250 pés (76.2 metros) e, em seguida, curvar-se-ia para noroeste seguindo o flanco poente do vale de Allerburn Lane, juntando-se à linha de perímetro de Bow Burn.

Para além dos espaços concretos das ruas, os elementos base, as ‘células’ do layout de rua principal são as parcelas burguesas que se distribuem uniformemente pelos três quarteirões em discussão. Estas são geralmente grandes e muito alongadas, representando um tipo distinto de *parcela burguesa profunda*, raramente com menos de 250 pés (76.2 metros) de profundidade, sendo que o seu *alongamento* ou rácio comprimento-largura era geralmente maior do que 6:1. Existe, no entanto, uma ampla gama de dimensões, indicando que provavelmente não houve uma standardização destas parcelas em termos de área. Em qualquer caso, a standardização das suas frentes seria mais importante no plano, de modo a permitir a inclusão de um número máximo de parcelas burguesas num mínimo de frente de rua disponível. Isto era economicamente desejável de modo a fornecer ao maior número de burgueses uma localização na rua principal, enquadrando-se ainda numa estratégia de defesa do burgo em tempos de perigo. A questão que se coloca é se há alguma evidência que demonstre essa standardização de frentes, e o que poderia ter controlado as medições associadas à standardização. Se o plano do burgo teve origem numa aldeia verde medieval, as *casas e campos* originais poderão ter estabelecido o padrão. Em alternativa, ou adicionalmente, os edifícios poderão ter proporcionado o padrão.

Não se sabe se originalmente as casas, que constituíam o elemento dominante destas parcelas burguesas, ocupavam as cabeças das parcelas na linha de rua numa composição contínua. No entanto, a regra de desenvolvimento contínuo na linha frontal, incluindo quintas, é geralmente observada nas aldeias verdes medievais existentes no Nordeste da Inglaterra, e sugere que isto pode ter acontecido numa aldeia original, bem como numa cidade medieval. Em qualquer caso, o Mapa de Mayson mostra-o totalmente estabelecido no início do século XVII e, se não for uma característica original, é provável que seja medieval. O mapa apresenta a imagem familiar das parcelas burguesas tradicionais e das parcelas alongadas em geral. O maior valor intrínseco da frente normalmente confere uma estrutura de girino a cada parcela. A *cabeça da parcela* na frente contém o *dominante da parcela* ou edifício principal, albergando a parte essencial do uso do solo da parcela, juntamente com o seu logradouro. A *cauda da parcela*, geralmente a parte maior no caso das parcelas burguesas, é ocupada pelo ‘quintal’ ou jardim e geralmente acomoda edifícios secundários ou *acessórios da parcela*. As parcelas burguesas

geralmente não têm jardins frontais, isto é, a *linha de rua* e a *linha de edificação* concreta (e não a postulada pelos planeadores) coincidem. O plano do Teasdale's Yard em 1774 (Fig. 14) ilustra esta organização. Os dominantes das parcelas ocupam toda a frente e, portanto, formam *fileiras* ou linhas cerradas de diversos edifícios ao longo dos lados da rua, o que representa uma forma de *desenvolvimento edificado contínuo*, comum aos núcleos das cidades históricas (Fig.10).

Isto significa que as dimensões das casas anteriores podem ter influenciado a standardização das frentes em Alnwick com as suas parcelas estreitas, pelo menos tanto quanto no caso de algumas cidades medievais planeadas posteriormente, para as quais foi provada a relação direta entre a frente e a casa.<sup>19</sup> A anterior construção de edifícios, mesmo em áreas onde a pedra era o principal material das paredes, dependia em grande parte do uso da madeira para a estrutura. Esta não só sustentava a cobertura, como determinava em grande medida a organização do espaço interno com base no princípio dos 'vãos', isto é, os espaços entre diferentes pares de 'vigas'. Embora estes vão não tivessem necessariamente uma dimensão padrão, a unidade agrícola comum conhecida como 'rod' ou 'pole' era usada para definir a planta do edifício no sítio. Embora nominalmente 16 pés (4.9 metros), as evidências arquitetónicas em Inglaterra por volta de 1200 d.C. sugerem uma 'pole' de 18 pés (5.5 metros) de comprimento.<sup>20</sup> Em qualquer caso, poderá ter havido variações regionais. Quaisquer standardizações de frentes com uma origem semelhante a esta podem ser procurados no Mapa de Wilkin segundo a hipótese que, até então, as transformações que afetavam as parcelas burguesas presumivelmente standardizadas do burgo original eram, principalmente, a amalgamação, a mediação e a divisão em quatro. A subdivisão das parcelas burguesas deve ter sido realizada, normalmente, senão sempre, dividindo-as longitudinalmente em metades, quartos ou qualquer que fosse a divisão necessária. Com o tempo, o termo 'parcela burguesa' passou a ser aplicado indiscriminadamente a unidades inteiras, bem como às parcelas fracionadas. A divisão longitudinal é confirmada pelo Mapa de Wilkin, que mostra o padrão lamelado tradicional quase sem interferência de divisões transversais. Em geral, a subdivisão das parcelas burguesas deverá ter-se refletido diretamente nas medidas das frentes. A redução para metade ou mediação, quer isolada quer repetidamente, era usual. Assim, a existência de uma frente standard original seria indicada no plano posterior não apenas pela representação direta da unidade e dos seus múltiplos, mas também pela ocorrência de valores fracionários como  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{3}{4}$ ,  $1\frac{1}{4}$ ,  $1\frac{1}{2}$ , etc., sendo estes o resultado de um processo prolongado de reagrupamento de propriedades contíguas. Ao aplicar estas considerações às evidências de 1774, a principal dificuldade é obter medidas precisas de um pé no manuscrito original do Mapa de Wilkin. Uma verificação de medidas no mapa da Ordnance 1/528 mostra-se menos útil, pois o desenvolvimento edificado entre 1774 e 1851 tinha já interferido muito nas frentes, embora geralmente deixasse inalterados os limites da parcela burguesa atrás dos dominantes da parcela. Assim, ao medir as frentes no Mapa de Wilkin, foi permitida uma margem de erro de 1 pé (0,30 metros) sempre que as medições se desviavam das unidades ou múltiplos daquelas dimensões que eram encontradas com mais frequência. A lista a seguir regista as medidas e agrupa-as em:

- (1) As relacionadas com a medida que ocorre com mais frequência ( $a = 28$  pés) (8.5m).
- (2) As relacionadas com a segunda medição mais frequente ( $b = 32$  pés) (9.8m).
- (3) As que não demonstram tais relações.

A evidência é interessante. Quase metade das parcelas burguesas localizadas intramuros na parte mais antiga do burgo parecem estar relacionadas com uma unidade de medida de 28 pés (8.5 metros). Esta medida está representada em cerca de um terço das parcelas burguesas no grupo ‘a’, incluindo a parcela burguesa marcada com ‘1’ na Figura 5 e apresentada em maior detalhe, como ‘Teasdale’s Yard’, na Figura 14. Outro terço é similarmente relacionado a uma unidade de 32 pés (9.8 metros), que novamente conta para um terço das parcelas burguesas no grupo ‘b’. Face às dificuldades de medição correta no Mapa de Wilkin, é bem possível que pelo menos algumas das parcelas burguesas não classificáveis nos grupos ‘a’ ou ‘b’ possam, ainda assim, pertencer a estes grupos. Para além disso, se nos lembrarmos que a ‘standardização’ medieval inicial, por uma variedade de razões, dificilmente exigia a precisão contemporânea, a

TABELA I  
*Frentes das Parcelas Burguesas na Parte Antiga do Burgo Medieval*

Tipo de fachada	Medidas em pés	Quarteirões			Número	Porcentagem do total	
		<i>NE</i>	<i>O</i>	<i>S</i>			
½ a	14	–	3	–	3	2.75	} 45.87
¾ a	21	3	1	–	4	3.67	
a	28	8	5	4	17	15.60	
1¼ a	35	2	5	1	8	7.34	
1½ a	42	3	3	3	9	8.25	
1¾ a	49	3	3	2	8	7.34	
2 a	56	–	–	1	1	0.92	
½ b	16	1	2	–	3	2.75	} 33.94
¾ b	24	4	2	4	10	9.17	
b	32	7	1	5	13	11.93	
1¼ b	40	2	4	3	9	8.25	
2 b	64	–	–	2	2	1.84	
Não classificado	26	2	2	2	6	5.51	} 20.19
	30	2	–	2	4	3.67	
	37	1	2	5	8	7.34	
	45	1	2	1	4	3.67	
Totais		39	35	35	109	100.00	100.00

separação entre o grupo ‘a’ e o grupo ‘b’ pode ser um pouco irreal, indicando apenas os valores extremos de um sistema contínuo, reconhecido de um modo geral, mas na prática vagamente definido. A evidência indica que, em Alnwick, 28 a 32 pés (8.5 a 9.8 metros) era o padrão original da fachada da parcela burguesa, uma medida frequentemente encontrada em cidades medievais. As menores medidas registadas em Alnwick, 14 pés e 16 pés (4.3 e 4.9 metros), são as metades das duas unidades predominantes. Representam o limite inferior comum da largura do ‘vão’ na construção mais antiga. Uma frente standard de 28-32 pés parece implicar que uma casa em banda que ocupasse a cabeça de uma parcela burguesa standard normalmente formava

uma unidade de construção com dois vãos estruturais. A constatação de que estes métodos de construção tradicionais estiveram em uso em Alnwick por um longo período de tempo, provavelmente até ao período Georgiano Inicial, pode ser inferida do argumento de Tate de que, durante os séculos XIV, XV e XVI, as casas de Alnwick eram geralmente edifícios pequenos e baixos, com um piso e coberturas em palha.<sup>21</sup> No Mapa de Wilkin, a profundidade prevalecente da casa, 18-20 pés (5.5-6.1 metros), indica a planta de implantação tradicional da mais pequena ‘casa com beiral’, isto é, uma pequena casa em banda com o beiral virado para a rua, ao invés de uma empena como remate da cobertura. Isto sugere que, mesmo a meio do período Georgiano, a maioria das casas eram ainda do tipo tradicional anterior.

### *Colonização do Mercado*

No seu Triângulo Central, o velho burgo inclui quatro quarteirões tão diferentes, nas suas formas e padrão de parcelas, que formam uma unidade de plano distinta, sugerindo uma origem diferente (Figs. 1, 4, 5 e 6). Os quarteirões são muito menores do que os do layout de rua principal circundante, as suas formas distintas são irregulares e angulares e, ainda assim, a sua organização não é totalmente casual. De facto, estão implantados de modo a conformar uma praça de mercado aproximadamente retangular entre eles, e um espaço da rua largo em torno do perímetro do grupo, sublinhando, ao invés de ofuscar, o Triângulo Central. O padrão de parcelas mostra um mosaico de parcelas bastante pequenas, geralmente retilíneas e curtas, muito diferentes do arranjo lamelado da unidade de plano circundante. Foi afirmado anteriormente que estes quatro quarteirões não fazem parte do plano original do burgo, e existem evidências históricas que o suportam e ajudam a explicar as suas características topográficas.

A Figura 6 regista as evidências relevantes no Levantamento de Clarkson dentro dos limites das parcelas de 1774, permitindo a adição das subdivisões anteriores que surgem do estudo dos anteriores levantamentos do burgo. Estes limites formam um padrão menos definido do que o atual e sugerem uma fase intermédia de desenvolvimento. No quarteirão poente a subdivisão em parcelas bem definidas está completa. No quarteirão entre Paikes Street (anteriormente Paykes Hole) e Market Passage, a definição das parcelas existe apenas nas frentes das ruas, enquanto o quarteirão nascente está ainda menos consolidado. Os três quarteirões parecem refletir diferentes fases num processo de cristalização. Sem dúvida, o padrão geral é mais maduro do que o da Idade Média, ou mesmo o de 1567, especialmente no quarteirão poente. As linhas de rua dos quarteirões podem aproximar-se das de 1567, mas as parcelas em si, pela natureza peculiar da sua origem, e ao contrário das parcelas burguesas do layout de rua principal, podem ser consideradas apenas como um ‘loci’ topográfico, e não como formas reais a partir da informação contida no Levantamento de Clarkson. Mesmo assim, esta ‘localização’ é bastante adequada ao nosso propósito, uma vez que ambos, quarteirões e parcelas, são pequenos.

A Figura 6 mostra os elementos do Levantamento de Clarkson que estão concentrados no Triângulo Central. Em primeiro lugar, existem certos serviços públicos (Mapa A na Fig. 6) que no burgo senhorial medieval eram geralmente mantidos pelo lorde do sistema senhorial e serviam a comunidade. Geralmente estavam localizados num espaço público central aberto, como era o caso na aldeia verde medieval ou no mercado. Em Alnwick existia a padaria (n.º 6),

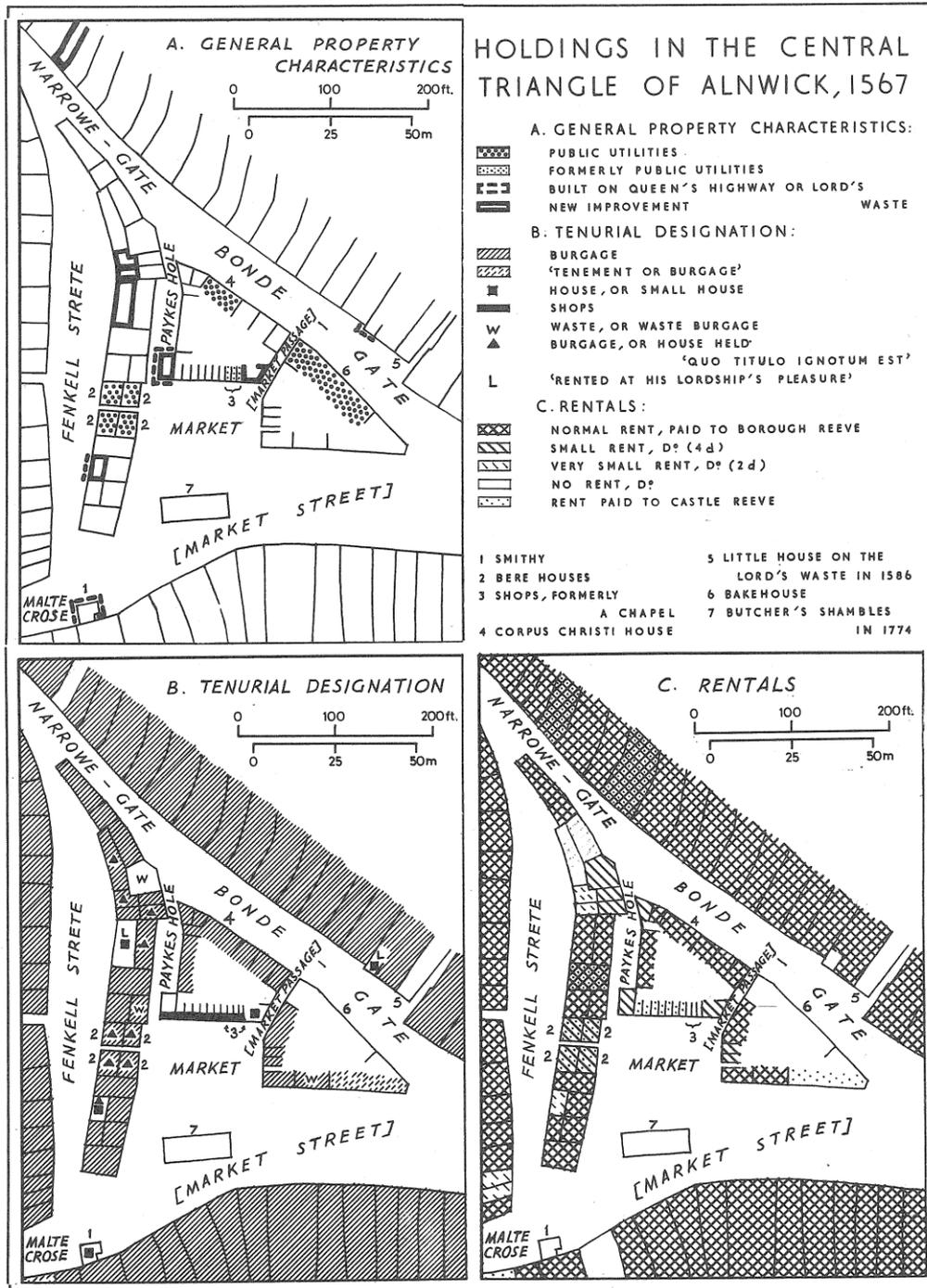


FIGURA 6. PROPRIEDADES NO TRIÂNGULO CENTRAL DE ALNWICK, 1567

---

A. Características gerais da propriedade:	
Serviços públicos	
Anteriores serviços públicos	
Construção em estrada pública ou terreno comum	
Novos melhoramentos	
B. Designação de posse	
Parcela burguesa	
‘Parcela arrendada ou burguesa’	
Casa ou pequena casa	
Lojas	
Residual, ou parcela burguesa residual	
Parcela burguesa, ou casa ‘mantida por desconhecido’	
‘Arrendado ao critério de sua Senhoria’	
C. Arrendamentos:	
Arrendamento normal, pago ao chefe do burgo	
Baixa renda, pago ao chefe do burgo (4 d)	
Muito baixa renda, pago ao chefe do burgo (2 d)	
Sem renda, pago ao chefe do burgo	
Renda paga ao chefe do castelo	
1 Ferraria	5 Pequena casa no
2 Cervejarias	terreno comum em 1586
3 Lojas, inicialmente uma capela	6 Padaria
4 Casa de Corpus Christi	7 Mercado de Carne em 1774

---

Tradução do texto da FIGURA 6

as cervejarias (n.º 2) e um edifício denominado ‘Casa de Corpus Christi’ (n.º 4). Três lojas no lado norte da Market Place são mencionadas como tendo sido anteriormente uma capela (n.º 3). Os edifícios registados como tendo sido construídos na estrada pública (Queen’s highway) ou terreno comum (lord’s waste) indicam mais claramente a existência do antigo espaço aberto. Estes estão virtualmente confinadas ao Triângulo Central. Entre estes, o número 1 é mencionado no Levantamento de Mayson como tendo sido originalmente construído como uma ferraria. Os outros três exemplos são ‘pequenas casas’ e uma loja. Edifícios recentemente erguidos em terrenos públicos também aparecem como ‘novo melhoramento’ (*Novū impromt*) – uma entrada inteiramente restrita à área mapeada na Figura 6.

Outras indicações sobre o estado original do Triângulo Central podem ser obtidas a partir das designações de propriedade (Mapa B na Fig. 6). A maioria das unidades de propriedade nesta área é designada como ‘parcela burguesa’ (*burgagium*), mas é evidente que estas propriedades eram muito diferentes das parcelas burguesas profundas que constituíam o antigo layout de rua principal. Na época Tudor, o termo ‘parcela burguesa’, enquanto propriedade individual dentro do burgo muralhado, tinha já perdido parte da sua precisão original. Tornou-se um termo genérico para qualquer propriedade cujo arrendamento fosse pago ao chefe do burgo, independentemente da sua origem, desde que estivesse estabelecida naquele sítio há um determinado tempo. Mas estas pequenas propriedades, algumas das quais ainda estavam registadas como ‘novos melhoramentos’ em 1567, não se tornaram imediatamente ‘parcelas burguesas’. De qualquer modo, algumas não o eram no momento do Levantamento de Clarkson,

estando indicadas como ‘uma casa’ ou, mais significativamente, como ‘uma pequena casa’, ‘uma loja’ ou apenas como ‘residual’. As lojas, em particular, são agentes na colonização dos mercados medievais através da progressiva materialização em edifícios permanentes. O desenvolvimento usual passa de uma tenda temporária inicial (*selda*), para uma estrutura de loja mais permanente (*shopa*) e, finalmente, para uma casa, ou o que em Alnwick se tornou uma ‘parcela burguesa’ no Triângulo Central em 1567. No Levantamento de Clarkson, a origem incerta da posse destas parcelas burguesas é indicada pela frequente observação de que o título pelo qual uma certa propriedade é mantida é desconhecido (*quo titulo ignotum est*). Este princípio é virtualmente restrito às propriedades do quarteirão poente do Triângulo Central. Uma propriedade no quarteirão nascente é registada como ‘parcela arrendada ou parcela burguesa’ (*vnū tent sie b.eg*). Isto sugere uma fase de transição entre as propriedades estabelecidas nas áreas residuais e, portanto, diretamente responsáveis perante o lorde do sistema senhorial como o arrendamento normal, e a *parcela burguesa* respondendo apenas através da *firma burgi*. Duas das propriedades não designadas como parcelas burguesas estão registadas como ‘arrendadas ao critério de sua Senhoria’.

A distribuição de todas estas designações de propriedade é significativa. As chamadas parcelas burguesas predominam no quarteirão poente, mas, a nascente, dão progressivamente lugar a designações que geralmente indicam tipos de consolidação mais recente. Isto aponta para um paralelo com o grau de consolidação das parcelas indicado pelos seus limites no Mapa de Wilkin. Naturalmente, a colonização do Triângulo Central através de casas desenvolveu-se, de um modo geral, de oeste e noroeste em direção à atual Market Place e a sudeste. Talvez o processo tenha sido retardado no ângulo da bifurcação da estrada antiga no extremo nascente do antigo mercado, e ao nível da estrada principal vinda de nascente, devido a um tráfego mais pesado. A evidência certamente sugere um progresso gradual e prolongado que não estava ainda concluído em 1567, nem mesmo em 1774. Dois exemplos ilustram isto mesmo. O Levantamento de Northumberland de 1586 regista ‘uma pequena casa recém-construída na Lords Wast e Queens Street’, de modo característico, sem especificar qualquer renda.<sup>22</sup> Esta nova invasão da estrada principal e talvez da Greenwell (n.º 5 na Fig. 6) não é mencionada em nenhum lugar no Levantamento de Clarkson, devendo ter tido origem, portanto, entre 1567 e 1586. Embora o Mercado de Carne (Butchers’ Shambles) existisse antes de 1715 e seja quase certamente de origem medieval, a sua repetida reconstrução mudou a dimensão e o limite do quarteirão. O limite apresentado na Figura 6 (n.º 7) é o do edifício, e da parcela, erguido pelo lorde do sistema senhorial em 1764. Até 1826, o quarteirão foi inteiramente reconstruído como ‘Assembly Rooms’ (salas públicas para eventos) e consideravelmente ampliado até que a nova Market Street ficasse completamente separada do Market Place. Se por um lado, toda a unidade de plano dentro do Triângulo Central continuou a desenvolver-se até tempos recentes, o Mapa de Mayson, por outro lado, mostra-a já consolidada na sua extensão geral, com um conjunto de pequenas fileiras de casas paralelas, ou com ângulos retos entre si. A impressão geral não é distinta da organização das tendas num mercado.

Retornando às evidências do Levantamento de Clarkson, os arrendamentos semestrais fornecem material adicional para apoiar outras evidências recolhidas (Mapa C na Fig. 6). As rendas normais para as antigas parcelas burguesas dentro da cidade muralhada, a pagar ao chefe



FOTOGRAFIA III – A CIDADE VELHA VISTA DE SUDOESTE EM 1930

*Aerofilms e Aero Pictoral Lda.*

Eixo arterial tradicional da Upper Clayport Street à direita, com três séries de parcelas burguesas profundas em torno do Triângulo Central. Cintura Periférica Interior em pano de fundo à esquerda; casas em banda ao longo da Dispensary Street e Tower Lane à direita. Cintura Periférica Intermédia em primeiro plano.



FOTOGRAFIA IV – PARTE DO EXTERIOR DE ALNWICK, VISTA DE SUDOESTE EM 1926

*Aerofilms e Aero Pictoral, Lda.*

Da frente para trás: Cintura Periférica Exterior não consolidada, acreções residenciais modernas de St. George's Crescent e York Road, acreções residenciais do período Vitoriano Médio e Tardio, Cintura Periférica Intermédia junto à Estação de Alnwick e para além de South Road.

do burgo, variam entre 7d. e 12d., mas a maioria é de 8d. ou 9d.<sup>ix</sup> Estas também se aplicam a 21 das 54 propriedades em discussão. As restantes apresentam anomalias que são muito raras nas antigas parcelas burguesas associadas ao layout de rua principal. As suas rendas do burgo são pequenas (entre 2d. e 4d.) ou inexistentes. Isto reflete a inicial dimensão reduzida das propriedades ou a sua origem acessória, o que tende a deixá-las sem um registo adequado de rendas e sem um título conhecido. Assim, em alguns casos, não há pagamento de rendas (*nihil quia nulla in rotulis mentio*). Algumas destas propriedades mostram uma relação mais direta com o lorde do sistema senhorial, pagando renda ao chefe do castelo. No caso das cervejarias (n.ºs 2), isto não é surpreendente, mas noutros casos sugere a construção em terrenos comuns.

As evidências topográficas e históricas apontam para uma conclusão importante – independente de qualquer hipótese sobre a existência de uma anterior aldeia verde medieval – o Triângulo Central de Alnwick era originalmente um grande espaço aberto. Era, sem dúvida, o antigo mercado desta cidade fronteiriça. Em termos de dimensão, poderia refletir as necessidades de uma anterior comunidade agrícola presente neste local e, certamente, de um centro regional estando, portanto, espacialmente dotado para acolher um grande mercado abastecedor. Alguns edifícios de uso público surgiram muito cedo neste mercado. Durante os últimos séculos de guerra fronteiriça, quando o burgo se transformou numa cidade muralhada com um carácter urbano mais desenvolvido, o espaço restrito dentro das muralhas terá valorizado a localização central das propriedades. Apesar da extensão da área construída, a pressão crescente sobre os espaços abertos disponíveis no centro resultou no preenchimento gradual do antigo mercado triangular.

Este tipo particular de crescimento secundário sobre um mercado já estabelecido é comum nas cidades medievais, especialmente nas muralhadas. O processo pode ser denominado *colonização do mercado*. O processo implica uma adição interna ao plano de rua existente (isto é, resulta na formação de novas ruas e quarteirões no antigo mercado e *dentro* de um sistema de ruas previamente estabelecido).

A natureza geral e o resultado da colonização do mercado estão bem expressos em Alnwick. Os quarteirões centrais desenvolveram-se espontaneamente, a partir de pequenos edifícios, lojas e tendas, mais ou menos isolados, através de uma lenta coalescência até formar quarteirões compactos de grão fino, distinguíveis dos quarteirões mais antigos ao redor como *concreções do mercado*. Hoje, o seu *índice de implantação* médio (isto é, a quantidade de área da parcela coberta por edifícios e expressa como uma percentagem da área total da parcela) varia entre 85 e 100.

A sua organização cria uma unidade de plano bem definida com pequenas ruas interiores que hoje servem como ruas de serviço ou, no máximo, como pequenas ruas comerciais. Todo o complexo de concreções do mercado teve de se adaptar a um traçado geral pré-existente, que constituiu o seu *quadro morfológico*. Este complexo tendeu a moldar a sua forma geral em resposta aos requisitos pré-estabelecidos no local, ilustrando uma *conformidade morfológica* característica deste tipo de unidade de plano. Em primeiro lugar, isto significou a preservação de uma área aberta compacta no centro, enquanto remanescente de um lugar de mercado (embora a

<sup>ix</sup> As rendas são quantificadas em termos de uma unidade d.

sua redução, inevitavelmente, trouxesse uma medida de dispersão da função de mercado pelo Triângulo Central, com uma especialização simultânea).<sup>23</sup> Em segundo lugar, significou a preservação do acesso desimpedido às frentes das antigas parcelas burguesas em torno do triângulo, e a fixação desse perímetro com uma série de ruas relativamente largas, de duas frentes (Bondgate – Narrowgate, Fenkle Street, Market Street), para atender às necessidades e direitos de circulação estabelecidos.

#### *A Extensão do Burgo*

Em Alnwick, as concreções do mercado do Triângulo Central desenvolveram-se lentamente por um longo período e, longe de serem contemporâneas das ruas principais do anterior burgo que as rodeavam, são, em parte pelo menos, pós-medievais. A Figura 5 indica, no entanto, que existiu mais uma adição ao anterior burgo, incluída na zona envolvente da muralha medieval tardia (cf. também Fig. 1). Esta adição inclui Pottergate (Barresdale Street)<sup>24</sup> e a área de Narrowgate para além de Bow Burn, e é um dos primeiros exemplos de acreção periférica. Possivelmente as parcelas burguesas intramuros perto da velha Clayport Tower pertenciam-lhe.

A localização desta acreção em Pottergate é explicada pelo facto de a saída noroeste oferecer a posição mais protegida – de todas as três saídas arteriais do burgo anterior – entre a cidade e o *suburbium* de Bailiffgate. Além disso, ao incorporá-la dentro da muralha, a linha defensiva obsoleta de Bow Burn poderia ser substituída pela linha mais satisfatória ao longo da atual Dispensary Street e Northumberland Street.

A nova acreção apresenta diferenças marcantes, assim como algumas semelhanças, face ao plano do burgo anterior. Apenas Narrowgate preserva as linhas curvas informais do antigo plano de ruas, enquanto Barresdale Street é notavelmente reta, embora suba uma encosta bastante íngreme. O Levantamento de Clarkson regista toda esta área como ocupada por parcelas burguesas e outras propriedades, mas como se viu anteriormente o processo de preenchimento do final de Narrowgate, envolvendo desse modo a antiga ‘Alien Lane’, estava quase completo na era Isabelina<sup>x</sup>.

O padrão de parcelas na área de Pottergate suporta esta ideia geral. É marcadamente assimétrico e, neste aspeto, diferente do layout de rua principal do burgo anterior. Parcelas burguesas semelhantes às deste layout, em dimensão e forma geral, formam uma série de parcelas ao longo do lado sul de Barresdale Street e parecem representar parcelas burguesas no sentido original do termo. Estas diferem das parcelas burguesas a nascente, presumivelmente mais antigas, apenas na maior retilinearidade das suas formas, o que está de acordo com a disposição do seu contorno, permitindo que algumas delas, apesar de muito estreitas, acomodassem dois longos espaços para fabricação de cordas no século XIX, bem como uma longa linha reta de pequenas casas. O único elemento informal é introduzido pelo quadro morfológico de Bow Burn e afeta particularmente as parcelas burguesas mais a nascente, que ficavam muito próximas do riacho. No lado norte da Barresdale Street, as propriedades são pouco profundas e comparáveis às parcelas arrendadas em Bailiffgate, exceto as parcelas mais alongadas em Narrowgate. Todas elas, exceto duas no lado nascente de Narrowgate, foram

<sup>x</sup> A era Isabelina está associada ao reinado da Rainha Elizabeth I (1558–1603), durante o período Tudor.

registadas como parcelas burguesas em 1567, mas três das menores, na esquina das duas ruas, foram dadas como subdivisões de uma parcela burguesa anterior. A sua casa e frente principal deviam estar na Narrowgate, e não na Barresdale Street<sup>25</sup>, enfatizando assim a importância da primeira. Em direção a noroeste, dentro do ângulo da muralha medieval tardia, o padrão de parcelas parece imaturo, sendo que as divisões de propriedade no sítio da antiga estrada principal permaneceram grandes.

### *A Muralha*

A muralha medieval tardia, envolvendo o layout de rua principal e também a área de Pottergate, tem sido mencionada repetidamente. Grande parte da sua implantação continua a formar um importante elemento remanescente no atual plano de cidade, ainda que o tecido edificado tenha desaparecido há muito tempo, com exceção do impressionante torreão da Bondgate Tower.

A licença para fortificar a cidade foi concedida apenas na primeira metade do século XV e a muralha foi concluída, pelo menos nos lados noroeste, oeste e sul, na segunda metade desse século.<sup>26</sup> A data excepcionalmente tardia poderá ter resultado tanto da anterior incapacidade da cidade para pagar o trabalho, como do agravamento das tensões Anglo-Escocesas no período pré-Tudor. As portas da muralha eram Bondgate Tower, Clayport, Pottergate Tower e, de acordo com Tate, Narrowgate Tower (Fig. 5). Tate não apresenta nenhuma evidência documental para esta última, e o Mapa de Mayson está, de algum modo, em desacordo com os seus argumentos. No entanto, considerando as evidências documentais da Pottergate Tower, pós-medieval, e a informação estrutural e documental acerca do ângulo noroeste da muralha, a localização da muralha da cidade no lado noroeste do burgo, ilustrada na Fig. 5, pode ser aceite, pelo menos, como uma versão posterior da fortificação.<sup>27</sup> A muralha parece ter servido o seu propósito durante cerca de um século, até a união entre Inglaterra e Escócia a tornar desnecessária. A sua degradação e o seu desmantelamento parcial para fins de construção devem ter começado mais cedo. Embora Thoresby, viajando por Alnwick em 1681, ainda tenha observado a ‘velha muralha’,<sup>28</sup> não existem vestígios no mapa anterior do Levantamento de Mayson. Bondgate Tower, Clayport Tower e ‘Pottergate’ junto a Bow Burn são de facto as únicas partes da fortificação representadas. A Pottergate Tower e a Narrowgate Tower de Tate estão visivelmente ausentes deste mapa. No entanto, na época de Tate, existiam partes da muralha no canto noroeste do lado nascente da atual Northumberland Street e parece que em 1624, bem como em 1774, a muralha e os seus fragmentos foram tratados cartograficamente de um modo simplificado como linhas de fronteira. A impressão de que a muralha ter-se-á deteriorado muito ainda antes de 1603 é sugerida pelo facto de que, na maioria dos casos, a área de ambos os lados das portas principais foi aparentemente ocupada por parcelas burguesas privadas. As diferentes portas da cidade tiveram diferentes destinos. A Narrowgate Tower, se alguma vez foi construída como um edifício porta, parece ter desaparecido, pois não há registos. A única característica no sítio, indicativa da antiga fronteira entre o burgo e Bailiffgate, é a ligeira subida na linha de rua no lado poente de Narrowgate, inicialmente registada no Mapa de Wilkin. Uma outra Pottergate Tower existia no local da atual em 1630, quando se tornou propriedade da cidade. A estrutura existente foi construída em 1767-78. A Clayport Tower foi

demolido em 1804. A Bondgate Tower,<sup>29</sup> no entanto, permanece hoje como o único vestígio da fortificação medieval.

Apesar de seu período de utilização relativamente curto, a muralha persistiu por tempo suficiente para marcar a cintura urbana da Cidade Velha, para deixar importantes elementos remanescentes no plano de Alnwick, e para exercer uma influência morfológica adicional. A muralha divide a grande área central, com padrões de parcelas burguesas tradicionais, das áreas circundantes, com padrões de parcelas geralmente característicos de acreções subsequentes. Além disso, a sua implantação tornou-se a *linha de fixação* para um conjunto de ruas periféricas que agora formam um sistema circular em torno da maior parte do velho burgo.

As mais antigas destas *ruas consequentes* são as linhas contíguas de Hotspur Street, Green Batt e Tower Lane. Estas são registadas pela primeira vez no Mapa de Mayson, onde a parte nascente de Green Batt é apresentada como um espaço aberto com mais de 100 pés (30.5 metros) de largura. Na Idade Média, este era um terreno público usado para a prática do tiro com arco.<sup>30</sup> O seu encerramento parcial, e o consequente estreitamento do espaço da rua para a dimensão atual, só teve início em meados do século XVIII. Depois disto, deu origem a um conjunto de unidades de uso do solo com funções públicas. No Mapa de Wilkin, Hotspur Street é uma rua de serviço que leva a Green Batt, enquanto Tower Lane é pouco mais do que um caminho que atravessa obliquamente a parcela burguesa aqui estabelecida, na área da muralha e do fosso da cidade.

O Mapa de Mayson não mostra a Dispensary Street nem a Northumberland Street. As duas desenvolveram-se gradualmente como caminhos e, mais tarde, como ruas, no sítio do fosso da cidade, mas no lado sul de Pottergate, o sítio da Dispensary Street era conhecido como Arrowbutts, indicando outro espaço aberto usado para a prática do tiro com arco.<sup>31</sup>

No lado norte do burgo, entre Narrowgate e Bondgate Tower, não há vestígios da muralha, e é incerto se alguma vez terá existido aqui uma muralha, pois o castelo provavelmente forneceria proteção suficiente. Os Mapas da O.S, de 1851 e 1864, mostram o antigo sítio da muralha noutras partes do burgo, mas não aqui. A 'localização provável' da muralha, mostrada nos Mapas O.S. 1/2500 de 1925, ao longo de Bondgate é obviamente absurda e não é apoiada por qualquer evidência histórica ou arqueológica, nem, ao que parece, por qualquer conhecimento sobre planos de cidades medievais em geral. Dado que o burgo parece ter tido dificuldade em financiar a construção das muralhas,<sup>32</sup> parece razoável supor que nenhuma muralha terá sido construída ao longo do fosso do castelo no vale de Bow Burn. No entanto, o vazio entre o vale de Bow Burn e a Bondgate Tower é mais difícil de explicar, pois a maior distância ao castelo e a configuração do terreno certamente parecem exigir uma muralha. Se, nesta parte, a traseira das antigas parcelas burguesas fosse estendida para formar o padrão apresentado no Mapa de Wilkin e no Mapa de Mayson, poderia ser assumido que a muralha, quando se tornou propriedade privada, foi usada para extrair pedra para construção. O desaparecimento da linha que marcava a antiga periferia do burgo pode ser compreendido com maior facilidade, já que não existiam caminhos ou espaços abertos ao longo do fosso da cidade, uma vez que toda a terra a norte pertencia à propriedade do lorde (demesne) e foi já representada totalmente encerrada no Mapa de Mayson. Em qualquer caso, não parecem ter sido

encontrados vestígios estruturais neste local, durante as contínuas operações de jardinagem desenvolvidas desde meados do século passado.<sup>33</sup>

### *Walkergate*

Para além da muralha, o burgo medieval possuía uma área construída que, embora estivesse fisicamente separada, era funcionalmente uma parte integrante deste. Esta área era Walkergate (Figs. 5 e 7; também Fig. 1) onde fullers ou walkers se estabeleceram perto do rio.<sup>34</sup> As evidências do Mapa de Mayson, e as ruínas da Capela de St. Mary, do final da Idade Média, sugerem que a rua atual está na mesma posição que a sua antecessora medieval, embora o espaço atual da rua possa ter sido sujeito a uma standardização moderna em termos de largura. No Mapa de Mayson, a rua é construída de ambos os lados, com parcelas de algum modo semelhantes às de Bailiffgate, estando de acordo com as evidências do Levantamento de Clarkson, que divide as duas fachadas da rua em séries de parcelas burguesas. Mas as mudanças subsequentes, principalmente demolições, encerramento de campos e o despovoamento associado, foram tão grandes que, já no Mapa de Wilkin, uma reconstrução das supostas parcelas burguesas medievais é difícil e necessariamente incompleta. Tudo o que se pode dizer, com razoável certeza, é que a metade nascente da margem norte em direção ao rio terá sido a principal área ocupada pelos fullers. Aqui, obtinha-se uma conveniente frente de água na extremidade traseira de cada parcela, já que o rio seguia o curso para sul através de Walkergate Haugh, tendo sido duplicado artificialmente para trazer água às extremidades traseiras das parcelas, conforme mostrado no Mapa de Mayson e no Mapa de Thompson de 1760. Mas, novamente, foram grandes as mudanças subsequentes provocadas pelas extensões e melhorias nos terrenos do Duque. No seu conjunto, Walkergate, embora ainda contenha os vestígios da Capela de St. Mary, é hoje uma área muito pouco dominada por elementos remanescentes da Idade Média.

### *Acreções Iniciais*

Não é claro nas evidências históricas até que ponto Alnwick medieval teve áreas construídas fora de portas nas duas estradas principais a sul, embora a menção em 1483 de uma parcela burguesa em Bondgate ‘para além da torre’ sugira que algumas habitações ocupavam essa posição.<sup>35</sup> O Levantamento de Clarkson identifica um grande número de ‘parcelas burguesas’ que, em comparação com as pesquisas subsequentes e com o Mapa de Wilkin, devem ter ocupado ambos os lados da Bondgate ‘Without’, desde Bondgate Tower a Denwick Lane, e, de modo semelhante, os dois lados da Upper Clayport Street, desde Clayport Tower até à atual junção da Clayport Street com Lisburn Terrace (Figs. 1 e 8).<sup>36</sup> Intercalado havia um número menor de parcelas arrendadas, geralmente do tipo ‘casa e campo’. Similarmente, o troço norte de Howling Lane, imediatamente exterior a Pottergate Tower, tinha várias parcelas burguesas de cada lado da estrada.<sup>37</sup> Além disso, havia parcelas arrendadas nos campos perto de Bondgate, mas o levantamento refere-se especificamente às habitações como abandonadas pelos seus proprietários, em favor de casas no interior do burgo.<sup>38</sup> Finalmente, Clayport Bank, até à

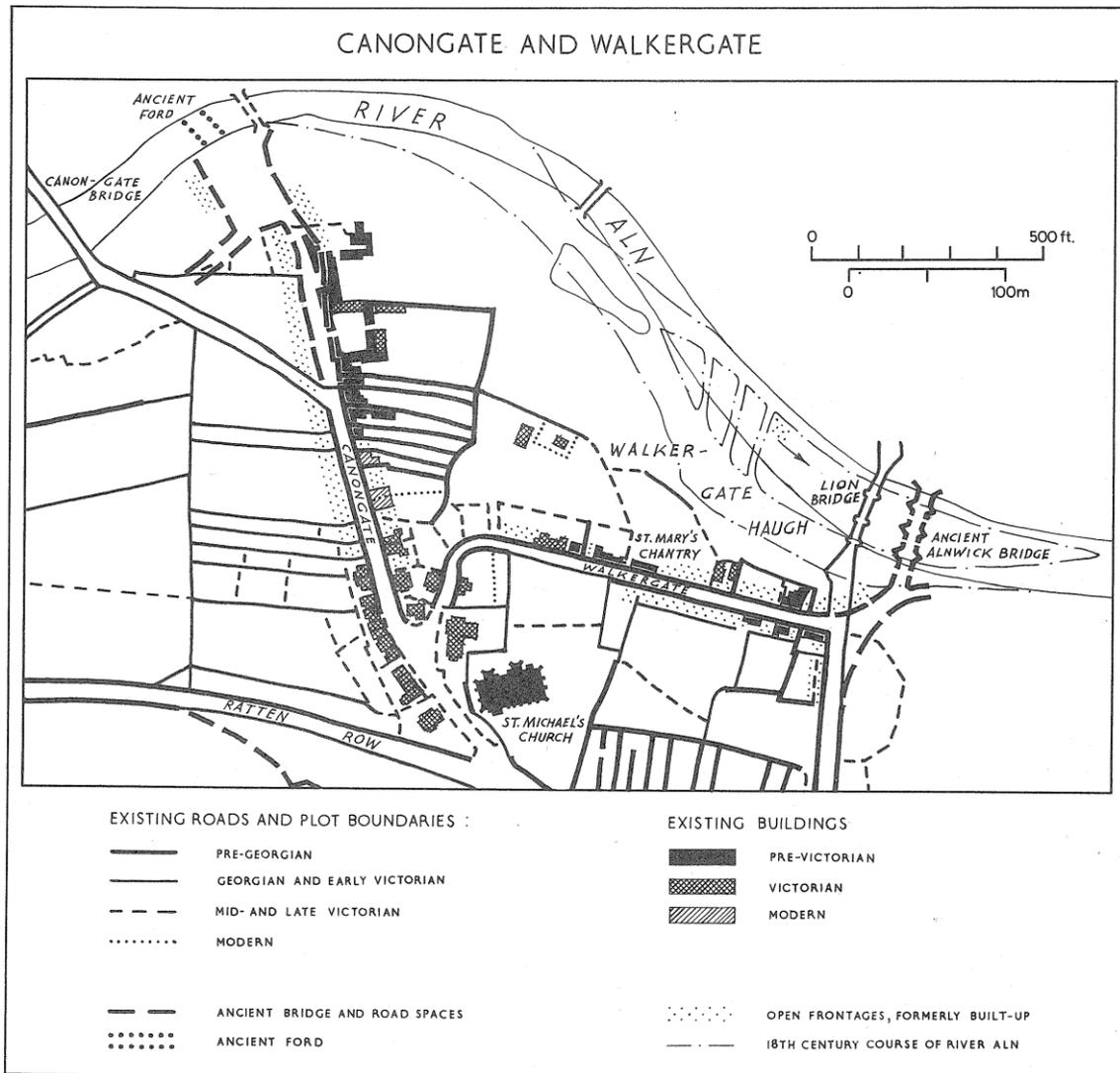


FIGURA 7. CANONGATE E WALKERGATE

Estradas e limites das parcelas existentes:  
 Anterior ao Período Georgiano  
 Período Georgiano e Vitoriano Inicial  
 Período Vitoriano Médio e Tardio  
 Moderno

Ponte e espaços viários antigos  
 Antigo almeque

Frentes de edifícios existentes:  
 Anterior ao Período Vitoriano  
 Período Vitoriano  
 Moderno

Frentes livres, anteriormente construídas  
 Curso do rio Aln no século XVIII

Tradução do texto da FIGURA 7

atual Thomas' Farm, continha parcelas burguesas que parecem ter sido baldios convertidos em faixas de terreno (*selio*).<sup>39</sup> De todas estas áreas exteriores à muralha, só metade da extensão de Bondgate Without e um troço semelhante em Clayport Street são representados como ocupadas por edifícios e anexos no Mapa de Mayson (Fig. 1). A impressão geral obtida a partir destas evidências é que a ocupação residencial destas áreas deve ter oscilado bastante no período anterior ao século XVII. As condições da guerra na fronteira e as frequentes dificuldades económicas da cidade podem explicar este processo. A extensão restrita das fachadas construídas nestas estradas, mostrada no Mapa de Mayson, está em claro contraste com a relevante distribuição implícita na incidência de 'parcelas burguesas' e 'casas e campos' do Levantamento de Clarkson. Isto sugere que estes termos se referem a uma condição anterior, presumivelmente do final da Idade Média, e que nem todas as chamadas parcelas de terra eram, necessariamente, ocupadas por edifícios habitados. A quantidade de casas apresentadas no Mapa de Mayson iria permanecer aproximadamente a mesma por cerca de 150 anos, exceto em Bondgate Without que foi gradualmente e parcialmente preenchida com casas até a junção com Denwick Lane, conforme representado no Mapa de Thompson de 1760 e no Mapa de Wilkin de 1774.

A incerteza na interpretação de evidências anteriores acompanha qualquer tentativa de reconstituição dos antigos limites das parcelas, à exceção de um caso. As parcelas burguesas vazias e outras parcelas estão claramente representadas no Mapa de Mayson, restando poucas dúvidas de que o padrão de parcelas no lado norte de Upper Clayport Street preserva a série de parcelas burguesas original, pelo menos tão bem quanto os limites das parcelas do velho burgo são conservados (Fig. 8). Mesmo a coincidência existente entre a linha de rua e a linha de edificação pode ser considerada, pelo menos, como medieval tardia. Temos aqui a forma mais antiga de um dos tipos de unidades de plano mais comuns resultantes da expansão periférica das cidades: o *eixo arterial*.

A reconstituição do lado sul da mesma estrada, embora não seja tão fácil, é ainda possível com a ajuda dos primeiros planos da O.S. Os desenvolvimentos subsequentes, no entanto, apagaram os limites das parcelas antigas, exceto na pequena área de pequenas casas a poente de Monkhouse Terrace.

No caso de Bondgate Without, a tarefa é dificultada pela irregularidade original do padrão, bem como por mudanças consideráveis nas parcelas individuais. Ainda assim, alguns limites de parcelas existentes correspondem aos representados no Mapa de Mayson.

Por fim, a reconstrução dos limites das parcelas a poente de Pottergate Tower é impossível. No Mapa de Mayson falta informação necessária, e a paisagem atual não contém nenhum resíduo desses primeiros tempos, exceto o espaço da rua de Howling Lane.

#### *Canongate*

A única área construída na Idade Média que falta discutir é Canongate, que anteriormente constituía um assentamento separado de Alnwick e Bailiffgate (Figs. 1, 3 e 7).<sup>40</sup> Canongate constituía um sistema senhorial pertencente à Abadia de Alnwick, separado desta pelo Aln. A estreita relação topográfica normalmente encontrada entre um *núcleo pré-urbano*, como um

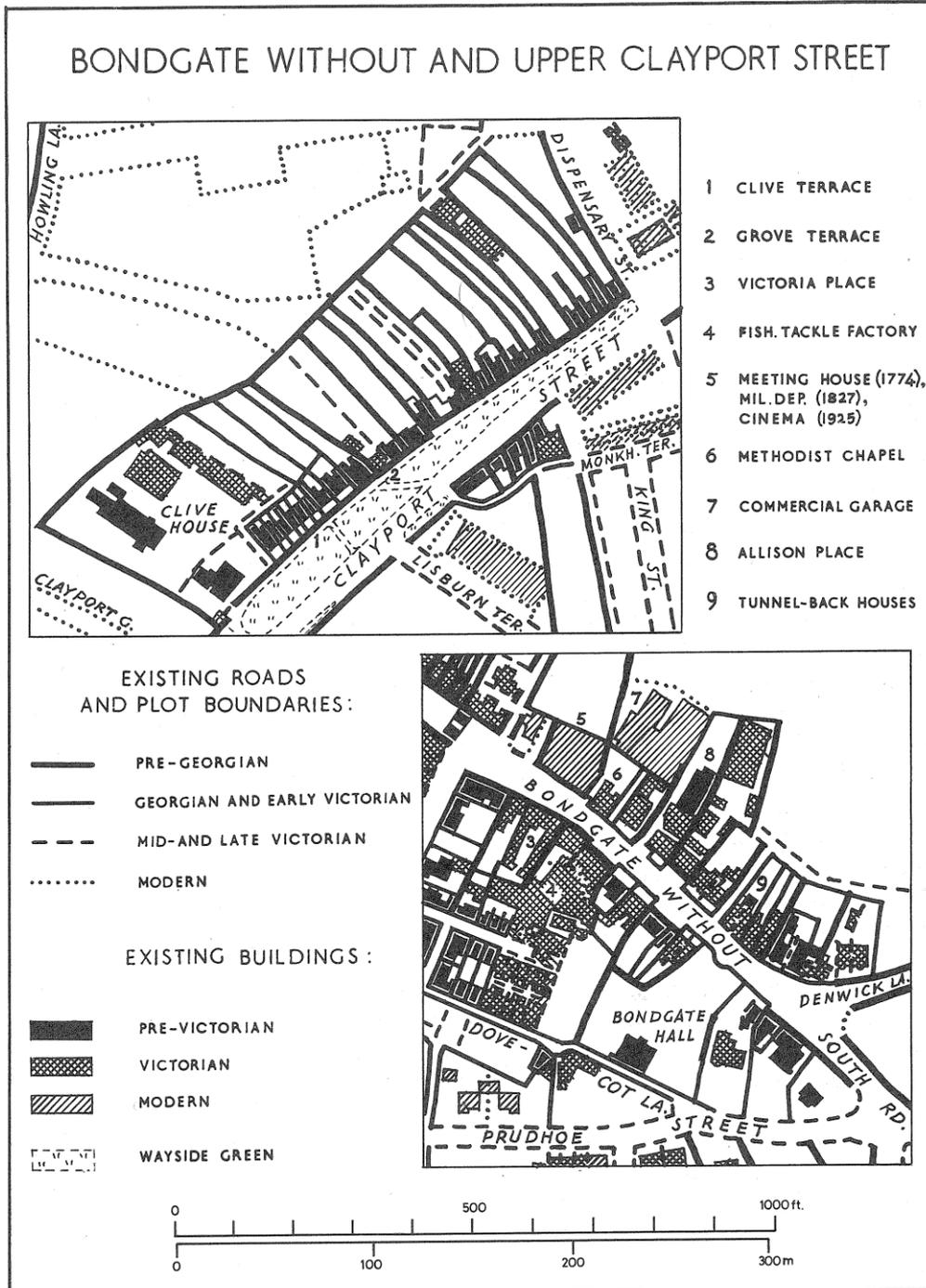


FIGURA 8. BOUNDGATE WITHOUT E UPPER CLAYPORT STREET

castelo ou um mosteiro, e o assentamento comercial que se desenvolvia sob a sua porta, no *suburbium*, era aqui ausente. Canongate (a rua dos Cónegos) cresceu ao longo da estrada que vai da Abadia à St. Michael Church e Alnwick. O almeque<sup>xi</sup> do Aln ficava a alguma distância do mosteiro numa curva sinuosa a norte. A separação física entre o pequeno assentamento senhorial mercantil e a sua abadia pode ter sido ditada tanto por este motivo como pela circunstância de a margem sul do rio, com o seu declive crescente para Alnwick e as rotas regionais, oferecer mais espaço para o desenvolvimento. O crescimento durante a Idade Média foi muito modesto e sem dúvida prejudicado pela ascensão de Alnwick. Embora algumas corporações separadas se tenham desenvolvido em Canongate, o seu mercado permaneceu pequeno e parece não ter tido nenhuma influência na formação do primeiro plano, exceto num pequeno alargamento da única rua localizada perto do rio. Na época da Dissolução dos Mosteiros<sup>xii</sup>, o sistema senhorial continha 36 parcelas burguesas, além de duas propriedades. A reconstituição dos seus limites, como de todo o plano medieval, não é fácil (Fig. 7). O Mapa de Mayson, fundamentalmente centrado em Alnwick, mostra Canongate simplesmente como uma longa fila de casas no lado nascente da rua, sem qualquer padrão de parcelas. O padrão de parcelas aparece pela primeira vez no Mapa de Thompson e, de modo mais consistente, no Mapa de Wilkin. Por esta altura, os dois lados da rua estavam já construídos, com pequenas casas em formação alinhada, e o padrão já tinha sofrido mudanças consideráveis. No entanto, parte do lado nascente, que inclui parcelas com características comparáveis às parcelas burguesas em Clayport Street – do lado exterior de Clayport Tower – sobrevive como remanescente medieval de Canongate, embora a disposição dos edifícios tenha sido, em alguns casos, alterada. Noutros sítios de Canongate, a amalgamação tinha progredido bastante no século XVIII. As restantes parcelas alongadas, no lado poente da rua, são tão retas no Mapa de Wilkin que sugerem que o lado poente terá sido um desenvolvimento inteiramente recente – o que concordaria com o Mapa de Mayson – ou que foi sujeito a uma extensa remodelação das parcelas.

### *Os Campos de Alnwick*

Para além da área construída de Alnwick no período Medieval e Moderno Inicial, existia o campo aberto, contendo os campos do burgo, com os seus caminhos rurais, e a antiga terra comunitária da Floresta de Aydon ou Alnwick Moor, bem como a propriedade do lorde. O sistema de campos medievais da cidade tem interesse por si só e, juntamente com os sistemas de campos de Northumberland em geral, merece uma investigação separada. No entanto, para efeitos deste estudo, é suficiente observar as condições de propriedade e encerramento dos campos, visto que estas influenciaram a posterior expansão da área construída de Alnwick.

O Mapa de Mayson apresenta o sistema tradicional com alterações (Fig. 9). Cerca de metade dos campos estavam nessa altura encerrados. Sobre o restante, o mapa indica um padrão de faixas de cultivo, ou de pasto, abertas sobre um terreno ondulado (*furlongs and rigs*), em que o lorde do sistema senhorial tinha as suas faixas misturadas com as da burguesia e arrendatários.

<sup>xi</sup> O almeque é o ponto onde, numa corrente de água, se pode atravessar a pé ou a cavalo.

<sup>xii</sup> Os Mosteiros começaram a ser dissolvidos na década de 1530 pelo Rei Henry VIII.

Esta área de campo comum localizava-se a sudeste da cidade, entre o rio e a fronteira sul do sistema senhorial, sobre solo constituído por areia outrora transportada por um glaciar. A maioria do solo em pedra de argila na extremidade nascente do sistema senhorial já apresentava grandes encerramentos (cf. Figs. 9 e 3). As principais áreas de campos encerrados estão localizadas a sul da cidade, principalmente sobre solos de pedra de argila e arenito, basalto e calcário de Alnwick Ridge, e pedra de argila e areia transportada por um glaciar, a poente da cidade. Os maiores campos encerrados estavam localizados nesta área e compreendiam terrenos da propriedade do lorde e terrenos anteriormente propriedade da Abadia de Alnwick.<sup>41</sup>

Já em 1624, os terrenos encerrados da propriedade do lorde dominavam as partes norte e poente da cidade, e sudeste a uma curta distância de Bondgate Without – já que a sudoeste e, ainda mais perto do velho burgo, a sul, só existiam terrenos encerrados nas mãos de proprietários livres. Esta situação persistiu em períodos subsequentes e significou que nos estágios iniciais do crescimento moderno a cidade encontrou maior facilidade em expandir-se para sul. Conforme observado por Tate, os terrenos dos proprietários dispostos a vender para fins de construção, especialmente os campos encerrados de menor dimensão, ficavam principalmente deste lado.<sup>42</sup>

A Figura 9 mostra o desenvolvimento do padrão de campos<sup>43</sup>, bem como os elementos que sobreviveram como reminiscências no plano atual. Da comparação com as Figuras 1 e 21, emerge um facto de significado geral. Em fases sucessivas, o padrão de campos em redor da Cidade Velha apresenta-se como um fator formativo na evolução do plano de ruas. Serve como uma estrutura de orientação para o desenvolvimento subsequente, determinando os detalhes topográficos das características posteriores do plano. Os seus caminhos tendem a tornar-se ruas de pouco tráfego ou ruas residenciais estruturantes de novas áreas edificadas, e os limites dos campos tendem a definir os limites das unidades de plano mais tardias. Em resumo, o padrão de campos serve como um quadro morfológico para o crescimento urbano subsequente, um fenómeno comum na geografia urbana.<sup>44</sup>

#### REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> A posição da ponte medieval foi traçada com base em *Mayson's Map*, 1622, e *Thompson's Map*, 1760.  
<sup>2</sup> MAWER, op. cit., 237.  
<sup>3</sup> O castelo medieval da Figura 5 é baseado em TATE, op. cit., vol. i, fotografia iv, fig.2, e 85-6, 253.  
<sup>4</sup> TATE, op. cit., vol. i, 84, 117-18, 134.  
<sup>5</sup> *Clarkson's Survey, 1567*, fols. 43, 44, 46.  
<sup>6</sup> TATE, op. cit., vol. i, 135.  
<sup>7</sup> *Ibid.*, vol. i, 448; vol. ii, 366.  
<sup>8</sup> R. E. DICKINSON, op. cit., 345, 360, 369, 404. E. J. SIEDLER, *Märkischer Städtebau im Mittelalter* (1914), 12.  
 Cf. also E. ENNEN, *Frühgeschichte der europäischen Stadt* (1953), 124.  
<sup>9</sup> TATE, op. cit., vol. I, app. i.  
<sup>10</sup> *Ibid.*, vol. I, 87.  
<sup>11</sup> *Ibid.*, vol. i, 86, 93, 149.  
<sup>12</sup> *Ibid.*, app. iii and iv.  
<sup>13</sup> *Ibid.*, vol. i, 249-50, 312, 319; vol. ii, 321-49.  
<sup>14</sup> *Ibid.*, vol. i, 245, 247.

FIGURA 9. OS CAMPOS DE ALNWICK

- 1 Limites anteriores a 1620, actualmente não existentes
- 2 Limites existentes, datados do período:
- 3 antes de 1620
- 4 1620-1760
- 5 1760-1866
- 6 1866-1897
- 7 depois de 1897
- Terrenos em faixas misturadas mantidas pelo lorde do sistema senhorial e outros proprietários em 1620, posteriormente incluídos em campos encerrados:
- 7 pelo lorde do sistema senhorial em 1760 e 1846
- 8 pelo lorde do sistema senhorial em 1760, e por vários proprietários em 1846
- 9 por vários proprietários em 1760, e pelo lorde do sistema senhorial em 1846
- 10 por vários proprietários em 1760 e 1846
- Terrenos contidos em campos encerrados:
- 11 pelo lorde do sistema senhorial em 1620, 1760 e 1846
- 12 pelo lorde do sistema senhorial em 1620 e 1760, e por outros proprietários em 1846
- 13 pelo lorde do sistema senhorial em 1620, e por outros proprietários em 1760 e 1846
- 14 por vários proprietários em 1620, e pelo lorde do sistema senhorial em 1760 e 1846
- 15 por vários proprietários em 1620 e 1760, e pelo lorde do sistema senhorial em 1846
- 16 por vários proprietários em 1620 e 1846, e pelo lorde do sistema senhorial em 1760
- 17 Proprietários que não o lorde do sistema senhorial desde data anterior a 1620
- 18 Proprietários que não o lorde do sistema senhorial desde data anterior a 1620, mas mantidos por Prideaux Selby, Esq. em 1846

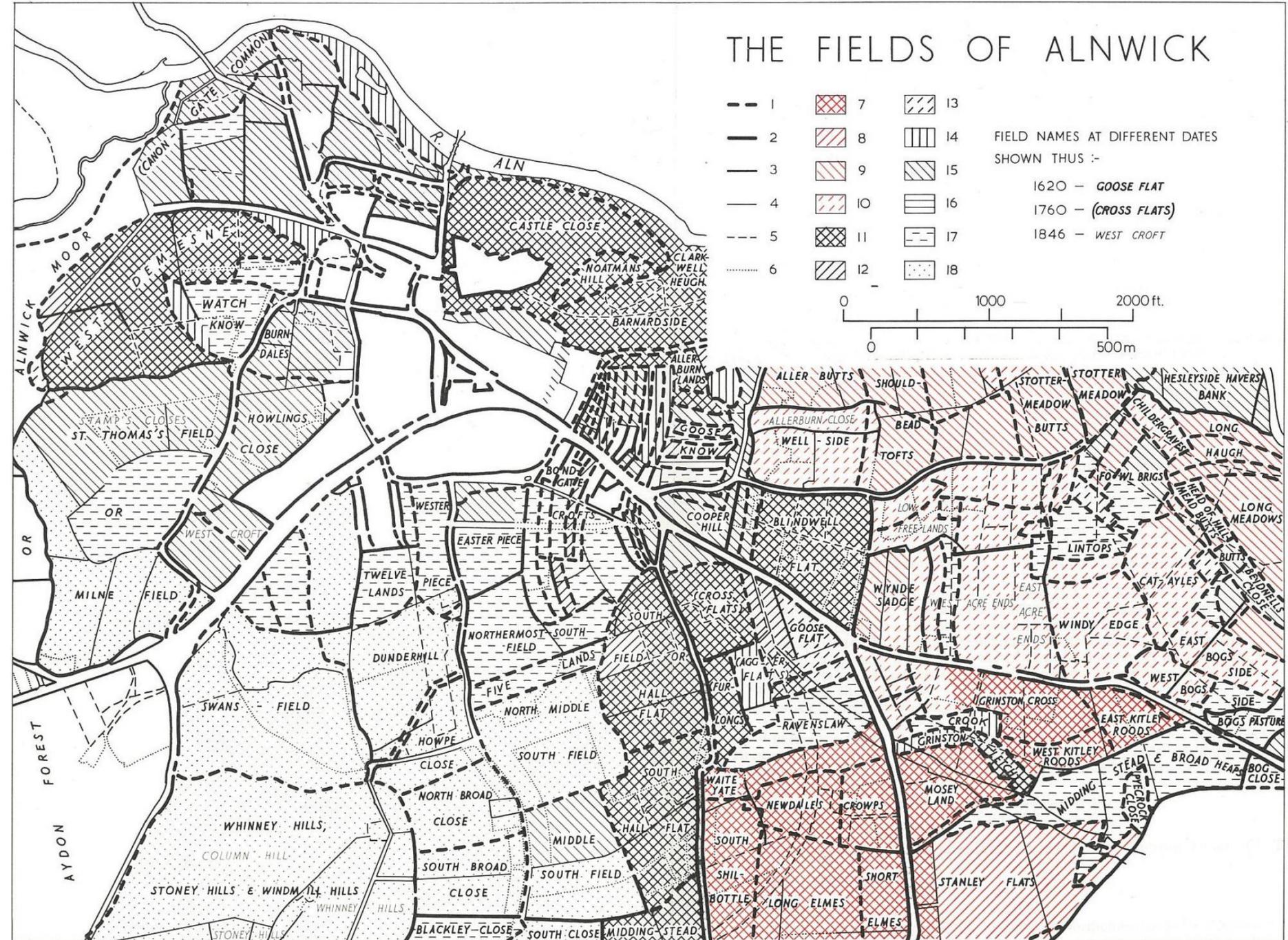


FIGURA 9

<sup>15</sup> *Clarkson's Survey, 1567*, fol. 24. Para o significado de *burgagium* ver J. TAIT, *The medieval English borough* (1936), 99, n. 7, 106-7; para *firma burgi*, *ibid.*, capítulo vii.

<sup>16</sup> A diferenciação de ruas, como muitos outros detalhes da morfologia urbana medieval, recebeu primeiro a atenção de investigadores no Continente. Estes desenvolveram a primeira terminologia de tipos de ruas funcionais, especialmente na área da colonização medieval Alemã, que forneceu um campo de observação particularmente importante a este respeito. Cf. CH. KLAIBER, *Die Grundrissbildung der deutschen Stadt im Mittelalter* (1912), 49-52; SIEDLER, *op. cit.*, 46-56; DICKINSON, *op. cit.*, 46-56; DICKINSON, *op. cit.*, 316, 479.

<sup>17</sup> TATE, *op. cit.*, vol. ii, 71 f.n., 286-7.

<sup>18</sup> Assim designado na *Survey of Northumberland*, 1586, fol. 37.

<sup>19</sup> SIEDLER, *op. cit.*, 60, cita os casos de Soldin e Spremberg na Alemanha de Leste. Exemplos de fachadas comparáveis ocorrem em Sauveterre de Guienne e Valence d'Agen. Cf. T. F. TOUT, *Medieval town planning* (1934), 20. Para o exemplo mais conhecido (Bern), cf. H. STRAHM, 'Der zähringische Gründungsplan der Stadt Bern', *Archiv des Historischen Vereins des Kantons Bern*, 39 (1948), 361 ff.

<sup>20</sup> HUGH BRAUN, An introduction to English medieval architecture (1951), 70-1.

<sup>21</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 245.

<sup>22</sup> *Survey of Northumberland*, 1586, fol. 26.

<sup>23</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 450-2.

<sup>24</sup> Antes do estudo de 1586, Pottergate tinha o nome Barresdale Street, porque se desenvolvia ao longo de 'Hooling Lane' (1677) para 'Burndales' (*Mayson's Survey*, 1624) ou 'Barresdale', a área agora ocupada por Barndale Riggs, Barndale House e Barndale Cottage. Cf. TATE, *op. cit.*, vol. ii, 366.

<sup>25</sup> *Clarkson's Survey, 1567*, fol. 42.

<sup>26</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 236-44, app. iv; vol. ii, app. vii.

<sup>27</sup> Cf. também *Clarkson's Survey, 1567*, fol. 44.

<sup>28</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 244.

<sup>29</sup> Agora popularmente, embora erroneamente, conhecida como Hotspur Tower. Cf. TATE. *Op. cit.*, vol. i, 241.

<sup>30</sup> *Ibid.*, vol. ii, 283.

<sup>31</sup> *Ibid.*, vol. ii, 283.

<sup>32</sup> *Ibid.*, vol. ii, app. vii.

<sup>33</sup> Informação gentilmente cedida pelo jardineiro chefe do Duque de Northumberland.

<sup>34</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 101, 245; vol. ii, 366.

<sup>35</sup> *Ibid.*, vol. i, 245.

<sup>36</sup> *Clarkson's Survey, 1567*, fols. 13, 14, 30-2, 35-8.

<sup>37</sup> *Ibid.*, fols. 40-5.

<sup>38</sup> *Ibid.*, fols. 19-21.

<sup>39</sup> *Ibid.*, fols. 36-7.

<sup>40</sup> TATE, *op. cit.*, vol. i, 245, 337, 449; vol. ii, 367-8.

<sup>41</sup> *Ibid.*, vol. ii, 391.

<sup>42</sup> *Ibid.*, vol. ii, 369.

<sup>43</sup> Baseado em *Mayson's Map, 1624*, *Thompson's Map, 1760*, e *Tithe Map, 1846*.

<sup>44</sup> O caso de Nottingham, representativo de muitos outros, é ilustrado em W. G. HOSKINS, *The making of the English landscape* (1955), 216-23, seguindo-se a J. D. CHAMBERS, *A century of Nottingham history, 1851-1951*, e *Modern Nottingham in the making* (1945).

## CAPÍTULO 6

### ALNWICK NOS PERÍODOS GEORGIANO TARDIO E VITORIANO INICIAL

#### *Desenvolvimento Social e Económico*

UMA comparação do Mapa de Mayson com os de Thompson e Wilkin mostra que o crescimento físico de Alnwick, entre 1625 e 1775, foi quase insignificante. Este esteve praticamente confinado a uma consolidação dos dois eixos arteriais, um preenchimento do extremo poente de Bailiffgate North Row, e à adição de Canongate West Row. O quadro é de relativa estagnação. No entanto, a vida económica da cidade, e da zona rural envolvente, desenvolveu-se normalmente e beneficiou com o final da guerra de fronteira e uma maior segurança pública. Juntamente com isto, ocorreram os melhoramentos realizados, em parte, pelo corpo de governo da cidade (os quatro oficiais administrativos e os chamados Four-and-Twenty ou Common Council) e, em parte, pelos Duques de Northumberland. Mas antes que os melhoramentos agrícolas estivessem em pleno andamento, e que a sua influência pudesse ser sentida na zona rural da Northumbria, os recursos económicos da região estabeleciam um limite para o desenvolvimento da sua cidade mercantil. Alnwick estava muito longe das minas de carvão para entrar na trajetória do desenvolvimento industrial. Por outro lado, o advento de estradas com portagem melhorou a posição de Alnwick como um ponto importante na Great North Road, na sua junção com a Hexham-Alnmouth Turnpike. A escolha do Castelo de Alnwick, por parte do primeiro Duque de Northumberland, como sua residência, constituiu também um benefício económico para a cidade em diversos aspetos, embora a presença do Duque o envolvesse numa prolongada luta, com a corporação, pelos direitos senhoriais em Alnwick Moor.

Até 1775 as mudanças no tecido da cidade foram moderadas, mas o período entre 1775 e 1851 registou muita construção. Materializou-se em extensas substituições dentro da antiga área construída, bem como em novas unidades de plano nos arredores, e refletiu o ritmo acelerado do desenvolvimento económico (Figs. 1, 10-13). A população de Alnwick aumentou de menos de 5,000 em 1801 para quase 6,000 em 1821, e mais de 7,000 em 1851, dos quais 6,400 residiam em Alnwick e no assentamento de Canongate. O desenvolvimento da agricultura e das comunicações foi o responsável por este processo. As novas estradas com portagem revigoraram lugares como Alnwick.<sup>1</sup> A Great North Road já tinha sido uma estrada designada para o transporte de correio no século XVII e tornou-se uma estrada com portagem em 1741. A estrada de Hexham para Alnmouth, *via* Rothbury e Alnwick, foi transformada em estrada com portagem em 1753-54, e a rota de Alnwick para Haggerston, *via* Canongate e Egingham, durante os anos 1824-26.

Os registos das várias corporações em Alnwick testemunham a contínua diversidade de atividades económicas. O local de encontro de algumas destas associações de ofícios foi durante algum tempo a Clayport Tower, até que a nova Câmara da Cidade fosse erguida no Mercado.<sup>2</sup> Entre as dez associações existentes, os comerciantes continuavam a ser os mais importantes, seguidos dos curtidores, o que indicava a tradicional importância do comércio de couro. No início do século XIX, quatro cervejarias produziam em grande escala.<sup>3</sup>

O crescente tráfego que passava pela cidade nas novas estradas com portagem gerou um bom negócio para várias estalagens. Em Bondgate, a White Swan (figs. 10, 11, 12) era a maior

de todas, tendo já na altura aumentado a sua fachada através da amalgamação de duas antigas parcelas burguesas. Esta era a estação de correio da cidade. Em Fenkle Street havia as hospedarias Angel e Griffin (agora Nag's Head). Bondgate Without, Narrowgate e Bailiffgate possuíam outras hospedarias.<sup>4</sup>

Como centro de serviços, no entanto, Alnwick não tinha uma posição elevada.<sup>5</sup> Embora em 1822 ainda fosse nominalmente a cidade mais importante do condado (county town), com um tribunal mensal, tinha de partilhar as Quarter Sessions<sup>xiii</sup> com Newcastle, Morpeth e Hexham, e não desfrutava de nenhuma das distinções e privilégios de cidade mais importante do condado. Limitava-se a fornecer o local para a eleição dos Membros do Parlamento e dos oficiais leigistas. Não tinha bancos próprios. Por outro lado, era uma cidade mercantil local, estabelecida, e com grandes mercados de gado bovino.

O grau de prosperidade moderado, mas crescente, trouxe uma série de melhorias, em parte expressando a vida social e as aspirações culturais da comunidade à época, e em parte determinadas para aumentar o bem-estar material da cidade como um todo. No conjunto, o seu efeito sobre a paisagem urbana de Alnwick foi considerável.

Entre as instituições que ganhavam gradualmente mais importância estavam as escolas, mantidas pela cidade ou pela caridade privada.<sup>6</sup> Entre 1630 e 1854, meia dúzia de escolas de importância geral foram fundadas na cidade.

A primeira referência a uma casa de trabalho<sup>xiv</sup> (workhouse) em 1785, e as disposições subsequentes para a sua acomodação em novos edifícios, mostram o esforço para atender às necessidades sociais numa outra direção, particularmente com a reorganização da assistência aos mais pobres em novas unidades do governo local, as Poor-Law Unions, após 1834.<sup>7</sup> Do mesmo modo, Alnwick assistiu à instituição de uma nova Casa de Correção (1807), um Tribunal (1856), e um Dispensário, posteriormente o Hospital de Alnwick, fundado em 1815.<sup>8</sup> O aumento de trabalhadores nas indústrias de Alnwick é indiretamente revelado, e os esforços sociais para melhorar as suas oportunidades são diretamente sugeridos pela criação de duas fundações: o Savings Bank, estabelecido em 1816, e o Mechanics Institute, inaugurado em 1824.<sup>9</sup> O Teatro de Alnwick foi construído no mesmo período.

O sectarismo da vida religiosa deste período ficou representado pela construção de catorze capelas, das quais cerca de meia dúzia sobrevivem até hoje.<sup>10</sup> Por fim, o terceiro Duque de Northumberland construiu a grande St. Paul Church no lado sul de Green Batt, em 1846.<sup>11</sup>

Entre os melhoramentos físicos realizados durante o período Georgiano Tardio estão a construção de uma usina de gás (1825), a melhoria do abastecimento de água<sup>12</sup> e a pavimentação das ruas principais.<sup>13</sup>

Uma nova câmara da cidade foi construída em 1736, quando uma localização central adequada ficou disponível, após a demolição das antigas cervejarias. Entre outras propriedades reconstruídas pelos oficiais administrativos da cidade estavam a Pottergate Tower (1767-68) e o novo quartel dos bombeiros (1811).<sup>14</sup> A substituição do Mercado de Carne pelos Duques de

<sup>xiii</sup> Tribunal local realizado quatro vezes por ano, em vigor em Inglaterra entre finais dos séculos XIV e XX.

<sup>xiv</sup> Instituição pública de solidariedade social na qual os necessitados recebiam alimentação e alojamento em troca de trabalho.

Northumberland em 1764, e novamente em 1826 com a criação das novas Assembly Rooms, foi anteriormente observada.

As Assembly Rooms indicam a importância de Alnwick como centro social para as pessoas de classe alta do condado, no Quarter Sessions uo XVIII. Esta importância também se refletiu numa quantidade considerável de reconstruções, substituindo as habitações antigas e mais humildes por novas casas de cidade. Bailiffgate House e Bondgate Hall (reconstruídas c. 1810)<sup>15</sup> são outros exemplos notáveis.

Se as transformações discutidas até agora estavam mais direta e organicamente relacionadas com a vida da cidade mercantil, outras afetaram o plano de cidade de Alnwick de modo substancialmente diferente. O primeiro Duque de Northumberland fez do Castelo de Alnwick a sua residência principal<sup>16</sup> e realizou uma considerável renovação e ampliação do castelo entre 1766 e 1769, embora as características gerais do layout medieval tenham sido preservadas. Além disso, o Duque iniciou um ambicioso projeto de desenvolvimento de um parque próximo de Alnwick, de modo a proporcionar um cenário adequado à residência de um grande nobre, de acordo com a moda paisagística da época. A região escarpada em torno de Alnwick, com a suas vistas magníficas para os Cheviots, na Escócia, e para o mar, proporcionava uma excelente oportunidade, especialmente dentro e ao redor do trecho do desfiladeiro do vale do Aln, e rapidamente esta área se tornaria no Hulne Park. O Duque encontrou em Lancelot Brown – ele próprio nascido em Northumberland – um dos principais designers do novo estilo, alguém que veio a colocar em prática um conjunto de novas ideias na sua propriedade. O trabalho desenvolveu-se desde meados do século XVIII até à morte do Duque em 1786, e foi continuado pelos seus sucessores até à segunda metade do século XIX.<sup>17</sup> Estas atividades tiveram um impacto no crescimento físico de Alnwick, que se manifestou de três modos. Primeiro, consolidaram as terras mantidas pela família Percy no lado norte da cidade e estenderam-nas pela maior parte da área de Canongate, Walkergate, Bailiffgate, a parte traseira das antigas parcelas burguesas no lado norte de Bondgate, e praticamente todas as terras no lado norte de Bondgate Without, bem como na atual Denwick Lane (Fig. 9). Isto resultou em grandes transformações na área construída destas partes da cidade, e interrompeu a sua expansão nesta direção (Fig. 1). Em segundo lugar, incluíram alterações importantes no sistema de estradas em todo o lado norte de Alnwick, ajudadas por sucessivas inundações do rio, que destruíram as antigas pontes e que levaram à sua reconstrução em novos locais. Em terceiro lugar, Alnwick foi privado da vantagem económica de uma posição numa linha ferroviária principal, uma vez que os esforços do terceiro Duque para manter as linhas de Newcastle e Berwick longe dos seus parques fizeram com que a linha, em 1847, ficasse localizada três milhas (4.8 quilómetros) a nascente. A cidade estava ligada a estas linhas apenas por um ramal (1850) que chegava até à extremidade sudeste da área construída.<sup>18</sup>

A antiga estrada de Bondgate Tower para Denwick, *via* Allerburn Lane, passando por Barnardside até à atual Denwick Lane (Figs. 1 e 9), foi fechada e substituída pela atual, ao longo da Fisher Lane, sendo que o gado seguiria por Aller Burn para norte.<sup>19</sup> A ponte Denwick foi construída nessa altura. O outro desvio de estrada importante corresponde à velha Eglington Road. O sistema senhorial de Canongate tinha sido comprado pelo primeiro Duque em 1765, e praticamente todas as outras posses originais da Abadia de Alnwick na área foram adquiridas

pela família Percy antes de meados do século XIX.<sup>20</sup> O resultante e gradual encerramento dos campos que constituíam Canongate Common foi acompanhado pela restrição da antiga estrada de transporte de gado de Ratten Row, até a antiga Eglingham Road ser finalmente fechada por Ato do Parlamento em 1826. O terceiro Duque contribuiu fortemente para a nova estrada com portagem de Eglingham, que se ramificou a partir do meio de Canongate no lado poente, onde várias parcelas burguesas foram eliminadas, cruzando a nova Ponte Canongate sobre o Aln (Fig. 7), passando perto do local da Abadia de Alnwick, e subindo o planalto em direção a norte para evitar a profundidade do desfiladeiro do Aln. A Great North Road teve apenas um pequeno desvio do seu traçado medieval, causado por uma inundação em 1770 quando a antiga ponte abaixo do castelo foi destruída, tendo sido totalmente reconstruída três anos depois, cerca de 100 pés (30.5 metros) acima do rio – a atual Lion Bridge.<sup>21</sup> Adquiriu, portanto, uma posição mais alinhada com o eixo designado como Peth (Fig. 7).

Além destas mudanças, o espaço aberto imediatamente ao redor do castelo foi ampliado pelo truncamento das antigas parcelas burguesas no lado norte de Bondgate (Figs. 5 e 11, também 1 e 9). A área adquirida deste modo foi aterrada e plantada de modo a ser protegida do exterior e a proporcionar uma configuração paisagística. A norte de Bondgate Without, a área de Goose Knows, também adquirida a vários proprietários, foi planeada como um grande jardim formal ao longo do século XIX.

De modo semelhante, muitas das antigas parcelas burguesas da área de Walkergate foram incorporadas nos terrenos do parque e as suas casas foram demolidas (Figs. 7 e 9).

#### *A Estrutura e Expansão da Área Construída*

No desenvolvimento do plano de cidade de Alnwick, as transformações descritas anteriormente, provocaram uma certa atrofia da área construída no seu extremo norte, nomeadamente em Canongate e Walkergate, e uma exclusão permanente destes terrenos do normal funcionamento do mercado imobiliário. A oeste e sudoeste, a West Demesne, a maior parte de St. Thomas's Field e a propriedade Swansfield, todos apoiados pelo antigo espaço comum de Alnwick Moor, impuseram condições de dificuldade semelhante. A distribuição da propriedade de terras em 1760 e 1846 dá uma ideia da situação em torno de Alnwick (Fig. 9). Por volta de 1825, quando a expansão da cidade começou, o maior grau de subdivisão de propriedades no lado sul proporcionava praticamente a única saída para o crescimento de Alnwick, quer através de pequenas casas quer através de layouts completos, enquanto uma periferia estacionária e recessiva da cidade tinha sido estabelecida no lado norte de Denwick Lane até à West Demesne (Figs. 1 e 9). Este desenvolvimento excêntrico é uma característica do crescimento de Alnwick, que durou até aos tempos modernos, modificado apenas em parte por extensões recentes a poente e nascente.

Durante o período Georgiano, apenas a construção de casas maiores em redor da Cidade Velha não foi muito afetada por esta regra. Nas imediações de Alnwick, frequentemente em contacto mais ou menos direto com a periferia da sua área construída, várias residências de grande dimensão foram construídas em sítios atrativos e disponíveis, rodeadas por terrenos cenográficos. Estas testemunharam a presença de comerciantes prósperos e pessoas influentes, que possuíam terras em vários pontos dos arredores ou que adquiriram locais mais favoráveis a

grandes proprietários. Destas novas casas, Swansfield House, a sudoeste, foi a primeira, estando registada no Mapa de Armstrong de 1769.

A expansão da cidade durante os períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial foi o primeiro desenvolvimento significativo no exterior da Cidade Velha, e requer uma avaliação geral da estrutura do plano e formas de crescimento.

O contraste entre núcleo compósito e acreções foi mencionado anteriormente. As sete unidades de plano que constituem a Cidade Velha, estabelecidas antes de 1620, foram afetadas de modo diverso, por processos de preenchimento e de substituição dentro de uma estrutura de contornos tradicionais; exceto a norte, onde sofreram uma contração.

Por outro lado, as acreções representam adições sucessivas à área construída e são unidades de plano de um novo tipo. De certo modo, tiveram como precursores os dois eixos arteriais do período pré-Georgiano. Em termos de uso do solo, as acreções tinham um caráter misto, incluindo algumas indústrias, serviços públicos e edifícios comunitários. As residências, contudo, predominavam, em área e em número de parcelas individuais, e fornecem a base mais significativa para uma comparação quantitativa ao longo de períodos sucessivos.

TABELA II

*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, c. 1750-1956*

<i>Período</i>	<i>Casas</i>		<i>Área</i>		<i>Densidade bruta média*</i>
	Número	% do total	Medida em acres	% do total	
<i>c. 1750-1851</i>	155	9.26	36.49	17.46	4.3
1851-1875	47	2.82	10.98	5.27	4.3
1875-1897	110	6.56	15.19	7.28	7.2
1897-1914	192	11.50	37.82	18.08	5.1
1918-1939	655	39.15	56.55	27.13	11.6
1945-1956	514	30.71	51.76	24.78	9.9
<i>c. 1750-1956</i>	1673	100.00	208.79	100.00	8.0

\*Densidade residencial bruta = número de casas por acre (0.4 hectares) de área construída, incluindo ruas.

A Tabela II ilustra o desenvolvimento dos últimos 200 anos e o seu ritmo de crescimento gradual. Entre os fatores relevantes estão o modesto crescimento populacional durante a Revolução Agrícola e o gradual preenchimento da área do velho burgo. A baixa densidade bruta média, nos primeiros 100 anos, deve-se em parte à proeminência característica de casas de grande dimensão com terrenos privados, mas esconde grandes contrastes em termos de desenvolvimento do edificado. A Tabela III apresenta este desenvolvimento em termos de unidades de plano individuais e, juntamente com tabelas semelhantes para períodos mais tardios, fornece uma base para o estudo quantitativo das acreções residenciais.

TABELA III

*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, c. 1750-1851*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona da cidade (Unidade de plano)</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>		
Up. { 27 41	Hotspur Street – Hotspur Pl. (up.)	1774-1851	34	} 4.15 11.3%	35.7		
Up. 40	Croft Place (up.)	1827-1851	5		0.95	35.7	
Up. 35	Howick Street (lado S, up.) (Fig. 15f)	1827-1851	37		1.49	24.8	
Up. 35	Howick Street (lado N) (Fig. 15f)	1827-1851	27		1.57	17.1	
Up. 38 37 31	South Street (Fig. 15a)	1827-1851	11	} 5.55 15.1%	6.9		
	Percy T. – Prudhoe Street Oeste (up.)	1774-1851	12		1.60	6.7	
	Grosvenor T. – Clive T.	1774-1827	13		1.80	6.1	
Up. 23 98 23 26 52 101 56 62 129	Dispensary Cottage	1774-1827	1	} 26.79 73.6%	3.3		
	Belvedere T. (Fig. 15h)	1827-1851	5		0.30	3.1	
	Barndale House and Cottage	1774-1851	2		1.63	1.5	
	Greenbatt Cottage	1827-1851	1		1.37	1.3	
	Clive House and Cottage*	1774-1851	2		0.77	1.1	
	Alnbank-Freelands	1827-1851	2		1.83	0.4	
	Bellevue*	1774-1827	1		5.13	0.2	
	Croft House*	1774-1827	1		4.23	0.2	
	Swansfield House* (Fig. 15g)	pré-1769	1		4.61	0.1	
	DESENVOLVIMENTO TOTAL	c. 1750-1851	155	} 100%	36.49	} 100%	4.3

Nas Tabelas III, V, VI, VII, X e XI o leitor é encaminhado para a Figura 21 para a localização das unidades de plano<sup>xv</sup> e para as Figuras 15 e 19 para amostras de planos.

\*Nas casas de grande dimensão, os edifícios subsidiários como casas do caseiro, cavalariças, etc., foram desconsiderados para efeito do cálculo da densidade.

Para permitir que as características de densidade do desenvolvimento Georgiano Tardio sejam vistas face às expansões subsequentes de Alnwick, a Tabela IV fornece a comparação com períodos posteriores, para os quais tabelas de desenvolvimento separadas são produzidas em capítulos posteriores.

Com base nas densidades brutas, o desenvolvimento residencial pode ser convencionalmente dividido em grupos e classes através de certos limites de densidade, nos

<sup>xv</sup> Up – Unidade de plano nas Tabelas III, V, VI, VII, X e XI.

TABELA IV

*Incidência da Densidade Bruta Residencial fora da Cidade Velha, c. 1750-1956*

Densidade bruta			c. 1750-1851 (Tab. III)	1851-1875 (Tab. V)	1875-1897 (Tab. VI)	1897-1914 (Tab. VII)	1918-1939 (Tab. X)	1945-1956 (Tab. XI)
Grupos	Classes	Limites						
D	XI	40			41.5			
	X	30	35.7 duas vezes					
C	IX	22	24.8		28.5	25.0 duas vezes		
	VIII	16	17.1	19.8	20.8	19.2 18.0	17.6	
B	VII	12			15.7 14.3	15.1 13.7 13.3	14.7 14.5 14.4 14.2 12.8 12.4 12.0	14.1 12.9
	VI	8		11.1 10.5	9.1	9.0	10.7 10.2 9.4 8.5	11.4 10.7 duas vezes 10.6 10.0 9.8 8.0 duas vezes
	V	4	6.9 6.7 6.1		5.1 4.8 4.5	5.3 5.0	6.7 6.1	7.4 6.1 5.5 5.1 4.6 4.2
A	IV	2	3.3 3.1		2.1	3.8 3.6 2.1	3.0	3.6 3.2 duas vezes 3.1 2.4
	III	1	1.5 1.3 1.1	1.8		1.2 duas vezes		1.5
	II	0.5		0.9	0.5	0.8 0.6		
	I		0.4 0.2 duas vezes 0.1	0.3	0.2	0.2		

quais o desenvolvimento tende a mudar em termos de carácter geral e das suas características morfológicas. Os grupos são:

- A - Densidades baixas
- B - Densidades médias
- C - Densidades altas
- D - Densidades muito altas

Os grupos podem ser subdivididos em classes I-XI, conforme mostrado na Tabela IV.

Dois características proeminentes do desenvolvimento Georgiano são a sua ampla gama de densidades, e a ausência de representantes nas classes VI e VII, i.e., as densidades médias em torno do limite standard moderno de doze casas por acre. Ambas as características, de facto, enfatizam o quadro contrastante que opõe as baixas densidades das grandes casas de campo e as densidades mais baixas (em média) dos empreendimentos residenciais ‘respeitáveis’ nos limites da cidade, às densidades altas e muito altas das habitações de artesãos e trabalhadores. O vazio é explicado pela grande disparidade dos níveis de rendimento na sociedade Georgiana, e pela total ausência de controle público sobre o desenho e layout das habitações da classe trabalhadora.

A extensão limitada da habitação de alta densidade, mostrada na Tabela III, deve-se ao desenvolvimento industrial muito modesto de Alnwick durante este período e ao facto de, simultaneamente com a expansão nos limites da área construída, a habitação artesã ter aumentado dentro da Cidade Velha. Isto chama a atenção para a diversidade de crescimento que ocorre em diferentes partes de Alnwick, que serão de seguida consideradas separadamente.

#### *Desenvolvimento da Cintura Periférica*

O Mapa de Wilkin de 1774, e os levantamentos do sistema senhorial contemporâneos, apresentam o layout do velho burgo numa fase de desenvolvimento ligeiramente diferente do final da Idade Média (Fig. 10). Uma servidão de passagem relativamente recente, o ‘Church Path’, seguindo a linha da antiga muralha de Clayport até à igreja, bem como algumas substituições de antigas casas pequenas no centro por casas Georgianas maiores, são mudanças evidentes.

Um desenvolvimento mais significativo, entretanto, é exemplificado por algumas parcelas burguesas, cujos extremos da cauda foram cortados para formar novas *parcelas derivadas*, com os seus próprios dominantes, geralmente menores do que as *parcelas originais* residuais. Estas podem ser distinguidas como *parcelas do extremo da cauda* e são adjacentes a Church Path, Tower Lane e Green Batt. Por outras palavras, uma nova colonização dos logradouros das parcelas burguesas iniciou-se nos extremos das caudas das parcelas onde já estava disponível um caminho de acesso que permitia a abertura de frentes distintas. Juntamente com outras parcelas novas localizadas sobre, ou adjacentes, à mesma servidão de passagem, estas representam uma mistura variada de unidades de uso do solo. Representam ainda elementos introduzidos tardiamente no plano de cidade, quer sejam casas – geralmente pequenas – ocupadas por pessoas que não possuíam parcelas burguesas antigas, quer sejam novas

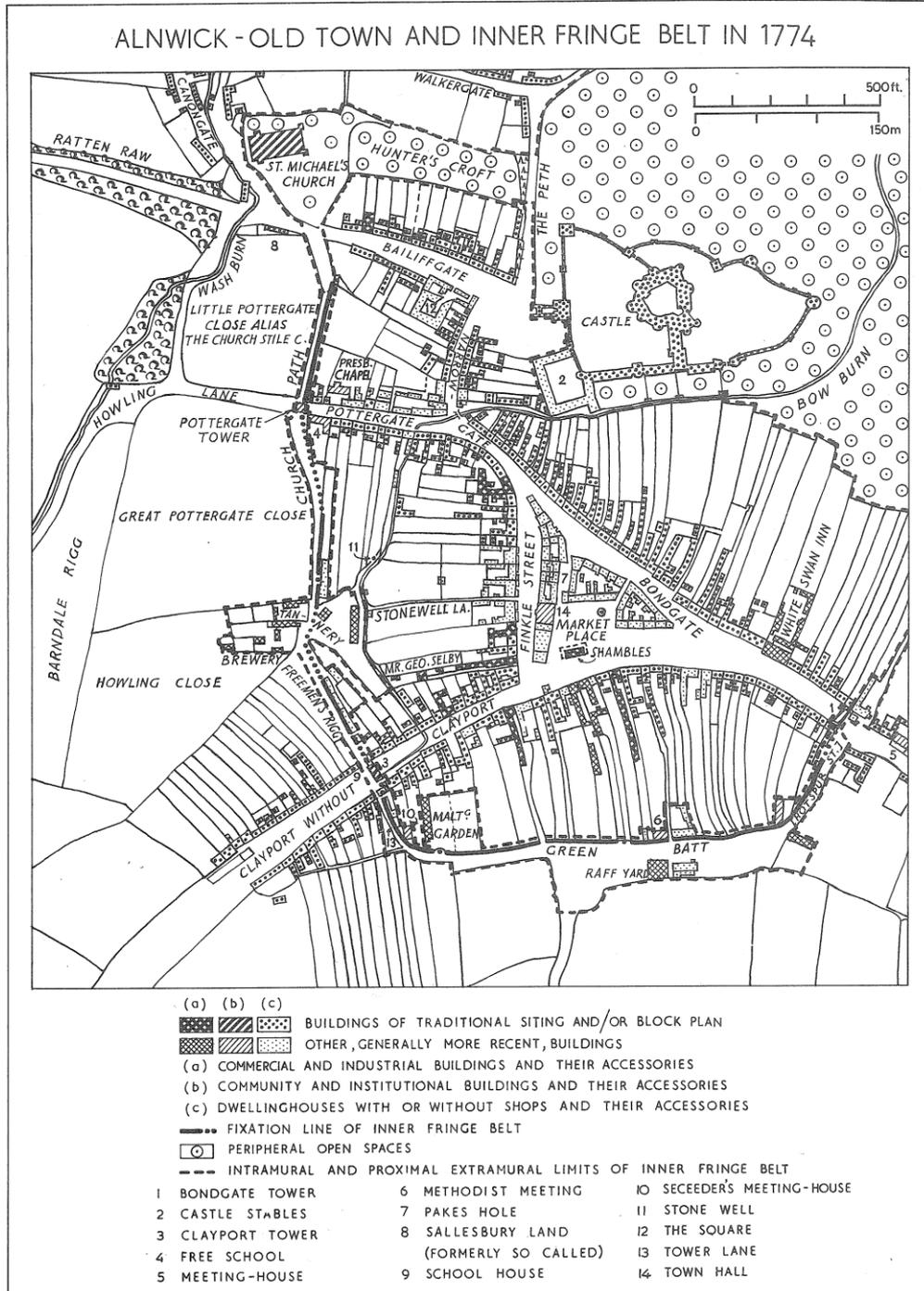


FIGURA 10. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1774

---

(a)	(b)	(c)	
			Edifícios de localização e/ou planta de implantação tradicional
			Outros edifícios, geralmente mais recentes
(a)			Edifícios comerciais e industriais e seus acessórios
(b)			Edifícios comunitários e institucionais e seus acessórios
(c)			Casas de habitação com ou sem lojas e seus acessórios
			Linha de fixação da Cintura Periférica Interior
			Espaços abertos periféricos
			Limites intramuros e extramuros proximal da Cintura Periférica Interior

---

Tradução do texto da FIGURA 10

instituições, ou mesmo terrenos industriais ocupados por atividades que precisam de mais espaço do que o disponível numa posição mais central.

Um complemento essencial deste processo é a transformação gradual do espaço aberto contínuo fora da linha da muralha numa estrada circular. Esta torna-se o ‘locus’, a estrutura para o desenvolvimento das novas parcelas. Green Batt, Tower Lane e, mais tarde, Hotspur Street existiam como estradas em 1624. Logo depois, o troço entre St. Michael Church e Clayport converteu-se no ‘Church Path’. Este caminho é representado no Mapa de Wilkin passando por baldios apenas parcialmente encerrados, mas um mapa de 1815<sup>22</sup> mostra o troço entre Bow Burn e Pottergate Tower totalmente definido por terrenos encerrados como ‘Back Lane’, e toda a extensão aparece como uma estrada no Mapa de Wood, de 1827. De um modo semelhante, Northumberland Street começou como parte de Church Path, mas tornou-se uma estrada na época dos primeiros Mapas da Ordnance Survey, de 1851. Apenas no pequeno troço entre Northumberland Street e Narrowgate, ao longo da cerca posterior das parcelas arrendadas em Bailiffgate, a muralha antiga não se transformou numa *linha de fixação* ativa com a sua *rua consequente*. Neste troço, antes de 1567, o crescimento das parcelas burguesas de Narrowgate já havia impedido o desenvolvimento, que de outro modo teria sido expectável.

No Mapa de Wood de 1827, o processo associado a esta linha de fixação surge numa fase de desenvolvimento mais avançada. Simultaneamente, é intensificado e afeta a periferia da cidade medieval de modo mais geral (Fig. 11). Os locais industriais aumentaram em número, com a sua distribuição ainda a enfatizar a concentração anterior no antigo local de confluência do Bow Burn ou área de Stonewell. Aqui, até as parcelas do extremo da cauda resultantes da divisão de algumas parcelas burguesas da Fenkle Street são afetadas pelo layout medieval e o resultante sistema de caminhos de serviço. Noutras partes, ao longo desta linha de fixação, surgiram inúmeros edifícios institucionais, assim como casas.

Os mapas da Ordnance Survey de 1851 mostram uma fase ainda mais avançada (Fig. 12). Na linha de fixação, do lado do burgo, o desenvolvimento praticamente atingiu a saturação, mas, do outro lado, há um conjunto de novas acreções, sob a forma de instituições e casas de grande dimensão.

Assim, surgiu uma distribuição em forma de cintura constituída por unidades de uso do solo que, por algum motivo, buscam uma localização periférica. Esta cintura representa um grupo distinto, incluindo determinadas indústrias, instituições, serviços comunitários, pequenas casas e, a uma maior distância, grandes casas isoladas, bem como espaços abertos. Todos estes

elementos estão topograficamente associados às periferias das cidades, especialmente os mais permanentes e de definição mais clara, como as antigas linhas de fortificação. Este fenómeno, do qual Alnwick em 1851 constituía um exemplo pequeno e não consolidado, é frequentemente encontrado na morfologia urbana em cidades que apresentam um crescimento mais ou menos anelar a partir de um centro compacto. Foi inicialmente definido por H. Louis como cintura periférica urbana (*Stadtrandzone*)<sup>23</sup> e, embora geograficamente mais proeminente no que se refere ao padrão de uso do solo urbano, é de igual importância na estrutura do plano de cidade. O exemplo de Alnwick, no entanto, permite-nos levar o conceito de cintura periférica um passo em frente, através do reconhecimento de duas partes diferentes separadas por uma linha de fixação, neste caso a linha da antiga muralha e as ruas conseqüentes. Do lado do burgo, a zona de periferia intramuros ou, para abreviar, o *intramuros*, está associada ao desenvolvimento de edifícios secundários em parcelas do extremo da cauda dentro de uma unidade de plano já estabelecida. Uma característica distintiva é a sua estrutura ser constituída por um plano de ‘grão’ geralmente menor e mais compacto, dependendo do padrão de parcelas burguesas pré-existente. O *extramuros*, por outro lado, desenvolveu-se por acreção, com maior liberdade espacial na estrutura mais ampla constituída pelo padrão de campos precedente. O extramuros difere da sua contraparte intramuros na dimensão geralmente maior das parcelas e na organização mais aberta.<sup>24</sup> Toda a cintura periférica constitui-se como uma zona de contacto contínuo entre a área de preenchimento, ou *repleção*, dentro do burgo e a área de *acreção* externa. Pertence a ambas, dividida morfologicamente, mas unida funcionalmente pela sua linha de fixação, sobre a qual as parcelas orientam o seu acesso principal, garantindo a sua extensão como zona de cintura ininterrupta. Pode ser chamada de *cintura periférica fechada*, e como unidade geográfica de Alnwick, constitui a *Cintura Periférica Interior*.

Desde o início, o extramuros também cercava a Cidade Velha no lado norte, embora não existisse uma muralha. Aqui, o Castelo de Alnwick e os seus terrenos são, obviamente, o elemento periférico maior e mais dominante. Durante o período Georgiano, o parque cresceu à custa do velho burgo e, em 1851, estendeu-se em torno do lado nordeste ao longo da antiga Allerburn Lane, a poucos metros da Bondgate Tower e Bondgate Without. A noroeste, a St. Michael’s Church e o seu cemitério representam outra unidade antiga do extramuros. Aqui, a separação física de Canongate e Walkergate face ao resto da cidade foi sempre evidente. Ainda antes de 1850, a nova usina de gás consolidou a Cintura Periférica Interior como uma zona de separação entre Canongate e Bailiffgate. Entre a igreja e o eixo Peth, perto do castelo, os terrenos encerrados que delimitavam a área de Bailiffgate pelo lado norte, e registados em todos os levantamentos do sistema senhorial como Hunter’s Croft, tornaram-se propriedade dos duques de Northumberland durante o século XVIII. Estes terrenos foram preservados e completam o extramuros deste lado da cidade.

Um fenómeno relacionado com o extramuros é de particular interesse. A sul, a área da Howick Street é uma unidade de plano completa, que não faz parte da cintura periférica. No entanto, na sua parte norte, que se desenvolveu entre 1827 e 1851, apresenta características que se distinguem do resto da unidade e que apenas podem ser explicados como elementos da cintura periférica (Figs. 12 e 15f). A parte mais próxima de Green Batt é dominada por grandes parcelas. Estas representam um curtume do início do século XIX (1 na Fig. 15f) e Grove

Cottage (2) – ambas anteriores à unidade de plano Howick Street – uma fábrica de carruagens (3) e imediatamente a nascente o Institute of Mechanics, ambas parte integrante da unidade de plano em desenvolvimento. À parte disso, a área era fundamentalmente residencial. Claramente, a localização da fábrica e do instituto foi condicionada pelo facto de esta área ser então parte da periferia da cidade, e de Green Batt constituir a linha geral de acesso mais conveniente a partir das áreas da cidade com maior população. À medida que a unidade de plano de Howick Street se começou a desenvolver a norte foi produzindo, espontaneamente, estes novos elementos da cintura periférica. Outros mais pequenos, mais organicamente conectados com a habitação predominante, seguiram em direção a Lisburn Street; mas, à parte disso, a influência da cintura periférica dissipou-se e a unidade de plano tornou-se exclusivamente residencial. Esta interpenetração da cintura e de uma unidade de plano de acreção adjacente constitui uma *auréola da cintura periférica*, algo que lembra a auréola de contacto na geologia.

Um aspeto fundamental do extramuros diz respeito aos componentes da cintura periférica com origem na zona rural envolvente, localizados a tal distância da linha de fixação que perdem o contacto topográfico direto com esta última. Embora morfo-graficamente este *desenvolvimento urbano disperso* represente uma forma separada de crescimento por acreção que não contribui para o ‘encerramento’ da Cintura Periférica Interior, pertence-lhe em termos funcionais e de localização. Pode ser designado como descontínuo exterior ou *extramuros distal* distinguindo-se do mais contínuo ou *extramuros proximal*. A distinção é significativa, já que estas duas partes foram afetadas de modo bastante diferente pelo crescimento subsequente da cidade.

A cintura periférica original exhibe, portanto, uma estrutura assimétrica; uma estrutura próxima composta de intramuros e extramuros proximal, anexou unilateralmente uma zona de dispersão mais ampla e menos definida, que representa o extramuros distal. A Figura 13 mostra esta organização peculiar que se aplica à Cintura Periférica Interior até meados do século XIX.

O desenvolvimento da cintura periférica no extramuros distal consistia em parcelas, ou grupos de parcelas, isoladas, distribuídas pelos campos circundantes, e geralmente colonizadas por algum tipo de uso do solo que não a agricultura. Algumas das parcelas seriam alcançadas, ou mesmo absorvidas, pela expansão da cidade. Um pré-requisito para o seu surgimento foi o encerramento contínuo dos campos comuns no sudeste da cidade e a sua transferência para proprietários privados. Este processo é já perceptível no Mapa de Mayson de 1624, parecendo concluído no Mapa de Thompson de 1760, quando toda a área era composta por campos encerrados, pertencentes a diferentes pessoas, com os novos limites a seguir, parcialmente, os limites das antigas faixas de terreno de cultivo abertas, formando assim o quadro geral para o desenvolvimento subsequente (Fig. 9). Naquela época, havia muito poucos edifícios dispersos nestes campos encerrados (Fig. 13) que incluíam unidades tão diversas como uma quinta, um posto de portagem e uma residência de grande dimensão. Esta última, a Swansfield House, foi a primeira casa de campo Georgiana construída em Alnwick, tomado o nome do antigo campo encerrado em que foi construída. O edifício exhibe todas as características típicas de uma mansão de campo Georgiana (Fig. 15g).

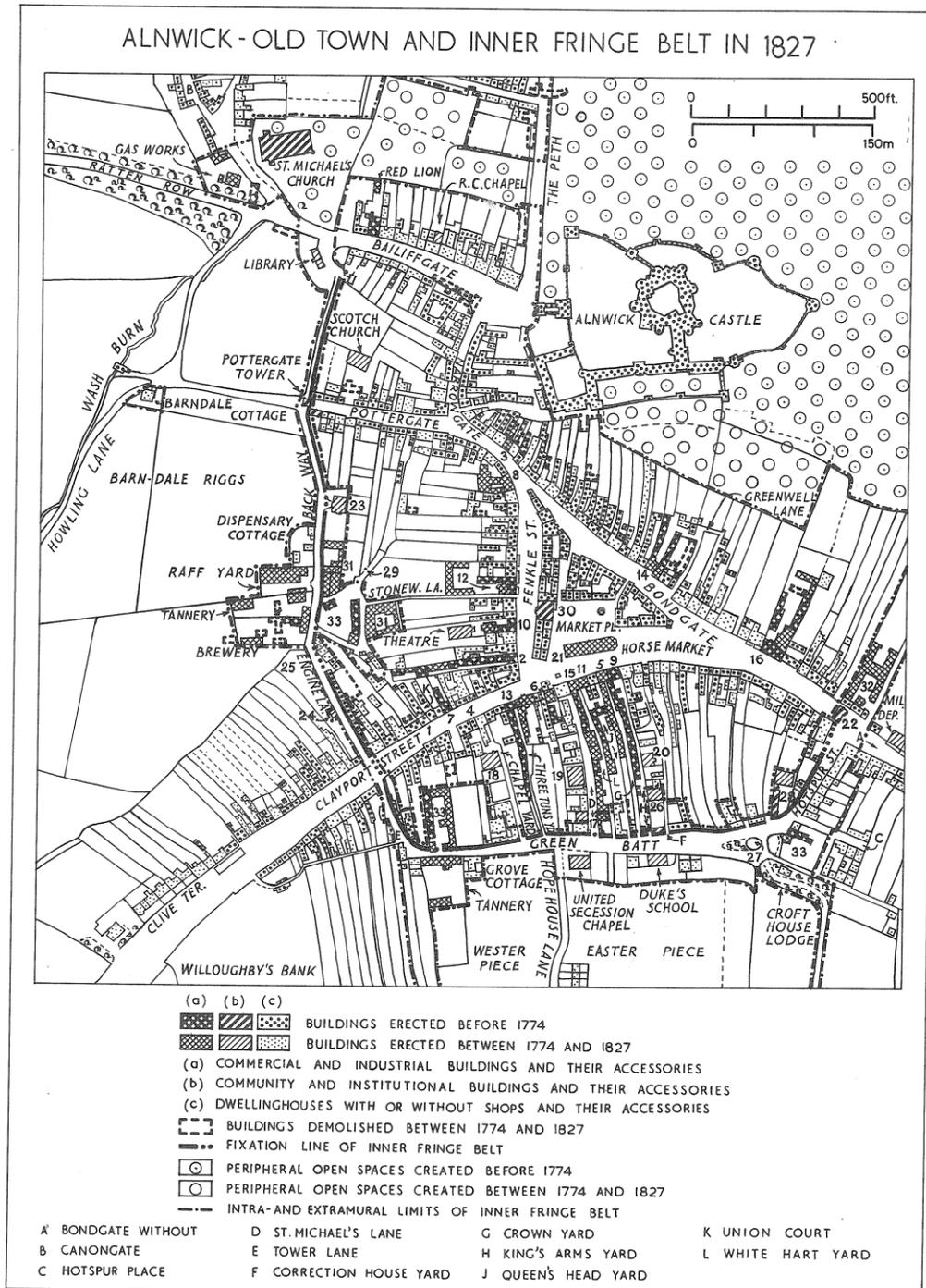


FIGURA 11. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1827

- 
- (a) (b) (c)
- Edifícios construídos antes de 1774  
Edifícios construídos entre 1774 e 1827
- (a) Edifícios comerciais e industriais e seus acessórios  
(b) Edifícios comunitários e institucionais e seus acessórios  
(c) Casas de habitação com ou sem lojas e seus acessórios
- Edifícios demolidos entre 1774 e 1827  
Linha de fixação da Cintura Periférica Interior  
Espaços abertos periféricos criados antes de 1774  
Espaços abertos periféricos criados entre 1774 e 1827  
Limites intramuros e extramuros da Cintura Periférica Interior
- 

Tradução do texto da FIGURA 11

Durante a primeira metade do século XIX, o aumento da prosperidade agrícola e a melhoria dos transportes contribuíram consideravelmente para o número e variedade de casas presentes em Alnwick. Além de algumas pequenas casas rurais, havia residências do período Georgiano Tardio, com menos espaço aberto privado ao redor delas do que a Swansfield House. Apesar disso, a densidade residencial destas propriedades raramente era superior a 0.5, e o índice de implantação, ou seja, a percentagem da área do lote coberta por edifícios, era geralmente inferior a 3.5.

Funcionalmente, estas residências de campo faziam parte da cintura periférica urbana: casas de prósperos proprietários que procuravam a periferia para ter uma ampla envolvente rural e, ao mesmo tempo, acesso conveniente à cidade. De facto, todas tinham ruas de conexão mais ou menos direta à Cidade Velha, embora apenas a Croft House, através do seu longo percurso, comunicasse com a linha de fixação da cintura periférica, tendo aqui construído um edifício de menor dimensão, no estilo romântico do revivalismo ‘Gótico’ Georgiano.

Um pouco menos espaçosas são algumas casas do mesmo período, como Barndale Cottage em Howling Lane, e Spring Gardens em South Road. Esta última, era na verdade uma residência agrícola no meio de viveiros de plantas, formando uma grande parcela como parte da

Figura 11 –Alnwick: Cidade Velha e Cintura Periférica Interior em 1827

	<i>Estalagens (Inns):</i>	14	Turk’s Head.	22	Bondgate Tower.
1	Anchor.	15	White Hart.	23	Dispensário.
2	Angel.	16	White Swan.	24	Engine House.
3	Black Swan.			25	Freemen’s Rigg.
4	Blue Bell.			26	Casa de Correção.
5	Crown.		<i>Capelas:</i>	27	Pinfold.
6	George and Dragon.	17	Bethel Chapel.	28	Poor House.
7	Grey’s.	18	Methodist Chapel.	29	Stone Well.
8	Half Moon.	19	Sion Chapel.	30	Câmara da Cidade.
9	King’s Arms.	20	Unitarian Chapel.		
10	Nag’s Head.				<i>Indústrias:</i>
11	Queen’s Head.		<i>Instalações Públicas:</i>	31	Cervejarias.
12	Star.	21	Mercado de Carne e Assembly Rooms.	32	Carrier’s Warehouse.
13	Three Tuns.			33	Curtumes.

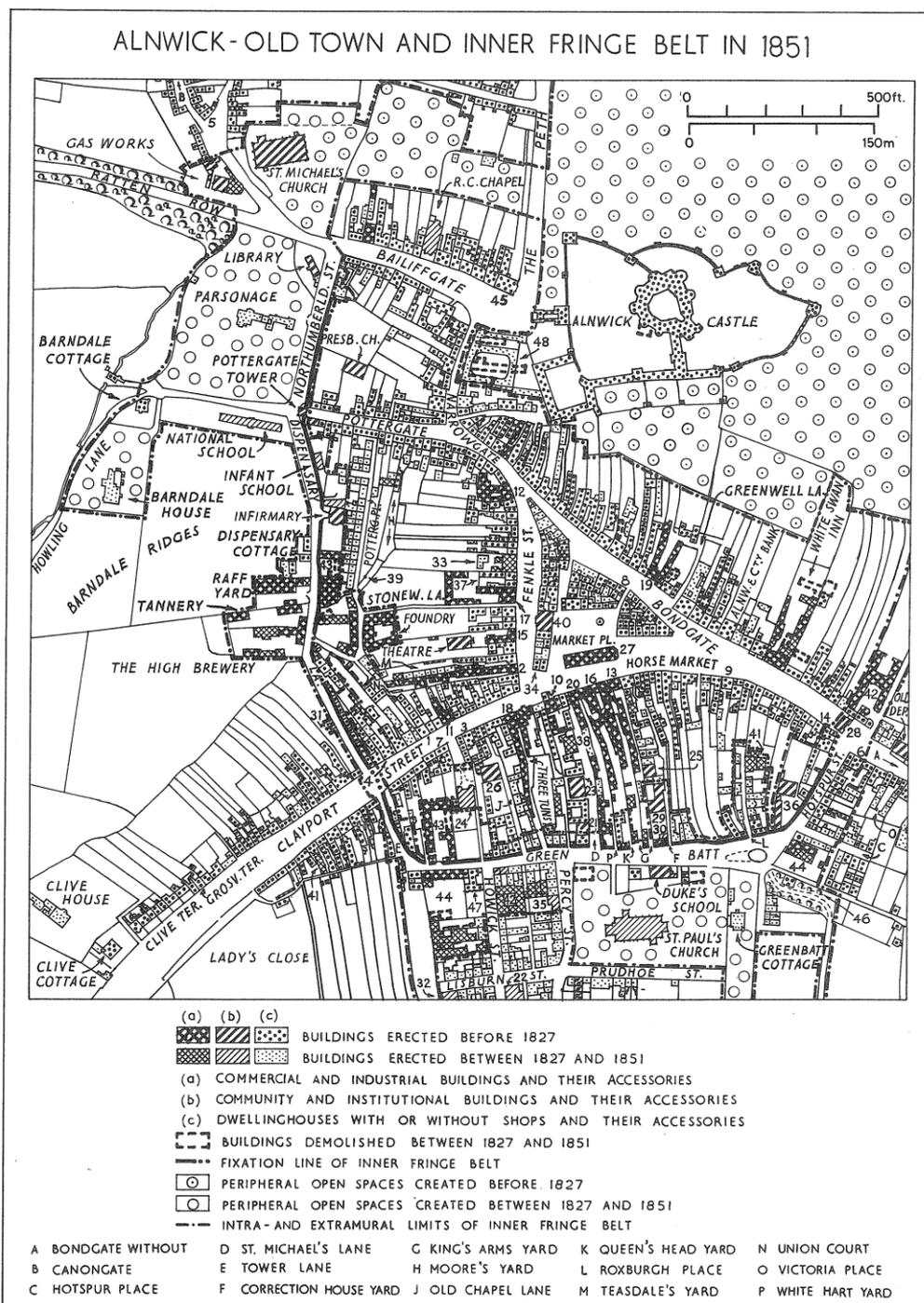


FIGURA 12. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1851



À exceção de Alnwick Moor e Hulne Park, que como espaços abertos permanentes são elementos da periferia distal, o restante desenvolvimento disperso até meados do século XIX correspondeu ao estabelecimento de novas instituições: a Union Workhouse (1841), então maior do que o remanescente atual, e a primeira estação ferroviária (1849). O local da casa de trabalho foi estabelecido no antigo campo encerrado de South Field ou Hall Flat – uma parte da propriedade do lorde. A sua forma foi condicionada pela configuração do extremo norte deste campo que seguia o vale de Aller Burn, embora os seus limites coincidissem com os do antigo campo encerrado apenas ao longo da frente de Wagonway Road – um antigo caminho rural já representado com precisão no Mapa de Mayson de 1624. Esta estrada recebeu o nome de uma linha de vagão de tração animal, que lhe era paralela, pelo lado nascente, e que servia para transportar carvão de Shilbottle Colliery para Alnwick, até ser substituída pela ferrovia. A estação ferroviária com as suas ramificações, sendo um ramo terminal, pôde ser localizada relativamente perto da cidade, posicionando-se no ângulo entre South Road e Wagonway Road em terrenos que permitiam uma expansão moderada, sendo que alguns destes eram também da propriedade do lorde.

Tanto a casa de trabalho como a estação de comboio ficavam muito próximas da área construída do eixo de Bondgate e são claramente unidades de uso do solo com uma localização de cintura periférica, como também o é o espaço aberto em torno da Percy Tenantry Column, de 1816, construída no antigo campo encerrado de Cooper Hill. Além disso, o Mapa de Tithe de 1846 e a Ordnance Survey de 1851 mostram outros elementos típicos das periferias, na forma de campos de viveiros de plantas e hortas.

Se se adicionar todas estas unidades aos elementos afastados da Cintura Periférica Interior, como Clive House, Bellevue e Croft House, toda a área fragmentada do extramuros distal em redor do lado sul da cidade parece, na localização e na mistura de usos do solo, uma nova cintura periférica do período Vitoriano Inicial. A cintura ganhou este carácter, em parte, devido à sua posição mais distante, que permitiu que campos subdesenvolvidos e acreções de um tipo muito diferente, surgissem entre esta e a Cintura Periférica Interior. Estas acreções eram unidades de plano muito mais compactas e organizadas, extensões da cidade praticamente desprovidas de elementos periféricos. A nova cintura periférica pode também ser identificada como uma zona de crescimento que combina componentes novos e antigos. Estes últimos formaram o extramuros distal da Cintura Interior no período Georgiano Tardio, mas foram, entretanto, apropriados pela nova *Cintura Periférica Intermédia*. Foram *transladados* de uma para a outra, sem alterar o seu sítio. A Croft House ilustra o mecanismo de *translação da cintura periférica*. Começou por ser uma parte distal da Cintura Periférica Interior, tornou-se contígua e interior à Cintura Intermédia e, nos tempos modernos, foi separada da Cintura Interior e do seu pequeno edifício à entrada da parcela, pelo desenvolvimento edificado da Prudhoe Street.

Ambas as cinturas iriam apresentar diferenças morfológicas importantes, que se tornaram evidentes no seu crescimento subsequente.

FIGURA 13. AS CINTURAS PERIFÉRICAS URBANAS DE ALNWICK

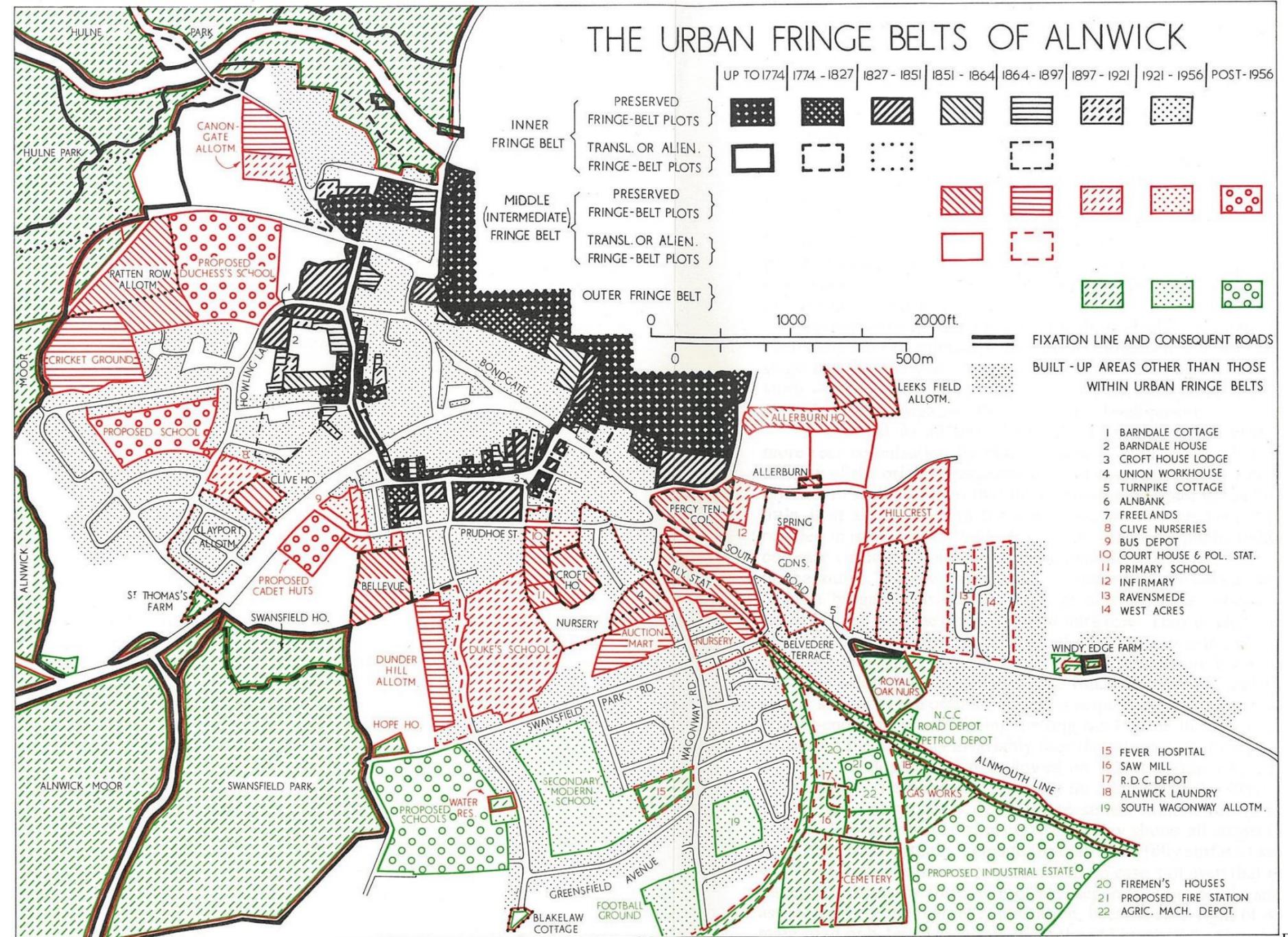


FIGURA 13

### *A Repleção da Cidade Velha*

Embora o preenchimento parcial das antigas parcelas burguesas com novos edifícios tenha origem inteiramente como desenvolvimento da cintura periférica em parcelas do extremo da cauda, não permaneceu de modo algum confinado ao intramuros. Em 1827, o processo já estava bastante desenvolvido dentro do burgo, embora com intensidades diferentes nos três quarteirões que conformam o Triângulo Central (Fig. 11). No quarteirão entre Bondgate e Castle Grounds, faltava o estímulo de um ‘caminho traseiro’ e de acessibilidade ao exterior. Aqui, os únicos edifícios adicionais parecem ser algumas casas adossadas (back-to-back) nos logradouros a noroeste e na Greenwell Lane.

No lado poente da cidade, nos três quarteirões separados por Bailiffgate e Pottergate, os processos de preenchimento interno, para além das adições da cintura periférica, estão numa fase semelhante. As casas adossadas e os acessórios da parcela nos logradouros das estalagens – bastante naturais no apogeu da carruagem-correio – predominavam na traseira das poucas parcelas burguesas afetadas por este desenvolvimento.

Em contraste com todos estes quarteirões, o quarteirão sul registou uma maior colonização das traseiras por dominantes da parcela, como corolário de uma maior subdivisão das parcelas burguesas originais. Na maioria dos casos, isto envolveu múltiplas divisões transversais a tal ponto que a parcela original, na cabeça da parcela burguesa, era pouco maior do que a fileira de parcelas derivadas localizadas atrás dela. Isto, por sua vez, levou a que em muitos dos ‘logradouros’ se tornassem reconhecidos direitos públicos de passagem e, num caso, passasse praticamente uma estrada entre as ruas principais a norte e Green Batt a sul. As novas *parcelas mediais*, isto é, as parcelas derivadas que se desenvolvem no meio de uma parcela burguesa, entre a sua cabeça e cauda, eram geralmente muito menores do que as parcelas burguesas originais. Estas parcelas precisavam de linhas longitudinais de comunicação, uma vez que não tinham outro acesso à rua principal ou a Green Batt. As parcelas são, portanto, bastante distintas das parcelas do extremo da cauda voltadas para Green Batt, pertencentes à Cintura Periférica Interior, e esta diferença é claramente evidenciada pela orientação dos respetivos dominantes da parcela – as casas das parcelas do extremo da cauda estão sempre voltadas para a estrada circular da Cintura Periférica Interior, enquanto as casas nas parcelas mediais estão invariavelmente voltadas para a passagem interna ou para um ‘logradouro’.

Este desenvolvimento, sugerido no Mapa de Wilkin, criou toda uma série de caminhos. Estes caminhos não representavam um acréscimo ao sistema de ruas propriamente dito, visto que geralmente não se desenvolviam no sentido da construção de ruas adequadas para todos os tipos de tráfego. Atualmente, a paisagem urbana remanescente nesta área mostra todos os estágios de desenvolvimento, desde um caminho pedonal estreito até uma rua totalmente pavimentada, com canal para o automóvel, guia e, pelo menos, um passeio. Em nenhum caso, nem mesmo em St. Michael’s Lane, houve qualquer formação de novos quarteirões separados, como os que haviam sido associados à colonização do mercado, uma vez que cada servidão de passagem chegava à estrada principal apenas por um arco sob o antigo edifício dominante da parcela burguesa. No máximo, tal sistema de caminhos pedonais internos e becos pode ser designado como *pseudo-sistema de ruas*. Estas servidões de passagem eram coexistentes necessárias ao processo de colonização interna das parcelas burguesas, individuais ou

amalgamadas, por novas unidades de uso do solo, uma vez que este crescimento ocorria separadamente dentro de cada unidade de propriedade. A posição vantajosa do quarteirão sul, localizado entre as ruas principais a norte e Green Batt a sul, promoveu esta forma de desenvolvimento conduzida por proprietários individuais. Para além dos novos elementos na cintura periférica sul, houve outros a surgirem numa parte mais interior do quarteirão; entre eles, quatro capelas Protestantes, bem como a nova Casa de Correção, e algumas casas adossadas.

O processo descrito acima pode ser designado como *repleção* e tem uma importância morfológica fundamental em cidades antigas. Em Alnwick, este processo não está restrito à zona intramuros da Cintura Periférica Interior. Um plano pré-existente, neste caso medieval com um padrão tradicional de parcelas burguesas, torna-se a estrutura para um processo de preenchimento que não adiciona um novo plano de ruas, seguindo o ‘grão’ de uma unidade de plano já estabelecida, sem perturbar as características gerais da sua organização ou padrão. Entre as suas características fundamentais estão as parcelas derivadas, com novos dominantes da parcela, ajustando-se ao padrão das parcelas originais. Esta repleção é distinta das *concreções de mercado* discutidas anteriormente e das *acreções* externas da cidade.

O mapa da Ordnance Survey de 1851 mostra a intensificação deste desenvolvimento (Fig. 12). No quarteirão sul, uma nova igreja e o Savings Bank, juntamente com outras casas adossadas e um conjunto de pequenas casas, aumentaram a concentração do edificado. Parte da repleção, no entanto, estava relacionada diretamente com Green Batt, contribuindo assim para a consolidação da Cintura Periférica Interior. As novas casas viradas para Green Batt eram claramente maiores do que as pequenas casas nos ‘logradouros’, enfatizando assim a diferença de carácter entre as repleções interna e de cintura periférica.

Desenvolvimentos semelhantes são observáveis no quarteirão poente, atrás de Fenkle Street. Aqui, a mesma intensidade de repleção caracterizou Pottergate Place, bem como Union Court e Teasdale’s Yard, na sua proximidade, com uma variedade de pequenas casas, casas adossadas, oficinas, etc. Consequentemente, Pottergate Place e Union Court tornaram-se servidões de passagem interiores, juntando-se ao sistema de pequenas ruas existente na área de Stonewell.

A repleção também ocorreu nos pequenos quarteirões em redor do mercado. Durante a primeira metade do século XIX o seu padrão de parcelas ficou completamente consolidado, de modo que em 1851 todos os limites das parcelas estavam já definidos por paredes, muros ou cercas. O índice de implantação, em média, era então claramente superior a 85 por cento, devido à adição de armazéns e anexos nas traseiras – já que as parcelas eram muito pequenas para acomodar habitações adicionais ou outros dominantes.

Pelo contrário, a repleção no velho burgo esteve geralmente associada à construção de casas adossadas. Isto produziu um fenómeno comum na morfologia urbana Inglesa: as habitações precárias das cidades de menor dimensão, talvez menos intrusivas do que as de Glasgow ou Birmingham e facilmente ignoradas pelo visitante casual, mas que ainda assim constituíam um problema real.

Sendo um elemento comum às pequenas e médias cidades mercantis, estas habitações precárias têm uma importância considerável e merecem uma investigação mais detalhada. Teasdale’s Yard localizado em Fenkle Street, na fileira poente, servirá como exemplo

representativo (Fig. 14). Este exemplo atraiu a atenção de Rawlinson que, no seu relatório à Autoridade Central de Saúde (General Board of Health) em 1849, registou nada menos que dezassete casos de cólera nesta parcela, cinco deles fatais, e mapeou a utilização e organização dos edifícios.<sup>25</sup>

Em 1774, a parcela burguesa pertencia a George Selby, um conhecido advogado e membro respeitado de uma importante família de Alnwick,<sup>26</sup> e apresentava a tradicional organização medieval de uma parcela alongada e comprida. A cabeça da parcela burguesa era ocupada por uma casa que constituía o dominante da parcela, e o logradouro era ocupado por alguns acessórios da parcela. Atrás deste, outro logradouro e um longo ‘quintal posterior’ ou jardim, livre de edifícios, formavam a cauda da parcela burguesa. O conjunto estava definido por cercas ou muros e tinha um índice de implantação de 14.7. A casa tinha uma planta retangular tradicional simples e juntamente com as casas das parcelas burguesas contíguas formava uma fileira. A parcela burguesa a norte tinha uma aparência semelhante, mas a parcela vizinha a sul era excecional correspondendo a uma estalagem e, portanto, continha muitos mais acessórios da parcela, com o ‘logradouro’ a estender-se por todo o quintal posterior.

Em 1827, a parcela burguesa passou a ser propriedade do Sr. Teasdale.<sup>27</sup> O desenvolvimento edificado tinha duplicado desde 1774, tendo então um índice de implantação de 34.8. A parcela parecia conter algumas das casas adossadas que viriam a ser uma característica tão notória durante a maior parte da sua história subsequente.

Em 1849, o desenvolvimento quase duplicou novamente em comparação com 1829, apresentando um índice de implantação de 62.9, não apresentando nenhum espaço aberto, à exceção de uma passagem e um pátio muito estreitos.<sup>28</sup> Grande parte desta repleção foi concretizada através de casas adossadas. Estas casas tinham um ou dois pisos e eram construídas em fileiras simples com as paredes traseiras no limite da parcela burguesa e, portanto, sem janelas traseiras. Cada espaço era arrendado separadamente, tendo uma área de 100 a 250 pés<sup>2</sup> (30.5 a 76.2 m<sup>2</sup>) ocupada à noite por oito a vinte pessoas.<sup>29</sup> O relatório de Rawlinson não fornece detalhes sobre os arrendatários das casas adossadas de Teasdale’s Yard. As suas informações sobre Moore’s Yard, localizado no mesmo quarteirão fora da Pottergate, sugere, no entanto, que o aumento repentino no número de casas adossadas nos logradouros de Alnwick estava claramente associado à imigração de pessoas do interior da Irlanda, então devastada pela chamada Grande Fome. Estes arrendatários eram extremamente pobres ‘na sua maioria dedicados à recolha de objetos na rua’. Em dois casos, marcados com ‘1’ e ‘2’ na planta de ‘1849’ da Figura 14, os pisos superiores das casas adossadas eram usados por uma Ragged School<sup>xvi</sup>. A repleção da parcela burguesa resultou assim numa concentração diversificada de casas adossadas, oficinas, estrumeiras e acessórios menores. Os pequenos estabelecimentos comerciais tendiam a ocupar as partes traseiras da parcela burguesa, estando orientados para a entrada traseira e, portanto, para a cintura periférica. Deve notar-se que, neste exemplo, as parcelas derivadas diminuíram a sua dimensão, tornando-se apenas edifícios individuais. Estas

<sup>xvi</sup> Ragged Schools eram organizações de caridade dedicadas à educação gratuita de crianças carentes na Grã-Bretanha do século XIX.

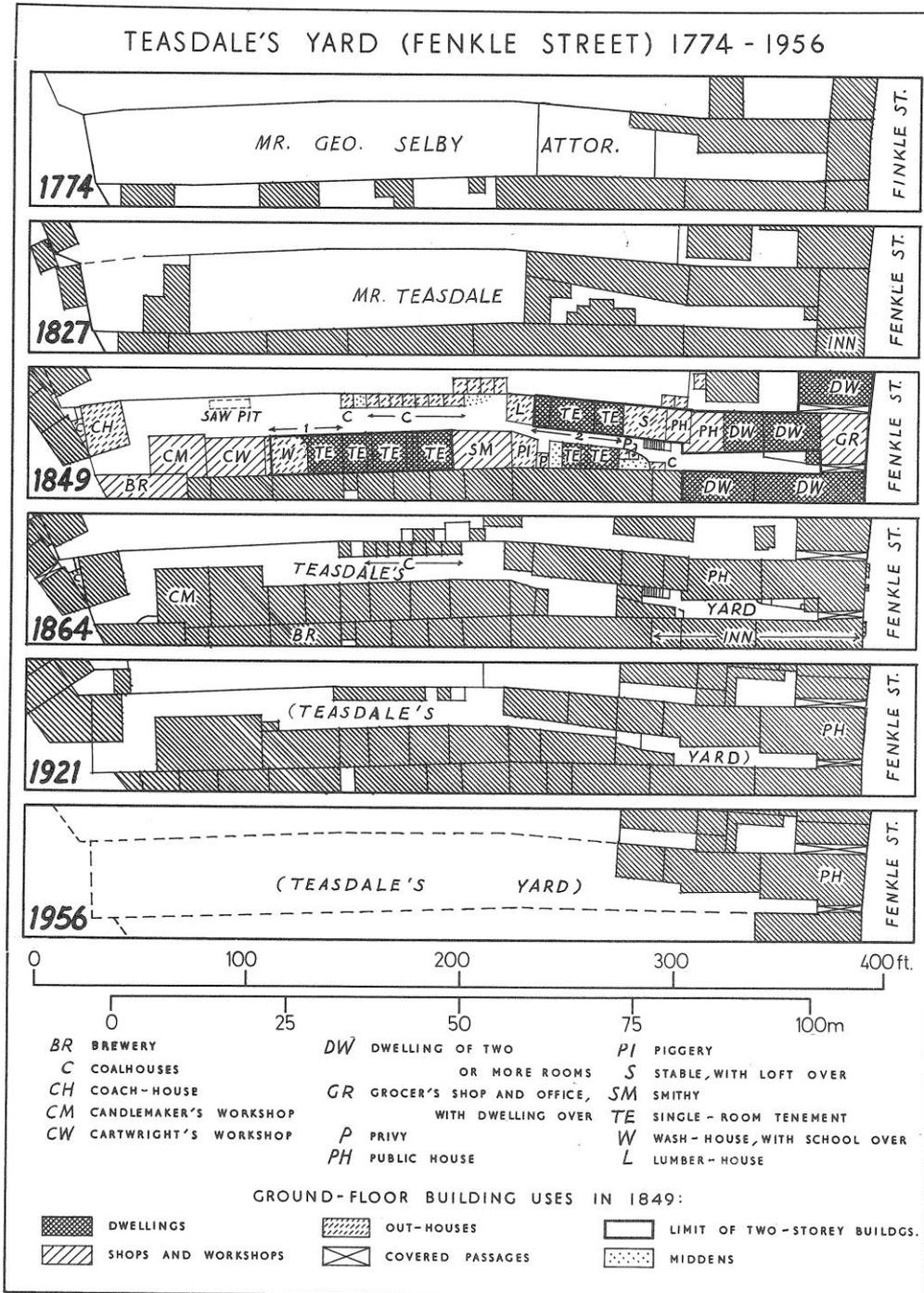


FIGURA 14. TEASDALE'S YARD (FENKLE STREET), 1774-1956

<i>BR</i> Cervejaria	<i>DW</i> Habitação de dois	<i>PI</i> Pocilga
<i>C</i> Carvoarias	ou mais quartos	<i>S</i> Estábulo, com espaço superior habitável
<i>CH</i> Cavalaria	<i>GR</i> Merceria, com	<i>SM</i> Oficina de ferrador
<i>CM</i> Oficina de fabricante de velas	habitação por cima	<i>TE</i> Compartimento único arrendado
<i>CW</i> Oficina de fabricante de carroças	<i>P</i> Sanitário	<i>W</i> Lavandaria, com escola por cima
	<i>PH</i> Casa pública	<i>L</i> Serraria
Usos do piso térreo dos edifícios em 1849:		
Habitações	Anexos	Limite dos edifícios de dois pisos
Lojas e oficinas	Passagens cobertas	Estrumal

Tradução do texto da FIGURA 13

não dividem a parcela burguesa original completamente, deixando um espaço de ‘logradouro’ que forma a sua linha de acesso indivisível e pode às vezes acomodar funções subsidiárias às dos edifícios adjacentes.

Os tipos de edifícios, o uso dos edifícios e a organização geral encontrados por Rawlinson representam uma forma bastante comum de repleção da parcela burguesa nas cidades mercantis Inglesas daquela época, e aplicam-se aos quarteirões a oeste e a nordeste do Triângulo Central. No entanto, uma importante e adicional característica de repleção presente no quarteirão de Market Street / Green Batt – o aparecimento de edifícios públicos, principalmente capelas Protestantes – é apenas parcial e, reduzidamente, representada em Teasdale’s Yard pela Ragged School. A Figura 14 mostra que o crescimento das habitações precárias de Teasdale’s Yard ficou concluído em 1849.

Para além da repleção, a *substituição* de edifícios antigos afetou muitas partes da Cidade Velha no período de 1776 a 1851 (Figs. 10, 11, 12).<sup>30</sup> Esta substituição foi muito marcada na área de Bailiffgate, sob forte influência do castelo. No interior do velho burgo, o mapa de Wilkin mostra já um conjunto de novas casas de grande dimensão em Fenkle Street, Narrowgate, e no lado poente da Market Place. Edifícios públicos, bem como as principais estalagens, foram substituídos. Algumas casas antigas, no entanto, foram apenas ligeiramente remodeladas através da adição de novas fachadas Georgianas.<sup>31</sup> No extremo norte de Canongate, o processo de substituição no período Georgiano Tardio foi tão extenso que resultou na completa obliteração do padrão de parcelas anterior, correspondendo portanto a um *redesenvolvimento* (Fig. 7). Ao adaptar-se ao sistema de ruas preexistente, apenas com pequenas mudanças de linha de rua, e sem a criação de novas ruas, representa o tipo particular de *redesenvolvimento adaptativo*.

### *Eixos Arteriais*<sup>32</sup>

Tendo em vista as condições singulares de direito de propriedade em todo o lado norte de Alnwick, as únicas estradas principais que mostraram um verdadeiro desenvolvimento axial fora das portas da cidade em 1774 foram Clayport Street e Bondgate Without (Fig. 8). Em ambos os casos, tratava-se de um tipo distinto de unidade de plano caracterizado como um *eixo duplo*, com uma série de parcelas e com os seus edifícios dos dois lados da estrada. Mas, enquanto o

eixo de Clayport preservou o antigo padrão de parcelas burguesas, com parcelas alongadas e compridas, e com o desenvolvimento em fileira, compacto, também observável na Cidade Velha, o eixo Bondgate perdera esse aspeto na sua metade poente. Em 1774, as suas parcelas, embora quase retangulares, eram bastante curtas. Uma história mais diversificada da propriedade individual parece ser indicada pelo facto de algumas parcelas serem, obviamente, parcelas derivadas de parcelas originais. Isto transmitia uma irregularidade que deverá ter sido aumentada pela influência do Duque como proprietário das terras, já que este tendia a opor-se a certas frentes do lado norte para a construção, aparentemente com a intenção de estender os seus terrenos nesta direção a fim de criar uma nova aproximação sudeste ao castelo.<sup>33</sup> Havia outras lacunas apreciáveis no desenvolvimento edificado de cada lado. Estas diferenças iniciais entre os eixos Clayport e Bondgate, combinadas com outros fatores formativos, em devido tempo conduziram a interessantes resultados morfológicos. Embora Clayport Street fosse parte da estrada com portagem para Rothbury e Hexham, não tinha a mesma importância que a movimentada Great North Road. Na época Georgiana Tardia, desenvolveu-se como uma área residencial mais homogênea, em particular devido ao amplo espaço viário com vegetação e à elevação acima do nível geral da cidade. Como o canal de tráfego se manteve no lado sul de Clayport Street, novos edifícios, localizados a norte do espaço verde, estenderam o eixo. Aqui, dois conjuntos de casas em fileira de desenho uniforme, do período da Regência<sup>xvii</sup>, formaram novas acreções (1 e 2 na Fig. 8). Além destes, a poente, a Clive House representava a cintura periférica e o fim destas adições Georgianas Tardias. Em meados do século XIX, o eixo Clayport consistia em duas partes contíguas. Um antigo troço duplamente ladeado, próximo da Cidade, tinha fileiras de pequenas casas homogêneas num padrão de parcelas burguesas apenas ligeiramente alterado no lado sul pela interposição de um caminho traseiro entre os logradouros e os quintais. Um eixo mais recente só com um lado, na parte norte de Clayport Street, atingiu relativa homogeneidade morfológica através do seu desenvolvimento em fileira de desenho uniforme e pela sua natureza residencial (cf. também Figs. 11 e 12).

Ao contrário do eixo de Clayport, o de Bondgate Without não apresentou uma extensão significativa no período Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial, mas sim uma consolidação. A estrutura irregular do eixo estava já sublinhada em 1774 pela natureza fragmentada das duas linhas de rua, onde parcelas com jardins frontais se misturavam com parcelas sem jardins, uma característica do eixo que se mantém até hoje. Esta irregularidade foi aumentando gradualmente pela heterogeneidade dos usos do solo e edificado atraídos para aqui, pois Bondgate Without fazia parte da Great North Road e tornou-se a ligação direta entre a cidade e sua nova estação ferroviária. A diversidade da posse de terra enfatizou ainda mais este aspeto. Mesmo o avanço dos Duques de Northumberland em direção à frente norte de Bondgate Without não foi significativo, pois ocorreu quando parte desta frente já tinha sido desenvolvida e nunca levou à posse completa de todo o lado norte. A extensão dos jardins do castelo sobre esta área aumentou a irregularidade do padrão de parcelas, conduzindo a um alinhamento extremamente fraturado do seu limite traseiro. Isto contrastava com o limite traseiro relativamente reto das parcelas burguesas e outros terrenos localizados no lado sul de Bondgate Without. Os campos

<sup>xvii</sup> O período da Regência corresponde ao início do século XIX quando George IV era o príncipe regente.

encerrados, em forma de faixa, existentes nesta área no mapa de Mayson de 1624 (Fig. 9), foram divididos em 1774 numa série de parcelas suficientemente profundas, embora ainda imaturas, voltadas para Bondgate Without e para os restantes campos encerrados a sul. Na sua maior parte, estes últimos continuaram com um uso agrícola até muito depois da série de Bondgate adotar uma complexidade caracteristicamente urbana.<sup>34</sup> A fragmentação da propriedade<sup>35</sup> e a falta de acesso às estradas existentes depressa causaram o desenvolvimento do limite traseiro de Bondgate Without, formando-se uma rua de serviço e, mais tarde, a Dovecot Lane.

Entre os edifícios atraídos para Bondgate Without estavam uma casa de reunião Protestante, mais tarde substituída pelo Quartel Militar, duas estalagens e Bondgate Hall, reconstruído em 1810. O restante do eixo Bondgate foi amplamente ocupado por fileiras de casas. Duas das parcelas do Duque no lado norte permaneceram sem construções até à segunda metade do século XIX, mas a importância de Bondgate Without já tinha originado algum desenvolvimento das parcelas por repleção, antes de 1850. Allison Place, construído antes de 1827, representava a melhor variante residencial, enquanto Victoria Place era um exemplo de repleção do logradouro através de casas adossadas.

O outro único caso de desenvolvimento axial, contíguo à Cintura Periférica Interior, ocorrendo inteiramente no período Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial, em terras anteriormente agrícolas, é constituído por um eixo ocupado de um único lado, na parte nascente do antigo caminho rural que conduzia a sul através de Green Batt (agora Percy Terrace). O quadro morfológico foi fornecido pela estrada e pelo Easter Piece, um campo já encerrado em 1624, mas o eixo desenvolveu-se apenas no seu lado poente de modo fragmentado, sobre diferentes propriedades (Fig. 9). O padrão de parcelas é característico das formas iniciais de desenvolvimento residencial especulativo, com implantações retangulares pouco profundas e edifícios em fileira em composição descontínua.

### *Layouts*

O extremo sul do eixo Percy Terrace inclui por esta altura, de forma embrionária, um tipo distinto de crescimento por acreção, que é muito diferente dos eixos arteriais ou das unidades de cintura periférica (Fig. 15a). Na extremidade sul de Easter Piece um terreno bastante profundo estava disponível para construção, com capacidade para conter mais parcelas de dimensão comparável ao que poderia ser acomodado na sua fachada da estrada existente. Foi, portanto, desenvolvida como uma nova e singular unidade de plano para acomodar dez casas e as suas parcelas, principalmente em pequenas casas em fileira de desenho uniforme. O necessário acesso viário adicional foi fornecido pela South Street, um pequeno cul-de-sac que abria o interior do terreno e funcionava apenas como uma rua residencial secundária, sem qualquer tráfego para além do relativo às parcelas adjacentes. Esta organização ou projeto de edifícios, parcelas e novas ruas associadas, tornando acessível a parte traseira do terreno, é fundamentalmente diferente de um eixo que se desenvolve espontaneamente ao longo de uma estrada existente e sem um desenho uniforme. Constitui um *layout* no sentido técnico do planeador, e inaugura a longa sequência de *layouts residenciais* que têm dominado cada vez

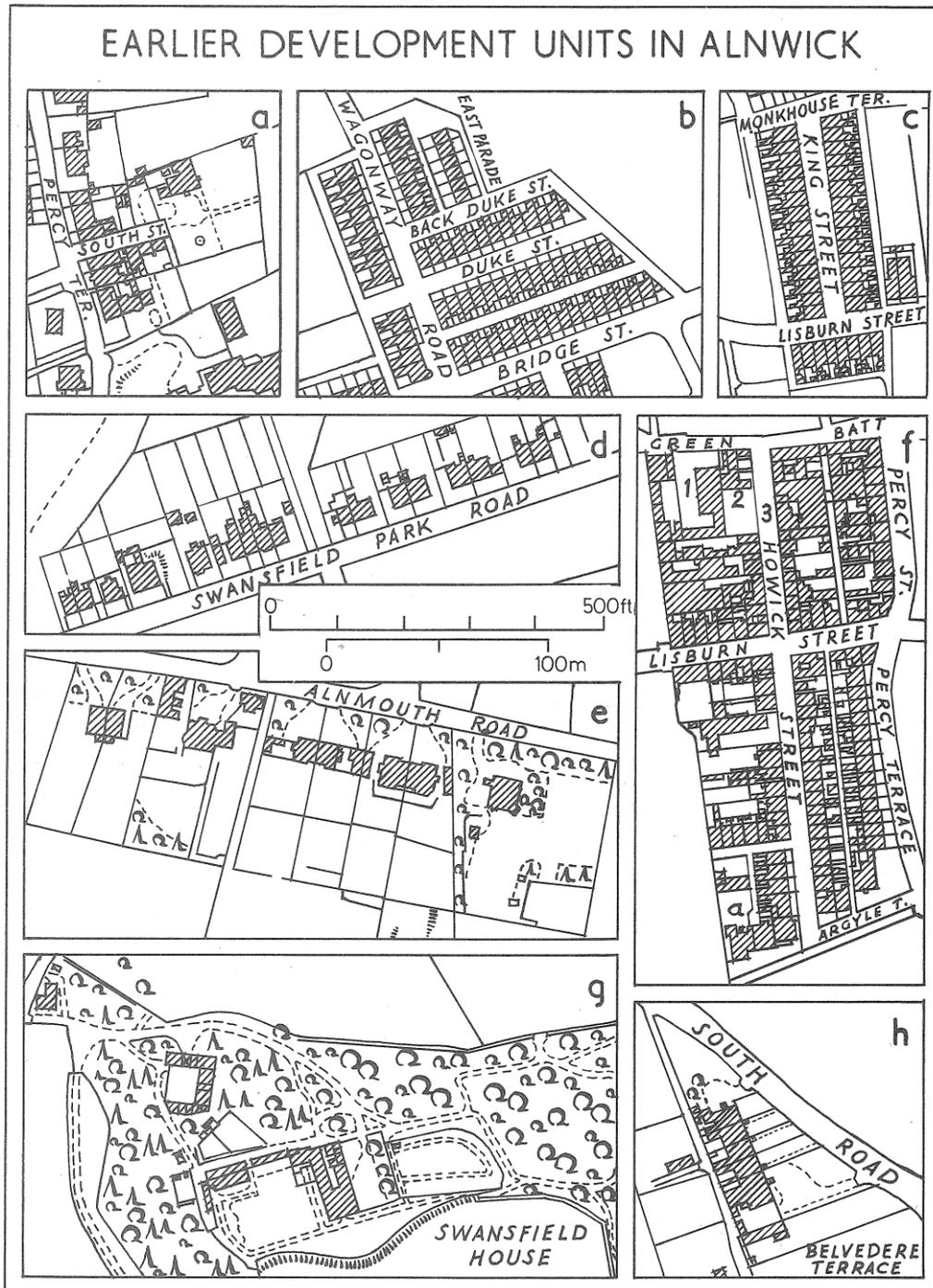


FIGURA 15. UNIDADES DE DESENVOLVIMENTO INICIAIS EM ALNWICK

mais as acreções modernas. O layout da South Street era pequeno o suficiente para permanecer inteiramente orientado para Percy Terrace, e parece quase uma parte deste eixo. No entanto, morfologicamente, é muito mais independente do que, por exemplo, Belvedere Terrace (Fig. 15h).

Em geral, os layouts formam unidades de plano bastante maiores: importantes acréscimos a uma área urbana construída, distintos das acreções da cintura periférica devido à sua organização inerente e à tendência para a compactação. O melhor exemplo anterior a 1850 é o de Howick Street / Lisburn Street, localizado a sul (Fig. 15f). A sua estrutura foi fornecida por Wester Piece, que aparece como um campo encerrado no mapa de Mayson de 1624, e como uma unidade de propriedade separada nos planos subsequentes (Fig. 9), sendo os seus limites ligeiramente reajustados em 1827 quando Grove Cottage (2 na Fig. 15f) e o curtume adjacente, na extremidade norte do campo encerrado, já tinham sido absorvidos pela Cintura Periférica Interior. Wester Piece foi desenvolvida para ser construída, gradualmente a partir de 1830 em diante; começando a norte, com mais da metade da área construída em 1850, ficando toda a unidade de plano concluída a sul, no início da década de 1880. O plano tem elementos do período tardio da Regência e início da era Vitoriana, com ruas retas organizadas ortogonalmente, standardizadas, com lotes geralmente pequenos e, em alguns casos, com caminhos traseiros, toda construída com casas em fileira de desenho uniforme, em composição contínua na linha de rua ou atrás de jardins frontais pouco profundos. Pequenas indústrias e edifícios institucionais na parte norte, associados à Cintura Periférica, aumentaram consideravelmente o já elevado índice de implantação (70.6). A sul, no entanto, a unidade tornou-se inteiramente residencial em meados da era Vitoriana, com um índice de implantação de 57. Sendo uma característica típica destes layouts iniciais, o seu ‘comportamento topográfico’ é bastante independente, com a Howick Street a seguir pela íngreme encosta norte do Alnwick Ridge, sem muita consideração para com o potencial tráfego (Fig. 4).

A nascente de Green Batt, a área de Hotspur Place forma um layout semelhante, ainda que mais simples, de dimensão intermédia relativamente aos de South Street e Howick Street, com um índice de implantação máximo de 84.2 (Fig. 12).

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> TATE, op. cit., vol. i, 463, 465, 468. *Ordnance Survey map of XVII century England*. A. ARMSTRONG & SON, *A map of the County of Northumberland, etc., 1769*. C. & J. GREENWOOD, *Map of the County of Northumberland, etc., 1828*. N. WEATHERLY, *A map of a projected turnpike road from Haggerston blacksmith's shop to Alnwick, etc., 1824*.

<sup>2</sup> TATE, op. cit., vol. i, 243.

<sup>3</sup> W. DAVISON, *A descriptive and historical view of Alnwick, etc.* (2<sup>o</sup> ed., 1822), 245.

<sup>4</sup> TATE, op. cit., vol. ii, 365-6.

<sup>5</sup> DAVISON, op. cit., 240-6.

<sup>6</sup> TATE, op. cit., vol. ii, 70-101, 221-4. DAVISON, op. cit., 236.

<sup>7</sup> TATE, op. cit., vol. ii, 227-9.

<sup>8</sup> *Ibid.*, vol. i, 471; vol. ii, 219-20.

<sup>9</sup> *Ibid.*, vol. ii, 207, 218.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 162-206.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 153.

<sup>12</sup> Ibid., vol. i, 468-71; vol. ii, 224.

<sup>13</sup> Ibid., vol. i, 448; mas cf. W. DAVISON, op. cit., 189, para comentário crítico.

<sup>14</sup> TATE, op. cit., vol. ii, 284-8.

<sup>15</sup> Ibid., 400.

<sup>16</sup> Ibid., vol. i, 353-8.

<sup>17</sup> Ibid., 358, 364-7. D. STROUD, *Capability Brown* (1950), 140-1, 160.

<sup>18</sup> W. W. TOMLINSON, *The North-Eastern Railway* (1914), 483, 507.

<sup>19</sup> TATE, op. cit., vol. i, 462.

<sup>20</sup> Ibid., vol. ii, 368.

<sup>21</sup> Ibid., vol. i, 462. Cf. também *Thompson's Map, 1760* mostrando a antiga ponte e *Wilkin's Map 1774*, mostrando a 'Nova Ponte'.

<sup>22</sup> R. TATE, *Ground plan and profile of levels, etc.*, 1815.

<sup>23</sup> H. LOUIS, op. cit., 147.

<sup>24</sup> Os duplos eixos arteriais de Upper Clayport Street e Bondgate Without, e a área de Walkergate, apresentados nas páginas 43-46, diferem do extramuros neste aspeto. Por este motivo, foram originalmente tratados como componentes principais do plano por direito próprio. No entanto, pela sua localização inicial, incidência temporal, características funcionais e desenvolvimento subsequente, estas são, sem dúvida, partes tradicionais muito antigas do extramuros – um facto não suficientemente percebido quando o texto e os mapas foram inicialmente compostos.

<sup>25</sup> R. RAWLINSON, op. cit., 28, e planta da Teasdale's Yard (escala 1: 240).

<sup>26</sup> TATE, Op. cit., vol. ii, 412. *Foul terrier to Alnwick* (Terrier de Wilkin's Map, 1774), parcela N.º 156 em 'Finkle Street Westside.'

<sup>27</sup> WOOD's *Plan of Alnwick* (1829).

<sup>28</sup> RAWLINSON, op. cit., planta do Teasdale's Yard.

<sup>29</sup> Ibid., 22, fornecendo detalhes do Moore's Yard que são comparáveis aos do Teasdale's Yard.

<sup>30</sup> W. DAVISON, op. cit., 188, diz que Alnwick era no geral bem construído, que as casas eram construídas principalmente em pedra de cantaria e tinham 'uma aparência nobre', e que as casas com cobertura em palha estavam a desaparecer rapidamente dando lugar a outras 'que se aproximam da elegância'.

<sup>31</sup> Por exemplo, a 'Red House' em Narrowgate, agora Messrs. Forster & Son.

<sup>32</sup> Ver também nota 24.

<sup>33</sup> Na Figura 8: 5, 6, 7, a parcela a sudeste deste último, 9 e a parcela imediatamente a noroeste daquele. Cf. Figura 9.

<sup>34</sup> 'Nursery Grounds' numa localização de cintura periférica é representado na Ordnance Survey 1/528 (1851 e 1866), Folhas 6 e 8.

<sup>35</sup> J. ROBERTSON, *A plan of that part of Stony Hills, etc. belonging to Madm. Elizabeth Grey, 1732; Thompson's Map, 1760; Wood's Map, 1827.*

## CAPÍTULO 7

### ALNWICK NOS PERÍODOS VITORIANO MÉDIO E TARDIO

#### *Alnwick como Centro de Serviços Rural*

DE algum modo auxiliada pela construção da linha férrea (1887) para Wooler e Coldstream<sup>1</sup>, Alnwick consolidou a sua posição como pequeno mercado e centro de serviços no período Vitoriano, tendo então poucas indústrias que necessitassem de instalações maiores do que uma oficina tradicional.<sup>2</sup> Entre estas estavam a fabricação de cerveja, o curtimento, a construção de carruagens e uma fundição de ferro. A partir de 1872, a fabricação de apetrechos de pesca, peculiarmente ligados ao nome da cidade, desenvolveu-se progressivamente desde pequenos estabelecimentos, até chegar a reivindicar um mercado mundial com os seus produtos de alta qualidade. A função de mercado de Alnwick foi enfatizada com a construção de um edifício para o comércio de milho em 1862<sup>3</sup>, e um mercado de gado em 1880 perto da estação ferroviária. Se Alnwick não atraiu nenhuma grande indústria, acumulou algumas indústrias de serviços, como usinas de gás<sup>4</sup> e matadouros, novas e de dimensão crescente.

A criação da Autoridade Local de Saúde (Local Board of Health), em 1851, inaugurou o desenvolvimento de instituições do governo local, sendo os novos escritórios da autoridade local construídos em 1877.<sup>5</sup> Em 1856 foi construído um novo tribunal<sup>6</sup> e um novo cemitério, entretanto repetidamente ampliado.<sup>7</sup> As escolas aumentaram consideravelmente em dimensão e em número no final do século XIX. Banhos públicos, um edifício militar (Drill Hall) e hospitais foram outras instituições criadas antes da Primeira Guerra Mundial.

O modesto aumento das indústrias e a oferta de novos serviços sociais, alguns deles de importância regional, originaram um ligeiro aumento da população, mas em 1911 a cidade tinha apenas 7,000 habitantes.

A legislação em Saúde Pública tornou obsoletas muitas das residências da classe operária existentes. Foi a principal responsável pelo surgimento de novos tipos de casas e unidades de plano, especialmente através da Lei da Saúde Pública de 1875, que conduziu à enorme disseminação da chamada casa ‘com túnel adossado’ (‘tunnel-back’), em fileira de desenho uniforme, ao longo das chamadas ‘ruas regulamentares’. Deste modo, a área construída de Alnwick aumentou consideravelmente através de um conjunto de pequenos projetos de habitação. No outro extremo da escala social, a prosperidade da cidade encontrava expressão num conjunto de residências maiores, situadas em terrenos próprios, especialmente a nascente e sudeste.

Os efeitos destas melhorias económicas e sociais são expressos no plano de cidade de Alnwick de quatro modos diferentes. A Cidade Velha continuou a apresentar crescimento por repleção, nas antigas parcelas burguesas, acompanhada de algumas substituições. O desenvolvimento da cintura periférica intensificou-se na sua periferia e, para além desta, na margem da cidade do período Vitoriano Inicial. Terrenos abertos adjacentes a sul e sudeste estavam disponíveis para acreções sob a forma de layouts e eixos. Nas outras partes deste território, o campo aberto ficou sujeito a uma continuação do desenvolvimento disperso na forma de parcelas relativamente grandes, geralmente associadas a estradas existentes.

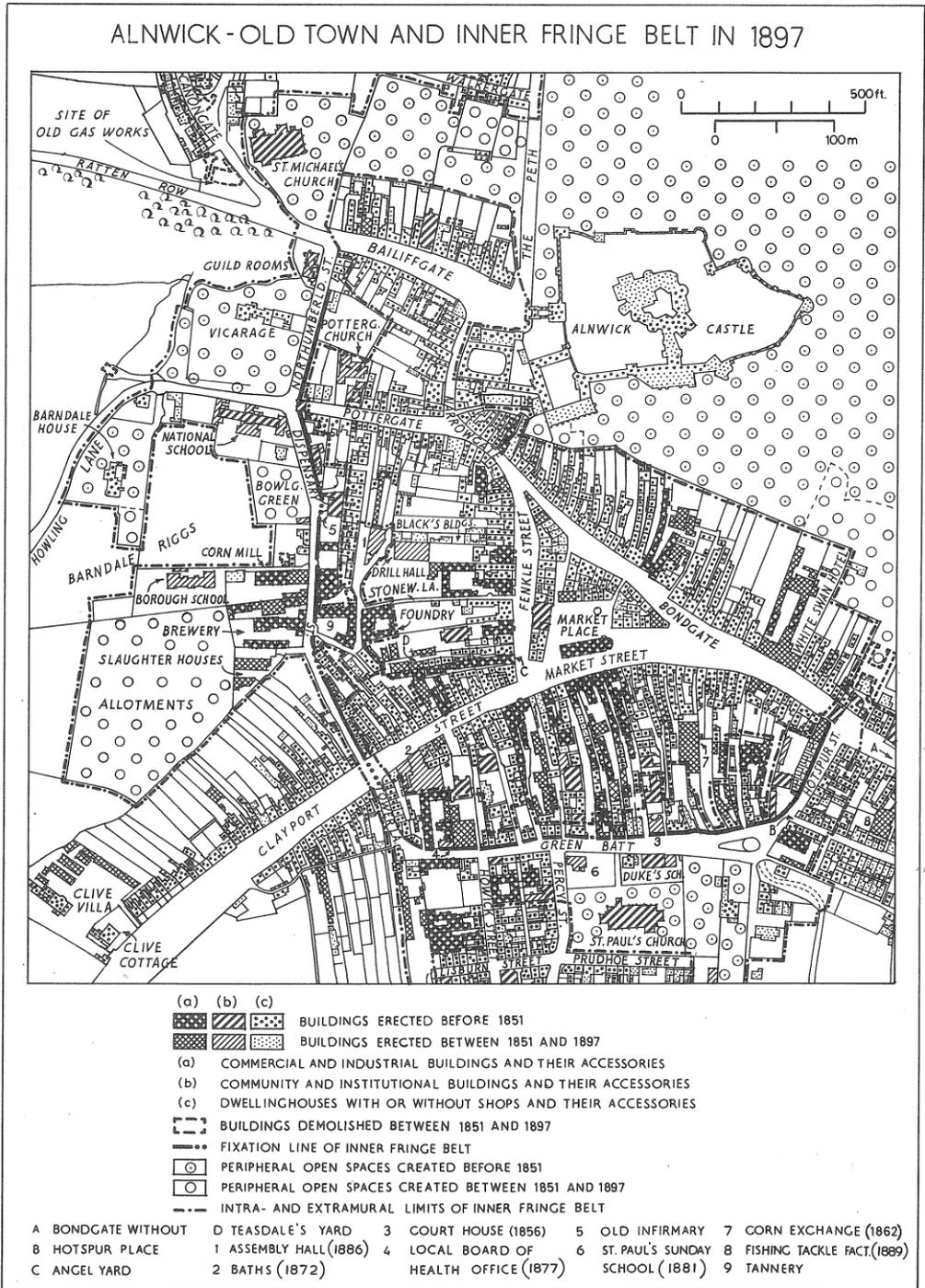


FIGURA 16. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1897

---

(a)	(b)	(c)
		Edifícios construídos antes de 1851
		Edifícios construídos entre 1851 e 1897
(a)		Edifícios comerciais e industriais e seus acessórios
(b)		Edifícios comunitários e institucionais e seus acessórios
(c)		Casas de habitação com ou sem lojas e seus acessórios
		Edifícios demolidos entre 1851 e 1897
		Linha de fixação da Cintura Periférica Interior
		Espaços abertos periféricos criados antes de 1851
		Espaços abertos periféricos criados entre 1851 e 1897
		Limites intramuros e extramuros da Cintura Periférica Interior

---

Tradução do texto da FIGURA 16

### *Repleção e Substituição na Cidade Velha*

O exemplo de Teasdale's Yard mostra como estas parcelas burguesas da Cidade Velha, que tinham atingido o ponto de saturação do desenvolvimento edificado em meados do século XIX, sofreram poucas transformações no período Vitoriano Médio e Tardio. A maioria das parcelas burguesas atingiu o seu máximo neste período, mas seria errado supor que as causas gerais subjacentes a este processo afetaram todas elas de modo uniforme (Figs. 16 e 17). As pseudo-parcelas burguesas da área do mercado, e algumas das antigas parcelas burguesas profundas, estavam completamente construídas em 1851. Para a grande maioria das parcelas burguesas maiores, o máximo de concentração de edifícios, embora Vitoriano, variou muito de acordo com as circunstâncias individuais de cada sítio. Entre estas circunstâncias, a dimensão e a posição eram as mais importantes. Pequenas parcelas, como as pseudo-parcelas burguesas da área nascente do mercado, ou algumas parcelas derivadas antigas com outras localizações, alcançaram índices de implantação próximos de 90.

As parcelas burguesas maiores geralmente tendiam a ter menos concentração edificada. Das três séries que circundam o Triângulo Central, a série a nordeste, sem o estímulo acessório de um caminho traseiro e de terreno edificado do outro lado, apresentou a maior extensão de terreno aberto, geralmente na cauda das parcelas burguesas. Na ausência de parcelas derivadas, o clímax do índice de implantação nesta área era geralmente alcançado pela adição de acessórios da parcela associados ao uso do edificado no dominante da parcela, posicionado na cabeça da parcela. Um exemplo representativo é constituído pelas extensões traseiras do White Swan Hotel.

Por outro lado, a série de parcelas burguesas a sul, até Green Batt, posicionada na direção de um maior crescimento urbano, tornou-se mais fortemente e uniformemente saturada, mostrando uma concentração semelhante à de Teasdale's Yard. A subdivisão extensiva em parcelas derivadas, com a heterogeneidade resultante de formas e usos dos edifícios, era a regra nesta área. O clímax do período Vitoriano foi alcançado pela adição de edifícios comerciais ou industriais, independentemente, em parcelas mediais, ou em conjunto com usos de fachada, em Market Street. O edifício para o comércio de milho, na metade nascente do quarteirão é um exemplo notável do primeiro tipo, os Banhos na metade poente exemplificam o segundo.

O quarteirão a poente, com um sistema de caminhos traseiros mais recentes, desenvolvido de modo menos favorável em torno da extremidade poente de Stonewell Lane, tinha um caráter intermédio no seu processo de repleção Vitoriano. A série de parcelas burguesas ao longo de Clayport Street teve uma considerável colonização do logradouro traseiro, com casas adossadas e anexos, e apresentou uma concentração semelhante a Teasdale's Yard e Angel Inn Yard, e um índice de implantação que em algumas parcelas burguesas chegou a 65 por cento. Mais a norte, o Drill Hall era um acessório do dominante da parcela em Fenkle Street – o Quartel-General dos Fuzileiros de Northumberland. Por outro lado, as parcelas burguesas com frente para Fenkle Street mantinham os seus quintais como espaços abertos. Apenas uma parcela burguesa, imediatamente a norte do Drill Hall, atingiu um índice de implantação de 63.6 por cento em 1886-87, devido à colonização do logradouro por habitações de um layout que estava de acordo com a nova legislação do edificado de 1875.

No quarteirão do lado norte de Pottergate ocorreu alguma repleção; no lado norte de Bailiffgate não havia praticamente nenhum edifício adicional durante o período Vitoriano; e na área de Walkergate / Canongate houve alguma remoção de edifícios. Em Walkergate, onde uma considerável demolição havia ocorrido anteriormente, houve uma reduzida e fragmentada remoção adicional. Em Canongate, por outro lado, o antigo bairro da abadia com as suas duas fileiras de pequenas casas foi em grande parte demolido depois de 1866, juntamente com as antigas usinas de gás. No seu lugar, ocorreu um redesenvolvimento adaptativo, entre 1885 e 1909, no extremo sul próximo da igreja, com a construção de algumas habitações projetadas de um modo sofisticado para o Duque de Northumberland. O conjunto apresentava plantas de implantação mais elaboradas, em pequenas parcelas, e em composição descontínua, numa mistura de casas isoladas, geminadas e em fileira de desenho uniforme.

As diferenças no crescimento repletivo dos eixos arteriais durante o período Vitoriano Médio e Tardio devem-se às diferentes posições de Clayport Street e Bondgate Without, e às diferenças na estrutura das parcelas (Fig. 8). No eixo de Clayport, a repleção foi, em geral, moderada. Em Bondgate Without, o crescimento foi não apenas maior, mas também morfologicamente mais variado, afetando um conjunto de dominantes da parcela. No lado sul, a fábrica de armas e equipamentos de pesca Hardy foi totalmente reconstruída em 1889, e nas três décadas subsequentes as obras expandiram-se para as traseiras, e por fim para as partes traseiras de quatro parcelas adjacentes. Este é, portanto, um caso interessante de uma unidade de uso do solo, fixa na sua localização algo limitada, envolvendo substituição da frente, o que é uma circunstância bastante natural neste tipo particular de indústria. Posteriormente, superou a resistência do sítio e desenvolveu uma *repleção por absorção*. A parcela a nascente de Bondgate Hall também sofreu um processo de substituição em 1904, resultando numa mudança de posição do dominante da parcela, uma habitação, desde a sua posição na linha frontal para uma posição isolada no meio da parcela. No lado norte de Bondgate Without, o desenvolvimento de uma frente tinha ficado incompleto no início da era Vitoriana, sendo que duas parcelas intermédias não tinham sido ainda desenvolvidas pelo Duque de Northumberland. Estas tiveram os seus primeiros dominantes da parcela entre 1866 e 1883 – uma capela Metodista, uma casa isolada, e um par de casas ‘com túnel adossado’. Este desenvolvimento distingue-se da repleção por não ocorrer como um preenchimento interno adicional em parcelas

já desenvolvidas. Representa um crescimento independente, mas lento, associado a terrenos não construídos, deixados numa unidade de plano construída de outro modo e completada por estes terrenos, e pode ser chamado de *desenvolvimento edificado complementar*. Frequentemente, cria um contraste arquitetónico, ou *incongruência*, na frente de rua em que ocorre.<sup>8</sup>

Na cidade mais antiga, a substituição Vitoriana e Eduardiana de dominantes da parcela nas frentes de rua não foi extensa e deixou poucas marcas no plano de cidade. O processo ficou restrito a alguns casos em que as casas em fileira Georgianas foram substituídas por novos tipos de edifícios comerciais com uma planta de implantação maior, por vezes envolvendo a amalgamação de parcelas burguesas. Em Pottergate, no entanto, em 1894 a velha igreja Presbiteriana foi substituída por uma sucessora muito maior e por um edifício acessório, um salão da igreja. Mais proeminente foi a ampla substituição e remodelação de estruturas dentro e em redor do castelo em meados do século XIX, como resultado de um grande esquema de reconstrução do quarto Duque de Northumberland. Isto mudou consideravelmente a planta de implantação dos edifícios no lado poente da antiga fortaleza, bem como os lados sudoeste e sul das muralhas do castelo.<sup>9</sup>

#### *Desenvolvimento da Cintura Periférica*

Uma vez que em alguns pontos o limite pré-Vitoriano da Cidade Velha coincidia com o do período Vitoriano, oferecendo sítios ainda não construídos, o seu desenvolvimento através de uma cintura periférica continuou.

Ao longo da linha de fixação da Cintura Periférica Interior, as transformações trouxeram pequenas casas adicionais, bem como novos edifícios públicos. A sudoeste, a linha de edificação de Tower Lane foi melhorada em 1867, e recolonizada com casas em fileira nos anos 1877-83, transformando este caminho numa rua.

No lado poente da Dispensary Street, no entanto, a antiga cintura periférica foi ampliada através de parcelas maiores. Aqui, a maior expansão externa da cintura periférica, ligando Barndale House ao extramuros proximal, foi possibilitada pela propriedade da terra unificada, sendo que o Duque possuía a maior parte das terras em 1846 (Fig. 9) e libertou-as para uso público. O campo entre Barndale House e Bowling Green estava agora completamente circundado por elementos da cintura periférica, mas manteve o uso agrícola como terra residual de 'Barndale Riggs'. Mais a sul, o grupo de parcelas industriais na área de Stonewell aumentou em extensão, bem como em índice de implantação. Aqui, os caminhos traseiros que comunicavam com a Dispensary Street atraíram algumas unidades de construção de grande dimensão em *parcelas do extremo da cauda*, incluindo uma fundição de ferro e o Assembly Hall (1886), consolidando assim a peculiar extensão interna do intramuros iniciada no período anterior.

Foi mostrado anteriormente que a casa de trabalho e a estação ferroviária tinham uma localização periférica em relação ao eixo Bondgate e eram parte de uma nova, embora menos bem definida, *Cintura Periférica Intermédia* (Fig. 13). Este elemento foi expandido na década de 1880 pelas extensões do terminal ferroviário, o mercado de gado, a criação de um parque

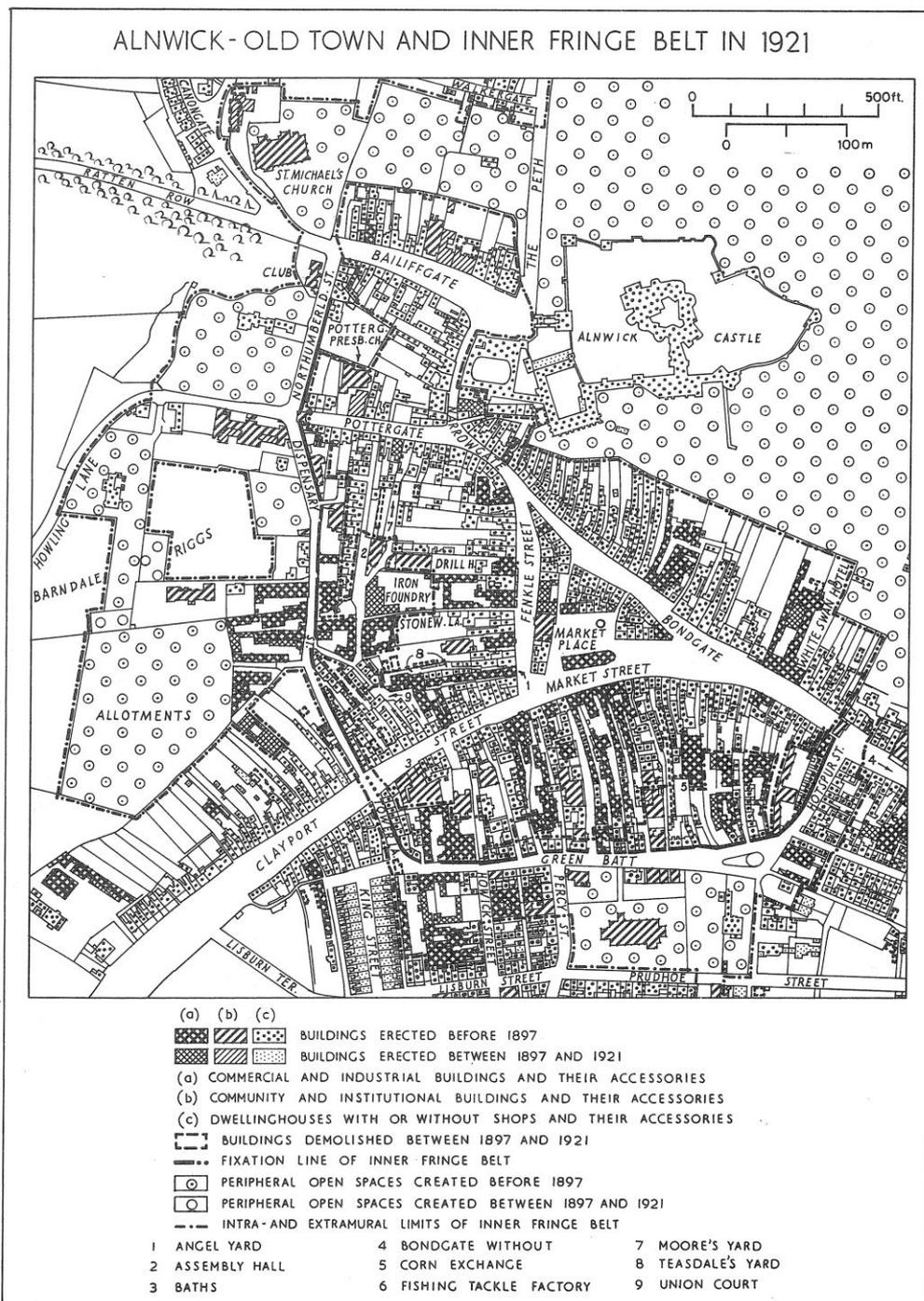


FIGURA 17. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1921

- 
- |     |     |  |
|-----|-----|--|
| (a) | (b) | (c)  |
|     |     | Edifícios construídos antes de 1897                            |
|     |     | Edifícios construídos entre 1897 e 1921                        |
| (a) |     | Edifícios comerciais e industriais e seus acessórios           |
| (b) |     | Edifícios comunitários e institucionais e seus acessórios      |
| (c) |     | Casas de habitação com ou sem lojas e seus acessórios          |
|     |     | Edifícios demolidos entre 1897 e 1921                          |
|     |     | Linha de fixação da Cintura Periférica Interior                |
|     |     | Espaços abertos periféricos criados antes de 1897              |
|     |     | Espaços abertos periféricos criados entre 1897 e 1921          |
|     |     | Limites intramuros e extramuros da Cintura Periférica Interior |
- 

Tradução do texto da FIGURA 17

público junto à Percy Tenantry Column e a construção do novo hospital (1906). Do outro lado de Denwick Lane, o parque do Duque, com o seu novo e elaborado layout, juntou a nova Cintura Intermédia com a anterior Cintura Interior. No sul da cidade, alguns campos encerrados por desenvolver, outrora parte do antigo South Field de Alnwick, estavam disponíveis para uma expansão para poente. Consequentemente, a colonização da cintura, iniciada anteriormente com a Croft House, prosseguiu em 1900 com a construção da nova Duke's School. Para além desta, as novas hortas em Dunder Hill formaram mais um componente desta zona. A cintura continua para poente, apropriando-se de unidades do antigo extramuros distal, isto é, Bellevue e Clive House. Entre os vários componentes da zona, permaneceram algumas parcelas de terra agrícola.

Para além desta Cintura Periférica Intermédia de proveniência principalmente Vitoriana, e separada dela, em grande parte, por áreas residenciais intercaladas, a linha ferroviária para Alnmouth, o novo cemitério e a nova usina de gás inauguraram uma *Cintura Periférica Exterior*. Hoje, esta cintura ainda marca o limite da área construída a sudeste. Foi em grande medida condicionada pelas linhas ferroviárias, situando-se no ângulo estreito entre estas e, portanto, em terrenos menos adequados para desenvolvimento residencial, mas com acesso rodoviário satisfatório. O quadro morfológico foi fornecido principalmente pela ferrovia, a estrada principal, e os limites dos campos encerrados derivados de antigas faixas de terreno de cultivo abertas. A norte da ferrovia de Alnmouth, entre Alnmouth Road e Newcastle Road, o Grove Nursery Grounds (Estufas Royal Oak) estava agora separado da Cintura Intermédia por um desenvolvimento mais recente e, portanto, *transladado* para a Cintura Exterior, marcando o seu extremo nordeste. Na viragem do século, a cintura foi consolidada com a adição de uma lavandaria e uma serração na Newcastle Road. Na Wagonway Road, o hospital de isolamento formava uma extensão para poente.

Para além desta propriedade residencial que tinha sido transladada do antigo extramuros distal, as Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior incorporaram ainda algumas novas residências de grande dimensão, no lado nascente da cidade. Uma vez que a maioria delas foi, em última análise, absorvida por acreções residenciais, ao invés de uma inclusão na cintura periférica, serão discutidas mais tarde na secção Eixos Viários e Desenvolvimento Disperso.

Semelhanças e diferenças importantes, podem ser notadas entre a Cintura Periférica Interior e as duas cinturas externas. Estas tornam-se ainda mais claras à luz do desenvolvimento

pós-Vitoriano. Um traço comum, no entanto, é a sequência geral do seu desenvolvimento. Cada uma delas começou com a cintura da cidade tal como era em algum período definido, mesmo que muito curto, e cresceu no seu modo característico ao longo de vários períodos subsequentes, não obstante o deslocamento para o exterior da cintura da cidade. É como se tal cintura, uma vez estabelecida, criasse o seu próprio ambiente e impusesse as suas próprias condições de desenvolvimento futuro na sua área, em termos de forma e dimensão das parcelas, tipos de uso do solo, e grau de acessibilidade das ruas.

Para além disso, todas as cinturas partilhavam a tendência constante de consolidação gradual a partir de uma zona fragmentada para uma zona compacta. Isto permite-nos distinguir os estágios inicial, maduro e final, indicados pela quantidade relativa de *residual agrícola*, isto é, terras agrícolas rodeadas por áreas construídas em desenvolvimento. Por volta de 1910, a Cintura Periférica Interior alcançou o estágio final de completa compactação, enquanto a Cintura Intermédia estava ainda demasiado interrompida por campos para atingir a maturidade total, e a Cintura Exterior estava claramente no seu estágio inicial.

Outra característica comum é o modo como cada cintura tende a perder os seus componentes mais distais durante o crescimento posterior da área construída, seja por *translação* para uma cintura seguinte ou por *alienação* para acreções com um carácter diferente.

Mas existem também diferenças. A Cintura Interior teve origem numa *linha de fixação* bem definida que formou o limite físico da área construída durante alguns séculos e que, numa determinada época, estava representada estruturalmente no solo pela muralha da cidade e pelas suas portas. Isto não só envolveu uma relação estreita da cintura com a área construída original, estando a linha de fixação em contacto direto com as parcelas burguesas, mas também resultou num anel marcado, ainda que incompleto, de *ruas consequentes*. Estabeleceu uma *cintura periférica fechada*, com uma divisão longitudinal em duas zonas paralelas, mas estruturalmente diferentes, o intramuros de repleção, de grão fino, e o extramuros de acreção, de grão mais aberto. A assimetria implícita desta organização foi enfatizada pela existência do extramuros distal, até que este se tornou sujeito a uma progressiva *translação* para outras cinturas.

Em contraste, as Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior, mais recentes, não revelaram nem linhas de fixação nem divisão em zonas de repleção e acreção. Desde o início, estas relacionavam-se topograficamente com a cintura da área construída contemporânea de um modo mais vago, e eram mais descontínuas. Muitos dos novos tipos de uso do solo, com características da cintura, podiam desenvolver-se em qualquer lugar nas áreas periféricas abertas, desde que estivessem a uma curta distância de transporte da cidade. Na verdade, alguns foram propositadamente localizados de modo a mantê-los longe das áreas construídas, isto é, as residências de maior dimensão, a casa de trabalho, o cemitério e o hospital de isolamento. No estágio inicial de desenvolvimento da cintura, as terras agrícolas eram naturalmente proeminentes. Ao sobreviverem com uma forma residual em estágios posteriores aumentaram a imprecisão geral da estrutura da cintura. Isto, e a grande dimensão da maioria das unidades de uso do solo que a compõem, impediram o desenvolvimento de um denso sistema de ruas dentro de cada cintura, acessível e atravessável em todas as direções. As únicas estradas eficientes eram, de facto, as artérias e caminhos rurais pré-existentes que saíam da Cidade Velha e, portanto, dispunham-se transversalmente às cinturas, com grandes vazios entre elas,

distinguindo-se claramente da estrada circular da Cintura Interior. Veremos mais tarde como estas diferenças morfológicas entre as Cinturas Periféricas Interior e Externas afetaram a geografia da crescente área construída de Alnwick.

### *As Novas Acreções Residenciais*

Funcionalmente, as cinturas periféricas representavam uma mistura de usos do solo, mas a maior parte do crescimento por acreção nas eras Vitoriana e Eduardiana consistiu num desenvolvimento residencial variado. Os seus atributos quantitativos gerais podem ser comparados com os de outros períodos na Tabela II. Entre 1851 e 1914, foram construídas 349 casas, ou seja, cerca de um quinto de todas as casas construídas fora da Cidade Velha desde o período Georgiano Médio, em comparação com menos de 10 por cento durante os 100 anos anteriores. Em pouco mais de 60 anos, este crescimento cobriu cerca de 64 acres (25.9 hectares) ou um terço da área total, contra um sexto durante os 100 anos precedentes. No intervalo de tempo de 1851-1914, o ritmo acelerou em cada um dos três subperíodos, com o número de casas a disparar aproximadamente de 3 para 7 e depois 12 por cento, e a área a aumentar, de um modo semelhante, de 5 para 7 e 18 por cento. Mas, enquanto a densidade bruta média foi a mesma nos desenvolvimentos Vitoriano Médio e Georgiano, isto é 4.3, aumentou para 7.2 no final da era Vitoriana, e caiu para 5.1 no período Eduardiano.

Isto indica diferenças estruturais, apresentadas nas Tabelas V, VI e VII em conjunto com a Tabela IV.

No período Vitoriano Médio (Tabela V), o crescimento da habitação de alta densidade, para artesãos, continuou na parte sul da área da Howick Street, contabilizando 83 por cento das casas construídas. Apenas 18 por cento da área total estava ocupada, sendo que um pequeno conjunto de casas implantadas em grandes parcelas cobria cerca de 80 por cento da área. O

TABELA V

#### *Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, 1851-75*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona (Unidade de plano)</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>
Up. 35 } 36 }	Howick St. (up.) e Howick St. SO (Fig. 15f)	1851-72	39 } 83%	1.97 } 18.0%	19.8
Up. 40	Croft Place (part)	1851-64	2 } 4	0.18 } 0.37	11.1
Up. 37	Percy T. – Prudhoe St. O	1851-75	2 } 8.5%	0.19 } 3.3%	10.5
Up. 43	Prudhoe St. E (up.)	1865	1 } 4	0.56 } 8.64	1.8
Up. 105	Alnmouth Rd. E (up.)	1874	1 } 4	1.09 } 8.64	0.9
74 } 102 }	Allerburn House, Ravensmede (Fig. 19e)	1862-70	2 } 8.5%	6.99 } 78.7%	0.3
DESENVOLVIMENTO TOTAL		1851-75	47 } 100%	10.98 } 100%	4.3

contraste social era ainda pronunciado, mas, pela primeira vez, surgem densidades brutas intermédias materializadas num pequeno conjunto de casas no lado sul da cidade (11,1 e 10,5), que se posicionam no meio da escala de densidades geral.

O período Vitoriano Tardio (Tabela VI) apresenta um considerável aumento absoluto, embora não relativo, da habitação para a classe operária, com densidades altas. Este foi condicionado pelos standards mínimos de espaço exigidos pela Lei da Saúde Pública de 1875, e refletiu as mudanças características do período. Hotspur Place Este surge com uma densidade bruta excepcionalmente alta, possivelmente devido às transformações deste sítio, causadas pela

TABELA VI  
*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, 1875-97*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona (Unidade de plano)</i>	<i>Agência de habitação</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>
42	Hotspur Pl. E		1894	17	0.41	41.5
Up. 111	Gasworks Cottages		1883	4	0.14	28.5
Up. 95 } 96 }	Bridge St. (Fig. 15b)	D.d.N'd.	1884-97	70 } 82.7%	3.35 } 25.7%	20.8
Up. 37	Prudhoe St. O		1881	3	0.19	15.7
Up. 36	Howick St. SO (Fig. 15f)		1886	1	0.07	14.3
Up. V	Bondgate Without (Fig. 8)		1875-97	2 } 11 10.0%	0.22 } 9.9%	9.1
97	Aydon Gardens		1889	3	0.59	5.1
Up. 80	The Manse		1875-83	1	0.21	4.8
Up. 40	Croft Place		1895	1	0.22	4.5
Up. 104	C. Alnmouth Rd. (Fig. 15e)		1875-96	6 } 8	2.88 } 9.79	2.1
Up. 105	Alnmouth Rd. E (up.)		1881	1 } 7.3%	1.94 } 64.4%	0.5
103	West Acres (Fig. 19e)		1875-97	1	4.97	0.2
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1875-97	110 } 100%	15.19 } 100%	7.2

repleção por absorção por parte da fábrica Hardy, discutida anteriormente. A área de Bridge Street é mais representativa, pela densidade bruta e pelo número de casas. É o primeiro exemplo em Alnwick de uma atividade de agência de habitação de grande escala, neste caso o Duque de Northumberland. Juntamente com Hotspur Place Este e Gasworks Cottages, Bridge Street mais que duplicou o número de habitações para a classe operária, com altas densidades, ainda que com 3.9 acres (1.6 hectares) ocupassem pouco mais de um quarto da área adicionada. O desenvolvimento de baixa densidade contribuiu com oito casas em 9.79 acres (1.6 hectares), ou seja, quase dois terços da área adicionada. Todos estes edifícios eram residências de grande dimensão, localizadas no lado nascente de Alnwick. Uma nova e distintiva característica da

habitação do período Vitoriano Tardio fora da Cidade Velha era a prevalência de densidades médias. Isto reflete a chegada, ainda que em pequeno número, de uma variedade de novas ocupações profissionais e de serviços, quando Alnwick se desenvolveu como um centro Vitoriano.

TABELA VII

*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, 1897-1914*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona (Unidade de plano)</i>	<i>Agência de habitação</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>
Up. 93	Queen Street	A.W.B.A.	1897	31	1.24	25.0
Up. 55	Lisburn Ter. S		1907	5	0.20	25.0
34	King St. (Fig. 15c)	A.U.D.C.	1897-1902	36	1.88	19.2
90	Seaview Ter.	N.E.R.	1898	11	0.61	18.0
Up. 95	Bridge St. (Fig. 15b)		1898-1907	5	0.33	15.1
44	Stott Street		1904-1909	29	2.11	13.7
Up. 95 } 94 } 88 }	Swansfield Pk. Rd. NE		1899-1903	15	1.13	13.3
Up. 81	Augur Flats	D.d.N'd.	1912	10	1.11	9.0
Up. 37	Swansfield Pk. Rd. (Fig. 15d)		1897-1911	23	4.36	5.3
	Prudhoe St. O		1907	1	0.20	5.0
Up. 43	Prudhoe St. E		1898-1911	9	2.37	3.8
25	W. Green Batt		1903	2	0.56	3.6
115	Extramuros	D.d.N'd.	1902	2	0.94	2.1
Up. 104	Sawmill Cott.		1897-1901	4	3.47	1.2
104	C. Alnmouth Rd. (Fig. 15e)		1897-1908	2	1.73	1.2
99	The Close		1897-1914	3	3.63	0.8
Up. 105	Ravenslaw		1897-1906	3	5.47	0.6
72	Alnmouth Rd. E		1903	1	6.48	0.2
	Hillcrest					
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1897-1914	192 } 100%	37.82 } 100%	5.1
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1851-1914	349	63.99	5.5

O quadro geral de uma ampla distribuição de classes de densidade é dado pelas acreções residenciais do período Eduardiano (Tabela VII). Com 83 casas ou 43.2 por cento, os grupos de alta e média densidades partilham semelhanças no aumento absoluto de novas acomodações residenciais, embora o desenvolvimento de média densidade cubra mais do que o dobro da área ocupada pela habitação de alta densidade. Esta última era agora amplamente promovida por agências de habitação, como a Alnwick Workmen's Building Association, a recém-formada

Alnwick U.D.C., operando sob a nova Lei da Habitação da 1890, e a North-Eastern Railway Company. Em três casos, isto é, em King Street, parte da área de Bridge Street / Duke Street e numa pequena parte de Swansfield Park Road Noroeste, foi adotada a peculiar variante da Britânia do Norte da pequena casa ‘com túnel adossado’ – o andar-moradia com túnel adossado. Esta variante acomodava duas habitações ou ‘andar-moradia’ em cada edifício, ao invés de uma. O considerável aumento relativo da habitação de média densidade prosseguiu e enfatizou a tendência já observada no centro de serviços Vitoriano. A acomodação de baixa densidade aumentou em termos absolutos e relativos, representando 13.6 por cento da acomodação adicional em dois terços da área adicionada. Isto indica as necessidades residenciais dos poucos industriais e outras pessoas prósperas que construíram as suas casas de grande dimensão no lado nascente de Alnwick, com densidades brutas abaixo de 2. Juntamente com o aumento da habitação de média densidade, foi responsável pela redução da densidade bruta média durante o período Eduardiano.

#### *Novos Layouts*

A análise anterior indica a importância geral e a variedade das acreções residenciais desenvolvidas durante o período 1851-1914. A sua expressão morfológica no plano de ruas de Alnwick permanece ainda por examinar. Como no caso do período Georgiano, existem três grupos de unidades de plano: layouts, eixos e casas dispersas.

Entre estes, os layouts acomodaram a maioria das novas casas e, nesse sentido, aumentaram a sua importância relativa (Fig. 15 em conjunto com as Tabelas V-VII). Em primeiro lugar, os layouts existentes nas áreas de Howick Street e Hotspur Place continuaram a crescer durante o período Vitoriano Médio. As partes desenvolvidas imediatamente antes e, mais ainda, após a aprovação da Lei da Saúde Pública de 1875 podem ser reconhecidas pelas plantas de implantação características das casas com túnel adossado – moradias ou andares-moradia – formando fileiras de desenho uniforme, com um tardo dentado devido ao aparecimento de copas (cozinhas). Estas casas estão organizadas num padrão de pequenas parcelas standard com pequenos jardins frontais, como em ‘a’ na Figura 15f e em Hotspur Place na Figura 16. As densidades brutas para estas casas em fileira de desenho uniforme são 21.0 e 37.9, respetivamente, e os seus índices de implantação são 75.1 e 63.8. Ao mesmo tempo, acreções semelhantes ocuparam o restante de Prudhoe Street Oeste, a sul de St. Paul’s Church (37 na Fig. 21).

No entanto, a maior parte deste tipo de crescimento ocorreu na Wagonway Road imediatamente a sul da estação ferroviária, onde um terreno de forma aproximadamente triangular, residual de Cross Flats (Fig. 9), foi desenvolvido pelo Duque a partir de 1884, com pequenas casas para trabalhadores, num layout de ruas ‘regulamentares’ e fileiras de desenho uniforme de casas com túnel adossado, com jardins frontais, quintais e caminhos de serviço. Centrava-se em Duke Street e Bridge Street (Fig. 15b e 95 na Fig. 21). As densidades brutas eram em média 20.8, mas variavam entre 14.8 e 24.9; os índices de implantação eram em média 62.1, variando entre 56.5 e 71.6. Por outras palavras, as características quantitativas do layout do período Vitoriano Tardio constituído por pequenas casas, permanecem comparáveis às do período Vitoriano Inicial (cf. Tabela III e pág. 75), embora a densidade máxima tenha

diminuído. Alguns anos depois, a área de Queen Street, um pouco mais a sul, foi também desenvolvida como uma unidade única pela Alnwick Workmen's Building Association, com casas em fileira de desenho uniforme, e com um desenho um pouco mais simples, com tardo reto e sem jardins frontais, e com uma densidade bruta de 25.0 (93 na Fig. 21). O seu quadro morfológico era constituído por faixas de terreno encerradas (Furlongs Close). A densidade bruta neste tipo de desenvolvimento é aproximadamente 25.0; o índice de implantação é em média 67.0, variando entre 48.1 e 80.0 devido à exiguidade das parcelas, onde a adição de pequenos jardins frontais ou de anexos causa diferenças apreciáveis. Quase em simultâneo, um terceiro layout para casas de trabalhadores foi construído, pela autoridade local, no lado sudoeste da cidade – um projeto habitacional enquadrado pela nova Lei da Habitação de 1890, que deu origem à área de King Street. Este é também um layout que se enquadra no chamado tipo regulamentar, com andares-moradia com túnel adossado, sem jardins frontais, com uma densidade bruta de 19.2 e um índice de implantação de 81 (Fig. 15c e 34 na Fig. 21). Ocupava os campos traseiros aos logradouros imediatamente a norte, que faziam frente para Clayport Street, e que mais tarde foram objeto de liberação de habitações precárias. Logo depois, a área de Stott Street, no lado noroeste da casa de trabalho, foi construída com casas com túnel adossado, com um conjunto de melhoramentos, em parcelas um pouco maiores, com jardins frontais e janelas salientes, com uma densidade bruta de 13.7 e um índice de implantação de 42.6 (44 na Fig. 21). Um pouco antes, Seaview Terrace, um conjunto de casas em fileira de desenho uniforme, de tipo regulamentar, construído para ferroviários com uma densidade de 18 e um índice de implantação de 28.8, surgiu nos campos a sul de Queen Street, perto de Wagonway Road. Com os seus jardins frontais e sem uma estrada propriamente dita, esta é uma reminiscência da organização de algumas aldeias mineiras de Northumberland, mas dificilmente pode ser considerada como uma unidade de plano no sentido absoluto (90 na Fig. 21). Finalmente, em 1912, o Duque construiu um conjunto de pequenas casas em Augur Flats, a nascente de Queen Street, com um layout excepcionalmente livre e generoso, de densidade relativamente baixa (9.0) e índice de implantação muito baixo (9.7). Era composto por pequenas casas em fileira de desenho uniforme, de um só piso, para idosos, voltadas para um espaço aberto privado, sendo o seu desenho claramente influenciado por ideias de planeamento contemporâneas (88 na Fig. 21). O seu nome teve origem em Agger Flats, o antigo nome do campo onde se localiza.

Os layouts Vitorianos formaram unidades independentes, inseridas na estrutura de estradas e limites de campos existentes, não sendo parte integrante de qualquer sistema ou padrão de estradas unificado, que poderia ter garantido um crescimento harmonioso do plano de ruas. Esta fragmentação da área construída em crescimento, típica de todas as acreções Vitorianas,<sup>10</sup> geralmente interrompia abruptamente ruas relativamente curtas através de cruzamentos. A fragmentação introduziu a característica angularidade do plano, enfatizada por uma estrutura celular monótona, de parcelas standard com casas standard, de tipo regulamentar, organizadas em fileiras de desenho uniforme. Esta impressão mecânica é aumentada pelo forte paralelismo conferido pela standardização da largura de ruas e pelas pequenas ruas traseiras requeridas pelos regulamentos para fornecer acesso secundário às parcelas individuais. De facto, o período Vitoriano, tornou-se a grande era das ruas de serviço, um desenvolvimento já prenunciado no

layout de Howick Street (Fig. 15f). O layout regulamentar adequava-se perfeitamente às condições de desenvolvimento especulativo, com vista ao máximo retorno, e de propriedade de terra fragmentada, como a encontrada nas partes sul e sudeste de Alnwick. Como as suas ruas retas tinham de se ajustar ao padrão existente de parcelas de solo, tendiam a dar pouca importância ao relevo, sendo que algumas ruas subiam contra a topografia mais ou menos em linha reta.

No entanto, a necessidade de abrir novas frentes de edificação, promoveu a localização deliberada de duas estradas estruturais na parte sul da cidade, independentes da multiplicidade de propriedades. O processo começou antes de 1851, quando o troço poente de Prudhoe Street, a sul de St. Paul's Church, foi projetado na continuação da Lisburn Street, sendo as duas estradas concebidas como parte de uma futura conexão entre Upper Clayport Street e South Road. A conclusão para nascente foi retardada durante muito tempo, em parte pela existência dos terrenos da igreja de Croft House, e em parte pela estrutura de propriedade fragmentada dos antigos Bondgate Crofts em seu redor. O plano final para a implantação de Prudhoe Street nesta área foi aprovado apenas em 1898, data após a qual o solo foi gradualmente colonizado por edifícios residenciais, tendo o processo ficado concluído muito recentemente (Fig. 1, Fig. 3, Fig. 9, 43 na Fig. 21).

Mais a sul, fora da Cintura Periférica Intermédia, foi necessário abrir uma conexão aproximadamente paralela, entre os antigos elementos estruturais de Dunterns e de Wagonway Road, assim que este terreno foi pretendido para fins construtivos. Consequentemente, Swansfield Park Road foi proposta em 1892, sendo que o extremo sul do layout previamente desenvolvido para Bridge Street / Duke Street, está já em conformidade com a nova linha. Em 1897, a nova estrada já existia e o parcelamento das suas frentes para fins de edificação prosseguia no troço nascente (Fig. 1, Fig. 3).

### *Eixos Viários e Desenvolvimento Disperso*

No período Vitoriano Médio e Tardio, o desenvolvimento de residências de maior dimensão tomou forma num eixo duplo irregular, ao longo de Alnmouth Road. A área nascente de campo aberto, para além de Denwick Lane e da ferrovia, já se estava a tornar uma área residencial desejável no período Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial. Naquela época, Belvedere Terrace, Alnbank e Freelands (98 e 101 na Fig. 21) localizavam-se na cumeeira plana (dominada pelo cascalho) com vista para uma agradável área rural, a norte e a sul, num contexto característico de uma cintura periférica (Fig.3). Esta tendência continuou durante a era Vitoriana (Fig. 1). Alnmouth Road atuou aqui como o único elemento do quadro de formação, uma vez que as cercas das novas parcelas raramente se conformavam aos limites dos campos existentes. As parcelas eram bastante grandes, por vezes em forma alongada, às vezes curtas. Todas acomodaram as grandes casas isoladas e geminadas típicas dos períodos Vitoriano e Eduardiano. A profundidade média das parcelas era 250-270 pés (76.2-82.3 metros), a densidade bruta média nas parcelas alongadas era 5.93, e o seu índice de implantação médio era 6.9 (Fig.15e). No lado norte, contudo, a implantação mais dispersa de casas de grande dimensão, com parcelas muito profundas, introduzida no período anterior por Alnbank e Freelands, continuou a nascente deste último. Aqui, Ravensmede e West Acres foram

construídos na década de 1870 com densidades brutas de 0.3 e 0.2, e índices de implantação de 2.9 e 2.2, respetivamente (Fig. 19e). A norte, Allernburn House (1862) e Hillcrest (1903) representavam propriedades comparáveis (74 e 72 na Fig. 21).

Entre South Road e a ferrovia, o desenvolvimento residencial em eixo de composição descontínua e constituído por parcelas menores, inaugurado anteriormente pelo Belvedere Terrace, com densidades de parcelas variando entre 0.8 e 5.1, ocupou todo o quarteirão no final do período Eduardiano (97 e 99 na Fig. 21).

O único outro exemplo de um eixo de estrada Vitoriano desenvolveu-se a sul, ao longo da recentemente construída Swansfield Park Road, de 1897 em diante. Em doze anos, praticamente todo o seu lado norte foi colonizado por um eixo simples, constituído por parcelas alongadas standard com densidade bruta média de 5.3, e índice de implantação de 15.7. O seu padrão não tinha relação com os limites dos campos existentes (Fig. 15d; 81 na Fig. 21). Este *eixo residencial* acomodava principalmente casas geminadas e isoladas de dimensão média.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> W. W. TOMLINSON, op. cit., 690.

<sup>2</sup> Cf. a evidência cartográfica na Ordnance Survey 1/528, ed. 1865, folhas Survey 1/2500, ed. 1897, folhas XXXII. 9, XXXII. 13; ed. 1923, folhas XXXV. 1, XXXV. 2, XXXV. 6.

<sup>3</sup> TATE, op. cit., vol. I, 452.

<sup>4</sup> Ibid., vol. ii, 224.

<sup>5</sup> Esta e outras informações fornecidas neste capítulo foram obtidas nas primeiras plantas de implantação mantidas no Surveyor's Office, Alnwick U.D.C., e gentilmente disponibilizadas ao investigador pelo Sr. G. Beaty.

<sup>6</sup> TATE, op. cit., vol. i, 471.

<sup>7</sup> Ibid., vol. ii, 361.

<sup>8</sup> A partir da discussão anterior sobre o complexo Canongate-Walkergate e os dois antigos eixos arteriais, pode-se concluir que o desenvolvimento no período Vitoriano Médio e Tardio aumentou o caráter periférico destas áreas, postulado anteriormente (p.76, nota 24).

<sup>9</sup> TATE, op. cit., vol. i, 367. Cf. as plantas litografadas contemporâneas do Castelo de Alnwick na Muniment Room do castelo.

<sup>10</sup> Cf. HOSKINS, op. cit., 222.

## CAPÍTULO 8

### ALNWICK NO PERÍODO MODERNO

#### *Função Económica e Requisitos Sociais*

DESDE o período Eduardiano, a função de Alnwick como cidade mercantil para a região agrícola circundante pouco mudou. Nenhuma indústria importante foi criada, mas o caráter de centro de serviços, com um forte prestígio urbano para uma área rural mais ampla, foi enfatizado pela presença de todos os serviços e atividades modernos que podiam ser esperados em tal lugar. Com o aumento do nível de vida e do bem-estar social, e com a crescente complexidade das funções de governo local e central, estes serviços tornaram-se mais variados do que eram na época Vitoriana.<sup>1</sup>

Existem atualmente em Alnwick cinco bancos e uma filial da Woolworth's, além do mercado de gado e outras lojas e serviços profissionais. Entre uma variedade de serviços comunitários, Alnwick oferece escolas secundárias, um hospital, uma maternidade, dois cinemas e um jornal semanal. É um centro sub-regional de transporte rodoviário. Tem uma sede dos correios e uma central telefónica, e é sede dos escritórios distritais de uma série de departamentos do governo central, incluindo uma bolsa de emprego e uma repartição de finanças. Também tem escritórios locais de vários ramos da administração do County Council, bem como os escritórios do Rural District Council, sendo que Alnwick é um Distrito Urbano. Alguns destes serviços, bem como outros que atendem às necessidades sociais diárias da comunidade urbana, exigiram instalações e terrenos novos ou complementares. Isto aplica-se especialmente às escolas locais. Outros, porém, precisam de melhores instalações.

As indústrias de Alnwick funcionam geralmente com uma pequena força de trabalho. Algumas, como uma gráfica, uma lavandaria, uma leitaria, uma serração e várias garagens e fornecedores de materiais de construção, são indústrias de serviços. Outras, como a produção de cerveja e a engenharia, permaneceram em Alnwick desde períodos anteriores. A única indústria não ligada ao centro de serviços e à cidade mercantil enquanto tal, é a fabricação de equipamentos de pesca, realizada por duas empresas. De acordo com este cenário económico, a população de Alnwick aumentou apenas ligeiramente durante o período moderno<sup>xviii</sup>. Após a Primeira Guerra Mundial, na realidade, a população diminuiu, em conformidade com o fluxo generalizado a partir do campo e das cidades do interior para os grandes centros urbanos, e só recentemente apresentou um aumento moderado. Nos últimos censos, em 1961, registaram-se 7.489 residentes dentro do Distrito Urbano.

As transformações modernas no transporte público tiveram uma forte influência em Alnwick, como centro de serviços. A ferrovia foi em grande parte eclipsada pelo transporte rodoviário de passageiros, até porque a cidade não fica numa linha principal e a linha Alnwick-Coldstream, que anteriormente a conectava com o interior poente e noroeste, foi recentemente fechada e desmantelada. Pelo contrário, os serviços de autocarros locais e regionais aumentaram consideravelmente. Como Alnwick fica na Great North Road, os serviços frequentes de longa

<sup>xviii</sup> Relacionado ou com as características do período de desenvolvimento atual ou mais recente, à época da publicação original do livro (contemporâneo).

distância de Newcastle para Edimburgo passam por aqui. É também o ponto de partida para oito serviços de autocarros locais e é, portanto, um importante centro de transporte rodoviário em Northumberland Norte.

### *O Ritmo e a Forma Geral do Crescimento Recente*

Embora a população total tenha sofrido poucas alterações desde a Primeira Guerra Mundial, as transformações no plano de cidade foram consideráveis. De todos os aspetos inerentes ao aumento generalizado do nível de vida, o da habitação foi o que teve uma

TABELA VIII

*Crescimento da Área Construída, 1827-1956 (em acres)*

	Cidade Velha* em 1827	1827-51	1851-97	1897-1914	1918-39	Pós-1945
Residencial	–	20.18	26.17	37.82	56.55‡	51.76‡
Institucional	–	4.82	2.87	15.39	0.70	12.24
Comercial e Industrial	–	3.63	10.96	0.56	2.20	0.27
ADIÇÃO TOTAL	–	28.63	40.00	53.77	59.45	64.27
ÁREA CONSTRUÍDA TOTAL	99.86	128.49	162.83†	216.60	272.13‡	333.57‡

\*Conforme representado no Mapa de Wood (1827), isto é, incluindo as áreas então construídas de Walkergate e Canongate. A falta de evidências torna impossível a subdivisão por categorias de uso do solo.

†A aparente falta de 5.66 acres (2.29 hectares) neste total deve-se à liberação de parte de Canongate e Walkergate, com apenas parte da área afetada a ser redesenvolvida pelo Duque de Northumberland, antes de 1897.

‡Embora todas as novas casas e as suas parcelas sejam consideradas nos números do crescimento residencial para os dois últimos períodos, algumas delas na realidade formaram os dois bairros residenciais que colonizaram as parcelas originais anteriormente ocupadas apenas por residências Vitorianas de grande dimensão, ou seja, West Acres (1936) e Ravensmede (1948) e, portanto, não aumentaram exatamente a área construída. Daí as falhas aparentes de 3.92 e 2.83 acres (1.59 e 1.15 hectares) nos totais dos respetivos períodos.

influência mais direta e profunda nos planos de cidade, e é de grande importância para o geógrafo urbano. Esta classe de uso do solo, mais do que qualquer outra, contribuiu para a impressionante extensão das áreas construídas a partir da Primeira Guerra Mundial. Uma comparação das áreas residenciais desenvolvidas em Alnwick desde 1918 com as dos períodos anteriores, e com outras categorias de uso do solo fora da Cidade Velha, indica a importância relativa do fenómeno (Tabela VIII).

Entre os fatores formativos subjacentes a este processo de expansão residencial, dois estão diretamente inter-relacionados: os standards de habitação entretanto aumentados pela legislação de saúde pública e habitação, e os ideais do movimento cidade-jardim. Ambos exigiam muito mais espaço para cada habitação individual do que aquele que era comum anteriormente. Assim,

as densidades brutas de vinte casas por acre para as áreas de Duke Street e King Street (Fig. 15b e c), contrastam com a densidade bruta máxima de doze casas por acre geralmente permitida a partir de 1918 (Fig. 19). Por outras palavras, a unidade familiar passou a ocupar quase o dobro da área bruta anteriormente disponível. O contraste é muito maior quando a dimensão média, consideravelmente maior, da família Vitoriana é considerada, bem como as condições muito mais restritas das casas adossadas, que foram discutidas anteriormente como uma característica importante do desenvolvimento das parcelas burguesas por repleção. Um terceiro fator formativo importante é o transporte rodoviário moderno, que ajudou a fazer com que esta expansão urbana, sobre terrenos até então abertos, parecesse natural e aceitável.

Simultaneamente, os novos standards habitacionais determinados por lei, a escassez crónica de novas casas para os grupos de menores rendimentos, e as resultantes Leis de Habitação, conduziram as autoridades locais a este processo. Tudo isto apressou o longo processo de liberação de habitações precárias que tinha começado, com algumas debilidades, no final do período Vitoriano, sendo que grande parte da população operária com habitação central foi transferida para as periferias das cidades. Deste modo, a autoridade habitacional tornou-se o principal agente da expansão moderna das áreas construídas. Cada uma das suas novas adições formava uma unidade com um maior número de casas do que normalmente acontecia com um construtor local, embora o desenvolvimento privado também tenha sido importante em Alnwick. Como elemento principal nas acreções modernas de Alnwick, este desenvolvimento residencial será posteriormente discutido em maior detalhe.

As áreas libertas de habitações precárias, que passaram a constituir terrenos baldios temporários no centro de Alnwick, surgiram como o *correlativo morfológico* dos conjuntos residenciais municipais periféricos. Estas áreas cobrem agora cerca de quatro acres (1.6 hectares) e continuam em expansão. Destinam-se a ser utilizadas principalmente para fins não residenciais, e a sua entrada num 'ciclo de redesenvolvimento' é, portanto, uma questão de tempo. Outros 1 ½ acres (0.6 hectares), no entanto, foram já redesenvolvidos, principalmente com habitações.

Em comparação com a habitação, o crescimento do uso do solo para fins não residenciais em Alnwick foi reduzido. Na verdade, o ritmo de crescimento de terrenos ocupados com comércio e indústria diminuiu desde 1940, e o número relativamente mais alto de terrenos institucionais é explicado pelos edifícios escolares.

As transformações modernas no plano de cidade de Alnwick foram de três tipos diferentes. Na Cidade Velha, houve simultaneamente repleção de parcelas burguesas, liberação de habitações precárias, e alguma substituição. Fora da Cidade Velha o desenvolvimento das cinturas periféricas continuou. Mas a parte mais impressionante do crescimento por acreção assumiu a forma de uma variedade de unidades de desenvolvimento, estendendo a área construída não apenas para sul e nascente da cidade, como em períodos anteriores, mas também para poente. As acreções já não são tão compactas como eram no início da era Vitoriana, com as áreas construídas exteriores a serem agora intercaladas com terrenos não construídos, como resultado do desenvolvimento da cintura periférica. Isto confere ao plano de cidade em crescimento uma imprecisão e irregularidade na estrutura e contorno, o que coloca problemas específicos à subdivisão e análise morfológica. Como resultado desta recente expansão, as casas

na periferia estão agora localizadas a uma média de três-quartos a uma milha (1.2 a 1.6 quilómetros) do Market Place.

### *Alterações Modernas na Cidade Velha<sup>2</sup>*

Desde 1918, a transformação mais importante no centro de Alnwick foi a liberação de habitações precárias, seguida, em alguns casos, de redesenvolvimento. Para compreender o significado deste novo processo, é necessário retornar a Teasdale's Yard, como um exemplo típico de uma antiga parcela burguesa que, após repleção durante o período Vitoriano, foi sujeita à liberação de habitações precárias. O seu desenvolvimento anterior foi já discutido. Os mapas de 1864 e 1921 indicam um ligeiro aumento no desenvolvimento edificado desde 1849, sem alteração do seu caráter (Fig. 14). Mas depois de 1921, a parcela burguesa experimentou uma transformação repentina e radical. Em 1937, Teasdale's Yard, juntamente com a maioria das propriedades entre si e Clayport Street, incluindo as adjacentes Angel Yard e Union Court, ficou sujeita à liberação de habitações precárias (cf. Figs. 17 e 18). As casas adossadas e praticamente todas as oficinas e anexos do logradouro, alguns já abandonados, foram demolidos, e a percentagem de terreno coberta por edifícios caiu quase para o nível de 1774 (mapa de 1956 na Fig. 14). Além disto, a maioria dos limites das parcelas burguesas, anteriormente definidos por muros ou cercas, desapareceu, sendo toda a área liberta tratada como uma unidade.

A história de Teasdale's Yard registada na Figura 14 mostra, assim, quatro fases distintas bem demonstradas em termos de índice de implantação:

TABELA IX

*Índice de Implantação em Teasdale's Yard, 1774-1956*

1774	1827	1849	1864	1921	1956
14.7	34.8	62.9	65.2	65.2	19.3

O estágio inicial que mostra a área da parcela burguesa como terra virgem perdeu-se no período Anglo. Um estágio intermédio é registado em 1774, mas é sem dúvida característico da maior parte da Idade Média. Pode ser tomado como uma ilustração da primeira fase, ou *fase institutiva*, durante a qual a parcela burguesa e a sua estrutura tradicional se estabeleceram como uma parcela com uma identidade própria. Posteriormente, segue-se uma *fase de repleção*, com um aumento mais ou menos contínuo durante a maior parte da Revolução Industrial, quando o índice de implantação aumentou de um-sétimo para quase dois-terços da área total da parcela burguesa. É sucedida por uma *fase de clímax*, com uma relativa saturação, coincidente com o período de consolidação da Revolução Industrial. Finalmente, existe uma *fase recessiva*, mais ou menos abrupta, causada por uma reavaliação geral dos tipos e usos dos edifícios existentes. Isto deve-se, em parte, a transformações económicas que resultam no declínio de algumas das

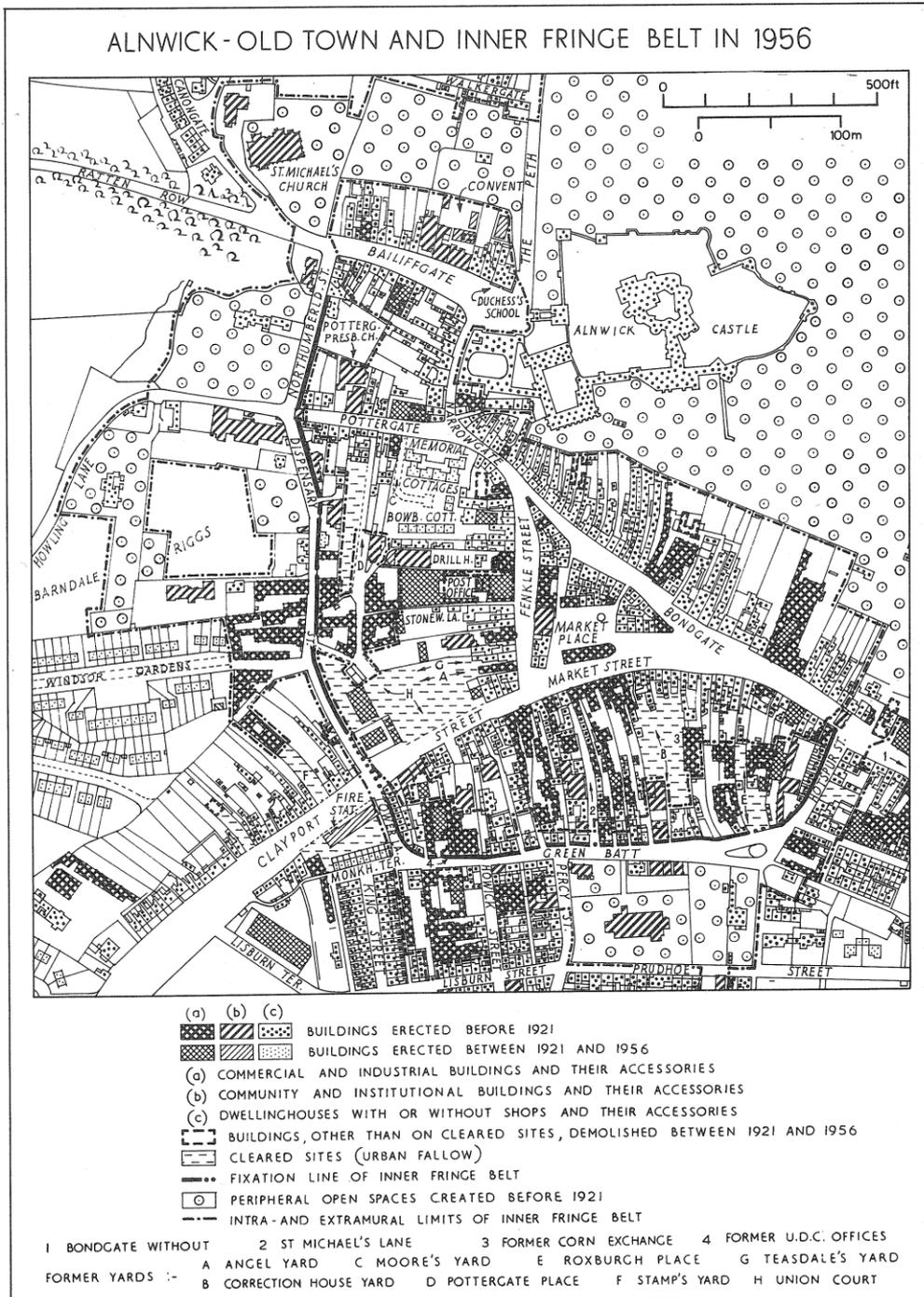


FIGURA 18. ALNWICK: CIDADE VELHA E CINTURA PERIFÉRICA INTERIOR EM 1956

- 
- (a) (b) (c)
- Edifícios construídos antes de 1921  
Edifícios construídos entre 1921 e 1956
- (a) Edifícios comerciais e industriais e seus acessórios  
(b) Edifícios comunitários e institucionais e seus acessórios  
(c) Casas de habitação com ou sem lojas e seus acessórios
- Edifícios, exceto em sítios libertos, demolidos entre 1921 e 1956  
Sítios libertos (pousio urbano)  
Linha de fixação da Cintura Periférica Interior  
Espaços abertos periféricos criados antes de 1921  
Limites intramuros e extramuros da Cintura Periférica Interior
- 

Tradução do texto da FIGURA 18

manufaturas de pequena escala e atividades comerciais mais antigas e, em parte, às mudanças sociais, incluindo as alterações relacionadas com o aumento do nível de vida. Isto reflete-se nos requisitos da legislação habitacional moderna, bem como no aumento de todos os tipos de serviços comunitários. O efeito destes fatores sociais é a desvalorização do tecido edificado existente, tornando obsoleto o parcelamento excessivo do uso do solo nos logradouros das antigas parcelas burguesas. Promove-se a liberação destas áreas em unidades maiores, com transformações radicais na paisagem urbana. No *estágio final* deste processo, o índice de implantação cai aproximadamente para o do estágio inicial ou pode mesmo ser nulo se os dominantes da parcela, localizados na frente de rua, forem também sujeitos à obsolescência e à desvalorização geral. As parcelas burguesas afetadas tornam-se, parcial ou totalmente, terrenos baldios, mas apenas temporariamente. Mais cedo ou mais tarde, a reavaliação socioeconómica do sítio no seu contexto urbano atrai novas formas de uso do solo, como aquelas que resultam em projetos de redesenvolvimento dos centros ou em espaços públicos abertos. Num contexto diferente de uso do solo rural, na Alemanha ocidental, W. Hartke comparou estes terrenos temporariamente baldios ao pousio na rotação agrícola. Hartke chama-lhe *pousio social* (Sozialbrache), porque a cessação temporária do seu uso é o resultado de transformações socioeconómicas, envolvendo uma eventual reavaliação da terra em termos do uso do solo.<sup>3</sup> Neste sentido geral, o conceito de Hartke pode ser aplicado à liberação de habitações precárias, e os terrenos baldios afetados podem ser chamados de *pousio urbano*.

Verificamos que o desenvolvimento demonstrado no caso de Teasdale's Yard é claramente cíclico. Produzido por fatores que operam em todo o país e, portanto, afetando amplamente as parcelas burguesas antigas, representa um fenómeno geral na morfologia urbana Inglesa, e pode ser identificado como o *ciclo da parcela burguesa*. O seu estágio final é marcado pelo estado de pousio urbano, acompanhado da obliteração total ou parcial das unidades de parcelas burguesas originais e dos seus edifícios. Esta eliminação das características tradicionais do plano representa uma transformação morfológica fundamental e encerra o ciclo da parcela burguesa. Em simultâneo, o pousio urbano constitui o estágio inicial de um *ciclo de redesenvolvimento* seguinte, sendo um pré-requisito necessário para o investimento efetivo de novo capital no local. O padrão lamelar das parcelas burguesas alongadas, já modificado por amalgamação, tem um grão fino demais para permitir o redesenvolvimento de acordo com os standards modernos

de edificação e planeamento. Ao mesmo tempo, a posição central destas áreas permite-lhes reter o seu potencial económico ou social. Nas condições atuais, esta discrepância é resolvida através do agrupamento de parcelas seguido de uma liberação geral, usualmente mediante aquisição compulsória por parte da autoridade local. Tudo isto normalmente afeta a cauda da parcela burguesa e o seu tecido edificado constituído por repleção. Mas pode também incluir os dominantes nas cabeças das parcelas burguesas, se estes forem obsoletos, ou se a reavaliação social da área implicar uma mudança funcional importante.

A Figura 18 mostra a Cidade Velha já amplamente afetada pelos processos que acabamos de discutir. Ao todo, nove sítios foram sujeitos a liberação de habitações precárias, estando quase todos, atualmente, em diferentes estágios de desenvolvimento.

Dois dos sítios mais proeminentes localizam-se na área de Market Street / Green Batt. Começaram a ser libertos a partir de 1953 e têm já uma dimensão apreciável, mas os seus limites irregulares sugerem um estado de imaturidade. Representam as duas primeiras partes da liberação completa dos terrenos tardoz interiores deste quarteirão, em preparação para um projeto de redesenvolvimento central.

Noutros quatro sítios mais pequenos, a liberação está mais ou menos completa. Entre estes, Pottergate Place apresenta maiores dificuldades de redesenvolvimento devido à sua forma geral, ao alto muro de contenção na parte de trás, que substitui a encosta poente original do vale Bow Burn e, portanto, à sua acessibilidade limitada em conjunto com a sua posição tardoz muito marcada (cf. Fig. 4)<sup>4</sup>.

Por fim, existem três sítios que se encontram em diferentes tipos e estágios de redesenvolvimento. O maior, com cerca de dois acres (0.8 hectares) de extensão, localiza-se no lado norte de Clayport Street. Com as suas parcelas burguesas geralmente menores (cf. Fig.5) e a sua posição mais remota, tornou-se uma das partes mais concentradas da cidade durante o século XIX (Union Court). Nada menos que 27 casos fatais de cólera foram aqui registados em 1849, e o seu melhoramento estava já programado na era Vitoriana Tardia. O seu ciclo da parcela burguesa foi ilustrado pelo exemplo de Teasdale's Yard. Hoje, toda a sua parte poente foi parcialmente redesenvolvida para fins comerciais, mas a maior parte da área continua terreno baldio, disponível para acomodar uma futura estação rodoviária. No segundo sítio liberto, a sul da Clayport Street, o redesenvolvimento ocorreu num ciclo 'dividido'. A parte de trás, voltada para a área de King Street, atingiu a maturidade numa única fase quando Monkhouse Terrace foi construído em 1924, enquanto a frente de Clayport apenas atingiu um estágio intermédio com a construção de um quartel de bombeiros temporário. O interior do sítio é ainda um baldio. Embora estas duas áreas não apresentem novas ruas e sejam, portanto, exemplos de puro *redesenvolvimento adaptativo*, a terceira área, com cerca de 1¼ acres (0.1 hectares) e localizada entre Pottergate e Drill Hall, é claramente diferente. Foi liberta em 1938, incluindo o notório Moore's Yard no seu lado poente. Logo após a Segunda Guerra Mundial foi redesenvolvida para habitação pelo Duque e pelo conselho municipal, que construíram aqui o Memorial Cottages e o Bowburn Cottages para idosos, criando um layout com uma nova estrada interna e com espaços abertos. Este é, portanto, o único sítio liberto em Alnwick associado à adição de uma nova rua, fornecendo assim um exemplo de *redesenvolvimento aumentativo* distinto das formas adaptativas mencionadas anteriormente. Entre os sítios sujeitos à liberação de habitações

precárias, desde 1918, este é também o único que concluiu a fase institutiva do seu ciclo de redensolvimento. Apresenta, portanto, um paralelo com os casos anteriores de redensolvimento Georgiano e Eduardiano, em Canongate.

A liberação de habitações precárias afetou diferentes partes da Cidade Velha de modos distintos. Pode ser útil considerá-la em conjunto com os processos morfológicos de repleção e substituição na Cidade Velha. Tendo em mente os processos em retrospeção (Figs. 10, 11, 12, 16 e 17), ficará clara a diversidade do seu resultado geográfico em termos do plano de cidade existente (Fig. 18).

De modo característico, a liberação de terrenos afetou primeiro as parcelas burguesas do antigo burgo que tinham uma localização periférica, longe da área do mercado. Isto aplica-se particularmente ao quarteirão de Stonewell perto de Bow Burn e Clayport Tower, onde as antigas parcelas burguesas contiveram uma grande concentração de pequenas casas e outros edifícios por um certo período de tempo. Por outro lado, a série de parcelas burguesas no lado poente de Fenkle Street escapou a transformações semelhantes, exceto nos seus extremos norte e sul. De facto, a sua parte central continuou um desenvolvimento por repleção e substituição, numa escala não encontrada em nenhum outro lugar dentro da Cidade Velha, exceto no lado norte de Bondgate Without. A julgar pelas evidências de 1774, a parte central do lado poente de Fenkle Street, cedo iniciou uma substituição dos dominantes nas grandes parcelas resultantes da amalgamação de parcelas burguesas. Situado no lado mais alto do Triângulo Central, longe das duas estradas principais e ainda assim com uma localização central, este pode ter sido o lado mais 'exclusivo', não apenas naquela época como posteriormente. A abundância de espaço caracterizou tanto as parcelas quanto os dominantes das parcelas, que abrigavam estalagens e hotéis, um banco e os correios. Apesar da forte repleção ao nível do extremo da cauda das parcelas, distinta da área de Stonewell, as parcelas originais mantiveram o seu estado geral até a pressão crescente de reivindicação destes sítios centrais ter repercussões. A nova estação de correios e a nova central telefónica, substituindo vários dominantes da parcela, expressam esta transformação no plano, funcionalmente condicionada.

Noutras partes, os tradicionais dominantes da parcela do centro de Alnwick, com um carácter do período Georgiano Tardio, permanecem intactos, exceto uma ocasional nova fachada ou nova loja. Isto significa que a antiga bifurcação de estradas e o Triângulo Central, com os dominantes da parcela associados, preservam hoje os tradicionais espaços da rua de Alnwick. O conjunto representa, de facto, a remanescência urbana mais importante, para além do castelo e de St. Michael's Parish Church. A sua preservação criteriosa, no contexto de todas as outras reivindicações, constitui um importante problema de planeamento da cidade.

Por outro lado, a paisagem urbana concentrada atrás das fileiras frontais dos dominantes, embora de grande interesse para o geógrafo histórico, não consegue reivindicar o mesmo valor intrínseco, como um ambiente físico para a vida e trabalho dos dias atuais, e está destinada a desaparecer com o tempo. A área de Market Street / Green Batt, com os seus terrenos libertos, em constante extensão, é um caso interessante, ainda que complicado. No presente, a maioria das parcelas burguesas entre St. Michael's Lane e o edifício para o comércio de milho, são baldios no seu interior, entre os dominantes da parcela na Market Street e as parcelas do extremo da cauda, com os seus próprios dominantes, em Green Batt. Noutros lugares, os

edifícios das traseiras, num estágio parcial ou total de dilapidação, distribuem-se irregularmente entre edifícios em pleno uso, geralmente dominantes em parcelas mediais. De facto, em algumas parcelas burguesas, nos extremos poente e nascente, houve desenvolvimento por repleção desde a Primeira Guerra Mundial. A área de Market Street / Green Batt representa um quarteirão que oferece resistência diversificada à conclusão do seu ciclo da parcela burguesa, devido à grande diversidade do seu padrão de parcelas e edifícios associados. Isto, por sua vez, reflete a longa história de repleção neste quarteirão, ele próprio uma consequência direta da sua posição no plano de cidade inicial.

O contraste com o lado norte de Bondgate (Within) é impressionante. Aqui, a repleção, já comparativamente pequena durante o período Vitoriano, tem estado virtualmente ausente desde 1918, assim como a liberação de habitações precárias, deixando muitas das parcelas burguesas intactas ou nos estágios iniciais da sua fase de repleção.

Nenhuma transformação morfológica ocorreu na área do Mercado desde 1918, exceto uma mudança ocasional no uso de lojas e estabelecimentos comerciais. Na área de Bailiffgate, as transformações modernas são moderadas e inteiramente com caráter de repleção, incluindo a conversão de um logradouro tardoz numa garagem comercial, e a adição de acessórios da parcela na Duchess's School e no Roman Catholic Convent.

Os dois eixos mais antigos da cidade mostram adições mais substanciais (Fig. 8). No eixo Clayport o desenvolvimento das antigas parcelas burguesas no lado sul, e dos seus sucessores no sítio, foi já descrito. A sombra da obsolescência caiu sobre o lado oposto, onde a liberação de habitações precárias já afetou Stamp's Yard (cf. Fig. 18). O eixo Bondgate apresenta importantes transformações – o cinema e uma casa adjacente representam substituições, e a garagem comercial representa desenvolvimento por repleção.

#### *Unidades de Plano Residenciais*

Como vimos anteriormente, as acreções periféricas desde 1918, como as do período Vitoriano Tardio, foram principalmente residenciais, mas muito mais extensas. A nova área residencial totalizava cerca de 108 acres (43.7 hectares) e continha 1,169 casas, em comparação com 349 casas em 64 acres (25.9 hectares), adicionadas durante o período 1851-1914.

A Tabela II (pág. 54) mostra que, durante os três principais períodos de crescimento depois de 1750, o número de casas aumentou aproximadamente no rácio de 1: 2: 7½. Se, no entanto, considerarmos as diferentes extensões dos três períodos, a taxa relativa de crescimento aumenta no rácio de 1: 4: 23. Esta aceleração é paralela à verificada no período moderno, com uma taxa relativa de aumento entre 1918-39 e 1945-56, seguindo aproximadamente o rácio 1: 1¾. O aumento em termos de área é um pouco diferente, com os respetivos rácios de cerca de 1: 2: 3, 1: 3: 9 e 1: 2. Por outras palavras, o aumento relativo em termos de área foi muito mais lento devido à diminuição do peso das residências de grande dimensão no desenvolvimento modernista. Por outro lado, a Tabela II mostra um aumento nas densidades brutas médias, embora no período moderno tenha havido uma redução da densidade, devido à melhoria no desenho dos layouts habitacionais. Neste quadro geral, o desenvolvimento residencial por acreção verificado no período moderno atende a grande parte da população, muito mais do que

nos períodos anteriores, e está sujeito a constantes melhorias nos standards gerais de habitação. A incidência de densidades residenciais brutas por unidades de plano de ruas individuais aponta na mesma direção (Tabela IV, p. 56). As altas densidades praticamente desapareceram e as baixas densidades estão concentradas na Classe IV, isto é, entre os valores 2 e 4. Por outras palavras, a grande dispersão de densidades tão característica dos períodos Georgiano e Vitoriano foi eliminada. As densidades médias são agora dominantes, e há uma recente e característica mudança de ênfase das densidades mais altas para as mais baixas.

TABELA X  
*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, 1918-39*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona (Unidade de plano)</i>	<i>Habitação social</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>
78	Oak St.- Beech St. (Fig. 19c)	+	1937	116 } 17.7%	6.56 } 11.6%	17.6
77	St. Thomas's Crescent	+	1937	72	4.88	14.7
87	Aydon Crescent		1936	18	1.24	14.5
89	York Cr.-York Rd. lado S	+	1926-30	51	3.55	14.4
91	Augur Ter. O		1926	26	1.83	14.2
Up. 83	Greensfield Ave. E		1939	42	3.28	12.8
86	York Rd. lado N		1926	19	1.57	12.4
79	Clayport Gdns.	+	1936	85 } 47.8%	7.08 } 41.2%	12.0
Up. 85	Lindisfarne Rd. (Fig. 19f)		1925	34	3.18	10.7
Up. 85	St. George's Cr. (Fig. 19f)	+	1922-24	94	9.20	10.2
Up. 80	The Dunterns		1938-39	31	3.30	9.4
Up. 81						
Up. 81	Swansfield Pk. Rd. lado SO		1922-36	15	1.76	8.5
Up. 60	Police Houses N	*	1938	7 } 48	1.04 } 7.79	6.7
103	West Acres (Fig. 19e)		1936	41 } 7.3%	6.75 } 13.8%	6.1
133	Shepherd's Rest		1924	4 } 0.6%	1.33 } 2.4%	3.0
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1918-40	655 } 100%	56.55 } 100%	11.6

\*Habitação promovida pelo Northumberland County Council.

Durante o período entre guerras (Tabela X), quase metade do número de novas casas, na periferia da cidade, ocorreu em unidades de plano de densidades médias mais altas, em cerca de dois quintos da nova área residencial. Isto representa o tipo de desenvolvimento standard para este período, com eixos e layouts compactos, dois terços dos quais correspondem a habitação social. Outro quarto das novas casas, em menos de um terço da área adicionada, corresponde à classe central (VI) do grupo de densidade média. Este é um tipo de desenvolvimento um pouco

mais espaçoso, embora mais de metade seja representado por habitação social de tipo standard e obtenha a sua baixa densidade bruta apenas pela inclusão de hortas no seu interior. As

TABELA XI

*Desenvolvimento Residencial fora da Cidade Velha, 1945-56*

<i>Ref. a Fig. 21</i>	<i>Zona (Unidade de plano)</i>	<i>Habitação social</i>	<i>Data</i>	<i>Número de casas</i>	<i>Área (medida em acres)</i>	<i>Densidade bruta</i>
84	New Wagonway Rd. Estate (Fig. 19g)	+	1956	64 } 106 20.6%	4.54 } 7.78 15.1%	14.1
Up. 83	Greensfield Ave. O	+	1953	42 }	3.24 }	12.9
76	Barresdale	+	1947	150 } 366 71.2%	13.06 } 36.94 67.5%	11.4
Up. 82	Blakelaw Rd. O (Fig. 19d)		1950-53	22 }	2.05 }	10.7
45	Windsor Gardens (Fig. 19b)	+	1953	68 }	6.35 }	10.7
92	Augur Ter. E. (Fig. 19h)	+	1946	50 }	4.70 }	10.6
65	Casas a Sul da Habitação Social	+	1953	4 }	0.40 }	10.0
102	Ravensmede (Fig. 19e)	+	1948	28 }	2.86 }	9.8
46	Alwynside (Fig. 19a)	+	1952	42 }	5.27 }	8.0
Up. 60	Police Houses S	*	1953	2 }	0.25 }	8.0
Up. 85	Victoria Crescent		1956	2 }	0.27 }	7.4
118	Firemen's Houses	*	1952	11 }	1.81 }	6.1
Up. 82	Blakelaw Rd. E (Fig. 19d)		1953-55	14 } 34 6.6%	2.54 } 6.12 11.8%	5.5
Up. 80	Dunterns Norte		1950-55	2 }	0.39 }	5.1
43	Prudhoe St. E		1952-54	4 }	0.87 }	4.6
Up. 80	Dunterns Sul		1955	1 }	0.24 }	4.2
Up. 55	Lisburn Ter. S.		1953	1 }	0.28 }	3.6
39	Bangalôs perto de Duke's School		1952	2 }	0.62 }	3.2
Up. 100	Alnmouth Rd. O		1952	1 } 8 1.6%	0.31 }	3.2
Up. 100	Alnmouth Rd. O		1952	2 }	0.65 }	3.1
105	Alnmouth Rd. E		1955	1 }	0.41 }	2.4
Up. 104	C. Alnmouth Rd.		1954	1 }	0.65 }	1.5
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1946-56	514 } 100%	51.76 } 100%	9.9
DESENVOLVIMENTO TOTAL			1918-56	1169	108.31	10.8

\*Habitação promovida pelo Northumberland County Council.

densidades baixas são representadas por cerca de 7 por cento das novas casas, em um sétimo da área adicionada. Estas estão restritas a casos em que o quadro morfológico apresentava

condições especiais, impondo uma densidade relativamente menor do que a que ocorreria de um outro modo. A extensão do desenvolvimento de baixa densidade é insignificante. Pouco comum, mesmo para o período entre guerras, é a ocorrência do desenvolvimento de alta densidade que, como habitação social, fornecia nada menos do que cerca de um sexto das novas casas, em um nono da área adicionada. Ao todo, a habitação social correspondeu a 418 casas ou 64 por cento do novo desenvolvimento residencial.

No período do pós-guerra (Tabela XI) as densidades médias ocupam o território de modo exclusivo, devido ao desaparecimento do desenvolvimento de alta densidade. Dentro das densidades médias, a classe de densidade mais alta é responsável por um quinto das novas casas, em 15 por cento da área adicionada, mas a maior parte (71 por cento) encontra-se na classe média de 8-12 casas por acre, cobrindo mais de dois terços da área adicionada. Em conjunto, estas duas classes contêm toda a habitação social localizada fora da Cidade Velha, totalizando 448, ou 87 por cento das novas casas. Em comparação, o desenvolvimento residencial em densidades mais baixas, principalmente privado, em empreendimentos pequenos e de baixa densidade, é insignificante, no que diz respeito ao número de casas envolvido.

TABELA XII  
*Habitação Social, 1897-1956*

<i>Período</i>	<i>% de habitação total</i>	<i>Número de casas</i>		<i>Área (medida em acres)</i>		<i>Densidade bruta</i>
1897-1914	18.7	36	4.0%	1.88	2.6%	19.2
1918-1939	63.6	418	46.3%	31.27	42.5%	13.4
1945-1956	86.9	448	49.7%	40.42	54.9%	11.1
TOTAL	66.1	902	100%	73.57	100%	12.3

Uma característica proeminente do desenvolvimento residencial moderno é a crescente participação assumida pela autoridade local como agência habitacional, indicando uma tendência iniciada pela Lei da Habitação de 1890 e continuamente intensificada desde então. A Tabela XII mostra isto mesmo para o período entre 1897 e 1956.

Admitindo as diferentes extensões dos três períodos envolvidos, a taxa relativa da provisão de habitação social foi acelerada aproximadamente no rácio 1: 9: 21, e a do terreno necessário no rácio 1: 13: 34. A divergência nestes rácios indica a diminuição acentuada nas densidades brutas. Estes dados falam com eloquência sobre a grande influência que as autoridades locais têm na morfologia urbana da cidade mercantil Inglesa.

Em geral, as acreções residenciais a partir de 1918 consistem em layouts na forma de conjuntos habitacionais municipais ou privados, ou em eixos residenciais simples.

Em alguns casos, as casas ocupam pequenas parcelas não urbanizadas, individualmente ou em grupos muito pequenos. Este *desenvolvimento edificado complementar* é perceptível no troço

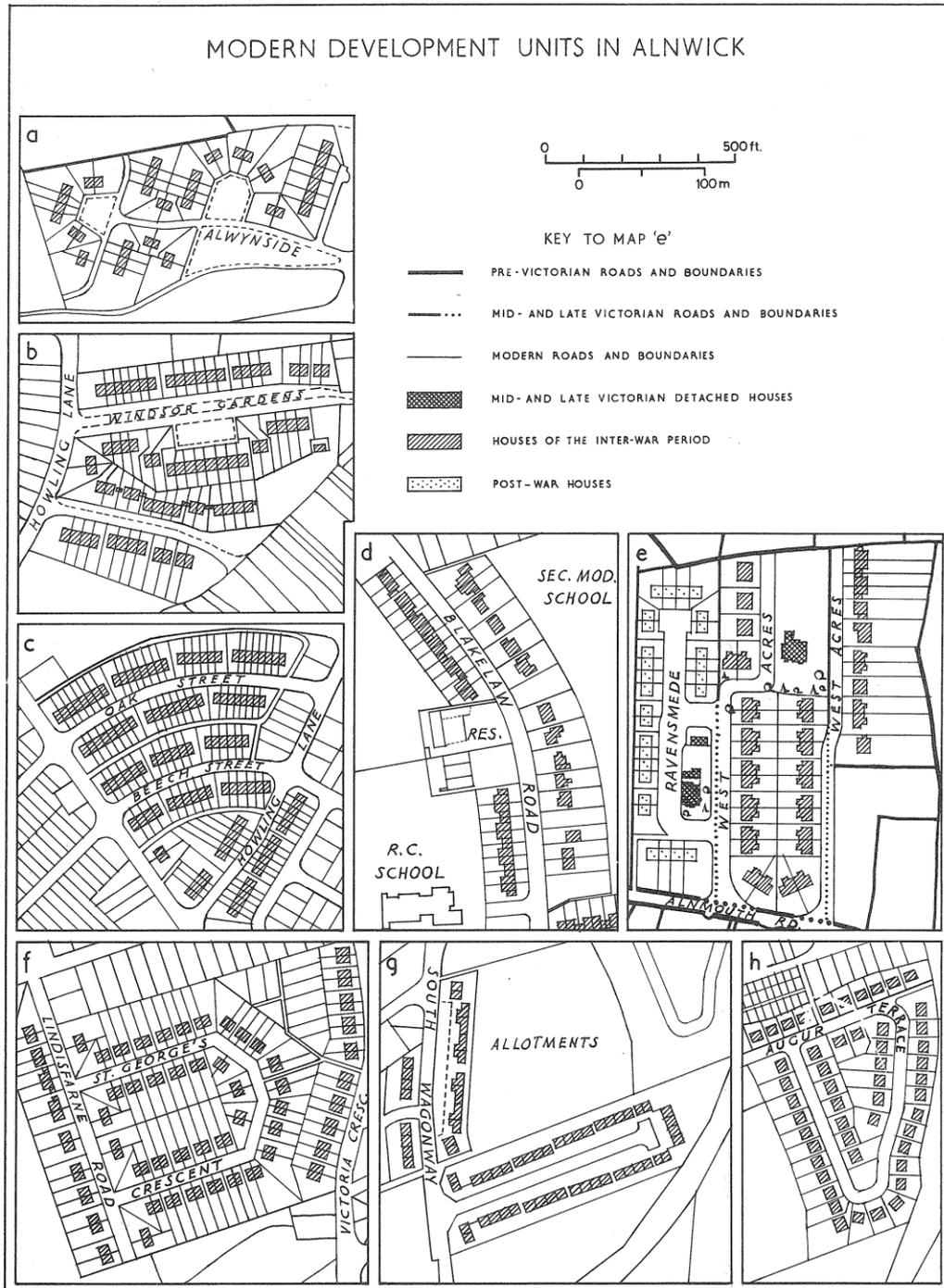


FIGURA 19. UNIDADES DE DESENVOLVIMENTO MODERNAS EM ALNWICK

---

Chave leitura mapa ‘e’

Estradas e limites do período Pré-Vitoriano

Estradas e limites do período Vitoriano Médio e Tardio

Estradas e limites modernos

Casas isoladas do período Vitoriano Médio e Tardio

Casas do período entre guerras

Casas do pós-guerra

---

Tradução do texto da FIGURA 19

nascente mais recente de Prudhoe Street, onde a estrada – atravessando transversalmente o ‘grão’ dos antigos Bondgate Crofts e, assim, dividindo-os em unidades menores – em combinação com a tradicional multiplicidade de proprietários nesta área e com o atraso causado pela anterior extensão dos terrenos da igreja, criaram condições peculiarmente favoráveis para este tipo de crescimento (43 na Fig. 21; cf. Figs 1 e 9).

O conjunto habitacional ou *layout residencial* é uma unidade de plano com dimensão suficiente para conter um sistema de novas ruas internas. Em Alnwick, estas ruas são geralmente projetadas exclusivamente como ruas residenciais, já que a distância ao centro da cidade raramente é superior a  $\frac{3}{4}$  milhas (1.2 quilómetros), não havendo necessidade de criar um centro comercial local. O conjunto habitacional individual não é atravessado por quaisquer ruas pré-existentes, embora estas normalmente passem ao seu lado e atraiam o tráfego das áreas residenciais adjacentes. Os conjuntos habitacionais são projetados de modo a conduzir o seu próprio tráfego até estas ruas preexistentes que, funcionalmente, são uma parte importante do quadro morfológico para as novas acreções. Em Alnwick, estas ruas são Howling Lane, Wagonway Road e a sua continuação para sul, e Swansfield Park Road, enquanto Alnmouth Road, embora seja uma rua de tráfego principal, serve os conjuntos em West Acres de modo semelhante. O resto do quadro é amplamente fornecido pelos limites dos campos pré-existentes e, como cada campo é único, também o é o layout das ruas residenciais internas. Deste modo, os layouts residenciais apresentam uma *conformidade* morfológica comparável à das concreções do mercado do Triângulo Central. A Figura 19a, h, e e b fornece bons exemplos disto mesmo. Estes conjuntos, mesmo quando não contêm nada mais do que casas geminadas, têm uma individualidade enquanto unidades de plano.

Podemos analisar as características do plano, com maior detalhe, em conjunto com os dados quantitativos das Tabelas X e XI. Entre os layouts anteriores à guerra, a unidade de plano com maior densidade (17.6), e um índice de implantação de 29.5, é a área da Oak Street / Beech Street (Fig. 19c). Representa um ensaio pouco ortodoxo, e que atualmente reúne uma opinião pouco favorável, de realojamento de população das áreas de liberação de habitações precárias. É uma tentativa de proporcionar um ambiente mais saudável, mas que deveria estar o mais próximo possível das condições a que a população realojada estava habituada. Daí a reduzida dimensão dos jardins e a ênfase em casas em fileira de desenho uniforme (até oito casas), mas sem túneis de acesso pela frente e, portanto, com caminhos traseiros a dar acesso aos quintais murados das traseiras, uma característica incomum em conjuntos habitacionais a partir de 1918.

Uma variante mais aberta é representada pela área de York Road (89 na Fig. 21), que mistura casas em fileira de desenho uniforme com pares de casas geminadas. No geral, porém, as casas geminadas com jardins tornaram-se a regra geral para a habitação municipal em Alnwick até 1939, uma vez que tendiam a ser consideradas como estando em conformidade com os novos standards de habitação estabelecidos pela legislação após a Primeira Guerra Mundial. O caráter pré-1939 destas unidades de plano é facilmente reconhecível pelas densidades ligeiramente mais altas (acima de 12), e pela organização mais mecânica das casas. Isto envolve linhas de edificação contínuas, um uso generalizado de estradas de ‘passagem’, e uma ausência de espaços abertos internos e culs-de-sac, características que tendem a criar a paisagem mais monótona do ‘subúrbio’. Assim, mesmo com baixos índices de implantação, como no caso de St. George’s Crescent (14.3), o agrupamento de casas próximo à rua dá uma aparência de concentração. Os culs-de-sac ocorrem geralmente nesta geração de layouts apenas como ‘culs-de-sac de fronteira’, acidentais, como nos casos de Lindisfarne Road (Fig. 19f) e West Acres (Fig. 19e), sem um tratamento arquitetônico.

A partir de 1945, no entanto, as características do plano dos conjuntos habitacionais em Alnwick transformaram-se profundamente. As suas densidades brutas estão geralmente abaixo de doze. O conjunto habitacional mais antigo do pós-guerra fica em Augur Terrace (Este), característico pela sua restrição a habitações standard totalmente isoladas. Isto aponta para a sua natureza de habitação de emergência na forma de bangalôs pré-fabricados isolados, com uma densidade de 10.6, mas com um índice de implantação bastante elevado de 26.7 (Fig. 19h). A área de Barresdale mostra o retorno às casas geminadas e às ‘ruas de passagem’, mas já com linhas de edificação descontínuas para criar interesse arquitetônico na paisagem urbana (76 na Fig. 21). O Ravensmede Estate vai um passo além no desenho arquitetônico. Introduz o verdadeiro cul-de-sac, fechado no final por casas, constituindo um agrupamento mais consistente de edifícios com uma densidade relativamente baixa de 9.8, e um índice de implantação bastante alto de 20.8. Este último é parcialmente condicionado pela estrada de dimensões generosas com as suas características de espaço aberto (Fig. 19e). A última fase deste desenvolvimento do pós-guerra é representada por Windsor Gardens e Alwynside, que combinam a utilização de grupos de casas e linhas de construção descontínuas com a introdução de espaços abertos interiores (Fig. 19b e a). Isto resulta, frequentemente, em densidades brutas mais baixas (8.0 em Alwynside) e numa variação do tema do cul-de-sac. Isto oferece uma grande liberdade e abertura de organização, enfatizada por índices de implantação mais baixos (Windsor Gardens 18.5, Alwynside 18.9), e representa ideias modernas de desenho residencial, mais adequadas do que os conjuntos habitacionais construídos antes de 1939. Este desenvolvimento é idealizado para criar uma paisagem urbana mais humana e intimista, particularmente quando associado à preservação de árvores adultas ou ao plantio agrupado de novas árvores. O layout mais recente em estilo moderno localiza-se em South Wagonway, e introduz uma combinação de casas em fileira de desenho uniforme, casas geminadas e bangalôs em fileira de desenho uniforme, estas últimas no lado poente de South Wagonway (Fig. 19g). A existências de parcelas curtas conduz a valores relativamente altos de densidade bruta (14.1) e de índice de implantação (23.7).

A autoridade local geralmente providencia habitação na forma de conjuntos, de modo a construir habitações em quantidade e a manter compactas as áreas edificadas adicionadas. O construtor privado, especialmente entre as duas guerras mundiais, tendeu a desenvolver terrenos para construção na forma de eixos simples ou duplos, ao longo das estradas existentes. Parecia uma opção economicamente vantajosa, particularmente num desenvolvimento gradual e progressivo, ter uma estrada construída disponível e, que muitas vezes já tinha os serviços necessários. Geralmente, estas unidades de plano muito simples do período entre guerras são exclusivamente residenciais e, numa pequena cidade como Alnwick, tendem a ser ocupadas com o mesmo tipo de casas. Estas podem ser distinguidas, como *eixos residenciais*, dos eixos arteriais complexos como Bondgate Without. Uma vez que se desenvolvem nas frentes das estradas existentes que atravessam o campo aberto, prejudicam a eficiência do trânsito destas estradas. Também prejudicam as qualidades visuais do campo, e o seu desenvolvimento posterior tornou-se virtualmente impossível sob a administração de planeamento atual. Em Alnwick, no entanto, os eixos residenciais ocorrem geralmente em ruas residenciais e de pouco tráfego, quando apoiadas ou confrontadas por grandes parcelas escolares, como em vários casos na parte sul. É uma forma bastante condicionada pelo desenvolvimento da cintura periférica. Os tipos habitacionais incluem casas geminadas e isoladas, assim como bangalôs. Onde as densidades brutas estão entre 8 e 14, as parcelas são frequentemente tão estreitas que a adição de garagens privadas pode fechar completamente uma série de pares de casas geminadas. O lado poente da Blakelaw Road (Fig.19d), com uma densidade bruta de 10.7, e o elevado índice de implantação de 33.7, ilustra isto mesmo e contrasta com o lado nascente da mesma estrada, onde as condições do sítio impuseram valores baixos de densidade bruta (5.5) e índice de implantação (15.4).

Nesta discussão, o desenvolvimento residencial moderno distingue-se claramente, em traços quantitativos, do desenvolvimento do período Vitoriano Tardio e Eduardiano. As suas densidades mais baixas, geralmente abaixo de quinze, e os índices de implantação mais baixos, raramente acima de vinte e cinco, contrastam com os do período anterior, quando as pequenas casas eram posicionadas muito mais próximas, com índices de implantação geralmente acima de cinquenta.

Os conjuntos habitacionais e os eixos residenciais, formam a parte substancial das acreções periféricas de Alnwick desde 1918 (Figs. 1 e 20): uma zona interrompida e em partes, com uma malha frágil. A zona a noroeste da Clayport Street consiste quase inteiramente em seis conjuntos habitacionais municipais, que representam a sequência completa de propostas de desenho do período entre guerras até 1956 (45, 46, 76, 77, 78 e 79 na Fig. 21). O seu quadro morfológico é fornecido pelos limites dos campos que datam do final do século XVIII, ou início do século XIX, e por Howling Lane, que representa a rua de menor tráfego. Sem exceção, os seus sistemas de ruas são condicionados por este quadro e constituem excelentes exemplos de conformidade morfológica.

No lado sul da cidade, as acreções modernas formam um complexo um pouco maior e mais diversificado, que se divide em duas partes. A nascente, o tema das unidades compactas, característico da área de Wagonway Road já na época Vitoriana, foi mantido, embora nos termos do planeamento e da legislação modernos. Devido à configuração da área construída

anterior a 1914, os novos conjuntos habitacionais neste sítio apresentam por vezes uma posição complementar e, por essa razão, tendem a ser pequenos (Figs. 20 e 21). Aqui, o anterior desenvolvimento edificado, juntamente com a linha ferroviária para Wooler, os antigos limites dos campos encerrados geralmente de pequena dimensão, e Wagonway Road, formaram um quadro morfológico mais rigoroso. A unidade de parcela e edifício mais comum é a casa geminada, típica do período entre guerras.

A parte poente da zona sul contrasta fortemente com as outras áreas, devido ao uso exclusivo do eixo residencial em estreita associação com parcelas escolares grandes e abertas. O crescimento nesta área tem sido dominado pelo desenvolvimento da cintura periférica desde o final da era Vitoriana. Um detalhe notável é a intercalação recorrente de garagens privadas contíguas entre pares adjacentes de casas geminadas (Fig. 19d). Mais a norte, no interior, e na proximidade da Cintura Periférica Intermédia, o desenvolvimento moderno tem sido amplamente complementar, particularmente na parte nascente de Prudhoe Street e em torno dela. Aqui, todos os terrenos comuns residuais dos antigos Bondgate Crofts, estão agora construídos ou são espaços abertos com um uso do solo tipicamente urbano (39, 43 e 60 na Fig. 21).

A nascente, o desenvolvimento moderno também assumiu a forma de conjuntos habitacionais. Dos dois layouts de conjuntos habitacionais nesta área, o de West Acres mostra as características normais do desenvolvimento privado durante o período entre guerras, enquanto o de Ravensmede foi explicado anteriormente como uma composição do pós-guerra (Fig. 19e). A característica mais notável destes dois conjuntos, no entanto, é que eles representam uma forma peculiar de crescimento por repleção moderno,<sup>5</sup> tendo preenchido as parcelas dos dois dominantes Vitorianos, dos quais receberam os nomes. O fenómeno é recorrente na morfologia urbana Britânica. As duas grandes casas Vitorianas provaram ser muito pesadas e não económicas enquanto residências particulares, tendo sido abandonadas; os seus terrenos arborizados tornaram-se então disponíveis para desenvolvimento habitacional. Os antigos dominantes, sendo estruturalmente sólidos, sobreviveram nas suas parcelas originais restritas, já que podem ser convertidos em apartamentos – uma usual modificação do uso do edificado. Juntamente com a configuração de árvores adultas, estes dois edifícios influenciaram os novos layouts, sendo agora uma parte integrante desses mesmos layouts, como dominantes residuais típicos. Assim, estes dois conjuntos representam um tipo distinto de crescimento por acreção moderno, o *layout de repleção*.

#### *Desenvolvimento da Cintura Periférica Exterior*

Em simultâneo com o crescimento através das acreções residenciais, as duas cinturas periféricas externas de Alnwick desenvolveram-se e estenderam a sua área a partir de 1918 (Fig. 13). No contexto moderno, no entanto, a habitação periférica cresceu de modo mais contínuo e menos compacto. Em alguns lugares, as áreas de habitação transgrediram e modificaram as cinturas periféricas antes de estas estarem consolidadas; isto é, os conjuntos habitacionais a poente, no caso da Cintura Intermédia, e Greensfield Avenue, no caso da Cintura Exterior. O seu crescimento já não ocorre de modo compacto, seguindo uma clara frente em expansão, mas tende a saltar áreas abertas residuais. Isto acontecia particularmente se tais terras tivessem sido

obstruídas pelo desenvolvimento da cintura adjacente e, portanto, não tivessem uma fachada efetiva para uma estrada radial pré-existente, ou se estivessem sujeitas a outros impedimentos que retardassem o seu desenvolvimento. Daí a existência continuada de residual agrícola, a nascente e nordeste do hospital, a nascente da Duke's School, e a sul e poente de Bellevue. Tem havido uma interação mais contínua entre o avanço exterior das acreções residenciais e o crescimento das Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior. No entanto, os elementos típicos da cintura periférica, como novas hortas, novas escolas e outras instituições, continuaram a localizar-se numa posição relativamente periférica, em terras agrícolas abertas. As escolas, aliás, tendem naturalmente a acompanhar a expansão das áreas residenciais. Consequentemente, a fragilidade da relação entre a franja da área construída e a cintura periférica correspondente, perceptível até certo ponto no início da era Vitoriana, tornou-se agora muito mais acentuada. Pode-se observar o desenvolvimento contínuo de 'cintura' em terrenos previamente livres das Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior, bem como uma crescente interpenetração zonal entre estas duas cinturas, por um lado, e as acreções residenciais às quais estão associadas, por outro. Isto confere uma irregularidade do layout geral, e do padrão de uso do solo, à área construída moderna, que é difícil de compreender até que se reconheça o seu significado evolutivo à luz do conceito de cintura periférica.

A Cintura Intermédia cresceu de modo diferente nas suas várias partes. A nascente, o crescimento físico tem sido fraco e a cintura permanece desarticulada, mas as mudanças funcionais têm sido consideráveis. No seu troço sul, a cintura atingiu uma fase avançada de consolidação, embora fragmentos de terras agrícolas sobrevivam e algumas parcelas tenham sido colonizadas por acreções residenciais. No troço poente, mais uma vez, a cintura está desarticulada e ainda muito incompleta. Aqui, o passado dos grandes proprietários de terras condicionou o crescimento estável dos conjuntos habitacionais a partir de 1936, bem como a longa sobrevivência das terras agrícolas e a sua eventual reserva para fins institucionais. Assim, a Cintura Intermédia parece estar a aproximar-se da maturidade. Uma das suas características evolutivas mais marcantes é o grande número de unidades alienadas, principalmente por acreções residenciais, através da absorção. A Figura 13 mostra estas acreções nas diferentes extensões da área construída em diferentes períodos. Isto ajuda a enfatizar o facto de que a perda de parcelas componentes, ou *redução da cintura periférica*, ocorre de dois modos distintos: por translação da cintura e por acreção, através da absorção ou alienação.

A Cintura Periférica Exterior, embora na realidade se materialize apenas no limite sul da cidade, é atualmente muito extensa. A sua consolidação está mais avançada no ponto de encontro das duas linhas ferroviárias, que são também elas elementos típicos da cintura periférica, com os seus cortes e aterros. A colonização dentro do ângulo formado pelas duas linhas mostra uma variedade representativa de indústrias, serviços públicos, pequenas casas associadas, e espaços abertos. Tudo isto dá uma aparência inconfundível de cintura periférica à 'porta de entrada' de Alnwick vindo do sul, facilmente observável por rodovia ou ferrovia. Mais a poente surge um setor de interpenetração mútua com acreções residenciais. Em geral, esta é uma área de grandes equipamentos escolares. Aqui, a nova Secondary Modern School é o elemento mais marcante da paisagem urbana em desenvolvimento. Mais a poente, novamente, a Cintura Periférica Exterior perde parte de seu caráter intrínseco, pois inclui as áreas contíguas

de Swansfield Park e Alnwick Moor. Este último poderia ser considerado, com igual argumentação, uma zona rural normal. No entanto, é também um espaço aberto, há muito estabelecido, que define um limite definitivo para o crescimento da cidade, e a sua peculiar concentração de pequenas casas da Freeman forma uma característica distintiva, ainda que um tanto fragilizada, de uma cintura periférica. A Swansfield House e o seu parque fazem agora parte da Cintura Exterior, em virtude da sua posição topográfica. Tendo começado como uma das primeiras unidades distais da primeira Cintura Periférica – agora Interior – esta residência tornou-se posteriormente parte da Cintura Intermédia, quando esta ganhou a sua própria identidade em meados do século XIX. Sofreu, portanto, translação da cintura periférica por duas vezes.

Com base em todos estes desenvolvimentos, a morfologia das três cinturas periféricas de Alnwick pode ser finalmente comparada. A Cintura Interior é a mais antiga, teve origem numa linha de fixação que marcou o limite estacionário da cidade por um período de tempo, e desenvolveu-se num conseqüente anel viário. Foi também a primeira cintura a ser concluída, apresentando um crescimento moderno apenas em algumas substituições, e ainda uma quantidade modesta de desenvolvimento por repleção. Ao longo da sua linha de fixação, a cintura foi contínua desde o início, e hoje forma uma zona bastante compacta, com um intramuros de grão fino e um extramuros proximal de grão mais grosso. No entanto, mesmo neste último, a dimensão das parcelas é geralmente menor do que nas outras cinturas, exceto evidentemente a norte, onde o castelo e as terras dos Duques de Northumberland apresentaram condições muito especiais desde os primeiros tempos. Desde o início existia também um extramuros distal, posicionado de modo desarticulado na zona rural circundante. Nesta direção, a cintura ganhou uma enorme largura, mas inevitavelmente à custa de definição e identidade. À medida que a cidade se foi desenvolvendo, toda esta parte distal foi reduzida, em parte por translação da cintura periférica através do surgimento de cinturas mais jovens, em parte por acreção por absorção. O que persiste é uma *cintura periférica fechada* bem definida. Contrasta com as Cinturas Intermédia e Exterior, que tiveram uma origem mais tardia e sem referência a uma linha de fixação. Longe de se iniciarem como zonas contínuas, estas foram efetivamente impedidas de o virem a ser, pela expansão gradual simultânea de acreções residenciais, e atualmente são *cinturas periféricas abertas* ou fragmentadas. Atingiram a sua atual forma de cintura apenas recentemente, geralmente pela adição de parcelas muito grandes que as distinguem da Cintura Interior. Algumas destas unidades foram herdadas por translação da cintura periférica, outras foram formadas recentemente, muitas vezes sob condições do sítio criadas num anterior contexto de cintura periférica. O desenvolvimento destas parcelas é a expressão morfológica das transformações funcionais, isto é, o advento de novos serviços, e a sua localização em centros de serviço regionais. Alguns destes novos tipos de unidades de uso do solo incluem espaços abertos consideráveis. Estes enfraquecem o caráter edificado das cinturas, que são, afinal, uma forma de acreção urbana, ao diminuir o seu índice de implantação médio em áreas consideráveis. Por outro lado, também evitam a passagem através das cinturas, já que com a sua dimensão provocam uma redução apreciável da *densidade de ruas*, isto é, o comprimento médio das ruas por cada acre de área ocupada por usos do solo urbano. As

cinturas periféricas abertas, portanto, têm o efeito de enfraquecer a estrutura do plano de todas as acreções urbanas em condições de interpenetração mútua.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Para os critérios que determinam a classificação dos centros de serviços, cf. A. E. SMAILES, 'The urban hierarchy of England and Wales', *Geography*, 29 (1944), 41-51. R. E. DICKINSON, *City, region and regionalism* (1947), 45-51; H. E. BRACEY, *Social provision in rural Wiltshire* (1952); H. E. BRACEY, 'Towns as rural service centres, etc.', *Transactions and Papers*, 1953, Institute of British Geographers, 19 (1953), 95-105; F. H. W. GREEN, 'Urban hinterlands in England and Wales', *Geographical Journal*, 116 (1950), 64-88.

<sup>2</sup> Por alguns dos dados utilizados nesta e nas subseções seguintes, o autor está muito grato ao Sr. G. Beaty.

<sup>3</sup> W. HARTKE, 'Die soziale Differenzierung der Agrarlandschaft im Rhein-Main-Gebiet', *Erdkunde*, 7 (1953), 13-22; W. HARTKE, 'Die Sozialbrache als Phänomen der geographischen Differenzierung der Landschaft', *Erdkunde*, 10 (1956), 257-69.

<sup>4</sup> Desde que este texto foi escrito, tem havido liberação adicional de habitações precárias, particularmente na área de Market Street / Green Bay e em Upper Clayport Street (lado norte).

<sup>5</sup> Isto é, *residential repletion*. Cf. R. J. JOHNSTON, 'An outline of the development of Melbourne's street pattern', *The Australian Geographer*, 10 (1968), 457, para o processo correspondente de 'redivisão'.

PARTE III  
O ATUAL PLANO DE CIDADE DE ALNWICK

CAPÍTULO 9  
TIPOS DE UNIDADES DE PLANO

NA análise anterior, o crescimento físico de Alnwick foi examinado ao longo das suas principais fases, desde a época Angla até à atualidade. Assim, as características dos componentes individuais do atual plano de cidade tornaram-se explicáveis em relação aos seus períodos e modos de desenvolvimento. Com base nesta análise, o plano como um todo pode ser examinado nos seus tipos morfogenéticos de unidades de plano, e na estrutura geográfica resultante.

A Figura 20 apresenta a distribuição dos tipos de unidades de plano e a sua chave de símbolos, indicando 13 principais e 49 subtipos, dando uma ideia geral da complexidade morfológica desta pequena cidade mercantil.<sup>1</sup>

*O Plano do Burgo Antigo*

O primeiro e mais antigo tipo de plano principal é representado pelo burgo antigo (i), com as três séries de parcelas burguesas profundas em torno do seu anterior mercado triangular, as suas três artérias de saída a partir dos ângulos do mercado, e a sua extensão medieval de Pottergate. Como sugerido anteriormente, as parcelas burguesas profundas colocam esta unidade de plano na classe geral de *layouts de Rua Principal* medievais. O peculiar e arcaico sistema de ruas, com o seu grande Triângulo Central, parece apresentar um tipo especial dentro desta classe que pode ser introduzido provisoriamente como o *tipo Alnwick*.

Enquanto este layout permanece praticamente inalterado no seu sistema de ruas, as séries de parcelas burguesas que o constituem foram influenciadas pelo ciclo da parcela burguesa e pela evolução da Cintura Periférica Interior. Consequentemente, sofreu a tripla metamorfose de substituição nas cabeças das parcelas burguesas, repleção nas caudas das parcelas burguesas, e redução da área por truncamento da cauda e liberação de habitações precárias. Cada uma das três séries principais foi afetada de modo diferente por estas transformações e, portanto, constitui um subtipo de plano separado, sendo que o estado médio das suas parcelas burguesas fornece o critério geral de classificação. No lado nordeste do Triângulo Central, existe o *subtipo Bondgate* (1), uma série de parcelas burguesas profundas já truncadas, mas numa fase relativamente inicial do ciclo da parcela burguesa. A sul, o *subtipo Market Street* (2) é uma série de parcelas burguesas profundas mais fortemente truncada pelo desenvolvimento da cintura periférica, e consideravelmente afetada pelo ciclo da parcela burguesa. A maior parte da série atingiu um estágio maduro de repleção, característico da chamada fase de clímax, enquanto algumas parcelas passam por uma fase recessiva, estando severamente reduzidas em área, com um aumento do pousio urbano. A poente, o *subtipo Fenkle Street* (3) apresenta uma série com a mesma aparência, mas mais extensamente truncada pelo desenvolvimento da cintura periférica, ou obliterada pela conclusão do ciclo da parcela burguesa. A sua principal característica é,

portanto, a redução da área para uma forma verdadeiramente residual com contorno irregular. A série de parcelas burguesas profundas no lado sul de Pottergate, embora um pouco diferente em termos genéticos, é tão semelhante à série de Fenkle Street no seu atual estado reduzido, que pode ser colocada sob o mesmo subtipo.

Dentro do Triângulo Central, as *Concreções do mercado* (4) apresentam um padrão muito diferente, decorrente da sua origem como posterior colonização edificada do mercado original. Assim, estas podem ser consideradas um complemento frequente, embora não invariável, dos layouts de Rua Principal. Um padrão de grão fino de pequenas parcelas curtas dispostas em pequenos quarteirões, e um índice de implantação variando entre 91.2 e 100, são as suas principais características.

Por fim, existe a *Série de parcelas burguesas curtas* (5) no lado norte de Pottergate e na sua junção com Narrowgate, distinta das séries de parcelas burguesas profundas do centro do burgo e, provavelmente, do final da Idade Média e início do pós-medieval. Também tem sido objeto de substituição, repleção e liberação de habitações precárias, embora numa escala muito mais moderada.

#### *Outros Tipos de Planos Tradicionais na Cidade Velha*

O espaço da rua alargado de Bailiffgate, com as suas duas séries de parcelas curtas, formam o “*suburbium*” medieval (ii), que no passado teve propósitos feudais e militares especiais. O seu padrão de estreitas parcelas arrendadas permaneceu virtualmente inalterado, estando o truncamento praticamente ausente. A substituição e a repleção moderadas são outras das suas características, tornando a área de Bailiffgate distinta, como uma unidade compacta e homogénea.

A noroeste de Bailiffgate, o espaço da rua de Canongate preserva a memória de outro assentamento medieval com um *layout de Rua Principal*, mas de padrão *simples* (iii), mais comum. Uma única rua, por vezes alargada para cumprir a sua dupla função de acomodar atividades de mercado e também de tráfego de passagem, tem em cada um dos lados uma série de parcelas burguesas profundas. Canongate, no entanto, está agora despojada de quase todas as suas antigas parcelas burguesas e, na sua parte norte, já não é uma estrada principal. Apenas o meio do seu lado nascente mantém uma *série de Parcelas Burguesas Profundas* numa forma residual, mas distinguível de Fenkle Street, como o *Subtipo Canongate* (6), devido à ausência de truncamento e repleção, e à quantidade muito pequena de substituição.

A norte de Bailiffgate, o espaço da rua de Walkergate é o sucessor moderno de uma via medieval, uma *Rua Extramuros do Burgo com localização especial* (iv). Outrora dotada de parcelas burguesas ocupadas pelos fullers, está agora mais privada do seu antigo padrão de parcelas do que a área vizinha de Canongate. O espaço da rua, e um ou dois dominantes da parcela tradicionais, são praticamente os únicos elementos remanescentes, sendo que o restante do plano consiste num padrão de parcelas bastante irregular e mais recente.

### *A Cintura Periférica Interior*

A Cintura Periférica Interior, com a sua antiga linha de fixação e a estrada circular consequente, representa um outro tipo de plano principal, formando uma zona ininterrupta ao redor do Burgo Antigo e de Bailiffgate, isto é, uma *Cintura Periférica Fechada* (v). Apresenta grande irregularidade na estrutura e no contorno, devido ao seu modo peculiar de evolução. Deve a sua individualidade como tipo de plano, bem como a sua coerência espacial, ao agrupamento de parcelas e seus dominantes ao longo da estrada circular consequente, e ao contraste que estabelece com os tipos de plano mais homogêneos de ambos os lados. Com efeito, a heterogeneidade é uma das suas principais características, nomeadamente no que diz respeito à dimensão e tipos de parcelas, bem como ao seu agrupamento. Isto permite distinguir vários subtipos.

A nordeste do Burgo Antigo, onde a linha de fixação está ausente, encontra-se o *Complexo do Castelo* (7), essencialmente um núcleo pré-urbano medieval no sentido qualificado, adequado ao caso de Alnwick. O seu plano consiste num castelo Normando com modificações posteriores e adições consideráveis, que ampliaram a área coberta por este subtipo na direção sudoeste até Narrowgate. No entanto, mesmo na sua forma moderna, a composição original de uma torre de menagem e duas alas externas é ainda reconhecível.

Fora do castelo, o espaço aberto privado de *Castle Grounds* (8) forma outro subtipo. Tradicionalmente associado ao núcleo pré-urbano, as suas características do plano variam desde a planície de pastagem de Barneyside, a norte e nascente do castelo, até aos ornamentais Castle Gardens, a sudeste. Este último está atualmente sujeito a uma grande transformação funcional, como viveiro florestal que, em devido tempo, poderá vir a ter resultados morfológicos.

Noutras partes do Burgo Antigo, a linha de fixação e a sua estrada circular consequente separam outros subtipos. O *Intramuros* (9) é geralmente de grão fino, devendo a maior parte da sua área ao truncamento da cauda das parcelas burguesas antigas. Pequenas habitações constituem a maioria dos dominantes nas parcelas derivadas, embora os tipos industrial e institucional também estejam bem representados. Fora da estrada circular, a Cintura Periférica Interior apresenta dois subtipos que se distinguem pela quantidade relativa de edifícios. O *Extramuros com elevado índice de implantação* (10) compreende grupos de parcelas industriais e comerciais, ou pequenas casas a poente, sul e nascente. O grupo ocidental, exclusivamente industrial, deve o seu tipo e localização à anterior especialização industrial do intramuros adjacente. O grupo sul emergiu como uma auréola da cintura periférica durante o crescimento do layout da Howick Street. As parcelas variam entre uma dimensão média para fins industriais, e uma dimensão pequena e muito pequena para habitações. O *Extramuros com reduzido índice de implantação* (11), por outro lado, tem parcelas de dimensão média e grande, com edifícios institucionais ou casas de grande dimensão como dominantes da parcela, ou espaços abertos sem edifícios, como os existentes a norte de Bailiffgate.

### *Os Eixos Arteriais Tradicionais*

Os *Eixos Arteriais Tradicionais* (vi) preservam os espaços das ruas arteriais originais, embora com diversas modificações das linhas de rua. As suas séries duplas de parcelas foram afetadas diferentemente por alterações posteriores, dando origem a três subtipos.

Os dois primeiros pertencem à mesma faixa dupla de Upper Clayport Street. Aqui, um lado consiste numa *Série de parcelas tradicionais* (12), apenas ligeiramente alterada pela liberação de habitações precárias e truncamento da cauda no caso de uma parcela. O outro lado apresenta o mesmo tipo de série, mas severamente reduzido a uma forma *residual* (13) pela liberação de habitações precárias, o que encurtou a série, e pelo truncamento da cauda, que deixou apenas as antigas cabeças das parcelas.

Bondgate Without apresenta uma imagem completamente diferente. Aqui, todo o eixo duplo forma um único subtipo, o *Eixo duplo complexo* (14). Embora as linhas das parcelas tradicionais estejam consideravelmente preservadas, as linhas de rua interrompidas, bem como as variadas formas e dimensões das parcelas, indicam uma complexidade genética e um grau de transformação consideráveis. Poucas, se algumas, parcelas são muito antigas na sua forma atual. Parcelas originais, parcelas derivadas, parcelas diminuídas e aumentadas – todas são perceptíveis dentro dos limites do padrão atual. Além disso, a substituição e a repleção têm vindo a ocorrer há já algum tempo, afetando a área de modo muito desigual, sendo a repleção por absorção uma característica específica e localizada. Algumas parcelas foram lentamente ocupadas por edifícios por razões especiais, experienciando assim um desenvolvimento complementar tardio. Existe um contraste morfológico notável entre Upper Clayport Street e Bondgate Without. A situação relativamente estática, e em algumas partes até recessiva, de Upper Clayport Street tendeu a preservar os elementos tradicionais mais intactos, ou pelo menos de uma forma reconhecível. A movimentada estrada de Bondgate Without, formando parte da Great North Road, entre o centro de Alnwick e a estação ferroviária, apresenta uma variedade de ajustes da linha de rua, formas das parcelas, formas e dimensão dos edifícios, e ainda de índice de implantação.

### *Unidades de Plano Modernas dentro da Cidade Velha*

À exceção da Cintura Periférica Interior e das concreções do mercado, os tipos de plano descritos até agora podem ser chamados tradicionais, na medida em que são todos baseados num sistema de ruas com origem na Idade Média e associados a um padrão de parcelas mais ou menos contemporâneo, geralmente constituído por parcelas burguesas. O crescimento das concreções do mercado e do intramuros da Cintura Periférica Interior representou o primeiro tipo de alteração deste plano tradicional. Ambos estão em conformidade com o seu quadro morfológico e, nesse aspeto, diferem das *Alterações Posteriores* (vii) que estiveram associadas à conclusão do ciclo da parcela burguesa em várias partes da Cidade Velha. Onde o ciclo acabou de ser concluído, no *Pousio urbano* (15) de áreas libertas de habitações precárias, existem vazios temporários no plano. Isto ocorre no Burgo Antigo, onde atinge a sua extensão máxima, na Cintura Periférica Interior e no Eixo Arterial de Clayport.

Em vários casos, porém, o pousio urbano já foi substituído por duas formas de redensolvimento: *Redensolvimento adaptativo* (16), dominante fora do Burgo Antigo, e *Redensolvimento aumentativo* (17).

#### *Acreções Residenciais dos Períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial*

Os tipos de plano discutidos até agora foram sujeitos a processos mais ou menos continuados de transformação interna, ou são inteiramente produto de tais processos. Com apenas duas exceções, as acreções periféricas fora da Cidade Velha desenvolveram-se com base num princípio muito simples, envolvendo crescimento direto por expansão de área, com pouca ou nenhuma mudança interna.

A variedade interna é encontrada apenas na orla dos eixos compostos e cinturas periféricas, que são melhor descritos como tipos de plano principais, embora os componentes da orla dos eixos formem claros subtipos de período. Em ambos os casos, o desenvolvimento estendeu-se por mais de um período morfológico.

A posição relativa das acreções foi amplamente guiada por ruas arteriais e caminhos rurais que existiam antes da era Vitoriana e, na maioria dos casos, antes da era Georgiana. No conjunto, portanto, estas *Estradas Estruturais Pré-Vitorianas* (viii) constituem elementos independentes no plano de cidade atual, embora funcionalmente e morfológicamente, troços individuais e / ou as suas frentes tenham sido incorporadas de modo gradual nas unidades de plano adjacentes.

As *Acreções Residenciais do Período Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial* (ix) são o primeiro grupo principal de tipos de plano de acreção. O *Layout rudimentar* (18) exemplificado pelo pequeno cul-de-sac de South Street (Fig. 15a) é o subtipo mais antigo e contrasta com o *Layout retilíneo desenvolvido* (19) que compreende um sistema de ruas mais completo e continua o seu crescimento até ao período Vitoriano Final (Fig. 15f).

#### *Acreções Residenciais do Período Vitoriano Médio e Tardio*

Entre as *Acreções Residenciais do Período Vitoriano Médio e Tardio* (x), foram reconhecidos os seguintes subtipos:

- o *Layout regulamentar com casas 'de duas frentes'* (20) exemplificado por East Parade (Fig. 15b);
- o *Layout regulamentar com casas 'com túnel adossado' na linha de rua* (21) como King Street (Fig. 15c);
- o *Layout regulamentar com casas 'com túnel adossado' atrás de jardins frontais* (22) como Duke Street e Bridge Street (Fig. 15b);
- as *Casas em fileira de desenho uniforme regulamentares com jardins frontais separados* (23) seguindo o princípio de algumas aldeias mineiras do norte;
- o *Layout regulamentar com casas 'com túnel adossado' em parcelas de densidade média* (24), basicamente semelhante ao desenvolvimento em Bridge Street, mas com parcelas mais generosas;

- o *Layout de casas em fileira de desenho uniforme melhorado com baixo índice de implantação* (25); e
- o *Eixo simples ou duplo com casas de grande dimensão* (26) como no lado sul de Alnmouth Road (Fig. 15e).

As circunstâncias especiais do sítio na área da Prudhoe Street (39 e 43 na Fig. 21) produziram um tipo de desenvolvimento que não é nem um layout nem um eixo, mas sim o preenchimento de pequenos terrenos que tinham ficado atrasados em termos de desenvolvimento edificado. Pode ser caracterizado como *Desenvolvimento complementar da parcela* (27).

#### *Acreções Residenciais Modernas*

*Acreções Residenciais Modernas* (xi) representam a maior área e o maior número de subtipos de plano. O *Layout de alta densidade com caminhos traseiros* (28), representado pelo exemplo único da área Oak Street / Beech Street (Fig. 19c), foi já discutido como um caso especial. O *Layout de alta densidade com mistura de casas em fileira de desenho uniforme e casas geminadas* (29), como na área de York Road, está intimamente relacionado em termos das suas características morfológicas. A maioria dos conjuntos habitacionais anteriores à guerra, no entanto, pertence ao *Layout de estilo antigo com casas geminadas* (30), caracterizado por linhas de edificação uniformes e pouco esforço de agrupamento arquitetónico (Fig. 19f). O peculiar sítio da propriedade West Acres, com o seu dominante da parcela residual, garante o seu reconhecimento separado como *Layout de estilo antigo com mistura de tipos de casas em desenvolvimento por repleção* (31).

Os subtipos de plano do período do pós-guerra começam com o *Conjunto habitacional da emergência do pós-guerra* (32), do qual Augur Terrace East, com os seus bangalôs pré-fabricados, é o único exemplo em Alnwick (Fig. 19h). O conjunto do pós-guerra em Barresdale (76 na Fig. 21), embora de caráter pré-guerra, representa uma tentativa de agrupamento quebrando as linhas edificadas. Pode ser distinguido como *Layout de estilo antigo com casas geminadas com linhas de edificação escalonadas* (33). A maioria dos conjuntos do pós-guerra, no entanto, são organizados no novo estilo, com *culs-de-sac* concebidos como uma composição arquitetónica, muitas vezes com um espaço aberto central, com diferentes casas, agrupadas de modo mais cuidadoso (Fig. 19a, b e g). Estes formam o *Layout de estilo novo com mistura de tipos de casas* (34). Mais uma vez, as circunstâncias especiais do sítio em Ravensmede (Fig. 19e) resultaram numa variante, o *Layout de estilo novo com mistura de tipos de casas em desenvolvimento por repleção* (35).

As acreções modernas em Alnwick também ocorrem na forma de eixos. Duas formas são inteiramente de origem recente, e são tão homogêneas nos seus elementos que constituem unidades de planos completas. Estas são o *Eixo duplo com linha de edificação uniforme* (36) (Fig. 19d) e o *Eixo simples com linha de edificação escalonada* (37; n.º 80 na Fig. 21).

### *Eixos Compostos*

Entre as acreções pós-medievais de estrutura heterogénea, os *Eixos Compostos sem Parcelas Tradicionais* (xii) formam tipos de plano residenciais. Estes diferem dos layouts e eixos simples não apenas na estrutura, mas também por se terem desenvolvido ao longo de mais de um período morfológico. Na Figura 20, estes aparecem como tipos de plano separados, mas aqui são também indicados os vários componentes dos diferentes períodos (38, 39, 26, 40 e 41).

### *As Cinturas Periféricas Intermédia e Exterior*

Em termos de morfologia do plano, as *Cinturas Periféricas Intermédia* (xiii (a)) e *Exterior* (xiii (b)) contrastam fortemente com outras unidades, muito mais do que a Cintura Periférica Interior, uma vez que lhes falta coerência de área e que possuem um grão mais grosso. A mistura de funções que representam torna-se assim proeminente no plano, e as diferentes funções tornam-se o critério mais conveniente para uma classificação morfológica. Em Alnwick, as suas unidades de uso do solo geralmente grandes não se enquadram em unidades de plano reconhecíveis de padrão recorrente e significado geral. Mesmo onde se agrupam parcelas menores com a mesma função, como no caso dos sítios industriais e comerciais em South Road (111, 114 e 116 na Fig. 21), não é produzida qualquer unidade de plano que possa ser caracterizada de modo mais significativo do que em termos de função. Os componentes das duas cinturas periféricas dificilmente são tipos de plano no sentido normal, especialmente porque consistem frequentemente numa parcela única e grande. Na Figura 20, estão definidos por funções, tanto em parcelas individuais quanto em grupos de parcelas.

*Indústrias e serviços públicos* (42) ocupam parcelas com diferentes formas e uma dimensão compreendida entre 0.41 e 7.23 acres (0.17 e 2.93 hectares). Tendem a agrupar-se em torno da estação ferroviária, em Wagonway Road e no ângulo das linhas ferroviárias em South Road. Os edifícios e sua organização diferem bastante de uma unidade para outra, com a maioria das parcelas a ter vários edifícios, sendo que as unidades relativamente grandes de formato retangular simples são proeminentes. O índice de implantação varia consideravelmente. Uma característica especial da cintura é fornecida pelas duas linhas ferroviárias a sudeste, que assentam principalmente em aterros. A linha Wooler está agora desmantelada, mas o seu aterro ainda limita a extensão da área construída para sul.

*Serviços e instituições públicas* (43) também diferem consideravelmente no caráter e dimensão da parcela. O Hospital de Alnwick (70 na Fig. 21) ocupa um sítio de 0.7 acres (0.3 hectares), com apenas um edifício e um índice de implantação de 28.5. Por outro lado, a Duke's School (58 na Fig. 21) ocupa uma parcela de 10.8 acres (4.4 hectares), com um índice de implantação de 3. A Alnwick Secondary Modern School (123 na Fig. 21), recentemente ampliada, com uma maior distribuição de edifícios num desenho moderno, ocupa uma parcela de 11.54 acres (4.67 hectares) e tem um índice de implantação de 9.79. Estas escolas, com os seus grandes espaços abertos privados, mais do que qualquer outra unidade de uso do solo, ajudaram a conferir uma estrutura aberta às acreções de Alnwick.

*Parcelas residenciais com casas de pequena ou média dimensão* (44) tendem a ocorrer em pequenos grupos, em algumas partes, dentro das duas cinturas periféricas. Podem ser

FIGURA 20. ALNWICK: TIPOS DE UNIDADES DE PLANO

- (i) *Layout de Rua Principal Medieval, com mercado triangular* (Tipo Alnwick).  
1 Série de parcelas burguesas profundas – subtipo Bondgate.  
2 Série de parcelas burguesas profundas – subtipo Market Street.  
3 Série de parcelas burguesas profundas – subtipo Fenkle Street.  
4 Concreções do mercado.  
5 Série de parcelas burguesas curtas.
- (ii) “*Suburbium*” medieval.
- (iii) *Layout de Rua Principal Simples*.  
6 Série de Parcelas Burguesas Profundas - subtipo Canongate.
- (iv) *Rua Extramuros do Burgo, com localização especial*.
- (v) *Cintura Periférica Fechada, com estrada circular consequente*.  
7 Complexo do Castelo (núcleo pré-urbano modificado).  
8 Castle Grounds.  
9 Intramuros.  
10 Extramuros com elevado índice de implantação.  
11 Extramuros com reduzido índice de implantação.
- (vi) *Eixos Arteriais Tradicionais*.  
12 Série de parcelas tradicionais, maioritariamente não alteradas.  
13 Série de parcelas tradicionais, truncadas e residuais.  
14 Eixo duplo complexo em base tradicional.
- (vii) *Alterações Posteriores da Cidade Velha*.  
15 Pousio urbano (sítios libertos).  
16 Redesenolvimento adaptativo.  
17 Redesenolvimento aumentativo.
- (viii) *Estradas Estruturais Pré-Vitorianas*.
- (ix) *Acreções Residenciais do Período Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial*.  
18 Layout rudimentar, com cul-de-sac inicial.  
19 Layout retilíneo desenvolvido.
- (x) *Acreções Residenciais do Período Vitoriano Médio e Tardio*.  
20 Layout regulamentar com casas ‘de duas frentes’.  
21 Layout regulamentar com casas ‘com túnel adossado’.  
22 Layout regulamentar com casas ‘com túnel adossado’ e jardins frontais.  
23 Casas em fileira de desenho uniforme regulamentares com jardins frontais separados.  
24 Layout regulamentar com casas ‘com túnel adossado’ em parcelas de densidade média.  
25 Layout de casas em fileira de desenho uniforme melhorado com baixo índice de implantação.  
26 Eixo simples ou duplo com casas de grande dimensão (isoladas ou geminadas).  
27 Desenvolvimento complementar da parcela, com conclusão moderna.
- (xi) *Acreções Residenciais Modernas*.  
28 Layout de alta densidade, com caminhos traseiros.  
29 Layout de alta densidade, com mistura de tipos de casas.  
30 Layout de estilo antigo, com casas geminadas.  
31 Layout de estilo antigo, em desenvolvimento por repleção.  
32 Conjunto habitacional da emergência do pós-guerra.  
33 Layout de estilo antigo, com linhas de edificação escalonadas.  
34 Layout de estilo novo, com mistura de tipos de casas.  
35 Layout de estilo novo, em desenvolvimento por repleção.  
36 Eixo duplo com linha de edificação uniforme.  
37 Eixo simples com linha de edificação escalonada.
- (xii) *Eixos Compostos sem Parcelas Tradicionais*.  
38 Componentes de casas em fileira de desenho uniforme dos períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial.  
39 Componentes dos períodos Georgiano Tardio e Vitoriano Inicial com casas isoladas.  
26 Componentes dos períodos Vitoriano Médio e Tardio com casas de grande dimensão (ver (x) 26).  
40 Componentes dos períodos Vitoriano Médio e Tardio com casas de média dimensão.  
41 Componentes modernos com linha de edificação uniforme.
- (xiii) *Cinturas Periféricas Intermédia (a) e Exterior (b)*.  
42 Indústrias e serviços públicos.  
43 Serviços e instituições públicas.  
44 Parcelas residenciais com casas de pequena ou média dimensão.  
45 Parcelas residenciais com casas de grande dimensão.  
46 Espaços abertos (incluindo Alnwick Moor).  
47 Hortas e estufas.  
48 Solo reservado para instituições públicas e serviços.  
49 Solo reservado para indústrias.
- (xiv) *Quintas e Outros Edifícios Agrícolas*.

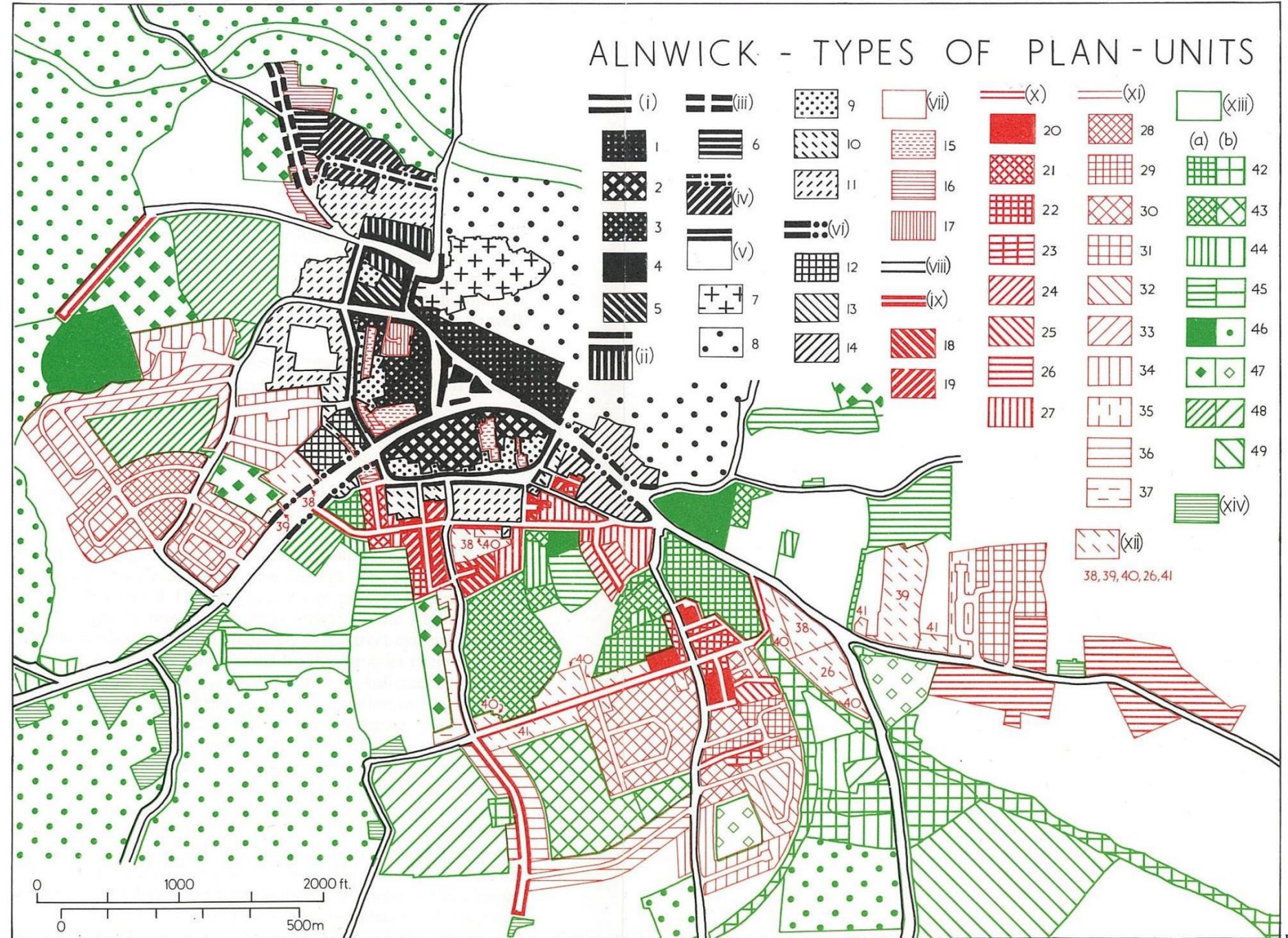


FIGURA 20

complementares aos serviços públicos ou representar desenvolvimentos residenciais independentes.

*Parcelas residenciais com casas de grande dimensão* (45), geralmente com jardins ornamentais, mais ou menos extensos, surgiram no campo, na periferia urbana ao longo dos séculos XVIII e XIX. Algumas tornaram-se os núcleos de eixos compostos ou de layouts de repleção e foram absorvidas por essas unidades de plano mais recentes, mas outras retiveram as verdadeiras características da cintura periférica (56, 62, 72, 74 e 129 na Fig. 21).

Espaços abertos (46) são um elemento comum das cinturas periféricas, variando muito em dimensão, natureza funcional, circunstâncias de localização e organização interna.

*Hortas e estufas* (47) estão intimamente associadas às cinturas periféricas urbanas. Em Alnwick, a tradição de hortas nas proximidades da cidade foi mantida pelos Duques de Northumberland desde 1847<sup>2</sup>, sendo que a existência de viveiros em solos facilmente trabalháveis e bem drenados, a sudeste da cidade, aparece registada nos mapas de Alnwick desde 1827.<sup>3</sup>

Alguns solos agrícolas na periferia foram já reservados para usos urbanos, e outros estão em desenvolvimento. O *Solo reservado para instituições* (48) (quase todo para escolas) fica inteiramente nos lados norte e sudoeste da cidade. O *Solo reservado para indústrias* (49) está confinado a um grande terreno a sudeste (112 na Fig. 21).

Outras terras ainda mantêm o uso agrícola, embora estejam agora cercadas por solo urbano. Particularmente associadas às cinturas periféricas, em parte até mesmo à cintura interior, fragmentam a área construída e são responsáveis pela descontinuidade da área, tão comum nas acreções de cidades mercantis de menor dimensão.

Por fim, *Quintas e outro Desenvolvimento Edificado Agrícola* (xiv) estão representados na Figura 20 se estiverem em contacto com a área construída, ou se estiverem no interior de uma das cinturas periféricas.

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Ao longo deste capítulo, os números romanos e arábicos, salvo indicação em contrário, referem-se à legenda da Figura 20. Para este capítulo e para o próximo, consultar também as fotografias incluídas neste volume.

<sup>2</sup> RAWLINSON, op. cit., 50.

<sup>3</sup> Cf. *Wood's Map*, 1827, o *Tithe Map*, 1846, e as *Ordnance Survey Plans* de 1851, 1864, 1897 e 1921.

## CAPÍTULO 10

### A ESTRUTURA GEOGRÁFICA DO PLANO DE CIDADE DE ALNWICK

A comparação das Figuras 20 e 21 mostra como os tipos morfogenéticos das unidades de plano se combinam de modos diferentes para formar áreas individuais e, assim, compor uma estrutura geográfica de divisões do plano morfogenéticas. Teoricamente, esta estrutura tem significado apenas no que diz respeito ao aspeto morfológico particular do *plano de cidade*, de acordo com o propósito deste estudo, e não deve ser confundida com uma divisão regional geral de Alnwick. Esta última envolveria uma consideração completa dos usos do solo e do edificado, bem como dos tipos de edifícios. De modo breve, no entanto, pode notar-se que na verdade as divisões do plano de cidade de Alnwick muitas vezes coincidem com as regiões urbanas de significado geral. Nas cidades pequenas, a discrepância topográfica entre o plano e o tecido edificado estabelecidos, por um lado, e os novos usos que os invadem e adaptam, por outro, não ocorre na mesma escala que no interior destes invólucros nas cidades maiores.<sup>1</sup>

As divisões do plano de Alnwick agrupam-se em quatro ordens. As divisões de ordem mais reduzida estão marcadas na Figura 21 por algarismos arábicos, e podem ser facilmente distinguidas como unidades de plano tipo.

A identificação das divisões de terceira ordem, marcadas por letras minúsculas, também é relativamente fácil, pois geralmente são grupos de unidades tipo, às vezes representando unidades tipo de ordem superior. Mas estes grupos são ocasionalmente descontínuos, formando unidades ‘regionais’ apenas no sentido de zonas de acreção, como no caso das subdivisões dentro de cada cintura periférica.

As divisões de segunda ordem, marcadas por algarismos romanos, apresentam maiores dificuldades, pelo menos nas acreções exteriores, devido à tendência das cinturas periféricas para interromper e interpenetrar outras áreas edificadas. No entanto, os critérios de relativa homogeneidade interna em termos de morfologia do plano distinguem definitivamente as cinturas periféricas do núcleo e das acreções residenciais. As divisões de segunda ordem são também funcionalmente distintas e, a esse respeito, agrupam-se em *centro* e *invólucros* no sentido definido por Smailes.<sup>2</sup>

As duas divisões de primeira ordem, denotadas por letras maiúsculas apenas na legenda da Figura 21<sup>3</sup>, são comparativamente simples, pois apresentam o contraste familiar entre o núcleo antigo e as novas acreções.

Pode acrescentar-se que, ao contrário do que se poderia esperar, os limites das unidades ocasionalmente seguem ao longo do eixo da estrada, particularmente se a estrada for anterior às parcelas e casas adjacentes, como acontece com as estradas estruturantes mais antigas nas acreções exteriores da cidade.

Uma primeira divisão geral do plano de cidade consiste na Cidade Velha e Cintura Periférica Interior (A), onde os traços tradicionais deram uma contribuição fundamental, e nas Acreções Exteriores (B), onde os traços modernos determinam o caráter do plano, apesar da influência de elementos estruturais mais antigos.

A Cidade Velha forma geneticamente o ‘núcleo’ e funcionalmente o ‘centro’, embora posicionada excentricamente em relação às acreções posteriores. A sua parte norte ainda atinge

o limite exterior da área construída. Mas neste ponto, uma das suas secções (II) tem um carácter puramente residencial e não faz parte do centro funcional.<sup>4</sup>

Além da Cintura Periférica Interior (III) e dos dois Eixos Arteriais Tradicionais (IV, V), as subdivisões da Cidade Velha apresentam-se lado a lado, em vez de em zonas concêntricas. Isto está de acordo com a sua génese medieval, pelo que cada divisão representava uma comunidade separada, distinta em carácter funcional e, portanto, com os seus próprios requisitos espaciais. Apenas a Cintura Periférica Interior e os Eixos Arteriais deram início à temática da organização zonal concêntrica e isto, claro, somente depois do núcleo medieval estar claramente definido pela linha da muralha da cidade. Os dois eixos representam o primeiro crescimento por acreção, seguido pelo extramuros da Cintura Periférica Interior (III (f)). Isto torna a Cintura Periférica Interior uma zona de transição entre a Cidade Velha e as Acreções Exteriores, conforme explicado anteriormente. Mas o facto de ser uma divisão morfológica por direito próprio, unificada quanto à sua linha de fixação antiga e dominada por esta, bem como pelas abundantes características tradicionais do seu intramuros, torna apropriado agrupar esta cintura com a Cidade Velha.

Pelo contrário, as Acreções Exteriores assentam melhor em quatro zonas quase concêntricas<sup>5</sup>: duas zonas maioritariamente residenciais formam Alnwick Intermédio (VI) e Exterior (VIII), e estão mais ou menos separadas pela Cintura Periférica Intermédia (VII) e rodeadas pela Cintura Periférica Exterior (IX). Esta organização, no entanto, não significa que Alnwick Intermédio seja, na totalidade, mais antigo do que Alnwick Exterior, porque os fatores envolvidos no crescimento destas duas zonas foram complexos e com combinações variadas. Assim, o desenvolvimento de Lower Howling Lane (VI (j)), dentro de Alnwick Intermédio, é mais recente do que grande parte de Alnwick Exterior, no mesmo lado, por causa do atraso causado localmente pelas condições de direito de propriedade. Por outro lado, grande parte da metade oriental de Alnwick Exterior, embora a cerca de uma milha (1.6 quilómetros) do centro da cidade, é relativamente antiga, uma vez que a terra foi anteriormente disponibilizada para edificação.

As condições de direito de propriedade também influenciaram a configuração e o carácter morfológico específico de diferentes partes destas zonas. Em combinação com o relevo, estas explicam o grande vazio em Alnwick Exterior, perto de Swansfield House (129) e Bellevue (56). Combinado com os elementos da cintura periférica da estação ferroviária (68), da antiga casa de trabalho (66) e do mercado de gado (64), são responsáveis pelo desenvolvimento Vitoriano de Wagonway Road Norte (s) e, portanto, pela compactação desta área. Isto contrasta marcadamente com Wagonway Road Sul (r), e ainda mais com Southern Alnwick (q), que poderia ser designado 'Eixo de Alnwick' como resultado do notável grau de interpenetração das escolas de maior dimensão, que são elementos especiais da cintura periférica. A concentração de sítios industriais na parte sudeste da Cintura Periférica Exterior, iniciada pela localização da atual usina de gás (111) e da serração (114), e auxiliada pela presença da ferrovia e estrada principal, é também notável.

Apesar de terem uma grande complexidade interna, tanto na forma quanto na idade, as quatro divisões das Acreções Exteriores alcançam uma medida de coerência, porque o mecanismo de desenvolvimento da cintura periférica conduziu-as a formar zonas.

---

Limite da Cidade Velha e Cintura Periférica Interior (A)  
 Divisões do plano de segunda ordem (I - IX)  
 Divisões do plano de terceira ordem (a - x)  
 Divisões do plano de quarta ordem (1 - 134)

Cidade Velha  
 Alnwick Intermédia  
 Alnwick Exterior

---

Tradução do texto da FIGURA 21

#### REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Cf. SMAILES, *The geography of towns*, 92.

<sup>2</sup> SMAILES, op. cit., 90-5.

<sup>3</sup> Os símbolos de trama foram aplicados de modo a tornar as Figuras 21 e 13 complementares. As Divisões de Plano II, IV e V, embora marcadas aqui como parte da Cidade Velha, devem ser atribuídas mais apropriadamente à Cintura Periférica Interior (III). Ver p. 121, bem como Notas 24 na pág. 76 e 8 na pág. 91.

<sup>4</sup> Os elementos tradicionais do plano dominam completamente este núcleo histórico, e isto aplica-se também, em grau variável, às áreas afastadas de Canongate-Walkergate (II), Upper Clayport Street (IV) e Bondgate Without (V). No entanto, como afirmado anteriormente (nota 24 na página 76 e nota 8 na página 91), a maioria destas, de facto, teve origem como elementos da cintura periférica em posição extramuros, e foram confirmadas no seu carácter de cintura periférica pelo seu desenvolvimento no século XIX, que também tendeu a diminuir os seus traços tradicionais. Em termos do plano de cidade de 1956, estas devem ser consideradas como parte da Cintura Periférica Interior (III).

<sup>5</sup> Em termos técnicos, estas zonas são *invólucros* dispostos de modo concêntrico, alternando entre invólucros residenciais e da cintura periférica.

FIGURA 21. AS DIVISÕES DO PLANO DE ALNWICK<sup>3</sup>

**A. Cidade Velha e Cintura Periférica Interior.**

- I. Burgo Antigo e Bailiffgate.
  - (a) Burgo Antigo.
    - 1 Triângulo Central.
    - 2 Bondgate Lado Norte.
    - 3 Market Street Lado Sul.
    - 4 Área Liberta da Casa de Correção.
    - 5 Fenkle Street Lado Oeste.
    - 6 Área Liberta de Clayport.
    - 7 Redesenvolvimento Bird-and-Bush.
    - 8 Redesenvolvimento Memorial Cottages.
    - 9 Pottergate Lado Sul.
    - 10 Área Liberta de Pottergate Row.
    - 11 Pottergate/Narrowgate Lado Norte.
    - 12 Área Liberta de Pottergate.
  - (b) Bailiffgate.
- II. Canongate/Walkergate.
  - (c) Canongate
    - 13 Canongate Norte.
    - 14 Central Canongate.
    - 15 Canongate Sul.
  - (d) Walkergate.
- III. Cintura Periférica Interior.
  - (e) Intramuros.
    - 16 Northumberland Street Intramuros.
    - 17 Dispensary Street Intramuros.
    - 18 Área Liberta da Dispensary Street.
    - 19 Green Batt Intramuros.
    - 20 Área Liberta de Roxburgh Place.
  - (f) Extramuros.
    - 21 Alnwick Castle.
    - 22 Castle Grounds.
    - 23 Extramuros Noroeste.
    - 24 Área Industrial Ocidental.
    - 25 Western Green Batt Extramuros.
    - 26 Green Batt Extramuros Oriental.
    - 27 Hostpur Street Extramuros.
    - 28 Área Liberta de Hostpur Street.
- IV. Upper Clayport Street.
  - (g) Upper Clayport Lado Norte.
    - 29 Upper Clayport Lado Nordeste.
    - 30 Área Liberta de Stamp's Yard.
    - 31 Grosvenor Terrace/Clive Terrace.
  - (h) Upper Clayport Lado Sul.
    - 32 Upper Clayport Lado Sudoeste.
    - 33 Quartel de Bombeiros/Monkhouse Terrace.
- V. Bondgate Without.

- 40 Croft Place.
- 41 Hotspur Place.
- 42 Hotspur Place Sudeste.
- 43 Prudhoe Street Este.
- 44 Stott Street.
- (j) Lower Howling Lane.
- 45 Windsor Gardens.
- 46 Alwynside.
- VII. Cintura Periférica Intermédia.
  - (k) Cintura West Demesne.
    - 47 Hortas Canongate.
    - 48 West Demesne Residual Agrícola.
    - 49 Hortas Ratten Row.
    - 50 Alnwick Cricket Ground.
    - 51 Stamps Close Residual Agrícola.
  - (l) Cintura Upper Clayport.
    - 52 Estufas Clive.
    - 53 Lisburn Terrace Lado Norte.
    - 54 Cadet Huts Site.
    - 55 Lisburn Terrace Lado Sul.
  - (m) Cintura Intermédia Sul.
    - 56 Bellevue.
    - 57 Estufas Dunder Hill.
    - 58 Duke's School.
    - 59 New Infant School.
    - 60 Policemen's Houses.
    - 61 Esquadra de Polícia e Tribunal.
    - 62 Croft House.
    - 63 Campos de Ténis Prudhoe Street.
  - (n) Cintura Wagonway Street.
    - 64 Mercado de Gado.
    - 65 Casas a Sul da Habitação Social.
    - 66 Complexo de Habitação Social.
    - 67 Leitaria de Alnwick.
    - 68 Estação de Alnwick.
  - (o) Cintura Allerburn.
    - 69 Tenantry Column Grounds.
    - 70 Hospital de Alnwick.
    - 71 Spring Gardens.
    - 72 Hillcrest.
    - 73 Allerburn.
    - 74 Allerburn House.
    - 75 Hortas Leeks Field.
- VIII. Alnwick Exterior.
  - (p) Upper Howling Lane.
    - 76 Barresdale.
    - 77 St. Thomas's Crescent.
    - 78 Oak Street/Beech Street.
    - 79 Clayport Gardens.
  - (q) Alnwick Sul.
    - 80 The Dunterns.
    - 81 Swansfield Park Road.
    - 82 Blakelaw Road.
    - 83 Greensfield Avenue.
    - 84 New Wagonway Road Estate.
  - (r) Wagonway Road Sul.
    - 85 St. George's Crescent.
    - 86 York Road Lado Norte.

- 87 Aydon Crescent.
- 88 Augur Flats.
- 89 York Crescent/York Road Lado Sul.
- 90 Sea View Terrace.
- 91 Augur Terrace Oeste.
- 92 Augur Terrace Este.
- (s) Wagonway Road Norte.
  - 93 Queen Street.
  - 94 Swansfield Park Road Noroeste.
  - 95 Bridge Street/Duke Street.
  - 96 East Parade.
- (t) Belvedere/Ravenslaw.
  - 97 Aydon Gardens.
  - 98 Belvedere Terrace.
  - 99 Ravenslaw.
- (u) Alnmouth Road.
  - 100 Alnmouth Road Oeste.
  - 101 Alnbank/Freelands.
  - 102 Ravensmede.
  - 103 West Acres.
  - 104 Central Alnmouth Road.
  - 105 Alnmouth Road Este.
- IX. Cintura Periférica Exterior.
  - (v) Cintura Newcastle Road.
    - 106 Windy Edge Farm.
    - 107 Royal Oak.
    - 108 Estufas Royal Oak.
    - 109 N.C.C. e Esso Depots.
    - 110 Aterro da Linha de Alnmouth.
    - 111 Lavandaria e Usina de Gás de Alnwick.
    - 112 Stanley Flats Residual Agrícola.
    - 113 Cemitério de Alnwick.
    - 114 Serração de Alnwick.
    - 115 Sawmill Cottages.
    - 116 A.R.D.C., Shell e Agricultural Machinery Depots.
    - 117 Sítio do novo Quartel de Bombeiros.
    - 118 Firemen's Houses.
    - 119 Aterro da Linha de Wooler.
  - (w) Cintura Exterior Sul.
    - 120 Hortas South Wagonway.
    - 121 Campo de Futebol de Alnwick.
    - 122 Antigo Hospital de Isolamento.
    - 123 Alnwick Secondary Modern School.
    - 124 Blakelaw Reservoir.
    - 125 Broad Close Residual Agrícola.
  - (x) Cintura Exterior Ocidental.
    - 126 Hope House.
    - 127 Camphill Cottage.
    - 128 Swansfield Park.
    - 129 Swansfield House.
    - 130 Swansfield Oeste.
    - 131 St. Thomas's Farm.
    - 132 Alnwick Moor.
    - 133 Shepherd's Rest.
    - 134 Hulne Park.

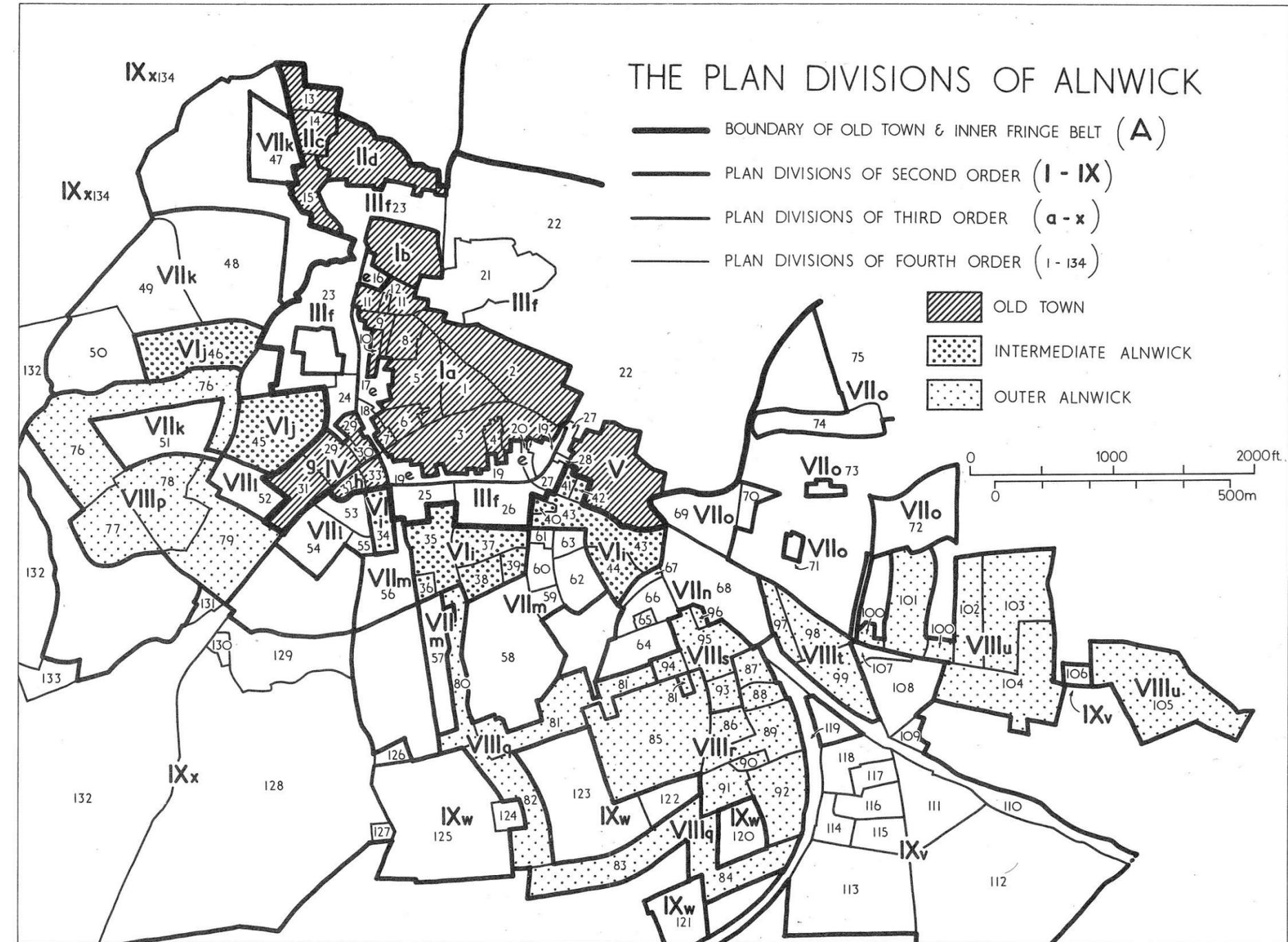


FIGURA 21

## CONCLUSÃO

ESTA investigação é uma tentativa de explicar a estrutura atual de um plano de cidade, examinando o seu desenvolvimento.

A complexidade do sistema de ruas, padrão de parcelas e organização dos edifícios existente, representa um difícil problema metodológico. Ao invés de retroceder a partir do confuso quadro atual, a nossa análise morfológica acompanhou o crescimento do plano. Deste modo, foi possível obter uma conceção mais clara de como o plano se tornou o resultado cumulativo de um processo diverso, conduzido por impulsos funcionais sucessivos no contexto do amplo quadro dos períodos morfológicos.

Em termos de traços do plano, esta acumulação não deve ser entendida como uma simples sobreposição. Os quadros morfológicos têm sido respeitados, em grau variado, de um período para outro e em diferentes locais, e têm persistido ou sofrido alterações. Além disso, se algumas mudanças foram meramente cumulativas, outras foram cíclicas. Por um lado, podem ser facilmente reconhecidos acréscimos ao plano de cidade, simples e aparentemente estáticos, como são a maioria dos layouts residenciais mais recentes. Por outro lado, as formas cíclicas são mais evasivas, e somente seguindo os próprios processos morfológicos é que a diversidade de elementos pode ser compreendida.

O âmbito deste estudo foi deliberadamente restringido em dois aspetos. A limitação a um único aspeto principal, o plano de cidade, produziu alguns conceitos fundamentais, embora especializados. Estes podem reivindicar importância na análise morfológica muito para além do caso aqui investigado, e devem ajudar a formar uma base para estudos comparativos. A limitação a uma única cidade serviu para desenvolver estes conceitos num contexto mais claro e simples, com a devida consideração pelos detalhes do plano, embora, inevitavelmente, tenha limitado a sua escolha. Também forneceu um exemplo de estrutura de um plano de cidade, em termos de unidades morfogenéticas e de divisões do plano, com base nestas unidades.

A teoria da análise do plano aqui desenvolvida abre um amplo campo de investigação em duas direções. Em primeiro lugar, é necessário relacioná-la com uma investigação completa dos padrões de uso do solo e tipos edificados, de modo a produzir uma interpretação completa da paisagem urbana. Em segundo lugar, esta deve ser alargada para abranger diferentes tipos funcionais de cidades, bem como cidades em diferentes áreas culturais.

Embora Alnwick seja apenas uma pequena cidade, de acordo com a sua função como centro de serviços rural, a sua longa história tornou a organização física da sua área construída mais interessante e produtiva, em termos morfológicos, do que o seu plano, muito distinto e em parte confuso, poderia levar a supor no início desta investigação. Serve para demonstrar que a análise do plano de cidade em linhas evolutivas, embora enfatize apenas um aspeto fundamental, é essencial em morfologia urbana, mostrando ainda que há muito trabalho a ser realizado.

## BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

### *Geologia*

- GEOLOGICAL SURVEY OF ENGLAND & WALES, *6-inch Northumberland New Series, folha N XXXV*. N. W. (1929).  
GEOLOGICAL SURVEY OF ENGLAND & WALES, *1-inch New Series, folha 6* (Solid edition, 1930; Drift edition, 1930).  
R. G. CARRUTHERS, G. A. BURNETT & W. ANDERSON, The geology of the Alnwick district. *Geological Survey of England and Wales, Memoirs, New Series, folha 6* (1930).  
T. S. WESTOLL, D. A. ROBSON & R. GREEN, 'A guide to the geology of the district around Alnwick, Northumberland', *Proceedings of the Yorkshire Geological Society*, 30 (1955), 61-100.

### *História e Geografia Histórica*

- R. G. COLLINGWOOD & J. N. L. MYRES, *Roman Britain and the English settlements* (1937).  
H. C. DARBY (ed.), *An historical geography of England before A.D. 1800* (1936).  
H. C. DARBY, 'On the relations of geography and history', *Transactions and Papers*, 1953, Institute of British Geographers, 19 (1953), 1-11.  
E. ENNEN, *Frühgeschichte der europäischen Stadt* (Bonn, 1953).  
R. HARTSHORNE, *The nature of geography* (4ª impressão, Ann Arbor, Michigan, 1951).  
W. G. HOSKINS, *The making of the English landscape* (1955).  
Sir FRANK STENTON, *Anglo-Saxon England* (2ª edição, 1947).  
D. STROUD, *Capability Brown* (1950).  
J. TAIT, *The medieval English borough* (1936).  
W. W. TOMLINSON, *The North-Eastern Railway* (1914).  
G. M. TREVELYAN, *English social history* (1944).  
S. W. WOOLDRIDGE & W. G. EAST, *The spirit and purpose of geography* (1951).  
ORDNANCE SURVEY, *O.S. Map of XVII Century England* (1/1 M) (1930).

### *Geografia Urbana*

- H. E. BRACEY, *Social provision in rural Wiltshire* (1952).  
H. E. BRACEY, 'Towns as rural service centres; an index of centrality with special reference to Somerset', *Transactions and Papers*, 1953, Institute of British Geographers, 19 (1953), 95-105.  
H. BRAUN, *An introduction to English medieval architecture* (1951).  
R. E. DICKINSON, *City, region and regionalism* (1947).  
R. E. DICKINSON, *The West European city* (1951).  
H. DÖRRIES, 'Der gegenwärtige Stand der Stadtgeographie', *Petermanns Mitteilungen, Ergänzungsheft*, 209 (1930), 310-25.  
H. J. FLEURE, 'Some types of cities in temperate Europe', *Geographical Review*, 10 (1920), 357-74.  
H. J. FLEURE, 'City morphology in Europe', *Proceedings of the Royal Institution of Great Britain*, 27 (1931), 145-55.  
H. J. FLEURE, 'The historic city in Western and Central Europe', *Bulletin of the John Rylands Library*, 20 (1936), n. 2.  
H. J. FLEURE, *A natural history of man in Britain* (1951).  
W. GEISLER, *Die deutsche Stadt. Forschungen zur Deutschen Landes- und Volkskunde*, 22, 5 (Stuttgart, 1924).  
F. H. W. GREEN, 'Urban hinterlands in England and Wales', *Geographical Journal*, 116 (1950), 64-88.  
W. HARTKE, 'Die soziale Differenzierung der Agrarlandschaft im Rhein-Main-Gebiet', *Erdkunde*, 7 (1953), 13-22.  
W. HARTKE, 'Die Sozialbrache als Phänomen der geographischen Differenzierung der Landschaft', *Erdkunde*, 10 (1956), 257-69.  
CH. KLAIBER, *Die Grundrissbildung der deutschen Stadt im Mittelalter, unter besonderer Berücksichtigung der Schwäbischen Lande. Beiträge zur Bauwissenschaft*, Heft 20 (Berlin, 1912).  
H. LOUIS, 'Die geographische Gliederung von Gross-Berlin', *Länderkundliche Forschung* (Krebs-Festschrift, Stuttgart, 1936), 146-71.

- W. PAGE, 'The origin and forms of Hertfordshire towns and villages', *Archaeologia*, 69 (1917-18), 47-60.
- P. SCHÖLLER, 'Aufgaben und Probleme der Stadtgeographie', *Erdkunde*, 7 (1953), 161-84.
- E. J. SIEDLER, *Märkischer Städtebau im Mittelalter* (Berlin, 1914).
- A. E. SMAILES, 'The urban hierarchy of England and Wales', *Geography*, 29 (1944), 41-51.
- A. E. SMAILES, *The geography of towns* (1953).
- A. E. SMAILES, 'Some reflections on the geographical description and analysis of townscapes', *Transactions and Papers, 1955*, Institute of British Geographers, 21 (1955), 99-115.
- M. SORRE, *Les fondements de la géographie humaine* (Paris, 2ª edição, 1947-52), vol. iii.
- H. STRAHM, 'Der zähringische Gründungsplan der Stadt Bern', *Archiv des Historischen Vereins des Kantons Bern*, 39 (1948), 361 ff.
- T. F. TOUT, *Mediæval town planning* (1934).

#### Nordeste de Inglaterra

- W. S. ANGUS, 'Anglo-Saxon and medieval settlement', *Scientific survey of North-eastern England*, British Association for the Advancement of Science, Newcastle upon Tyne (1949), 69-74.
- M. R. G. CONZEN, 'Modern settlement', *Scientific survey of North-eastern England*, British Association for the Advancement of Science, Newcastle upon Tyne (1949), 75-83 e mapa de distribuição separado.
- R. O. HESLOP, *Northumberland words* (1892-4).
- A. MAWER, *The place-names of Northumberland and Durham* (1920).
- H. THORPE, 'Some aspects of rural settlement in County Durham', *Geography*, 35 (1950), 244-55.
- H. THORPE, 'The green villages of County Durham', *Transactions and Papers*, 1949, Institute of British Geographers, 15 (1949), 153-80.
- J. WRIGHT, *The English dialect dictionary* (s.d.).

#### Alnwick

- W. DAVISON, *A descriptive and historical view of Alnwick, the county town of Northumberland etc.* (2ª edição, 1822).
- NORTHUMBERLAND COUNTY HISTORY COMMITTEE, *A history of Northumberland*. Newcastle upon Tyne/London. vol. ii (1895), vol. vii (1904), vol. xiv (1935).
- R. RAWLINSON, *Report to the General Board of Health, on a preliminary enquiry into the sewerage, drainage, and supply of water, and the sanitary condition of the inhabitants of the townships of Alnwick and Canongate in the County of Northumberland* (1850).
- G. TATE, *The history of the Borough, Castle, and Barony of Alnwick*. 2 volumes (1866-9).

#### Alnwick (mapas e pesquisas em ordem cronológica)

- G. CLARKSON, *A description and survey of divers of the possessions of the Right Hon<sup>ble</sup> the Earl of Northumberland in the County of Northumberland etc., 1566* (1567). Part I: The Castle, Demaines and Borough of Alnwick (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: A.I.1.a.). Referido como Levantamento de Clarkson.
- THE SURVEY OF NORTHUMBERLAND, 1586 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: A.II.1.).
- F., WM. G. & B. MAYSON, *The exemplification of Mayson's Survey being a general survey and terrier of the possessions of the Right Hon<sup>ble</sup> Henry Earl of Northumberland taken by commissioners in that behalf appointed by the said earl's commission bearing the date 24th day of June 1622* (1622-4). vol. i: The Barony of Alnwick viz. the Manor of Alnwick, with Rugley, Sneephouse, etc. - Pars Prima. (MS. Alnwick Castle, Muniment Room: A.V.1.). Contém um mapa que mostra a cidade e os seus campos em duas folhas à escala de 1/3,960 (referido como *Mapa de Mayson*) e outro que mostra Alnwick Moor à escala de 1/10,296 (referido como *Mapa de Moor de Mayson*).
- Map of part of the Town of Alnwick 1726, containing the design of Mr. Weatherburn's building in the Horse Market* (1726) (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.1.3.).
- J. ROBERTSON, *A plan of that part of Stony Hills etc. belonging to Mad<sup>m</sup> Elizabeth Grey*. 1732. Escala 1/19,800 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.1.48.).

- I. THOMPSON, *A plan of the Town and the Castle of Alnwick and of the demesnes, with divers other lands near the said town in the County of Northumberland* (1760). Acompanhado por: *A terrier or field book*, 1760. Escala c.1/3,233 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.I.7.).
- A. ARMSTRONG & SON, *A map of the County of Northumberland etc.* (1769). Escala 1/63,360.
- Survey of the Borough of Alnwick*, 1774. Extraído de diferentes levantamentos (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: A.VII.18.).
- TH. WILKIN, *Plan of the Town and Castle of Alnwick* (1774). Acompanhado por: *Foul terrier to Alnwick*. Escala c.1/1,179 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.I.9<sup>b</sup>). Referido como *Mapa de Wilkin*.
- TH. WILKIN, *Plan of the water course which supplies Alnwick Castle with water* (1785). Escala 1/792 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.I.10.).
- R. TATE, *Ground plan and profile of levels taken from the fountain near the Back Lane in Alnwick to the water tower in the castle thereof, etc.* (February 1815). Escala 1/600 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.I.19.).
- N. WEATHERLY, *A map of a projected turnpike road from Haggerston blacksmith's shop to Alnwick through Holburn, Chatton and Eglington, in the counties of Durham and Northumberland* (1824). Escala 1/31,680.
- J. WOOD, *Plan of the Town and Borough of Alnwick, from actual survey* (1827). Escala c. 1/2,412 (MS., Alnwick Castle, Muniment Room: O.I.26.). Referido como *Mapa de Wood*.
- C. & J. GREENWOOD *Map of the County of Northumberland, a partir de um levantamento realizado nos anos 1827 e 1828* (1828). Escala 1/63,360.
- Alnwick Township (Tithe Map), with terrier* (1846). Escala 1/3,168 (MS., Alnwick Castle, Surveyor's Office).
- ORDNANCE SURVEY, *Plan of Alnwick*, sheets 1-8. Levantamento de 1851. Escala 1/528. (Southampton, 1853).
- ORDNANCE SURVEY, *Town of Alnwick*, folhas 1, 2 & 3. Levantamento de 1851. Escala 1/2,640 (Southampton, 1853).
- ORDNANCE SURVEY, *Alnwick*, folhas 1-8. Levantamento de 1864. Escala 1/528 (Southampton, 1866).
- ORDNANCE SURVEY, *25-inch County Series of Northumberland, Old Series*, folhas XXXI.12, e 16; XXXII.9, e 13. Levantamento de 1864. Escala 1/2,500 (Southampton, 1866).
- ORDNANCE SURVEY, *25-inch County Series of Northumberland, Old Series*. folhas XXXII.9 e 13. Escala 1/2,500. (Southampton, 1897.)
- ORDNANCE SURVEY, *25-inch County Series of Northumberland, New Series*, folhas XXXV.1, 2 e 6. Levantamento de 1921. Escala 1/2,500. (Southampton, 1923.)
- ORDNANCE SURVEY, *1/25,000 Series*, Edição provisória, folhas 46/11 e 46/21 (Chessington, c. 1950).
- Building Plans*, depositado no Town Surveyor's Office, Alnwick U.D.C. Intermitente desde c. 1875, e completo desde o final da Primeira Guerra Mundial.
- M. R. G. CONZEN, *Survey of existing building types in Alnwick* (1956). MS.

*Adenda:*

- R. J. JOHNSTON, 'An outline of the development of Melbourne's street pattern', *The Australian Geographer*, 10 (1968), 453-65.

## GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

(Números entre parêntesis referem-se a páginas de texto relevantes)

*Acessório da parcela (plot accessory)*: um edifício secundário associado ao uso do solo de uma parcela. (32)

*Acreção (accretion)*: adição periférica à área construída de uma cidade, geralmente consistindo numa unidade de plano não tradicional e constituindo-se como componente de um invólucro residencial ou de uma cintura periférica. (11, 53 ss., 60)

*Alienação (alienation)*: a transferência de parte ou da totalidade de uma unidade de plano de um invólucro para outro de caráter distinto e de origem mais recente, sem mudança de sítio. Um processo comum na alienação da cintura periférica. (84, 109)

*Alienação da cintura periférica (fringe-belt alienation)*: a absorção de um componente da cintura periférica por um invólucro funcionalmente distinto, geralmente residencial. (84, 109)

*Alongamento (elongation)*: a relação entre a profundidade e a largura de uma parcela alongada. (32)

*Auréola da cintura periférica (fringe-belt aureole)*: a parte de uma acreção que revela a influência de uma cintura periférica próxima no seu padrão de parcelas, edifícios e utilização do solo. (61)

*Cabeça da parcela (plot head)*: a parte frontal menor, mas geralmente mais importante, de uma parcela alongada, incluindo a frente e qualquer terreno próximo do dominante da parcela implantado na linha de rua ou próximo dela. (32)

*Cabeça da parcela burguesa (burgage head)*: a cabeça de uma parcela burguesa, normalmente ocupada pelo dominante da parcela, logradouro e acessórios da parcela. (32, 67-9)

*Casas em fileira de desenho uniforme (terrace)*: uma linha em série de dominantes da parcela contíguos e com desenho unificado. (65)

*Cauda da parcela (plot tail)*: a parte traseira, maior, mas geralmente menos importante, de uma parcela alongada, raramente ocupada por um dominante da parcela. (32)

*Cauda da parcela burguesa (burgage tail)*: a cauda de uma parcela burguesa originalmente ocupada pelo jardim tardoz e raramente por acessórios da parcela. (32, 69-70)

*Ciclo da parcela burguesa (burgage cycle)*: o processo cíclico de desenvolvimento edificado numa parcela burguesa, ou numa série de parcelas burguesas, em resposta à transformação da pressão socioeconómica sobre um terreno central numa Cidade Velha. Abrange o período desde o seu início na Idade Média até ao seu término, moderno, constituído pela liberação de habitações precárias ou redesenvolvimento central. Consiste numa repleção crescente, seguida de recessão; quando ininterrupto, isto é 'normal', apresenta consecutivamente as fases institutiva, de repleção, de clímax e recessiva, mensuráveis em termos de índice de implantação, e seguidas pelo pousio urbano, o seu estágio final. (97 ss.)

*Ciclo de redesenvolvimento (redevelopment cycle):* o processo simples de redesenvolvimento, de fase única ou dupla, em resposta à reavaliação socioeconómica do solo urbano central, em condições de crescente poder de investimento de capital, na Grã-Bretanha, particularmente desde meados do século XVIII. O estágio inicial de pousio urbano é seguido por uma combinação das fases institutiva e de clímax, com índice de implantação geralmente constante, com o seu nível a depender do período morfológico envolvido. Segue-se uma fase de substituição gradual ou uma reversão abrupta ao estágio inicial de pousio urbano. (94, 97)

*Cintura periférica (fringe-belt):* uma zona de cintura com origem no limite temporariamente estacionário ou no avanço muito lento de uma cidade, sendo composta por uma mistura característica de unidades de uso do solo que inicialmente procuram uma localização periférica. Como tal, é um tipo distinto de invólucro e também uma divisão do plano principal. Transformações significativas em todo o contexto civilizacional do desenvolvimento de uma cidade, como flutuações na população e no desenvolvimento económico, ou a intensificação recorrente na introdução de inovações, causam uma desaceleração intermitente ou uma paralisação no crescimento exterior de uma cidade, bem como alterações marcantes na mistura de novos tipos de uso do solo no limite da cidade. Em cidades com uma longa história, o resultado geográfico que emerge gradualmente destas dinâmicas é frequentemente um sistema de cinturas periféricas sucessivas e genericamente concêntricas, separadas por outros invólucros geralmente residenciais. Pode, assim, produzir uma primeira Cintura Periférica Interior (*Inner Fringe Belt – IFB*), uma ou mais Cinturas Periféricas Médias (*Middle Fringe Belt – MFB*), e uma Cintura Periférica Exterior (*Outer Fringe Belt – OFB*) mais recente. Cada cintura auto-perpetua-se, passando sucessivamente pelas suas fases de iniciação, expansão e consolidação. (59 ss., 81 ss., 108 ss.)

*Cintura periférica aberta (open fringe belt):* uma cintura periférica secundária, como a Cintura Periférica Média ou Exterior, desenvolvendo-se como uma zona fragmentada, sem uma linha de fixação anterior, inicialmente a partir de parcelas isoladas ou grupos de parcelas, por translação da cintura periférica, nas condições de uma periferia urbana temporariamente estacionária ou avançando lentamente. É caracterizada pela predominância de parcelas de grande dimensão, irregularidade da estrutura, reduzida densidade de ruas, descontinuidade do sistema de ruas, e carácter difuso em direção ao exterior. (110)

*Cintura Periférica Exterior (Outer Fringe Belt – OFB):* a última, isto é, a presente cintura periférica aberta ao longo da atual periferia de uma cidade. (83-5)

*Cintura periférica fechada (closed fringe belt):* uma cintura periférica, geralmente a primeira, ou Cintura Periférica Interior, que se desenvolve como uma zona circular contínua em torno do núcleo, ao longo de uma linha de fixação antecedente. (60, 84, 110)

*Cintura Periférica Interior (Inner Fringe Belt – IFB):* a primeira cintura, normalmente uma cintura periférica fechada em redor do núcleo de uma cidade, organizada assimetricamente por uma linha de fixação antecedente, que funciona como sua estrutura e que divide a cintura periférica num intramuros relativamente restrito e num extramuros muito maior e morfológicamente distinto. (60, 81, 83)

*Cintura Periférica Intermédia (Intermediate Fringe Belt):* ver *Cintura Periférica Média (Middle Fringe Belt)*.

*Cintura Periférica Média (Middle Fringe Belt – MFB):* uma cintura periférica secundária, geralmente aberta, situada entre as Cinturas Periféricas Interior e Exterior de uma cidade, e mais ou menos separada destas por outros invólucros geralmente residenciais. (66, 81, 83)

*Cintura periférica urbana (urban fringe belt):* ver *cintura periférica (fringe belt)*.

*Colonização do mercado (market colonization):* o crescimento secundário de edifícios permanentes, a partir de tendas e lojas, dentro do espaço de um mercado medieval. (39)

*Concreção do mercado (market concretion):* um pequeno quarteirão num mercado medieval, resultante da colonização do mercado, e geralmente composto por parcelas pequenas e curtas, com um índice de implantação muito elevado (85-100). (39)

*Conformidade (conformity):* ver *conformidade morfológica (morphological conformity)*.

*Conformidade morfológica (morphological conformity):* a correspondência de uma unidade de plano a um quadro morfológico. (39, 105)

*Contorno herdado (inherited outline):* ver *quadro morfológico (morphological frame)*.

*Correlativos (correlatives):* ver *correlativos morfológicos (morphological correlatives)*.

*Correlativos morfológicos (morphological correlatives):* as transformações morfológicas, e os seus resultados, que ocorrem em diferentes partes de uma cidade, estando causalmente relacionados. Podem ser paralelos ou inversamente correspondentes. Um exemplo comum deste último são as áreas de liberação de habitações precárias no centro da cidade, ou próximo deste, e os conjuntos habitacionais municipais nas periferias, sendo a população das primeiras realojada nos segundos. (94)

*Costura do plano (plan-seam):* uma linha que separa partes geneticamente diferentes de um plano de cidade. (29)

*Densidade bruta (gross density):* ver *densidade residencial bruta (residential gross density)*.

*Densidade de ruas (street density):* o comprimento médio da rua por unidade de solo urbano. (110)

*Densidade residencial bruta (residential gross density):* o número de casas por unidade de solo, incluindo as parcelas e todas as ruas que lhes dão acesso direto. O termo aplica-se a uma parcela individual, bem como a uma unidade de plano. No último caso, é um valor médio (x casas por acre = 2.471 x casas por hectare). (54 ss.)

*Desenvolvimento edificado complementar (complementary building development):* desenvolvimento edificado lento que ocorre em parcelas não construídas, dentro de uma área envolvente já construída e completando a unidade de plano dessa área. Frequentemente, resulta numa incongruência arquitetónica. (80-1, 103)

*Desenvolvimento edificado contínuo (closed building development):* a organização dos dominantes da parcela em fileiras, ou fileiras de desenho uniforme, de mais de oito casas. (33)

*Desenvolvimento urbano disperso (dispersed urban development):* parcelas isoladas, muitas vezes de grande dimensão, situadas no campo, nas proximidades de uma área urbana, e ocupadas por usos do solo que são de caráter urbano ou dependem diretamente de uma cidade próxima. Este desenvolvimento forma a zona de expansão exterior, ou distal, de uma cintura periférica. (61)

*Divisão do plano (plan-division):* um grupo geográfico de unidades de plano morfogenéticas, uma ‘região’ de plano morfogenética dentro da cidade. As divisões do plano urbano organizam-se numa hierarquia de duas ou mais ordens, dependendo da dimensão e da complexidade da cidade. O núcleo ou Cidade Velha, com ou sem a sua Cintura Periférica Interior, dependendo do caráter do plano dessa cintura, forma uma divisão do plano de primeira ordem, assim como a totalidade dos invólucros exteriores. Invólucros individuais são divisões do plano de segunda ordem. (120 ss.)

*Dominante da parcela (plot dominant):* o edifício principal associado ao uso do solo de uma parcela. (32)

*Edifício (building):* ver *planta de implantação de um edifício (block-plan of a building)*.

*Eixo (ribbon):* ver *eixo arterial (arterial ribbon)*, *eixo residencial (residential ribbon)*.

*Eixo arterial (arterial ribbon):* uma acreção da cintura periférica, linear, que cobre uma estrada arterial antecedente, num lado (eixo simples) ou em ambos os lados (eixo duplo), geralmente caracterizado por uma grande complexidade morfológica. (45, 71-2)

*Eixo duplo (double ribbon):* ver *eixo arterial (arterial ribbon)*, *eixo residencial (residential ribbon)*.

*Eixo residencial (residential ribbon):* uma acreção periférica que forma um desenvolvimento edificado residencial linear, ao longo de um (eixo simples) ou de ambos os lados (eixo duplo) de uma estrada anterior ou contemporânea. Representa uma unidade de desenvolvimento geralmente com origem num contexto de cintura periférica, e frequentemente inicia o crescimento de outras acreções residenciais contíguas, pelas quais tende a ser absorvido. (73, 91, 107)

*Eixo simples (single ribbon):* ver *eixo arterial (arterial ribbon)*, *eixo residencial (residential ribbon)*.

*Elemento complexo (element complex):* a totalidade dos elementos do plano de um tipo em particular, presentes num plano de cidade, e vista separadamente das outras. Existem três elementos complexos, isto é, o sistema de ruas, o padrão de parcelas e o padrão de edifícios. (5)

*Elemento do plano (plan-element):* um componente básico do plano de cidade pertencente a um de três tipos, isto é, ruas, parcelas e edifícios em termos das suas plantas de implantação.(5)

*Extramuros (extramural)*: a parte da Cintura Periférica Interior situada fora da linha de fixação, constituindo uma grande zona, de grão aberto, de desenvolvimento irregular por acreção de parcelas e edifícios, frequentemente apresentando um sistema de ruas obstruído. Estes traços, diferentes dos do intramuros, são adquiridos em condições de maior liberdade topográfica proporcionada pelo padrão de campos agrícolas antecedente, que compõe o seu quadro morfológico. Nas fases iniciais, inclui desenvolvimento urbano disperso e é constituído por extramuros distal e proximal. (60)

*Extramuros distal (distal extramural)*: a zona descontínua exterior de um extramuros que consiste num desenvolvimento urbano disperso que não tem contacto físico, ou no máximo apenas uma conexão ténue, com a linha de fixação de uma Cintura Periférica Interior. Durante o crescimento subsequente da cidade, é gradualmente transladada para as cinturas periféricas posteriores ou alienada por outros invólucros. (61)

*Extramuros proximal (proximal extramural)*: a zona interna mais contínua de um extramuros que se desenvolve do lado de fora, mas em contacto próximo, com a linha de fixação da Cintura Periférica Interior. (61)

*Fase institutiva (Institutive phase)*: a primeira fase do ciclo da parcela burguesa, caracterizada pelo estabelecimento de uma parcela burguesa, apresentando a estrutura tradicional constituída por uma frente da parcela burguesa construída e uma cauda da parcela burguesa não construída, tendo o conjunto um índice de implantação relativamente reduzido (geralmente abaixo de 20). Do mesmo modo, o estabelecimento de um redesenvolvimento moderno num sítio vazio representa a fase institutiva do ciclo de redesenvolvimento. (95)

*Fase de clímax (climax phase)*: a terceira fase do normal ciclo da parcela burguesa, caracterizada pela manutenção de um índice de implantação relativamente elevado (frequentemente c. 66) devido ao nível máximo de exploração do solo durante a revolução industrial. (95)

*Fase de repleção (repletive phase)*: a segunda fase do ciclo da parcela burguesa, caracterizada por um aumento do índice de implantação devido ao aumento da pressão e variedade das demandas socioeconómicas por terrenos urbanos centrais durante a revolução industrial. (95)

*Fase recessiva (recessive phase)*: a quarta e última fase do ciclo da parcela burguesa, caracterizada por uma recessão no índice de implantação devido a uma crescente obsolescência, levando à desvalorização socioeconómica da área no século XX e, finalmente, ao pouso urbano. (95)

*Fileira (row)*: uma linha em série de dominantes da parcela contíguos, mas não com o mesmo desenho. (33)

*Firma burgi*: ver *parcela burguesa (burgage)*.

*Forma complexa (form complex)*: ver *paisagem urbana (townscape)*.

*Frente (frontage)*: a fronteira de uma parcela com a sua rua de acesso principal, medida como o comprimento da linha de rua por ela ocupado. (32)

*Incongruência (incongruence):* ver *incongruência arquitetônica (architectural incongruence)*.

*Incongruência arquitetônica (architectural incongruence):* a justaposição, normalmente na mesma frente de rua, de edifícios pertencentes a diferentes períodos morfológicos. (81)

*Índice de implantação (building coverage):* a área da parcela coberta por edifícios, expressa como uma percentagem da área total da parcela. (39)

*Intramuros (intramural):* a parte da Cintura Periférica Interior situada dentro da linha de fixação, como uma zona relativamente restrita, com um desenvolvimento de parcelas e edifícios por repleção, dentro de um quadro morfológico de grão fino com um padrão de parcelas tradicional. (60)

*Invólucro (integument):* um grupo de acreções mais ou menos contíguas, organizadas em geral como uma zona anelar fora do núcleo da cidade; podendo constituir um invólucro residencial, predominantemente de um período morfológico, ou uma cintura periférica.

(85, 107, 120-2)

*Layout:* uma unidade de plano que apresenta uma organização de ruas, parcelas e edifícios baseada num desenho unificado. Pode ser um layout residencial, industrial ou institucional.

(73-5)

*Layout de repleção (repletive layout):* ver *repleção residencial (residential repletion)*.

*Layout de rua principal (high-street layout):* uma unidade de plano medieval que apresenta parcelas alongadas tradicionais, ou parcelas burguesas profundas, organizadas em séries, em ambos os lados de uma rua de tráfego principal, alargada para acolher um 'mercado de rua' (alemão Strassenmarkt). (29)

*Layout residencial (residential layout):* um layout desenhado essencialmente para acomodar residências, embora layouts maiores possam incorporar serviços associados.

(73-5, 105)

*Linha de edificação (building line):* uma linha que atravessa parcelas, aproximadamente paralela à linha de rua mais próxima, de modo a incorporar as paredes frontais dos edifícios existentes voltados para a rua. Esta linha de edificação geográfica irregular é diferente da linha de edificação do planeador, desenhada para controlar a posição de novos edifícios. (33)

*Linha de fixação (fixation line):* o sítio de um elemento linear, sólido e frequentemente defensivo, como uma muralha que marca o limite estacionário tradicional de uma cidade antiga. Durante o crescimento subsequente, provoca a fixação topográfica de um consequente sistema de ruas circulares, constituindo a estrutura de uma Cintura Periférica Interior incipiente e uma linha divisória entre os seus intramuros e extramuros. (42, 59, 84)

*Linha de rua (street-line):* a fronteira que separa o espaço da rua dos seus quarteirões adjacentes. (5)

*Mediação (mediation):* a separação de uma parcela burguesa em duas metades, através de uma divisão longitudinal. (26)

*Núcleo (kernel)*: o centro de uma cidade formado pelas unidades de plano mais antigas, frequentemente tradicionais, especialmente medievais, muitas vezes referido como Cidade Velha. Algumas dessas unidades de plano podem formar um núcleo composto. (11)

*Núcleo composto (compositive kernel)*: ver *núcleo (kernel)*.

*Núcleo pré-urbano (pre-urban nucleous)*: uma unidade de assentamento não urbana, como um castelo ou igreja, que dá origem a uma cidade adjacente. (22)

*Paisagem urbana (townscape)*: a fisionomia de uma cidade, sendo a combinação das três formas complexas sistemáticas, isto é, o plano de cidade, o tecido edificado e o uso do solo urbano. (3, 4)

*Padrão de edifícios (building pattern)*: a organização dos edifícios existentes, isto é, as suas plantas de implantação numa área construída, considerado como um elemento complexo do plano de cidade. (5)

*Padrão de parcelas (plot pattern)*: a composição de parcelas contínuas numa área construída, considerado um elemento complexo do plano da cidade, e dividido em quarteirões. (5)

*Padrão de parcelas metamórfico (metamorphic plot pattern)*: um padrão de parcelas que apresenta transformações secundárias causadas por amalgamação, divisão e truncamento das parcelas. (71-2)

*Padrão de parcelas ortomórfico (orthomorphic plot pattern)*: um padrão de parcelas no seu estado original, sem alterações secundárias. (71-2)

*Parcela (plot)*: uma parcela de terra que representa uma unidade de uso do solo definida por limites no chão. É um elemento do plano. (5)

*Parcela alongada (strip-plot)*: parcela alongada, mais ou menos retangular, com um dos seus limites mais estreitos a confrontar a rua. (29)

*Parcela arrendada (tenement / tenementum)*: pequena parcela alongada tradicional que não tem posse burguesa. (22-4)

*Parcela burguesa (burgage / burgagium)*: uma parcela urbana alongada propriedade de um burguês, num burgo medieval, taxada com uma renda anual fixa como contributo para o tesouro do burgo (*firma burgi*), ou como imposto comunitário da cidade. (26)

*Parcela burguesa curta (shallow burgage)*: uma parcela burguesa que forma uma pequena parcela alongada, com uma profundidade raramente superior a 150 pés (45.72 metros) e um alongamento inferior a 6:1. (40-1)

*Parcela burguesa profunda (deep burgage)*: uma parcela burguesa muito alongada, com uma profundidade raramente inferior a 250 pés (76.20 metros), e alongamento normalmente maior que 6:1. (32)

*Parcela do extremo da cauda (tail-end plot)*: uma parcela derivada que ocupa o extremo da cauda de uma *parcela original, de forma alongada*. (57)

*Parcela derivada (derivative plot)*: parcela secundária formada a partir de uma parcela original, através de uma separação. (57)

*Parcela medial (medial plot)*: uma parcela derivada que ocupa a porção do meio de uma parcela original alongada. (67)

*Parcela original (parente plot)*: uma parcela inicial, ou principal, a partir da qual parcelas derivadas ou secundárias foram formadas por partição. (57)

*Período morfológico (morphological period)*: qualquer período na história cultural de uma área que cria formas materiais distintas na paisagem cultural para atender às necessidades socioeconômicas específicas da sua sociedade. Estas formas sobrevivem, em grau variável, como elementos remanescentes. (7)

*Plano de cidade (town plan)*: a organização topográfica da área urbana construída nos seus elementos antrópicos, e a sua representação cartográfica. É uma forma complexa constituinte da paisagem urbana e uma combinação variável dos três elementos complexos do plano (sistema de ruas, padrão de parcelas e padrão de edifícios). (4, 5)

*Planta de implantação de um edifício (block-plan of a building)*: a área ocupada por um edifício e definida no solo pelos alinhamentos das suas paredes de contenção. Livrementemente referida como o 'edifício'. É um elemento do plano. (5)

*Pousio urbano (urban fallow)*: baldio urbano temporário, numa posição relativamente central, desocupado devido à desvalorização socioeconómica após a obsolescência, muitas vezes em resultado do ciclo da parcela burguesa. Torna-se sujeito a liberação, incluindo liberação de habitações precárias, como preparação para o redensolvimento central gerado pela reavaliação socioeconómica. (97)

*Pseudo-sistema de ruas (pseudo-street system)*: um padrão de linhas de comunicação secundária que se desenvolve espontaneamente numa unidade de plano existente, como uma série de parcelas burguesas, em resultado da repleção edificada. Estas linhas não são ruas adequadas para os diferentes modos de tráfego e não formam quarteirões separados nem um sistema de ruas, uma vez que cada uma funciona apenas de modo restrito, conectando-se com ruas antecedentes em cada extremo. (67)

*Quadro (frame)*: ver *quadro morfológico (morphological frame)*.

*Quadro morfológico (morphological frame)*: um elemento do plano antecedente, contorno topográfico ou conjunto de contornos, que exerce uma influência morfológica no desenvolvimento subsequente de um plano, mais ou menos consonante, no mesmo sítio, muitas vezes transportando estes elementos como contornos herdados. (17, 39, 48)

*Quarteirão (street-block)*: uma parcela ou grupo de parcelas contíguas, delimitado parcial ou totalmente por linhas de rua e formando uma parte distinta do padrão de parcelas da cidade. (5)

*Redensolvimento (redevelopment)*: desenvolvimento do solo urbano central previamente liberto, em resposta a uma reavaliação socioeconómica da área. Pode assumir a forma de um novo layout edificado, ou outro projeto para um novo uso do solo, substituindo a totalidade, ou

parte, de uma unidade de plano obsoleta, e prosseguindo aos poucos com a metamorfose gradual do padrão de parcelas anterior, ou abruptamente como resultado da liberação de habitações precárias ou outras, envolvendo uma substituição radical do padrão de parcelas. (71, 98-9)

*Redesenvolvimento adaptativo (adaptive redevelopment)*: redesenvolvimento adaptado a um sistema de ruas pré-existente, sem introdução de novas ruas. (71, 98-9)

*Redesenvolvimento aumentativo (augmentative redevelopment)*: redesenvolvimento desenhado de modo a aumentar um sistema de ruas anterior através de novas ruas. (98-9)

*Redução da cintura periférica (fringe-belt reduction)*: a perda de parcelas componentes por parte da cintura periférica, por translação ou por alienação da cintura periférica. (84, 109)

*Repleção (repletion)*: preenchimento gradual de um padrão de parcelas existente com desenvolvimento secundário de edifícios, envolvendo principalmente a adição de novos dominantes da parcela em parcelas derivadas. (60, 66 ss.)

*Repleção por absorção (repletive absorption)*: transgressão dos limites da parcela e absorção das parcelas contíguas através de um intensificado e crescente uso do solo, acompanhado da correspondente transgressão edificada e expansão do dominante da parcela. (80)

*Repleção residencial (residential repletion)*: colonização de uma parcela original residencial de grande dimensão por habitações em parcelas derivadas, seja na forma de um layout de repleção uniforme ou por uma repleção individual gradual. A manutenção do dominante da parcela, na sua parcela original residual, geralmente produz incongruência arquitetônica. (108)

*Residual agrícola (agricultural residual)*: parcelas de terras agrícolas residuais engolidas pelo desenvolvimento de áreas urbanas construídas em seu redor. (84)

*Rua (street)*: um espaço (espaço da rua) numa área construída, delimitada por linhas de rua e reservada para tráfego de superfície. É um elemento do plano. (5)

*Rua(s) conseqüente(s) (consequent street(s))*: uma rua ou um conjunto de ruas circulares, que se desenvolvem ao longo de uma linha de fixação anterior, como um sucessor local de um elemento topográfico de extensão linear, como uma linha de fortificação. (42, 60, 84)

*Rua de serviço (Occupation road)*: rua, travessa, beco ou caminho pedonal, que fornece acesso secundário, geralmente pelas traseiras, a parcelas adjacentes, ou acesso principal ainda que diferente de uma rua convencional (alemão ‘Wirtschaftsstrasse’). (30)

*Rua de tráfego principal (major traffic street)*: uma rua que conduz o tráfego regional para e através da área construída de uma cidade (alemão ‘Verkehrsstrasse’, francês histórico ‘carrière’). (30)

*Rua residencial (Residential street)*: uma rua suportando apenas a circulação de, e para, parcelas residenciais adjacentes (alemão ‘Wohnstrasse’). (30)

*Série de parcelas (plot series)*: uma fileira de parcelas, cada uma com a sua frente posicionada contiguamente ao longo da mesma linha de rua. (5)

*Série de parcelas burguesas (burgage series)*: uma série de parcelas composta por parcelas burguesas. (29)

*Sistema de ruas (street-system)*: a organização de ruas intercomunicantes contíguas; considerado um elemento complexo do plano de cidade. (5)

*Substituição (replacement)*: substituição de edifícios existentes, normalmente dominantes da parcela, por novos edifícios. (71)

*Suburbium (vicus)*: assentamento não muralhado e não agrícola, localizado fora de portas de um núcleo pré-urbano, muitas vezes representando uma fase inicial no desenvolvimento de uma cidade medieval. (23)

*Translação da cintura periférica (fringe-belt translation)*: transferência de uma unidade de uso do solo de uma cintura periférica mais antiga para uma mais recente, sem mudança de sítio. (66, 84, 109)

*Unidade de desenvolvimento (development unit)*: ver *unidade de desenvolvimento residencial (residential development unit)*.

*Unidade de desenvolvimento residencial (residential development unit)*: uma unidade de plano de acreção que representa o desenvolvimento residencial na forma de um layout ou de um eixo. (73-4, 88 ss., 100 ss.)

*Unidade de plano (plan-unit)*: qualquer parte de um plano de cidade que represente uma combinação individualizada de ruas, parcelas e edifícios distintos dos seus vizinhos, única nas circunstâncias do seu sítio, e dotada de um grau de unidade morfológica e / ou homogeneidade. As unidades de plano representam essencialmente tipos de planos morfogenéticos, com caráter variado de modo a produzir uma tipologia morfogenética, na qual combinações de elementos simples representam subtipos, e a sua integração em unidades mais complexas constitui tipos. (5, 112 ss.)

*Unidade de uso do solo (land-use unit)*: ver *parcela (plot)*.

Alnwick, Northumberland  
Análise do plano de cidade

Tradução em língua portuguesa do original:

M. R. G. Conzen (1969)  
*Alnwick, Northumberland*  
*A study in town-plan analysis*

ISBN 978-989-33-2888-0

URBAN FORMS